



**REVELAÇÕES DO "SOBRADO"
UM AMOR DE OUTRA VIDA
FRANCISCO FERNANDES**

Nota importante:

Esta obra foi preparada para ser lida exclusivamente por pessoas com deficiência visual. Salienta-se que qualquer outra utilização que se dê a este material é ilegal e o infrator arcará com as responsabilidades.

Digitalização e correção feita por Raoni Campbell de Oliveira
Sábado, 09 de Março de 2019

Sinopse:

Sempre tive em mim uma saudade, algo que eu mesmo nunca soube explicar. É uma grande saudade, talvez lembranças que não me são reveladas, de fatos vividos em outras vidas.

Assim, hoje aqui vivendo este tempo que Deus me permitiu, talvez a nostalgia e o silêncio me tenha aberto esta janela, revelando a linda história de um romance, um amor inesquecível, que sinto fazer parte de mim. A janela se abriu, permitindo que através dela meu pensamento voasse em busca dos anos e reviver outra vez este amor, que a insensatez e a ignorância fez cegar os olhos daqueles que nunca conheceram o amor, e pusessem fim, apagando a luz maior que envolvia dois seres que o destino juntou.
O Autor.

Ficha técnica:

Título: Revelações do "Sobrado" - Um Amor de Outra Vida.

Autor: Francisco Fernandes.

Editora: América Gráfica e Editora Ltda.

Ano de publicação: 2013.

Gênero: Romance

Número total de páginas do livro impresso: 244.

Numeração de página: Ausente.

Orelhas:



Francisco Fernandes é pintor, poeta, compositor, escritor, que ao longo dos anos buscou entre as rimas de seu coração sonhador, a beleza, a luz, o verdadeiro amor.

Plantou flores por onde andou, acendeu luzes, falou de vida buscando a perfeição de Deus, na esperança de mostrar para o mundo, que o amor existe, que a paz é possível e que a felicidade está ali, diante dos olhos de quem quer vivê-la.

Maria Olímpia Neiva

Depois dos sucessos de Uma Janela Para o Além no Jardim de Clarisse, Uma Janela Para o Além a Vida continua, Além da Porta no Jardim dos Mestres, O Retrato de Anabela de Volta ao Passado, Buquê de Flores Pedacos de Vida, O Sobrado Uma História Inesquecível, O Poeta e a Poesia, Francisco Fernandes publica agora: Revelações do “Sobrado ” Um Amor de Outra Vida.

Que poesia poderia eu

Dizer a sonhar acordado

Falar do destino O Sobrado
Onde um dia meu sonho morreu?
Que história poderia eu contar
Depois de ir à Ouro Preto buscar
A verdade que lá viveu
O drama que vos conto agora

Que o passado levou embora
A história de Carlota e Eliseu.

O autor.

F. Fernandes
Para Raoni e Vivian
Com o nosso fraternal abraço,
desejando momentos de boa leitura

Revelações do "Sobrado"

Um Amor de Outra Vida

Fernandes e Olímpia

Francisco Fernandes
12 Edição Conservatória - RJ 2013

Revelações do "Sobrado" - Um Amor de Outra Vida F. Fernandes
1-Edição

1-Tiragem: 500 exemplares Capa: F. Fernandes

Coordenação Editorial: América Gráfica e Editora Ltda. Copidesque:
Maria Olímpia Neiva.

Revisão de originais: Ailton Rodrigues

Fernandes, Francisco, 2013

Revelações do "Sobrado" - Um Amor de Outra Vida.

978-85-912282-2-5

244 pág.; 21cm

1. Literatura Brasileira - Romance 1. Título

Cinquenta por cento da renda obtida com a venda deste livro serão destinados à Instituição Fagulha Carise, e outros cinquenta por cento serão utilizados na confecção das novas edições.

Agradecimentos:

Agradecimentos

Agradeço a Deus esta escola de vida, estes momentos de luz, estas portas que pude abrir, os passos que dei, as mãos que estendi e a quem eu as pude ofertar. Agradeço a Deus pelos filhos que tanto amo, pelos netos que me deram, pelas noras e meus irmãos. Agradeço a Deus pela Olímpia, esta grande companheira a quem amo e que tanto tem me incentivado na realização dos meus sonhos.

A esse Deus que ilumina meus caminhos, agradeço pelos amigos e por todos aqueles que acreditaram em mim e souberam entender meus erros.

Agradeço, também, àqueles que colocaram obstáculos em meus caminhos, pois muito me ensinaram.

Hoje, tenho em minhas mãos, um diploma que a vida me deu, esta grande faculdade que tanto me ensina e me diz que muito tenho a aprender ainda.

O Autor.

Revelações do "Sobrado"

Francisco Fernandes

Prefácio

Prefácio

Francisco Fernandes costuma citar em seus livros que não é ele quem os escreve. Uma luz que vem de cima o inspira guiando sua mão nas folhas de papel à sua frente.

Essa humildade não lhe tira o brilho; ao contrário enaltece a sua obra, pois revela uma íntima ligação entre a fé e a arte. Na carta que deixou aos artistas, João Paulo II diz: "Nem todos são chamados a serem artistas, no sentido específico do termo. Mas, segundo a expressão do Gênesis, todo homem recebeu a tarefa de ser artífice da própria vida: de certa forma, deve fazer dela uma obra de arte, uma obra-prima."

Não há como negar o talento desse artista completo. Além de escritor, é pintor, compositor e poeta. Sua obra é apreciada na Casa da Cultura de Conservatória, onde se destaca uma pintura a óleo do Imperador D. Pedro II. Sua casa é um verdadeiro museu de arte, com paredes decoradas pelas suas pinturas. Um extenso legado de beleza que os amigos podem apreciar. No cavalete do seu ateliê, uma tela inacabada dá impressão que ele se ausentou por um tempo e que em instantes voltará para terminar sua obra.

No romance anterior, "O Sobrado", Fernandes viaja na linha do tempo, transportando-se para uma cidade histórica e antiga. Eliseu e Carlota, personagens centrais da história, sofrem por um amor que se mostra impossível, trazendo-lhe um livro que, na sua visão, é um pouco da sua própria história.

O que o leitor deste novo romance irá encontrar? Posso imaginar outra bela história com diálogos bem construídos, trama bem desenvolvida, fortes emoções. Isso a leitura das páginas irá confirmar. Portanto, embarquemos na ficção de Francisco Fernandes. Quem sabe ela nos levará também a contar um pouco da nossa história.

Ailton Rodrigues

Sinopse:

Sinopse

Revelações do "Sobrado"

Sempre tive em mim uma saudade, algo que eu mesmo nunca soube explicar. É uma grande saudade, talvez lembranças que não me são reveladas, de fatos vividos em outras vidas.

Assim, hoje aqui vivendo este tempo que Deus me permitiu, talvez a nostalgia e o silêncio me tenha aberto esta janela, revelando a linda história de um romance, um amor inesquecível, que sinto fazer parte de mim. A janela se abriu, permitindo que através dela meu pensamento voasse em busca dos anos e reviver outra vez este amor, que a insensatez e a ignorância fez cegar os olhos daqueles que nunca conheceram o amor, e pusessem fim, apagando a luz maior que envolvia dois seres que o destino juntou. O Autor.

Revelações do "Sobrado"- Um Amor de Outra Vida:

Um Amor de Outra Vida.

Desci do ônibus, pousei a mala e contemplei o cenário à minha frente. A névoa da manhã escondia a cidade e me fazia sentir frio. Permaneci parado por algum tempo, enquanto o meu pensamento se ligava ao passado. Procurava em mim as razões de eu estar ali, pois o medo e a angústia eram tantos, que me incomodavam, me deixavam apreensivo.

Teria eu coragem de enfrentar os fatos, momentos de um passado vivido ali?

Aos poucos, a névoa ia se dissipando, e as ruas iam surgindo como por encanto. Minha expectativa aumentava ao ver aquelas casas assobradadas, com porão. Os pórticos de madeira pesada, as

janelas verdes, azuis, ou marrons, exatamente como eu já vira em momentos de vidência espiritual.

Vacilei entre o medo e a coragem e, antes de ir em frente, entrei na cantina da rodoviária, tomei um café bem quente e comi um sanduíche. Olhei para o garçom e perguntei: - Você é nascido aqui?

-

- Eu e toda a minha família.
- Seus pais ainda estão vivos?
- Meus pais e meu avô.
- Moram aqui por perto?
- Mais ou menos, uma légua e meia.
- Será que me permitiria conhecê-los?
- Nós somos pobres, moço, se o senhor tá vendendo alguma coisa não perca o seu tempo. Os ricos daqui são Os Belo, Os Carvalho e Os Berrota. (Nesse momento eu interrompí) - Você falou Os Belo e Os Carvalho?

Falei sim, senhor.

- Gostaria de falar com eles também. No entanto, se me permitir, prefiro falar primeiro com seu avô e seus pais. Não tenha medo, eu não sou vendedor, nem polícia e nem ladrão.
- Então, qual é a razão de o senhor querer falar com eles?
- Tenho interesse em saber sobre algumas famílias que viveram aqui há alguns anos.
- Mas o quê o senhor quer saber mesmo?
- É que eu faço pesquisas históricas. Na realidade, sou escritor e sempre procuro essas cidades antigas, pois têm muito para contar.
- Eu posso até levar o senhor lá, mas num sei se vai valer a pena não?
- Eu saio daqui a umas duas horas.
- Então, dá tempo de me hospedar. Você espera por mim?
- Espero sim, moço.

Saí dali intrigado com os nomes por ele citados: Os Belo e Os Carvalho. Dei mais alguns passos, e outra vez me veio aquele medo, aquele pavor. O portal estava ali à minha frente, e eu sabia que ao passá-lo enfrentaria o desconhecido.

Os fatos provavelmente se revelariam: Lembranças tristes e desagradáveis e, quem sabe, as sequelas de uma grande paixão?

Eu sentia a linha que existia entre o hoje e o ontem. Coloquei o primeiro pé além dela e ao colocar o segundo parei, respirei fundo e disse baixinho: "Seja o que Deus quiser".

Caminhei até a primeira pousada que vi, me hospedei, arrumei a minha mala e saí.

Já do lado de fora, contemplei tudo à minha volta: aquelas casas, os sobrados e uma estranha sensação de intimidade. Era como se eu as conhecesse por dentro, de tão familiares. Fui andando até a praça e reparei num bar da esquina. Cheguei até ele, entrei, tomei um cafezinho, e perguntei ao rapaz que me atendeu: - Este bar é antigo?

- Muito antigo moço, pertenceu ao meu bisavô.

- Como se chamava ele?

- Juca Medeiros.

Ao ouvir esse nome, uma estranha sensação invadiu o meu ser.

- Seus pais ainda são vivos?

- Sim senhor.

- Gostaria de conversar com eles, será que me receberiam?

- Pode até ser, mas qual o motivo?

- Nada demais.

- Mas deve haver uma intenção, não é mesmo?

- É que eu sou escritor, e esse pessoal antigo, geralmente tem muitas histórias pra contar, essa é a razão de eu querer conversar com eles. Não se preocupe que não lhes farei nenhum mal.

- Se o motivo é esse, acho até que vai bater na porta certa. Meus pais sabem muitas histórias desta cidade, que vêm desde o tempo do meu bisavô.

- Amanhã, pode ser? Ou se preferir, hoje à noite?

- Então vou preferir hoje à noite, porque nessa hora eu estou presente e gostaria de participar da conversa.

- A que horas você quer que eu esteja aqui?

- Às dezoito. Está bem assim?

- Está muito bom.

Olhei o relógio, eram 14 horas, fui até à rodoviária e lá estava o rapaz da lanchonete me esperando.

- Podemos ir?
- Agora mesmo.
- Vamos a pé?
- É pertinho, uns quinze a vinte minutos só.
- Eu acho que é melhor nós pegarmos um táxi.
- O senhor é que sabe.
- Eu prefiro, vamos então?

Lembrei que quinze minutos, ou uma légua e meia como ele dissera, no mínimo levaria meia hora aqui no interior. Os mineiros então..., são mais conhecidos nesse negócio de "é logo ali", com o queixo esticado para frente quando assim falam.

Eu tinha razão, quinze minutos levou o táxi, imagina a pé? Descemos, olhei a velha casa à minha frente e lembrei que o rapaz dissera que eram pobres.

- É aqui que a gente mora, não tenha acanhamento, só não repare.
- Não reparo não, moço, fique tranquilo.

Ao abrir a porta, respirei fundo, pedi licença, cumprimentei as pessoas presentes e fui convidado a sentar.

- Pai, este senhor aqui quer conversar com o senhor.
- Pela maneira como o rapaz falou, percebi que o pai ouvia pouco.
- É o quê Marinho?
 - Ele quer conversar com o senhor.
 - Ah, está bem, quer conversar, não é mesmo?
 - Se o senhor me permitir, gostaria de falar sobre o passado desta cidade.
 - Ah, sim, o passado.
 - É, pois segundo ouvi dizer, há tempos idos houve aqui uma bonita história de amor.
 - História de amor? É, teve sim, diz que sim, que mataram o rapaz.
 - O senhor lembra o nome dele?
 - Lembro não, faz muitos anos, meus pais é que sabiam, porque ouviro do meu avô.
 - O senhor lembra como foi que eles contavam?

- Parece que a moça era muito rica. Num é isso mesmo Avelina? Avelina era a esposa dele, mãe do Marinho.

- Era sim, Tonho, e diziam que o rapaz era pobre e farrista. Quem deve se lembrá melhor é o Seu Migué, meu pai.

- O senhor lembra alguém com o sobrenome de Belo ou Velho?

- Parece que teve sim, gente cum esse nome.

- E Carvalho?

- Carvalho, inda tem por aí, incruzive, chega a sê primo de um cumpadre meu.

- Eles ainda moram por aqui?

- Mora sim, são fazendero. Eles são rico.

- Sabe onde posso encontrar com eles?

- Eles tem sitio lá pros lado da "Sobra da Partilha".

- Interessante esse nome.

Nesse momento, foi o filho que respondeu.

- Eles andaram brigando pela posse das terras, depois que os pais morreram. Eles era três irmão e tinha um, que era filho do Seu Antonho cum uma empregada, e eles num queriam dividir cum ele. Até que depois de muita briga, eles resolvero reparti entre os irmão, e aquele pedaço de terra fico pro injeitado, por isso deram esse nome de "Sobra da Partilha".

- Herança é um problema sério, às vezes acaba até em morte, não é mesmo?

- É sim sinhô, aqui intão nem lhe conto, vira e mexe tem encrenca cum negócio de divisão de terra.

- Isso é no mundo inteiro Marinho, pode acreditar.

- Ô Velina, serve um cafezinho pro moço.

- A água já tá no fogo.

- Por favor, não se preocupem, não quero incomodar e já estou de saída.

- Mas antes, o sinhô vai tamáum café, senão nós fica ofendido.

Casa de minero tem sempre café pras visita.

- Então está bem, vou esperar o café, depois me despeço.

Tomei o café e botei as pernas pra andar. Levei mais de vinte minutos até chegar à pousada e, pra falar a verdade, pouco fiquei sabendo do assunto que me interessava.

Tomei um banho e fui até o bar em que o outro rapaz trabalhava. Comi um salgadinho, tomei um copo de café com leite e esperei a hora passar para ir com ele na casa do avô. Quem sabe eu conseguiria descobrir alguma coisa? Exatamente às dezoito horas, ele foi substituído pelo irmão, e lá fomos nós.

Esses até que moravam relativamente perto. O único problema era a subida. Entramos e fui apresentado ao seu pai e sua mãe, pois seu avô estava deitado.

- Muito prazer, meu nome é Francisco, estou visitando a cidade e soube de umas histórias ocorridas no passado, que despertaram a minha curiosidade. Conversando com seu filho, ele me falou do avô, disse que ele contava uns acontecimentos da cidade que ficaram marcados.

- Sabe como é, cidade do interior, o que mais tem é história de amor que num se realizou e assombração, é fardo gente que viu mula sem cabeça, viu lubisome, até mesmo o fardo chifrudo!

- Isso o senhor tem razão mesmo, é o que mais se escuta falar.

- Pois então, num se pegue muito a essas histórias não, que tem tanto de verdade como a santidade das beatas rezadeiras.

Dei um sorriso para ser simpático, pois percebi que o homenzinho era desses "curto e grosso", como se diz na gíria, e falei:

- Pois o que o senhor está falando é a pura verdade, e eu gosto de conversar com gente assim, como o senhor.

- Pois trate de mesmo, porque num sôde outro jeito.

Dona Mariquinha, mulher dele, totalmente diferente, calma, tranquila e delicada, interferiu para amenizar.

- Meu marido é homem muito bom seu Francisco, só é muito franco!

- Mas sô mesmo, fica esse povo inventando coisa e com a cara mais deslavada ainda afirma que é verdade, eu chamo de mentiroso na lata.

- Como já falei, gosto de gente como o senhor, pessoa honesta e sincera. Seu filho já tinha me dito a seu respeito, e foi por isso mesmo que me animei a vir aqui. Pensei comigo que as histórias que o senhor me contaria seriam verdadeiras, e é isso que estou querendo. De que adianta ouvir mentiras, não é mesmo?

- Pelo que tô vendo, o amigo é mais ou meno assim do meu jeito e isso é bão, eu gosto de falá cum gente assim. Pois vamo prá mesa que a Mariquinha já tá servino o café.
- Não precisava se incomodar, já me sinto honrado em ser recebido na sua casa e ainda vou merecer um café?
- E vai cumê o milhó queijo da região!
- É mesmo? Então fiquem sabendo que uma das coisas que eu gosto é comer um bom queijo.
- Pois então se sirva à vontade e despois me diga se eu tenho razão?

Provei o queijo frescal, daquele dia, e realmente era um creme, bom de primeira qualidade.

- Seu Tião, o senhor tem razão, lhe digo com sinceridade, não me lembro de ter comido um queijo tão bom.
- Tá vendo Mariquinha? Vindo de quem vem, é um verdadeiro elogio.
- É sim, meu marido. Seu Francisco é um home delicado, apreciadô das coisa boa.
- Duvido achá um queijo iguá a este, nem aqui, nem em lugar nenhum.

É segredo de famia, que passa de pai pra fio.

- Parabéns mesmo, é muito bom!
- Pois coma mais, que aqui a casa é farta.
- É, já deu pra perceber.
- Seu Francisco, coma da broa também.
- Muito lhe agradeço, não quero abusar, mas é outra coisa da qual eu gosto muito. Lembro da minha tia Julieta, ela fazia broa e cavaca de erva-doce na chapa do fogão. Eu era menino, nunca mais esqueci. Eu adorava minha tia.
- Cê tá vendo Mariquinha? Uma pessoa agradecida, home bão, de caráter.
- Dá prá ver meu Tião. Pessoa fina e educada, esse seu Francisco.
- Mas vamo ao que interessa. Então o amigo qué sabê dessas tar história do passado, num é mermo?
- É, ouvi dizer, que houve uma paixão entre um rapaz de família remediada com uma moça filha de um Barão aqui nesta cidade. Isso há muitos anos.

- Eu também já ouvi qualquer coisa assim, num entanto, prá lhe sê sincero, quem sabe bem desses assunto, é meu sogro, pai de Mariquinha.

- E eu poderia falar com ele?

- Ele tá deitado, tá muito velhinho, mas num vai fartá ocasião, nem precisa se aperriá, vorte amanhã, mas venha pela manhã que é mió, e num se preocupe que num vai incomodá não. O sinhô é bem-vindo em nossa casa.

Pois pra mim, foi um prazer muito grande tê-lo conhecido e sua família. Me senti honrado, sendo assim vou me retirar e com a sua permissão voltarei amanhã pela manhã.

- Pois venha à vontade que vai .sê bem recebido.

Despedi-me e voltei para a pousada. Da janela, fiquei observando a rua, imaginando como teria sido? Eu me via andando por ali, às vezes até me dava um arrepio no braço esquerdo, pois a emoção era grande. Eu sentia que existia um passado oculto naquelas pedras, que pareciam lembrar de mim. Respirei saudades, olhei o céu e me senti tão pequeno que tive medo.

Entrei, fechei a janela, sentei na beirada da cama e me pus a pensar. Pensar na vida e seus mistérios, o tempo, esse espaço que se abre entre o ontem e o hoje. Fui, sou, serei, deixarei de ser? O que é isso afinal? Que razões teria Deus para querer que fosse assim?

Lembrei de uma história, da qual ouvi falar, de que o tempo só conta para nós, porque ficou estabelecido assim por uma questão lógica e sequencial. No entanto, na vida espiritual não existe essa divisão de tempo e espaço, somente um grande e eterno dia.

A teoria, aparentemente lógica, pois assim pensamos nós dentro das nossas limitações, nos diz que o tempo é um só. O passado e o futuro são apenas hoje, tudo está lá, perfeito, sem começo nem fim.

Baseado em tal teoria, sinto que se conseguir decifrar o código que me permita abrir a porta, e caminhar em direção ao passado, poderei chegar a encontrar comigo mesmo. Assim como também será, se caminhar em direção ao que chamamos de futuro, lá estarei dando continuidade em busca da perfeição. É uma sequência, o tempo em sua totalidade. Eu sinto em mim algumas vezes, uma

sensação estranha, algo que não sei definir muito bem. Percebo que uma porta, talvez, ou uma janela se abrem e me ligam a outra dimensão, e outras pessoas convivem comigo. Vejo-me ligado a dois mundos, e isso me dá uma agonia muito grande, uma aflição, uma perturbação espiritual. Sinto-me vivendo simultaneamente aqui e lá, duas dimensões ao mesmo tempo.

Já aconteceu, algumas vezes, de me ver aqui, nesta cidade. Algo muito forte me liga a este lugar, por isso o medo terrível de vir. Sempre protelei esta visita. Tentei algumas vezes, confesso, atender ao convite de um amigo que possuía um ateliê bem no centro, num sobrado, mas nunca conseguia vir, pois um medo terrível me impedia.

Algum fato do passado, outra vida talvez. Algumas visões me mostravam que sim.

Os anos passaram, e hoje aqui estou, dentro deste quarto, ansioso, e certa expectativa se mostra à flor da pele. Lá fora, a noite se faz de sonhos e mistérios. Quem sabe, Eliseu espreita em silêncio para encontrar Carlota? O que haverá de certeza na história que escrevi intuindo sobre Eliseu e Carlota? Que mistérios ainda me serão revelados? Nomes como Juca e Carvalho já surgiram, o que mais estará por vir?

Tento dormir, o sono não vem. Minha alma está ativa, meus olhos contemplam o teto como quem imagina uma surpresa. Minha mente está povoada de imagens, cria cenas, viaja no espaço, estou inquieto, chego a pensar que não deveria ter vindo, estou desafiando os meus medos, a fatalidade.

Volto à janela, contemplo a rua, e me vem uma enorme vontade de sair, caminhar. Alguma coisa, uma força estranha me chama, parece que ouço. Esforço-me para dominar essa vontade, não quero sair, tenho medo.

O passado e o presente se enfrentam, e eu não consigo vencer. Abro a porta e saio, caminho pisando as pedras com a intimidade de quem está acostumado a elas. Olho as janelas, e uma estranha sensação de que se abrirão, e pessoas conhecidas surgirão para conversar comigo. Sigo em direção à igreja. A lua se mostra majestosa. Aquela porta pesada, as almofadas emolduradas, a

escada de pedra e de repente, me sinto cansado. Aquele sobrado parece me roubar forças.

Caminho um pouco mais, estou enfraquecido, sento-me junto a um pilar, o sono me domina, pareço desmaiar. Lembro que já estive aqui, uma vaga lembrança de um tempo, alguma coisa me diz que sim.

Essa porta imensa, a Igreja, esses degraus de pedra, tenho quase certeza, foi aqui, não tenho dúvida. Luto comigo para não dormir. As sombras do passado clareiam a minha mente, as portas se abrem, começo a lembrar, é como um filme. Era noite, e eu esperava por ela aqui, neste mesmo lugar. As colunas de pedra, alguns vultos passavam, lembro que vi surgir alguém que caminhava para mim, me parecia ela. Meu coração bateu forte, meus olhos aguçavam a ver, mas não, o vulto se foi, desvaneceu. A noite caminhava no silêncio das sombras, esperei em vão, vi que meus sonhos morriam, as luzes em volta do templo se apagaram e somente os postes do jardim em frente permaneceram acesos, e eu ali, nos frios degraus, me deixei ficar.

O sereno da noite gelava sobre mim, me sentia sem forças e dormi no desconsolo de um sonho vazio, na tristeza e no desencanto, sem saber aonde ir, sem coragem para acordar.

Os mistérios da noite caminhavam em silêncio, pareciam querer pisar sobre mim, o vento dizia coisas, uivava para me assustar. Encolhi-me o tanto que pude esperando a noite passar.

Tornei a questionar comigo entre a lucidez e o sonho, afirmando para mim mesmo: Foi aqui, tenho certeza, onde estou agora, com a mesma esperança que tive um dia, há tantos anos que já nem sei, creio que mais de cem. O destino talvez me tornou aqui, ao mesmo lugar, quem sabe, esperar por ela, a mesma que não vi chegar? Quissá... Hoje ela vem, precisa vir, é um carma, sinto que sim, e precisa ser cumprido, um pedaço partido, algo importante que se quebrou e precisa voltar a ser um. Duas almas que a vida feriu, separou, conseguiram afastar. No entanto, percebo que uma metade faz parte de um todo, que só se completa quando se junta à outra metade, formando um par, voltando a ser um.

Sim, hoje eu sinto que ela vem, vou esperar aqui, onde o destino marcou, neste mesmo lugar que guardou meu sono no dia em que deixei a esperança perdida, e a morte de um sonho que me levou ao desespero e às lágrimas.

A noite me assusta, não tenho forças para levantar, nem mesmo sei se estou dormindo ou acordado. As sombras caminham num estranho bailado, como um ritual de magia.

O silêncio parece gritar sobre mim no desespero de me perder outra vez.

Pareço flutuar entre as luzes mortíferas que o sereno procura embaçar, e, de repente, vejo que um vulto surge a distância, quem sabe, será ela?

Tenho certeza que sim, isso me alegra. Ela veio, penso comigo. Permaneço parado, sinto que se aproxima. Um manto lhe cobre a cabeça e desce sobre ela para agasalhar sua alma. Seu corpo esguio desliza até onde estou para a minha frente, tão perto que me faz estremecer. Estendo-lhe as mãos, e uma voz me fala, pareço escutá-la no meu coração: "Não pude vir no passado, a porta se fechou para mim, as luzes se apagaram e viajei tão distante que de ti me perdi. Eu queria voltar, precisava voltar, sei que teus braços esperavam por mim e tua alma chorava. Hoje, me deixaram vir, a porta se abriu, repara que o caminho é de luz, quem me impediu da outra vez, já não pode mais. Vê que teu corpo gela largado sobre a pedra fria que o suporta, este mundo não nos pertence, nada entenderam de nós, do nosso amor tão puro, tão bonito. Vem, dá-me tuas mãos, precisamos ir, pois o tempo se esgota. Olha para cima, contempla o céu, os anjos da vida esperam por nós. Repara nas flores que nos cercam, tão lindas, tão simples, tão puras como os beijos que trocamos um dia. Vem, Eliseu, vem, meu amor, não me deixes ir sozinha, preciso de ti, vem, meu amor."

- Espera, espera por mim...

Nesse momento, senti que alguém me chamava:

- Moço, moço, o senhor está bem?

Abri os olhos lentamente e me assustei. Um padre, provavelmente daquela Matriz, me sacudia.

- O senhor está gelado, cheguei a pensar que estava morto, mas de repente parecia falar para alguém e gritava: - Espera por mim!

- Só então percebi que estava vivo e vim lhe acudir. Entre aqui na casa paroquial, venha tomar um café bem quente que lhe fará bem.

Agradei e aceitei, pois estava tremendo de frio. Ele ofereceu para que eu dormisse ali, me emprestou um cobertor, e eu me enrolei nele. Perguntei as horas e assim percebi o quanto de tempo que ali estive. Eram duas e quarenta da madrugada, eu poderia ter morrido de frio. Custou-me refazer.

Pela manhã eu ainda roncava, o desgaste emocional dos sonhos da noite tinha sido muito grande.

Acordei por volta das oito horas, sentia-me envergonhado. Ele, o padre, estava sentado à mesa tomando café e me convidou a fazer o mesmo.

Contei então a ele como fui parar ali, a fraqueza e o desânimo, a falta de forças para voltar à pousada.

Perguntou o que eu fazia na cidade, se, a passeio ou a trabalho.

Disselhe o que buscava saber, e ele prometeu ajudar.

Despedi-me, voltei à pousada, tomei um banho, servi-me do café e caminhei para a casa do seu Tião. No caminho fui pensando no sonho, tão real, que ainda tinha dúvida, teria sido realmente um sonho?

Pensei ainda no que teria roubado a minha energia, minhas forças, ao ponto do risco que corri. Assim, caminhando e pensando, cheguei à casa do Seu Tião.

Bati palmas, Dona Mariquinha abriu a porta e foi logo me anunciando:

- Tião, meu marido, é Seu Francisco!

- Pois mande entrar, Mariquinha, ele é sempre bem-vindo à nossa casa.

- Com licença, e bom dia para todos.

- Chegue mais meu amigo, chegue mais.

Entrei e fui logo servido de um cafezinho ralo, próprio dos mineiros, um bom queijo e a tradicional broa. No canto da sala, sentado num velho sofá, um senhor bem idoso, a mão trêmula, os olhos sem brilho. Calculei ser o pai de Dona Mariquinha, o que me foi confirmado a seguir.

- Meu amigo, Seu Francisco, lhe apresento meu sogro, Seu Manoelzinho.
- Muito prazer em conhecer o senhor. Seu Manoelzinho murmurou qualquer coisa que eu não entendi bem.
- Meu sogro ainda guarda lembrança dos antigamente. Num é mesmo Manoelzinho?
- É sim, lembro muita coisa.
- O senhor conhece o Casarão? Perguntei.
- O, do Barão?
- Esse mesmo.
- Conheço e muito, meu avô era home letrado e viveu bem nesse tempo. Casô inclusive com a fia de um dos envolvido nessa história que vão lhe contá, a num sê que num quera ovi?
- Pai, o seu Francisco qué ovi sim, ele veio da capitá pra sabê dessas história.
- É do Casarão que o sinhô qué sabê, ô é da fia do Dagoberto? Assim, dizem.
- O senhor pode me contar as que quiser, todas elas me interessam, mas prefiro que conte primeiro a do Casarão.
- Bem, na verdade, essa é mermo a mais falada das importância desse tempo.
- O senhor falou que seu avô casou com a filha de um desses?
- Meu avô contava que foi muito amigo desse tar, pai da moça que ele casô e que ele haverá se apaixonado pela fia do Barão.
 - O senhor lembra o nome dele?
- Seu Manoelzinho ficou em silêncio, pensando, tentando lembrar o nome, mas não conseguiu.
 - Lembro não, tô aqui matutano, mas num tô cunsequino, faiz muito tempo, num repare não.
 - Pode ficar tranquilo, que eu não reparo.

- Pois então, esse moço diziam que era munto atirado pra muié, namoradô como ele só, que era bunitão e teve muitos probrema por causa de muié dos ôtro. Diz que vivia meaçado e que munta veiz andô fugido pra num morrê.
- Seu Manoelzinho ficou em silêncio, a cabeça pendendo pra frente, parecia cochilar. Seu Tião, procurou explicar:

- Seu Francisco, me perdoe, mas por hoje é só. Manoelzinho cansô, vorte amanhã.
- Pai tá munto veio, começa a cunversá mas num termina, o sono domina ele.
- Eu é que lamento tê-lo cansado, me perdoe.
- Num tem que perdoá não, isso é didade meu amigo, nós também já tamo chegano lá!
- É verdade Seu Tião, a vida é assim. O que se pode fazer, não é mesmo?
- Gostaria que o amigo ficasse pra almoçar, Mariquinha já tá terminando o almoço.
- Não se preocupe com isso, eu agradeço mas tenho que ir, já incomodei demais.
- Isso fique sabeno que não, a sua presença nesta casa é sempre bem-vinda, num já falei?
- Mesmo assim, eu agradeço mas preciso ir.
- Pelo que parece, o amigo num come em casa de pobre, num é mermo?
- Não é isso não, Seu Tião, é só medo de incomodar.
- Pois então, fique pra num fazê disfeita, a comida é da roça mas é boa, pode tê certeza.

Resolvi almoçar para não causar constrangimento, e bem que valeu, pois além de estar com fome a comida estava bem gostosa e farta.

Despedi-me e saí. Uma enorme vontade de andar por aquelas pedras, em, que tenho certeza, pisei um dia. Meus pés me diziam que sim, elas presenciaram cenas que vinham à minha lembrança, na estranha sensação de que, de repente, em alguma esquina, o inesperado encontro com Eliseu e Carlota.

Eu ainda ouvia seus passos ecoando ao fundo. Ao passar na porta da Matriz, lembrei do padre, fui até a casa paroquial, bati palmas, e ele mesmo veio me atender.

- Como vai padre?
- Com a graça de Deus, bem. E o amigo, como está?
- Hoje bem melhor, graças ao senhor, devo-lhe a vida.
- A vida, agradeça a Deus, eu fui apenas um operário da Santa Ceara enviado por Ele para ajudá-lo.

- Realmente me penitencio a essa graça, eu estava mal.
- Entre um pouco, aceite um café.
Entrei, em atenção a tanta gentileza. Tomei o café, e conversamos durante algum tempo.
- Quer dizer que o amigo procura saber fatos passados nesta cidade?
- É isso mesmo. Aliás, veio-me a ideia agora que o Padre pode me ajudar mais uma vez.
- Como assim, não entendi?
- Os arquivos da Igreja! Nem sei por que não lembrei disso antes?
- Crê o amigo que possa haver algum registro que ajude a sua pesquisa?
- Acredito que sim. Tenho quase certeza.
- Os arquivos da Igreja não guardam histórias.
- O senhor é que pensa. Os batizados, casamentos, óbitos, acredito eu, que sejam registrados nos livros diários, guardando assim a memória do passado.
- Se isso é importante para o amigo, não vejo nenhum problema para que possa pesquisar à vontade. No entanto, não sei se terá conteúdo bastante para ajudá-lo?
 - O senhor nem imagina quanto!
 - Sendo assim, esteja à vontade.
 - Se me permitir, começarei agora mesmo!
 - Não se acanhe, vou levá-lo até lá.

Fui levado a um amplo quarto, onde muitos livros guardados com esmero pousavam suavemente nas prateleiras das estantes. Uma grande e antiga escrivaninha em madeira escura, bem conservada, se exibia bem no centro do aposento. Em suas gavetas, os documentos mais recentes. Em uma outra estante com portas de vidro, segundo ele, estavam os documentos que eu procurava.

Sentei numa cadeira de espaldar com encosto em veludo carmim bem ao estilo da escrivaninha, enquanto o padre procurava a chave que abrisse a estante.

Assim que a conseguiu, caminhou até ela, abriu a porta de vidro, e em seu interior, viam-se grossos livros de capa preta. Com o sabor

de quem conseguiu, uma enorme expectativa tomou conta de mim quando abri a primeira página.

O Padre interveio em meu auxílio:

- Repare o amigo, que exatamente no talão estão colocadas datas e o assunto a que se referem. Isso deve auxiliar bastante a sua busca.
- Não tenha dúvida Padre, agradeço-lhe mais essa.
- Não tem de quê.

O silêncio se fez. O padre a um canto lendo, e eu ali na escrivaninha. Somente o ruído do virar de páginas se fazia ouvir. Comecei a procurar nos livros mais antigos, buscava nomes, sobrenomes e registros de acontecimentos, inclusive doadores, grandes beneméritos da Igreja. Alguns até bem interessantes pelo texto e pelas benesses a que se referiam. Havia um que dizia: "Apelo ao misericordioso Senhor Deus, que leve em conta as polpudas doações que venho fazendo ao longo da vida, ajudando a Igreja na sua nobre missão de apagar os pecados e rogar de Vós o perdão. O Santo pároco é testemunha do quanto tenho sido bom, tanto assim, que ao cabo deste registro, doo a quantia de trinta contos de reis, para que me guarde um lugar aí no céu."

Ao final, contava a assinatura do doador e a data.

Assim como este, tantos outros ridículos e inacreditáveis registros. Passei ali a tarde, sem nada encontrar que me satisfizesse a curiosidade.

Tomei mais um café com o simpático padre, conversamos mais um pouco, e foi quando percebi que ele buscava mais detalhes sobre o meu interesse por essa história. Sentia que existia algo além de uma simples curiosidade e, como quem não quer nada, ia esmiuçando o assunto para chegar aonde queria.

- Diga-me Francisco, qual o seu real interesse nessas histórias do passado?
- Como lhe disse, sou escritor, e fatos como esse me rendem um bom livro.
- Percebo no seu íntimo, que sente certa relação com os personagens que busca, ou será que estou errado?
- Eu não diria assim. Errado não é bem o termo, pois acredito que o amigo Padre sabe que o personagem muitas vezes traz um pouco

ou um tanto do autor. Talvez essa seja a afinidade que o Senhor percebe, ou sente.

- Acredito que realmente, os personagens sejam criados à semelhança do seu criador, até na religião se diz assim. A criatura tem muito do criador!

- Como vê, essa é a razão que eu busco nos fatos passados, vividos por pessoas reais em outros tempos. A obra, embora tenha muito de ficção, preserva também um tanto da realidade, para que possa mostrar uma maior essência, despertando interesse no leitor.

- Vou lhe fazer uma pergunta, pois me parece claro em suas palavras, certa convicção em relação a certos fatos.

- Pois esteja à vontade para perguntar, Padre Emílio.

- O amigo Francisco acredita em vidas passadas?

Dei um sorriso um tanto maroto, confirmando a perspicácia e a percepção que ele tinha, pois sabia ler as entrelinhas do que eu lhe dizia.

- Diante do seu sorriso, confirma a resposta à minha pergunta. No entanto, gostaria de ouvir de sua boca, para poder lhe fazer novas perguntas, pois tenho por hábito entender, que cada resposta gera outra pergunta.

- Acredito que sim, Padre, a reencarnação é fato já bastante confirmado.

- Como confirmado? De que maneira?

- Esse assunto é muito profundo, um tanto fácil e também difícil de ser explicado.

- Porque um tanto fácil ou difícil?

- Fácil, quando buscamos provas e muitos dos fatos ocorridos que confirmam essa verdade, para pessoas que abrem sua mente para entender e aceitar tais argumentos. Difíceis de se fazer entender, embora as provas sejam claras, pois existem pessoas que fecham suas mentes e não nos permitem discutir as razões que nos levam a acreditar.

- Entendo perfeitamente o que disse, no entanto, gostaria de falar mais desse assunto. Pelo que o amigo me disse, existem fatos que comprovam a existência da reencarnação?

- Muitos, até mesmo na própria Bíblia.

- Como assim? Seja mais claro para que eu possa entender.
- Sabe o senhor muito bem, que Elias prometeu voltar para endireitar as veredas do Senhor e João Batista veio confirmar esta predição, de onde se deduz que João Batista seria a reencarnação de Elias. Jesus também mencionou a seguinte frase: "Na casa de meu Pai existem muitas moradas". Nós, os que assim acreditamos, entendemos por muitas moradas os vários corpos habitados por um espírito.
- Você pode entender assim, a Bíblia realmente é para ser interpretada e, nas entrelinhas, diz muito mais. No entanto, isso não lhe dá o direito de achar que a sua interpretação é mais verdadeira que a minha. Cada um tem suas razões.
- Concordo plenamente com o senhor, pois a sua também pode não ser mais verdadeira que a minha, mas é necessário que haja essa discussão, pois daí surgirá a luz. As dúvidas são aceitáveis, as crenças também, mas a verdade é uma só. Então pergunto eu, com quem estará a verdade? Comigo, com o senhor? Ou com nenhum de nós, pois quem poderá atestá-la, a não ser Deus?
 - É verdade, até aí eu concordo com você. Mas que outros fatos existem, além desses dois citados, que o levam a crer que assim seja?
 - Muitas revelações, crianças dizem coisas de vivência em outro tempo. Contam fatos de outras épocas, outros motivos que nos atentam para confirmar tudo isso, são relativos à genialidade.
 - Como assim? Dê mais detalhes.
 - Mozart, por exemplo, aos quatro anos compunha e regia óperas. Como vê, sua idade física não lhe permitia tal conhecimento, uma maturidade muito além de sua idade mental, provavelmente, conhecimentos adquiridos em outras vidas.
 - Como disse o amigo, provavelmente...
 - Que outro fato poderia explicar essa verdade tão clara?
 - Uma dádiva de Deus, um grande talento, um dom divino.
 - Claro, não tenha dúvida de que essa seria uma grande possibilidade. O talento é uma graça divina que a poucos foi concedida. No entanto, cabe aí uma pergunta: Por que Deus o daria apenas a uns poucos? Para menosprezar os outros, ou porque esses são mais filhos Dele? Não, creio que não.

- E porque seria então?
- Talvez porque esses espíritos premiados com o talento divino tenham adquirido por méritos próprios, evoluindo e aprendendo através de muitas encarnações. Como todo mundo sabe, a terra é uma grande escola, e sempre que somos reprovados, precisamos voltar para tentar passar para outro período mais avançado.
- Como você disse, talvez...
- Não acha o senhor que seria muito sem sentido a vida se fosse só isso? Apenas acreditar na vida eterna é muito vago.
- Por que você fala assim?
- Vamos dizer que o senhor veio a este mundo, cresceu, estudou, sofreu, lutou para chegar a ser padre. Daqui a alguns anos, desencarna, e seu espírito imortal como prega religião, vai para as moradas do pai, e ali fica estagnado, não evolui, não progride, não realiza nada, fica assim pela eternidade? Que sentido teria isso, se todos nós sabemos que tudo no mundo é evolutivo? Tudo vibra, todos buscam crescer, aprender e chegar a patamares mais elevados. Isso só pode ser possível, vivendo muitas vidas, pois em cada uma, aprendemos um pouco mais. Precisamos voltar, resgatar dívidas, perdoar e ser perdoado, reconhecer erros e fazer deles degraus de aprendizado, isso sim, faz sentido, é mais lógico, mais provável.
- Você vai fundo em seus argumentos, quando quer fazer crer as suas verdades, não é mesmo? Esquece porém que Deus é Deus e está acima de todas as lógicas e de todas as possibilidades.
- Me perdoe padre Emílio, sei que sou muito pequeno para fazer prevalecer as minhas idéias, mas não acha o senhor, em sua sã consciência, que se assim for, esse Deus não será um Deus injusto?
- Porque você diz isso de Deus?
- Eu não digo isso de Deus, mas sim desses deuses criados pelos homens de acordo com as suas necessidades, um deus conveniente, que nos deu a mim e ao senhor esse privilégio de cultura, de evolução tão elevada, ao ponto de estarmos aqui fazendo comparações e discutindo sobre Ele, enquanto tantos outros irmãos nossos, filhos Dele também, estão se arrastando na lama da perdição. Que critérios são esses, que eu por mais que procure entender não consiga?

- As razões de Deus, só Ele sabe meu filho. Nós não temos o direito de discuti-las.

- Direito não sei, talvez não tenhamos realmente, mas precisamos discuti-las para que possamos chegar ao ponto de estender a mão aos irmãos caídos e ajudá-los a levantar, num ato simples de humildade e respeito ao semelhante menos afortunado. Acredito eu, ser essa a verdadeira lei de Deus, que infelizmente o homem, por orgulho e egoísmo, faz-se cego por conveniência, e eu então lhe digo mais padre Emílio: O homem é que criou Deus à sua imagem e semelhança, porque buscou sempre um deus apropriado a si próprio e não o Deus verdadeiro, que nos mostra a luz, que nos mostra os caminhos que fingimos não ver.

- Você fala bastante, argumenta bem, mas não é o dono da verdade, ponha isso em sua cabeça!

- Como lhe disse antes padre Emílio, sou muito pequeno para ousar tanto, no entanto, lhe peço humildemente, pense e reflita sobre minhas palavras, procure entendê-las, meditar e chegar aonde eu cheguei ao abrir o meu coração e recebê-las com carinho. Posso ainda lhe dizer, que a única virtude que sinto em mim é ter consciência do quão pequeno eu sou, tão pequeno, que nem sei se chego a ser, a existir.

- Sinto que foi bom tê-lo encontrado, Francisco. Gosto de conversar e discutir com pessoas assim, pois temos muito para aprender e pouco a ensinar.

- Mais uma vez me perdoe, padre. Acho que passei os limites das minhas possibilidades, tentando mostrar conhecimentos sobre um assunto que está muito além de mim. Acredito que o senhor seja o maior conhecedor dele.

- Volte amanhã, venha tomar café comigo, precisamos conversar mais, partilhar as nossas idéias e conhecimentos.

- Vou tentar, padre Emílio.

Padre Emílio me olhava serenamente. Seus olhos tinham o brilho do seu coração. Um homem santo, eu assim o via. Desci a ladeira, fui até a pousada, tomei um banho e deitei para descansar. Um pequeno cochilo me fez bem, pois acordei bem disposto e com fome, o que me levou a sair para jantar.

Da porta da pousada, contemplei a rua. A luz mortiça dos lampiões davam um toque romântico à praça. Caminhei até o bar da esquina, e lá estava o meu amigo, filho do Seu Tião. O irmão ficava de dia, eles se revezavam no horário.

- Como vai seu Francisco? Conseguindo alguma coisa nas suas pesquisas?

- Muito pouco meu rapaz, muito pouco, mesmo!

- O pai mandô dizêpro sinhô ir lá pela manhã, que o avô tá acordado.

- Agradeço-lhe e aceitarei o convite. Amanhã lá estarei com toda a certeza.

Tomei um café, bati um papinho e observei bem as paredes do bar. Pude perceber pela cor, que já não era a pintura original. Eu tinha quase a certeza, era capaz de jurar, que anteriormente eram brancas, parecia até que via pintado na parede dos fundos "Café e Bar Cristal". Indaguei do rapaz sobre esse assunto, mas ele não soube me responder.

Atravessei a rua, sentei no banco da praça, e de lá fiquei olhando para o bar. Tinha a sensação de ver outras pessoas, algo diferente do que era hoje. Fiquei ali por algum tempo observando tudo à minha volta. Um senhor de cabeça branca, muito simpático, veio andando em minha direção, sentou ao meu lado e me cumprimentou. Respondi e esperei que dissesse alguma coisa, o que não tardou a fazer.

- Como vai o moço? Tenho reparado que já está aqui há alguns dias, me parece que procura alguém?

- É uma longa história. Realmente não é bem procurar por alguém, mas querer saber fatos passados.

- Entendo. Histórias vividas no passado, não é mesmo?

- Exatamente, sabe como é, todos têm histórias para contar.

- O "casarão" tem a ver com seu interesse?

- Talvez seja a peça principal, quem sabe?

- Já foi vê-lo?

- Ainda não, nem sei bem onde fica.

- Não entendo, porque ainda não o fez?

- É difícil explicar por quê.

- Medo, pode crer, apenas medo.
- Porque o senhor me fala assim?
- Vi em seus olhos quando falei dele.
- Será? Deu pra ver? Acho que não!
- Medo de reviver cenas que o assustam, sombras do passado, não é mesmo?
- Quem lhe contou tudo isso?
- O senhor mesmo!
- Como assim? Nos conhecemos agora, conversamos tão pouco a este respeito, e o senhor diz que eu lhe contei?
- Só li o seu pensamento, mais nada.
- E o que mais leu no meu pensamento?
- A dúvida!
- Isso é muito natural, não acha o senhor?
- Talvez seja, mas no seu caso está bem claro: quer saber, mas ao mesmo tempo tem medo; quer confirmar certa história que escreveu, mas não tem coragem de perguntar. Estou certo?
- O senhor fala como se soubesse muito da minha vida e do que pretendo aqui?
 - Um dia falaremos mais sobre isso.
 - Pensa encontrar comigo outra vez?
 - Não queira saber quanto! Somos velhos amigos.
 - Uma coisa eu posso lhe garantir, tenho boa memória e jamais o vi antes em qualquer lugar.
 - Você é que pensa!
 - Tenho certeza!
 - Bem, já que é assim, vou deixá-lo com sua certeza, suas dúvidas, seus medos.
 - O senhor insiste no que não sabe.
 - É verdade meu amigo, eu sei tanto quanto você sabe e mais o que não sabe.
 - Como se chama o senhor? Pelo menos diga-me o seu nome?
 - Isso é o que menos importa!
 - Preciso que me diga, para que lembre nos próximos encontros.
 - Basta pensar em mim.
 - Isso não existe!

- Experimente, principalmente quando estiver precisando de uma palavra amiga.

Assim foi. Ele levantou e partiu. Ali fiquei ainda algum tempo olhando o céu, observando as pessoas que subiam e desciam as adicionais ladeiras. Lembrei do padre Emílio e cheguei a sorrir para mim mesmo das suas réplicas aos meus argumentos. Gostei dele, é uma boa alma.

Olhei as pedras da rua e pensei: teriam meus pés caminhado sobre elas? E os sobrados? Quantos segredos ocultariam, quantos encontros, momentos furtivos de amores escondidos? Minha mente sonhava, criava imagens, cenas imaginárias. Isso me alimentava a alma e o espírito aventureiro, sonhador. Ali estava eu, vencendo meus medos de Ouro Preto, com a mão na maçaneta querendo abrir a porta, que por tantos nos permanecera fechada. Faltava-me ainda a coragem, Vozes do passado falavam ao meu ouvido esquerdo, contavam-me segredos.

Divaguei ali por algum tempo até o sono chegar. Na rodoviária, chegava o último ônibus daquele dia, as pessoas cansadas da viagem passavam por mim com suas bolsas pesadas. Uma moça muito simpática, com a pele muito branca, deu-me um olhar ao passar, e uma estranha sensação repentinamente me abalou. De repente, me pareceu voltar ao passado. Pessoas estranhas ocuparam meu pensamento, tive medo e reagi rápido, voltando assim ao normal.

Levantei, caminhei para a pousada e fui dormir.

Pela manhã, deixei o padre esperando e fui até a casa do Seu Tião e Dona Mariquinha. Bati palmas e logo fui atendido.

- Seja bem-vindo Seu Francisco. Já tava estranhando a sua ausência. O sinhô ficô de vir cunversá com o Seu Manoelzinho e num apareceu?

- Andei por outras bandas, mas não me esqueci do senhor não imagina, como poderia?

- Pois se achegue mais que sua presença é bem recebida.

- Muito obrigado pela gentileza e hospitalidade.

- Mariquinha, venha ver quem chegou!

- O seu Francisco. Que bom vê o sinhô aqui, vão já servi um cafezinho.
- Não se preocupe Dona Mariquinha. Não precisa ter esse trabalho.
- Já disse pro sinhô que aqui em casa quem chega tem que comê venha prová o queijinho famoso e um pedaço de broa.
- Sendo assim, acho que vou vir aqui todos os dias.
- Pois venha que vamo gostá muito.

Provei dos quitutes, conversamos um pouco e nada de Seu Manoelzinho. Seu Tião percebeu meus olhos procurando por ele e falou:

- Seu Manoelzinho, num amanheceu munto bem não, nem sei se vai levantá?
- Não se preocupe Seu Tião, a minha vinda aqui não é só para saber das histórias do Seu Manoelzinho, mas também pelo prazer de visitar o amigo, se assim me permitir.
 - Nós até nos sentimo honrados com sua palavra.
- Pois fique sabendo, que é a pura verdade. Uma das boas coisas que me aconteceu nesta cidade foi fazer amizade com o senhor e sua família.
- O sinhô é munto gentil, por isso conquistô nós todos.
 - O dia em que eu me for, levo vocês na minha saudade.
 - Pode acreditá, que também vai deixá munta, faz tempo que num encontro alguém que goste tanto, quanto da sua pessoa, e digo mais, minha família pensa que nem eu.
 - Eu agradeço todo esse carinho e lhe serei eternamente grato. Agora, me permitem, preciso ir que tenho outros lugares para visitar.
 - Mas o amigo num vai saí daqui sem almoçá cum a gente. De jeito nenhum.
 - Não me leve a mal Seu Tião, mas preciso tratar de outros assuntos.
 - Num me faça uma desfeita dessa que Mariquinha vai ficá munto triste.
 - Num vai demorá não, Seu Francisco, já vô botá a mesa. Hoje tem frango do quintá assado com batata e angu de milho verde.
 - Realmente, com esse manjar não posso fazer desfeita, de jeito nenhum.

Assim, esperei pelo almoço e não me arrependi. Fazia tempo que não comia um franguinho caipira com batatas, tão bom como o que fazia a minha mãe. Lambi os beiços, me despedi e saí.

Vinha pelo caminho pensando no padre Emílio, quando o avistei parado no portão de uma casa, conversando com uma senhora e uma

moça muito branca. Logo percebi ser a que chegou no último ônibus e passou por mim.

- Boa tarde, padre Emílio, vinha pensando no senhor.

- E eu esperei pelo senhor toda a manhã, a xícara de café ainda está em cima da mesa.

Cumprimentei a senhora, pois o padre me apresentou a ela, e embora eu tentasse disfarçar, meus olhos se sentiam atraídos para a mais jovem, porém estranhei ela sumir repentinamente.

Nos despedimos dela, e eu segui com o padre. Aceitei o seu convite para um cafezinho, para tirar a má impressão que deixara pela manhã. Sentamos à mesa, nos servimos e, entre um gole e outro, íamos conversando. Notei que o padre queria saber mais sobre o que conversávamos, era astuto e inteligente e quando ele começava a rodear, eu já sabia aonde ele queria chegar e, sendo assim, falei: - O senhor ainda está curioso ou gostou do assunto?

- O senhor é inteligente e sabe muito bem que são as duas coisas.

- Sendo assim, pode perguntar.

- Antes quero lhe dizer, que tenho pesquisado nos livros de registro de tempos idos, na intenção de lhe ajudar, mas lamento ainda não ter encontrado nada do seu interesse.

- Sou-lhe imensamente agradecido padre. Sei que não será fácil achar o que procuro. No entanto, mantenho minhas esperanças.

- Se as pessoas que procura nasceram aqui, com toda a certeza estas fazem constar dos livros do batismo, óbitos ou casamentos.

- É isso padre! O senhor tocou no ponto certo!

- Como assim?

- É perda de tempo, nada feito!

- Porque o senhor diz isso?

- Eles eram Portugueses e ninguém casou ou morreu aqui. Apesar de que, me parece que houve o suicídio de uma moça, a

personagem principal da história que eu pesquiso, mas se assim foi, acredito que o corpo tenha ido para Portugal. Portanto a única chance de descobrir si esse acontecimento foi realmente como dizem é através da delegacia. Deve haver algum registro lá.

- É, não tenha dúvida, com toda a certeza o senhor tem razão.

Sendo assim, já lhe evito o incômodo da minha presença.

- Isso não é verdade, sabe o senhor muito bem que me dá prazer.

Aliás, temos muitos assuntos do interesse dos dois, tanto assim, que comprei mais um pacote de café quando fui à rua hoje.

- Isso é muito bom, folgo em saber padre Emílio.

Ele sorriu e serviu mais um cafezinho.

- Padre, por acaso o senhor se dá com o delegado?

- Não lhe sou íntimo, mas nos cumprimentamos ao passar na rua, e ele sempre vem à missa com a esposa e as filhas. Acho que posso ajudá-lo nesse sentido.

- Eu lhe ficarei muito agradecido.

- Se quiser, podemos dar uma chegada lá agora!

- Será que o encontraremos a esta hora?

- Podemos tentar.

Saímos e fomos conversando pelo caminho. O padre era querido na cidade e me verem com ele me ajudaria bastante. O Mineiro é hospitaleiro, mas é muito desconfiado.

Na delegacia, encontramos apenas um soldado que nos informou que o chefe tinha viajado para outra cidade e só voltaria à noite. Agradecemos e voltamos atrás. Tentei tomar outro rumo, mas ele insistiu para que fôssemos para a igreja conversar mais um pouco. Como eu não tinha nada para fazer, fui com ele tomar mais um café.

- Sente-se Francisco, fique à vontade, enquanto eu vou coar um café. Vá se servindo de biscoitinhos que ganhei de Dona Marieta, aquela senhora com quem estava conversando. Ela é a melhor biscoiteira da cidade.

- Pelo que eu observei, não é só biscoitos que ela faz bem?

- Tem razão, ela também borda muito bem, o senhor já tinha reparado nisso?

- Admirar a beleza não é pecado, pelo contrário, é valorizar a obra de

Deus não é mesmo padre?

- Para lhe ser sincero, não estou entendendo bem as suas palavras, estou falando daquela senhora.

- Pode ter certeza que sim. Aliás, venerar tal criatura é um ato louvável visto que parece ser uma santa. Sua pele é tão clara, que lhe dá uma aparência quase angelical, divina, nem parece deste mundo.

- Embora eu não esteja entendendo nada, é realmente incrível!

- Não vejo nada incrível padre.

O café foi servido fumegando e para completar a mesa, ainda veio o queijo fresquinho.

- Segundo dizem os conhecedores do assunto, este é o melhor queijo da região.

- Então já sei que é do Seu Tião!

- Pelo que vejo, o amigo está ficando bem informado.

- Fiz-lhe duas visitas e estive lá hoje pela manhã.

- Já o conhecia?

- Vim conhecê-lo agora, seu filho me levou lá. Sendo antigos moradores da cidade, aliás, nascidos aqui, tive interesse em conversar com o senhor Manoelzinho. Cheguei a saber, alguma coisa, embora pouco, mas confirmou algumas suspeitas minhas.

- Algo sobre esses nomes que o senhor procura?

- Sim, e também sobre o "casarão". Agora se o padre me permite gostaria que esquecesse essa formalidade e me tratasse por você em vez de senhor. Afinal já somos amigos!

- Como queira, se acha melhor assim, tudo bem. Agora voltando ao assunto, como você tomou conhecimento desses nomes e do "casarão"? Já estive aqui na cidade outras vezes?

- Não, senhor padre, nunca estive aqui.

- Então como soube de tudo isso?

- São intuições minhas, alguém me fala durante as madrugadas, esse fatos são parte do romance que escrevi.

- Quem lhe fala?

- Quando lhe disse que alguém me fala, tenho comigo a certeza que o senhor não acreditaria, mas ainda assim, lhe falei por ser a mais pura verdade.

- Para lhe ser sincero, apesar do pouco tempo que nos conhecemos, acho você uma pessoa sensata, sincera e honesta. No entanto, custa-me a aceitar o que está me dizendo.

- Acredito que sim padre, mas saiba que neste mundo, tem coisas que até Deus duvida.

- Acho que essa é uma delas.

- O senhor nunca teve uma intuição, uma quase certeza, de que uma voz além da sua consciência lhe disse alguma coisa? Pense bem e seja sincero.

- Bem, às vezes parece que fazemos não o que pretendíamos, mas algo bastante diferente, é como se alguém nos levasse a outra decisão.

- Pois então? O que é isso afinal, não acha o senhor que é uma Intuição?

- Sim, pode até ser, acredito que sim, agora dizer que ouvi uma voz que me falou, existe uma grande diferença?

- O senhor aprendeu a rejeitar esse fato; eu, ao contrário, me preparei para aceitá-lo. Sendo assim, a voz vem e me fala porque eu acredito nela. Eu a escuto.

- E que voz é essa, de onde vem e quem lhe fala?

- Eu creio que do além, alguém superior a mim, um espírito de verdade.

- Quem lhe garante que é um espírito do bem?

- As palavras que me diz, os caminhos que me mostra.

- Não suspeita você, que esteja sendo enganado pelo espírito do mal?

- Um espírito do mal não fala em Deus, nem em Jesus, nem tampouco faz preces.

- Acho que o amigo deva ser mais cauteloso, reze mais e peça a Deus que o esclareça.

- Estou bem esclarecido, padre Emílio. Pode acreditar. Tenho certeza que o senhor seguiu o caminho religioso porque ouviu a voz que lhe falava.

- A voz que me falava era a voz de Deus.

- E porque acha o senhor que a que eu ouço não é?

- A voz que eu ouvi me levou a trilhar um caminho santo, o celibato, a reclusão.

- Realmente, um caminho santo, nobre, até porque esse era o seu destino. Assim como o meu caminho, sigo também o meu destino, sou uma pessoa de bem, um homem de fé.

- Tenho certeza que sim, mas ao pé da letra é um homem mundano que provavelmente já cometeu muitos pecados, até mesmo sem perceber.

- E o senhor, quantos já cometeu mesmo sem perceber? Quantas vezes já se ajoelhou no confessionário diante de seus superiores? Quantas vezes já se penitenciou em preces para se livrar de maus pensamentos e tentações que povoaram a sua mente? Portanto, como pode ver, viver é caminhar, é cumprir destinos, é buscar verdades através da vida. É errar para acertar. A vida tem tropeços, tem pedras pelo caminho tem ilusões, sonhos, decepções e fracassos. Tudo isso faz parte de um aprendizado, ninguém chega à faculdade sem passar pelo primário. Pense bem, padre Emílio, o senhor é um homem antes de ser um padre, é um ser humano especial é claro, mas isso não o isenta de cometer erros. O erro existe, antes de tudo para nos ensinar que devemos corrigi-los. Ainda hoje, pode acreditar, me ajoelharei perante Aquele a quem adoro e venero, e pedirei muito pelo senhor, agradecerei a Ele, a graça de tê-lo conhecido. O senhor é um espírito elevado e merece a minha admiração. Boa noite padre, quem sabe nos veremos amanhã? Muito obrigado pela conversa e pelo café.

Saí sem que ele me dirigisse uma única palavra. Desci a rua e fui até à pousada tomar um banho e descansar um pouco. Mais tarde caminhei até o bar da esquina e pedi um sanduíche e um café com leite.

Ali sentado, na primeira mesa, contemplava a rua e imaginei quantas vezes Eliseu estivera esperando Carlota passar? Quantas vezes a viu e quantas esperou em vão? Estava assim divagando quando um senhor bem idoso, de cabelos branquinhos, entrou no bar e pediu o mesmo que eu. Sentou mais ao fundo e ficou em silêncio. O rapaz do bar veio até mim e falou: - Acho que o senhor vai gostar de conversar com o Seu Januário.

- E quem é o senhor Januário?

- Aquele senhor de cabelos brancos. Ele é daqui e sabe muita coisa do passado.

- Você pode me apresentar a ele?

- Claro que sim.

O rapaz me apresentou. Sentei à mesa com ele, que se mostrou muito agradável. Puxei o assunto que me interessava e ele me disse ter vaga lembrança dessa história que se contava como verdadeira.

- Tenho uma leve recordação de ouvir meus pais contarem essa história sobre "o casarão", que em virtude disso passou a ser mal-assombrado.

- Então quer dizer que essa história é real?

- O amigo sabe como é, "tempo de guerra é mentira como terra". Assim diziam os antigos.

- Não tenha dúvida, mas algo de verdade deve ter, pois já escutei diversas pessoas falarem mais ou menos as mesmas coisas.

- Mal-assombrado, isso é mesmo. Quando eu era menino, ainda lembro bem, ia com os amigos pegar fruta, e muitas vezes saímos de lá correndo por causa dos barulhos. Era janela batendo, portas rangendo, sei lá. A noite, diziam que era bem pior.

- Como lhe disse, entre tantas invenções, deve haver um pouco de verdade, não é mesmo?

- Ah! Isso tem mesmo!

Agradei ao velhinho e saí dali, e quando me aproximava da pousada, vi o padre Emílio esperando por mim.

- Boa noite padre.

- Boa noite Francisco, tinha prometido levá-lo à casa do delegado e vim cumprir minha promessa.

- Eu muito lhe agradeço, mas talvez não seja conveniente irmos lá a esta hora.

- Fique tranquilo, não se preocupe, eu assumo a responsabilidade.

Assim, lá fomos nós. Chegamos rapidamente, pois a casa era perto. As luzes estavam acesas. Padre Emílio bateu palmas, e uma das filhas veio atender, o padre falou: - Boa noite, Cilene, seu pai está?

- Está sim, padre, vou avisar que o senhor está aqui.

Eu estava bastante apreensivo, vir incomodar a esta hora. Depois sabe como é, o homem é autoridade. Não demorou, e ele apareceu à porta.

- Boa noite, Dr. Nicolau, eu gostaria de ter uma prosa com o senhor, se não for incômodo, claro.

- É sempre um prazer recebê-lo padre Emílio, tenha a bondade de entrar. O cavalheiro é seu amigo?

- Quero lhe apresentar o Francisco, ele veio do Rio de Janeiro, é escritor e está fazendo uma pesquisa a respeito de umas histórias que se fala por aqui.

- Eu já tinha percebido a presença do moço, mandei até um policial meu observá-lo. Gente estranha, sabe como é?

- Fique tranquilo doutor, o Francisco é gente boa.

- E que histórias são essas que o moço tanto se interessa?

- Ele mesmo pode explicar.

- Pois pode começar!

- Me perdoe, doutor, eu realmente deveria tê-lo procurado desde que aqui cheguei. Penso ser o senhor de muita importância para a minha pesquisa, visto que os fatos que me narraram algumas pessoas constam provavelmente dos arquivos policiais. Cheguei a ir à delegacia na companhia do padre, no entanto, o senhor estava viajando.

- E porque acompanhado pelo padre? É algum amigo seu?

- Conheci o padre aqui na cidade. Aliás, posso até dizer que devi minha vida a ele, pois passei mal na primeira noite que aqui cheguei. Desmaiei na porta da igreja que estava fechada, e fazia muito frio. Ali fiquei por muitas horas, minha sorte foi o padre abrir a janela e me ver. Veio então me socorrer, pois eu estava congelando, perdendo a temperatura do corpo. Padre Emílio me prestou socorro, me salvando a vida.

- É verdade doutor, ele estava muito mal.

- Então se conheceram assim?

- Sim, senhor. Daí em diante, foi uma questão de afinidade, ficamos amigos, e o padre se propôs a ajudar na minha pesquisa.

- E qual o assunto que o senhor pesquisa?

- É sobre uma história que dizem aconteceu há muitos anos, e, segundo consta, houve inclusive um assassinato e um suicídio.

- E onde o senhor soube disso, se nem eu que moro aqui tenho conhecimento desse fato?

- Li um romance, que menciona todos esses acontecimentos.

- E qual o seu interesse nisso? É alguma herança que o senhor quer pleitear?

- Não, senhor, não se trata disso, absolutamente!

- Mais então, por que tanto empenho em saber?

- Sou escritor, e essas histórias chamam a minha atenção, fico tentado a escrever e a contá-las, pois, normalmente, na visão do escritor, transformam-se em belíssimos romances.

- Quer dizer, que é só isso mesmo que o senhor procura?

- Apenas isso. Um assunto que aos outros parece banal, mas que para mim representa muito.

- Bem doutor, vim lhe apresentar o meu amigo, peço desculpas por vir lhe incomodar e lhe agradecemos a atenção. Se o senhor permitir, ele vai amanhã procurá-lo na delegacia.

- Estarei esperando. Não vão já não, que minha filha Cassiana vai servir um cafezinho.

Nesse momento, sua outra filha surgiu na sala e colocou a bandeja com café e biscoitinhos na mesa de centro e nos serviu. Não pude deixar de observar sua beleza. Em seguida, nos despedimos e fomos embora.

Já afastados dali, o padre Emílio falou:

- É Francisco, o Delegado não está creditando muito na sua história não.

- Deu para perceber. Agora veja só, ele já tinha até mandado o policial me observar!

- Pode ter certeza que na cabeça dele você está atrás de algum herança.

- Herança de casa velha e história antiga?

- Ele não vai ser muito amistoso com você amanhã não, vá prevenido para responder a muitas perguntas.

- Ó padre. Quem anda com Deus não tem medo de assombração.

- Mas pelo que parece, você vai ter muito que explicar.

- Agora veja, fui apresentado pelo senhor! Imagina se eu fosse à delegacia sozinho, antes de vir aqui na sua companhia?

- Ele mandava prendê-lo.
- Pelo que pareceu, sou obrigado a concordar.
Paramos à porta da pousada e nos despedimos. O padre ainda reforçou a sua ajuda:
- Se precisar de mim, não se acanhe e, quando tiver tempo, se homem não lhe prender, vá até a igreja prosear um pouquinho.
- Fico lhe devendo mais essa, padre. Muito obrigado.
- Devemos a Deus!

No Dia Seguinte:

No Dia Seguinte

Acordei cedo, tomei café, comprei o jornal, sentei no banco da praça e li durante algum tempo. Dei uma volta na redondeza e quando vinha passando na porta de Dona Marieta, fui surpreendido pela sua filha que saía de casa nesse momento (me parecia que ia trabalhar).

- Bom dia (disseme ela).
- Bom dia, senhorita (respondi).

Fiquei um tanto preocupado, caminhando ali ao seu lado como se tivesse premeditado tudo aquilo.

- Está gostando da cidade? (me perguntou)
- Muito, apesar do medo que tinha.
- Medo de quê?
- É uma história comprida.
- Um dia, vou querer que me conte, adoro histórias compridas.
- Quem sabe?
- Eu sei!
- Bem, por aqui me despeço, foi um prazer encontrá-la.
- O prazer foi todo meu.

Ela seguiu, e eu me dirigi à delegacia. O delegado ainda não havia chegado, e o cabo mandou que eu me sentasse, pois ele já estava vindo. Enquanto isso, o cabo me fez muitas perguntas.

- O doutor gostou da cidade?
- Gostei muito, é bastante agradável.
- É parente do padre?

- Não tenho parentes aqui, o padre é só um amigo.
- Pretende morar aqui?
- Não pretendo não.

Comecei a responder secamente, pois sabia que o delegado provavelmente iria fazer as mesmas perguntas, e eu teria que detalhar minuciosamente as respostas. Por fim, o homem chegou e passou por mim com um bom dia tão seco que chegou a levantar poeira. Daí a alguns minutos mandou me chamar para a sua sala.

- Como vai o moço, dormiu bem?
- Graças ao bom Deus!
- Isso é muito bom, apesar de que, depois das perguntas que lhe fiz ontem, cheguei a pensar que o amigo não iria dormir muito bem não.
- Não havia motivo para isso. As perguntas que me fez, acredito que as faz sempre a todos os aventureiros que por aqui aparecem.
- De fato, o moço tem razão. Preciso zelar pela segurança e o bem-estar da cidade, é meu dever.
- E merece aplausos por isso.

- Não sei se mereço aplausos não. O amigo tem um palavreado fácil, é muito gentil, mas preciso de seus documentos e algumas formalidades que precisam ser cumpridas.

- Aqui estão minhas credenciais.
- Quer dizer que o moço é Jornalista?
- O diploma é, mas na verdade, sou mesmo é escritor.
- Escritor de quê?
- Escrevo romances, poesias, contos.
- É uma boa maneira de viver a vida. Por acaso tem algum livro se que eu possa ver?
- Trouxe alguns exemplares, mas vou lhe dedicar um com muito prazer. Se o senhor me permitir, dou uma chegada na pousada e já lhe trago um.
- Não se preocupe, não precisa ser agora. o que me interessa nesse momento é o verdadeiro motivo que o trouxe aqui.
- Isso é um assunto que deixei claro com o senhor ontem à noite.
- O que o senhor me disse ontem, para lhe ser sincero, não me convenceu, me parece que por baixo dessa fumaça tem fogo.

- Não estou entendendo!

- Mas vai entender já. Tenho quase a certeza que o amigo está aqui atrás de alguma herança e não é que isso seja crime não, é até um direito seu, mas sabe como é, sendo assim, o amigo vai incomodar alguém que talvez seja da minha amizade. O moço ainda quer que lhe dê informações a respeito? Tratando-se de valores, as informações também têm um custo e precisamos deixar isso bem claro.

- Me perdoe Doutor, mas se eu com minha curiosidade deixei transparecer isso, mais uma vez peço perdão, apenas busco registros de casos passados há muitos anos, que me ajudariam a escrever esse romance, que inclusive depois de pronto, gostaria de lhe presentear com um exemplar.

- Como já disse antes, o amigo tem uma boa falação, é muito simpático e agradável, mas ainda assim, quero lhe fazer mais uma pergunta.

- Com muito prazer lhe responderei.

- Como ficou sabendo que houve uma história dessas aqui no passado?

- Essa história, me foi contada por um livro como já lhe falei.

- Se essa história já foi contada, qual então o seu interesse em vir levantar essa lebre outra vez?

- O meu interesse é saber como foi realmente que ocorreu, para contá-la verdadeiramente, sem as ajeitadas do escritor para florear os acontecimentos, contando uma história dele, não a verdadeira.

- Para lhe ser franco, não entendi bem essa sua explicação, mas vamos deixar o dito pelo não dito, e tratar de clarear os fatos.

- Eu gostaria que o senhor me permitisse ver os arquivos policiais dessa época passada, pois devo encontrar o que procuro, ou seja, o registro dos fatos ocorridos.

- É possível sim. O senhor mesmo vai procurar?

- Se o senhor me permitir?

- Claro, claro, e quando pretende começar?

- Ainda hoje, se possível.

- Possível é, só que está tudo empoeirado e dentro de uma cela bem suja e com baratas.

- Na ausência de coisa melhor, vale pela boa causa, apenas vou almoçar e depois então...

- Fique à vontade, venha quando quiser.

- Vou aproveitar e trazer o meu livro para lhe dar.

- Eu talvez não volte na parte da tarde, mas vamos fazer uma coisa, o moço vai jantar em minha casa e assim podemos prostrar um pouco mais.

- Me sinto honrado com o convite, nem sei se mereço toda essa consideração.

- Eu estou começando a achar que sim. Portanto, espero o moço às dezenove e trinta, e está combinado.

Saí dali e fui almoçar. Sentei um pouco na praça para descansar e ali mesmo tirei um cochilo. Parece que tive um sonho ou coisa

parecida. Aquele velhinho, que me havia aparecido um dia, dizendo que éramos amigos, surgiu de repente e sentou ao meu lado.

- Como vai o amigo?

- Bem, graças a Deus.

- Folgo em sabê-lo. É muito bom estar de bem com Deus.

- Não tenho dúvida que sim.

- A filha da Dona Marieta manda-lhe lembranças.

- O senhor a conhece?

- Não só eu, mas você também.

- Conheci há poucos dias, mesmo assim foi rapidamente.

- O amigo está muito enganado.

- Como assim?

- Nós, incluindo ela, já nos conhecemos há muito tempo.

- O senhor e suas incógnitas.

- Um dia, tudo se fará claro aos seus olhos.

Dizendo isso, desapareceu. Eu acordei sem entender se o vi mesmo, o foi apenas um sonho. Achei interessante foi ele me dizer que a filha de Dona Marieta me mandara lembranças.

Levantei e segui para a delegacia. O cabo me recebeu e me encaminhou para o local onde se encontravam os arquivos antigos, me entregou a chave e falou:

- Olhe aí doutor, o paraíso das baratas é todo seu.

- Muito obrigado, amigo.

Abri a porta, e realmente deu vontade de desistir. O ambiente era terrível, cheirava a barata e a poeira abundava sobre os livros. Só uma coisa ajudava: as etiquetas amareladas e envelhecidas ainda deixava ver as datas, embora meio apagadas. Comecei pelas mais prováveis sacudi a poeira e abri o primeiro livro, que ainda mantinha visíveis o registros, apesar do amarelado do papel.

Meus dedos corriam ligeiro pelas linhas mal escritas, e nada que me interessasse surgia. Fui para o segundo livro, a mesma coisa assim sucessivamente. Consegui chegar ao oitavo livro, mas não pude continuar, o ar me faltava e era difícil respirar ali naquelas condições.

Tranquei a porta, entreguei a chave ao cabo e corri pra o lavatório, minhas mãos estavam negras, dando nojo até aos cães.

Ao sair, me dirigi à pousada, arranquei as roupas e me enfiei embaixo do chuveiro, cabeça, tronco e membros, e só então senti ganhar alma nova.

Já refeito da batalha "baratal", fui até o bar tomar um café, onde o filho do Seu Tião me deu um recado do pai:

- O pai me perguntô pelo sinhô?

- Diga-lhe que eu estou com saudades e lhe mando um abraço.

- Ele mandô dizêque espera o sinhô pro almoço amanhã e que a mãe fez um frango daqueles.

- Diga que aceito de bom grado o convite e que amanhã lá estarei. Depois de tomar o cafezinho, fui até o padre que, quando me viu, deu um sorriso de satisfação tão espontâneo, que deu para perceber o quanto me estimava.

- E aí Francisco, conseguiu se livrar do delegado?

- A muito custo, por pouco não me prendeu!

Ele riu, abriu a porta e me convidou a entrar.

- Parece que eu estava adivinhando, pode ver que a água está no fogo pra fazer aquele cafezinho para o amigo.

- É por isso que é bom ter amigos, principalmente amigo padre.

Saiu rindo para a cozinha e enquanto coava o café, ia me fazendo perguntas, de como foi a minha ida na delegacia?

Contei todo o acontecido e disselhe que ele me convidara para jantar.

- Esse delegado não perde tempo!
 - Porque o senhor diz isso?
 - Está claro que ele continua achando que você tem alguma herança a receber. Essa a primeira; a segunda, ele tem duas filhas em idade de casar.
 - Será que essa é a sua intenção em me convidar?
 - Claro que sim, a princípio ele achou que você era algum aventureiro, com toda a razão, ficou preocupado com a sua estadia na cidade, depois viu quem você é e quer você para genro.
-
- Quer dizer que o homem quer juntar o útil ao agradável?
 - É o que parece, mas vamos mudando de um pólo ao outro, como foi a pesquisa?
 - Terrível padre. Os arquivos estão guardados no vale encantado das baratas. Não dá nem para respirar, isso sem falar na poeira. Se o delegado quiser torturar alguém, tem ali o lugar perfeito.
 - E como você vai se arranjar?
 - Vou comprar uma máscara de pintor e enfrentar as feras. Nada se consegue sem sacrifício e boa vontade, não é mesmo padre?
 - Pode contar comigo, se precisar eu o ajudarei.
 - Obrigado, mas prefiro lhe poupar dessa guerra.
 - Isso é galho fraco, para quem já passou o que eu passei.
 - Quer dizer que o amigo padre também tem uma história para contar?
 - Quem não tem meu amigo?
 - Isso é verdade, lhe digo mais, felizes os que têm o que contar, porque esses viveram.
 - Quero dizer que não se acanhe, estou à vontade para lhe ajudar no que for necessário.
 - O senhor pode continuar pesquisando aqui nos registros de batismo e casamento. Por favor, anote os nomes.
 - É, assim fica melhor, pode me dizer os nomes.
 - Eliseu, Angélica, Berenice. Por hora bastam esses. São os de maior possibilidade. Os outros nomes, acredito que seja mais fácil encontrá-los na delegacia.
 - Vou me empenhar. E a filha da Dona Marieta, tem visto?
 - Por acaso a vi hoje pela manhã.

- Falou com ela?
- Rapidamente. Ela ia pegar o ônibus, acredito que ia trabalhar. Assim me pareceu.
- Interessante...
- O que disse padre?
- Não, não disse nada, falei comigo mesmo.
 - Bem, vou indo que se aproxima a hora do jantar e não posso chegar atrasado.
 - Vá com Deus, não deixe de me contar amanhã, como foram as coisas.
 - Fique tranquilo, o amigo é meu confidente e não deixarei de lhe contar.

O Jantar:

Bati palmas, uma das moças veio me atender e muito gentil me convidou a entrar. Já na sala, ofereceu-me uma cadeira e disse que o pai já viria, que eu ficasse à vontade.

Sentou-se à minha frente me fazendo companhia. Muito recatada, olhava-me e desviava o olhar disfarçadamente. Perguntei seu nome.

- Cassiana. Minha irmã é a Cilene. O seu é Francisco, não é?
- É sim.
- O senhor mora no Rio de Janeiro?
- Moro sim, sou nascido lá.
- Tenho muita vontade de conhecer o Rio. Nesse instante, o delegado entrou na sala.
- Pelo que vejo já se conheceram?
- Boa noite, Dr. Nicolau, estávamos nos apresentando.
- Isso é muito bom. Minhas filhas são muito acanhadas. É uma questão de educação, bons exemplos.
 - Dá para perceber que sim. Gostaria de passar às suas mãos um de meus livros, como lhe prometi.
 - Ah! Sim, o amigo havia me dito que o traria.
- Passei-lhe o livro, ele olhou a capa, folheou algumas páginas, leu a dedicatória, olhou para mim e comentou:
 - Quer dizer que, pelo que vejo o amigo é espírita?

- Espiritualista, melhor dizendo, gosto muito da doutrina Kardecista. Minha mãe era espírita. Eu, para ser sincero, fico em cima do muro, um dia o senhor desce dele e segue convicto, é uma necessidade.

- É, pode ser, quem sabe? Na vida tudo é possível. Bem, vamos chegar até à mesa que o jantar está sendo servido. Cassiana, vá chamar a sua mãe e a Cilene.

Uma senhora muito calada, de olhar triste, me foi apresentada como sua esposa, e mais a outra filha. Todos sentaram, só ele falava.

Eu disfarçadamente analisava cada personagem, e as conclusões iam surgindo em minha mente.

Dr. Nicolau era o grande senhor, suas ordens eram cumpridas rigorosamente sem contestação.

Terminado o jantar, fomos sentar nos sofás da sala, e ali ele me crivou de perguntas. Ao final da noite, percebi que me aceitou e quis pertencer ao meu rol de amigos.

- Bem doutor Nicolau, a hora já vai avançada, não quero ser inconveniente, acho que estou abusando da sua hospitalidade.

- Absolutamente! A sua presença é muito agradável, o senhor conversa bem, é um homem instruído, simpático.

- Agradeço a gentileza de suas palavras.

- Não tem o que agradecer, e quero que volte mais vezes, minha família concorda comigo, não é mesmo Celestina?

Todas a uma só voz: - Com toda a certeza.

- Como vê o amigo, as portas estarão sempre abertas para recebê-lo, antes que se retire, vamos fazer um brinde com um licorzinho de Jabuticaba feito com esmero pelas mulheres da casa.

- Muito obrigado, é um dos meus licores prediletos.

Fizemos o brinde, me despedi e saí.

Caminhei alguns passos e dei de cara com o padre Emílio.

- Padre Emílio? Ainda na rua a esta hora?

- Preocupado com o amigo. Não ia dormir sossegado sem saber de sua ida à casa do delegado.

- Melhor do que eu pensava, dei um livro a ele e...

- Por falar nisso, ainda está devendo o meu.

- Vou buscá-lo.
- Passamos lá agora e depois vamos tomar um café na igreja.
 - O senhor não acha que está um pouco tarde para isso?
 - É cedo ainda, amanhã só tem missa à noite.
 - Sendo assim, vamos até lá.

Passei na pousada, peguei o livro e seguimos em frente. Já na igreja, fiz uma dedicatória e passei o livro às mãos dele, que o observou e comentou:

- Muito bonito, tem boa apresentação, e já vi que o assunto me interessa.

- Acredito que sim, eu particularmente gosto muito.
- E o homem, como se saiu?
- Bem, muito bem. Somos amigos, assim disse ele, e pelo que me pareceu, o padre tem razão.
- Em relação às filhas?
- Exatamente!
- Sem dúvida nenhuma, ele é ladino e interesseiro.
- Esperto como ele só, mas é boa pessoa.
- Quanto a isso, eu não tenho dúvidas, mas quanto ao resto, o que me conta o amigo?

- Tudo na mesma. Ah sim, o senhor Tião mandou o filho me convidar para o almoço amanhã.

- O amigo está se dando bem, jantar com o delegado, almoço com o senhor Tião. Acho que também vou começar a fazer umas pesquisas.

- O senhor falou bem, mas esqueceu ainda o mais importante: "o café do padre Emílio".

- É verdade, e qualquer dia, pelo que vejo, vai ter também os biscoitinhos da Dona Marieta.

- Por falar nisso, aconteceu um assunto interessante que quero lhe contar. Ontem, depois do almoço, sentei no banco da praça e dei um rápido cochilo. Até aí, tudo bem, no entanto, tem um velhinho aqui na cidade que eu já havia encontrado uma só vez, que por sinal é um tanto estranho. Pois bem, nesse meu cochilo, ele me apareceu como um sonho e assim que sentou ao meu lado, suas primeiras palavras foram as seguintes:

- A filha da Dona Marieta manda-lhe lembranças. Fiquei espantado com as suas palavras e retruquei, ele tornou a confirmar e disse mais: - Vocês já se conhecem há muito tempo, aliás, nós nos conhecemos há muitos anos.

Olhei surpreso para ele e disse:

- Deve haver algum engano, eu a vi apenas umas duas vezes muito rapidamente, ao que ele me respondeu:

- O amigo está enganado, mas um dia tudo se tornará claro aos seus olhos. Nisso eu acordei e fiquei bem intrigado com o assunto. O que acha o padre de tudo isso?

- Tem certeza do que está me dizendo, Francisco?

- Absoluta, por quê?

- Estranho esse assunto. Você se lembra da fisionomia do velhinho

- Se o vir, o reconhecerei, tenho absoluta certeza. Mas por quê? O padre me pareceu ficar espantado com essa história.

- É, realmente você tem o dom.

- Que dom padre?

- Nada demais, eu quis dizer que o amigo tem o dom de cativar as pessoas. Muito interessante...

- O que é interessante afinal? Parece-me que o senhor está escondendo algo importante.

- Não, não, são apenas coisas da minha cabeça.

- Não esqueça que o senhor prometeu me ajudar, portanto não me esconda nada.

- Fique tranquilo, estarei sempre ao seu lado.

- Espero que sim.

Conversamos ainda por um pouco de tempo, e me despedi pois estava com sono. No dia seguinte pela manhã, ia eu em direção à delegacia, quando vi a filha da Dona Marieta sair de casa e seguiu em direção à rodoviária. Caminhei até lá, pois estava seco por um cafezinho. Aproximei-me dela e a convidei a partilhar o lanche comigo. Agradeceu dizendo que estava na hora de pegar seu ônibus.

Terminei meu café e assisti ao seu embarque. Já dentro do ônibus, deu um adeusinho para mim através do vidro da janela. Correspondi e segui para a delegacia.

O delegado quando me viu, fez uma festa, nem me deixava falar.

- Meu amigo Francisco, como passou a noite?
- Bem, muito bem. Depois de um jantar daqueles e da boa companhia, quem não dormiria bem?
- Gentileza do amigo, mas fique sabendo, que minha família ficou encantada com sua pessoa, principalmente minhas filhas.
- Aliás, muito simpáticas, agradáveis e educadas.
- Folgo em saber que o amigo percebeu as qualidades de minhas filhas. Felizes dos homens que as desposarem.
- Tenho certeza de que darão excelentes esposas.
- Eu sabia que você saberia apreciar o comportamento delas. Um homem vivido, criado naquele Rio de Janeiro...
- Bem delegado, se o senhor me permite vou enfrentar as baratas.
- Não sem antes tomar um cafezinho comigo, feito aqui pelo cabo, ele é um excelente "cafezista".

Depois do café, fui à luta para encarar aquela poeirada no paraíso das baratas. O Máximo que consegui permanecer lá foram uns quarenta e cinco minutos. O cheiro era sufocante, e nada do que eu procurava consegui encontrar. Despedi-me do delegado, fui até a pousada tomar um banho e segui para a casa do senhor Tião, como havia prometido a seu filho.

Bati na porta, a empregada veio atender e mandou que eu entrasse. Encaminhou-me até a outra sala e não demorou para que senhor Tião aparecesse.

- Fiquei a pensar que o amigo tinha me esquecido!
- Como poderia eu cometer um pecado desses? O senhor e sua Família permanecerão sempre em minhas boas lembranças.

Ainda bem, porque aqui também é assim. Tenha a bondade de sentar, que a Mariquinha já vai servir o almoço. Enquanto isso, uma

cachacinha do nosso alambique me parece que desce bem para abrir o apetite.

- Isso faz um bem que o senhor nem imagina!

- É, Francisco, já vi que você é dos bons mesmo! Vou já mandá enchê um litro da envelhecida pra você levá. Tem treze anos no tonel de carvalho.

- Não se preocupe tanto comigo, senhor Tião, que assim fico acanhado com tanta cordialidade.

Assim, sentamos à mesa e repetimos a dose da envelhecida, que descia suave e gostosa. Em seguida, foi servido o frango caipira ensopado com batatas. Uma delícia dos "deuses", como fazia a minha mãe.

Depois do almoço, um rápido papinho e voltei para a pousada e ao chegar recebi um recado do Rio.

A editora precisava da minha presença para corrigir algumas pendências, tudo isso aliado às contas a pagar, tais como luz, água, telefone, enfim tive que arrumar as malas e comprar passagem para o primeiro horário do dia seguinte.

Acertei as contas com a pousada e fui até à casa do padre Emílio. Não poderia partir sem falar com ele e, em tom de brincadeira, para ver a sua reação disse:

- Meu grande e inesquecível amigo, estou de partida!

- Está indo embora?

- Preciso ir, o dever me chama.

- Se está falando sério, vai me deixar muito triste tenho por você uma grande estima, tão grande que me fez esquecer que um dia isso aconteceria. Lamento profundamente.

- Só porque não quero lhe ver triste, prometo solenemente voltar em breve, muito breve e lhe digo que também tenho pelo senhor um sentimento muito forte e o devido respeito que o senhor merece.

- E quando voltará?

- Dentro de poucos dias, ficarei só o tempo necessário para resolver algumas pendências.

- Deus ouviu as minhas preces!

- Por falar nisso, quando eu voltar, vou procurar alguma casa para alugar, pois quero continuar vindo a esta cidade, aqui tem muito de

mim, e agora que já perdi o medo.

- Você tinha medo, foi isso que eu ouvi?

- Pode ter certeza que sim, padre.

- Por que nunca comentou isso comigo?

- Isso é uma longa história. Um dia lhe contarei.

- Amanhã mesmo vou sair procurando uma casa para você.

- Uma casa ou um sobrado, coisa que até prefiro. Pretendo continuar nossas confabulações, o que muito me agrada, e depois sinto que tenho muito para escrever por estas ruas que me contam histórias.

- E eu quero ajudar a contá-las. Por falar nisso, está na hora daquele gostoso e memorável café.

- Eu vou sentir saudades.

- Eu então nem se fala, ainda digo mais, se realmente existisse esse negócio que vocês inventaram da tal reencarnação, eu diria que em outra vida nós fomos irmãos, tal a estima que sinto por você.

- Disso eu tenho absoluta certeza meu amigo. Fique sabendo que não nos encontramos por acaso. Um dia a verdade nos será revelada.

- Deus é a verdade e estará sempre presente em nossas vidas.

- Bem padre Emílio, permita-me abraçá-lo. Fique com Deus, pois eu também vou com Ele.

Assim nos despedimos. Desci em direção à pousada e ao passar em frente à casa de Dona Marieta, sua filha à janela parecia me esperar. Cumprimentei-a e ouvi dela as seguintes palavras: - Não demore a voltar, eu estarei esperando.

- Quem lhe disse que estou de partida?

- Que importância tem isso?

Quando ela assim me respondeu, um grande arrepio se fez em meu corpo. Ela olhou novamente para mim e tornou a falar:

- "Não demore, pois eu estarei esperando".

Dizendo isso, sumiu rapidamente, e a janela se mostrou fechada como se não tivesse sido aberta. Estranhei esse fato, mas pensei comigo: talvez ela tenha saído rapidamente, por perceber que sua mãe vinha vindo para ver com quem ela estava falando. Cheguei à pousada, acabei de arrumar as minhas coisas, deitei e dormi.

Às cinco horas, o rapaz da recepção bateu à porta. Pulei da cama, lavei o rosto e desci para a rodoviária. Lá tomei um café reforçado e esperei o ônibus chegar. Às cinco e quarenta e cinco em ponto, saímos de Ouro Preto em direção ao Rio. Da janela do ônibus, ainda podia ver a filha de Dona Marieta acenar para mim. Levei-a em meu pensamento.

No Rio, depois de ter me acomodado em casa, fui à editora resolver as pendências, fiz uma visita ao meu irmão, pois há muito não nos víamos, e peguei a correspondência na caixa do correio. Paguei as contas e me preparei para voltar.

Esses três dias longe de Ouro Preto me enchia de saudades. Algo além de mim me chamava de braços abertos.

No dia seguinte, botei as minhas escritas em dia e parti para a rodoviária. Uma ânsia incrível apertava o meu peito, o ônibus corria pela estrada, e a vontade de chegar era enorme.

O dia estava alegre, o sol brilhava, uma brisa fresca aliviava o calor. O sono me dominava e acabei por dormir e quando acordei, já estava em Minas, faltando menos para chegar ao destino.

Meus olhos se perdiam nas distâncias, pareciam buscar no infinito a porta que esconde os mistérios.

Por mais que o ônibus corresse no asfalto, parecia não chegar, tal a minha ansiedade. Eu então me perguntava: Por onde andariam Eliseu e Carlota? Que mundos habitariam agora? Quem sabe até estariam encarnados? Talvez juntos, talvez não. Que tramas trança o destino? Será que as coisas são como pensamos, ou apenas sonhamos com uma verdade sem termos certeza de que elas existem? Algo dentro de nós porém diz que sim e alimenta a nossa esperança de um dia ser realmente para a eternidade, num mundo em que a luz se fará maior.

Vinha assim pensando, quando vi a placa na beira da estrada: "Ouro Preto - 5 km". Estiquei-me na cadeira, espreguicei-me, aprumei-me, ajeitei o cabelo, peguei a minha mala e preparei-me para a chegada.

Minha alegria era contagiante ao descer do ônibus. Ouro Preto sorria para mim, abria os braços para me receber e eu, que tinha tanto medo há poucos dias, agora me sentia confiante. Tínhamos feito as pazes.

Fui direto para a pousada, e Seu Antenor, o dono, ficou feliz ao me ver. Mandou me servir um café, me colocou no quarto da frente (o melhor da pousada) e se pôs a contar as novidades.

- É seu Francisco, duas pessoas já vieram saber do senhor. Uma é boa, a outra, nem tanto.
- Porque o senhor diz a outra nem tanto?
- Porque a outra pessoa é o delegado. Polícia, o senhor sabe como é... Fiquei preocupado.
- Pois pode ficar tranquilo, que o doutor Nicolau é meu amigo.
- Ainda bem, não é mesmo?

Tomei um banho e fui direto à casa do padre Emílio. Estava com saudades desse grande amigo, que, quando me viu, mostrou nos seus olhos o tanto que sentiu a minha ausência. Deu-me um afetuoso abraço e me convidou a entrar.

- Chegue mais meu amigo, estou com muitas saudades, e pelo que parece já estava adivinhando.
- Por que diz isso padre?
- Repare lá no fogão, estava colocando a água pro nosso cafezinho e pensando: quando será que o meu amigo Francisco vem tomar café comigo? Justamente nessa hora, você bateu à porta.
- Trago comigo também muitas saudades, do amigo e de todos.
- Até do delegado?

- Por incrível que pareça sim, e digo mais, acho que ele também sentiu, pois foi me procurar na pousada.

- Você é um conquistador de amigos.
- Graças a Deus, padre Emílio, por falar nisso, o senhor encontrou alguma casa para mim?
- Acho que será do seu gosto, é bem no jeito e parece com você.
- Pois me diga, que estou curioso, ainda mais sendo parecida comigo.
- Tem um sobrado bem aqui, entre a praça de baixo e a matriz.
- Se for possível, quero ir lá agora!
- Pode até ir para olhar por fora, mas só teremos resposta depois que a esposa do Dr. Carvalho voltar de Belo Horizonte. O doutor foi se submeter a uma cirurgia. O estado dele é grave, mas ela me

prometeu alugar o tal sobrado onde era o escritório dele. Segundo me disse ainda ele não poderá trabalhar mais.

- Será que me alugarão? Afinal eu não sou da terra, e deve ter muita gente daqui querendo esse endereço.

- Fique tranquilo, pois nada foi anunciado, e eles são de uma família muito minha amiga. É gente de respeitar palavra.

- Que notícia boa, padre Emílio, o senhor nem imagina quanto.

- Depois do café, eu o levo até lá para que veja por fora, se é do seu agrado.

Tomamos o café e fomos. Fiquei encantado, louco para entrar e assumir as minhas atividades nesse endereço.

- O padre tem razão, parece mesmo comigo.

- Eu não lhe disse?

Voltamos para a igreja e ali ficamos conversando até tarde, precisávamos matar as saudades.

A noite foi mal dormida. A ansiedade por conseguir "O sobrado" não me deixava dormir e, quando conseguia, sonhava com o "velhinho" me dizendo:

- Ela está feliz porque você voltou. Eu então perguntava:

- Ela quem? Quem é essa de quem o senhor me fala?

- Você sabe como ela é, bem clara e sempre aparece no seu caminho. Vá até à praça amanhã que eu estarei lá.

Acordei cedo, abri a janela e contemplei a rua coberta pela neblina espessa e fria. Ali fiquei alguns minutos, mas precisei entrar e fechar a janela, pois meus dedos gelavam. Peguei o caderno e fui escrevendo, anotando todos os fatos. Lembrei as pessoas que tentavam colaborar comigo, uma história aqui, outra ali, mal contadas, pois a memória já ficava esquecida.

Lembrei também, que apesar de já estar ali há alguns dias, não tinha ido até o "Casarão", uma peça importante do meu quebra-cabeça.

Vesti-me, tomei o café ralo oferecido pela pousada e saí. O nevoeiro estava menos intenso, mas ainda muito gelado. Caminhei até a lanchonete da rodoviária, tomei outro café reforçado e quando me dirigia à delegacia, avistei a filha de Dona Marieta, que vinha apressada pegar o ônibus. Parei e esperei que passasse por mim.

Ao passar falou rapidamente: - Que bom que você voltou. Seguiu sem nem olhar para trás, e só aí então, lembrei-me do "velhinho" que no sonho dissera que me esperaria na praça e então resolvi ir até lá antes de ir à delegacia.

Apesar do nevoeiro, percebi que ele estava sentado no banco. Aproximei-me, cumprimentei-o e ia sentar ao seu lado quando ele me falou:

- Eu tinha tanta certeza que você viria, que trouxe até jornal para forrar o banco que está molhado do nevoeiro.
- Muito lhe agradeço a lembrança e a gentileza.
- Não tem de quê.
- Como vai passando o senhor? Tem tempo que não o vejo.
- Eu o vejo todos os dias, sei que foi ao Rio, sei que pretende alugar "o sobrado" do Dr. Carvalho, sei até que o amigo ia direto para a delegacia e só resolveu vir testemunhar a minha presença, depois que viu a filha da Dona Marieta. É ou não é verdade?
- Pelo que estou ouvindo, ainda não acordei, continuo sonhando!

- Na realidade, a gente vive sempre sonhando, pois quem não sonha não vive. O que é a vida senão um grande sonho povoado de ilusões? Quando a gente acorda já está do outro... Bem, deixa isso para mais tarde, para uma outra hora.

- O senhor realmente me assusta. Quem lhe contou tudo isso que acabou de me relatar?
- Não é necessário que ninguém me conte, na realidade é você mesmo que me relata tudo.
- Tem tempo que não nos vemos, como eu poderia?
- Você é que pensa, o espaço entre um minuto e a eternidade é de apenas um minuto.
- Não, agora não, sou obrigado a discordar do senhor.
- Por acaso o amigo acha que eu pensava que iria concordar comigo? Claro que não, exatamente por isso eu falei uma verdade que você não está preparado para entender.
- Vamos colocar os pingos nos is, o que o senhor me falou antes, muito me assustou realmente. Somente duas pessoas sabiam disso.
- Quatro!
- Como disse o senhor?

- Quatro pessoas: você, o padre, a esposa do Dr. Carvalho e eu.
- O senhor realmente é fantástico! Agora, essa da distância da eternidade, acho que o senhor vai ter que rever os cálculos.
- Meu amigo, a eternidade é este minuto e mais um.

Cheguei a dar um sorriso quando ele assim falou, mas sua certeza era tanta, que até agora me pergunto:

- Que minuto e mais um é esse que eu não entendi? Antes que me despedisse ele ainda falou:

- Vai ver o "Casarão" hoje com o padre, ou ainda tem medo?

Dizendo isso, ele levantou, ameaçou os primeiros passos, olhou para mim e disse:

- Já ia me esquecendo, ela mandou-lhe lembranças.

Fiquei ali sentado por alguns minutos pensando em tudo que me dissera, eu estava abismado!

Pesquisando Documentos:

Pesquisando Documentos

Cheguei à delegacia, e o Dr. Nicolau assim que me viu, levantou da cadeira e veio me abraçar.

- Por onde andou o amigo que há dias não aparece?
- Precisei ir ao Rio resolver umas pendências.
- Mas nada de grave, não é mesmo?
- Só algumas correções na publicação do próximo livro e contas a pagar.
- Cheguei a ir até à pousada saber de você, minhas filhas têm perguntado quando vai jantar com a gente outra vez?
- Suas filhas são muito gentis. Aliás, quem sai aos seus não degenera.
- Sem sombra de dúvida, você tem razão.

Nesse momento, o cabo veio servir um cafezinho e uma água para nós. Em seguida, pedi licença e fui para a baratolândia procurar, entre aqueles livros empoeirados, as anotações que queria encontrar. Ali permaneci por quase uma hora, e o único registro que me interessou foi uma queixa contra uma trupe que andava a fazer serenatas pelas ruas depois da hora do silêncio, e que as benditas

farras começavam no bar de um tal Juca. Depois então se punham a cantar diante das janelas.

Foi para mim um grande achado, pois as datas cujos acontecimentos me interessavam, eram em torno disso, e os nomes coincidiam.

Fiz as devidas anotações e rumei para casa. Saí sem que o delegado me visse, pois estava precisando de um banho com urgência.

Depois já refeito e limpo, fui almoçar e em seguida rumei para a casa do padre Emílio, pois como havíamos combinado, ele me levaria a conhecer o "Casarão". Assim foi, e quando lá cheguei ele já estava me esperando.

- Fiquei aguardando que viesse almoçar comigo.
- Não fui merecedor desse convite.
- Da próxima vez farei por escrito, está bem assim?
- Vou aguardar.

2ª PARTE

O Casarão:

O Casarão

Saímos em busca do "Casarão". Uma sensação estranha começava a me incomodar. Uma angústia muito grande que o padre Emílio acabou por perceber.

- O que está havendo Francisco? Estou achando você diferente, parece aflito!
- Isso passa, não se preocupe.
- Quer desistir de ir lá?
- Vou enfrentar qualquer coisa, o padre me ajuda está bem? Com o senhor me sinto seguro.
- O que poderá acontecer com você por ir lá? Não vejo motivo para preocupação.
- O que poderá acontecer eu não sei, só saberei quando lá chegar, no entanto me sinto realmente nervoso.

- Fique tranquilo Francisco, essa coisa de mal-assombrado é folclore popular!
- Não é isso que me assusta padre Emílio.
- Se não é isso, eu não entendo o que mais poderia ser?
- Coisas de outras vidas, padre; coisas de outras vidas.
- Aos escritores tudo é permitido, até mesmo inventar outras vidas, reencarnações, ir ao céu buscar estrelas e tantas outras coisas mirabolantes, não é mesmo?
- Com toda a certeza, o senhor tem um oceano de razões, e eu um céu cheio de sonhos e personagens. Alguns encarnados e outros desencarnados formando o círculo da vida.
- Eu me sinto bem próximo da realidade e do possível, enquanto você...
- Enquanto eu voo num mundo invisível cheio de esperança e fé, onde tudo é possível até mesmo conversar com os anjos e psicografar mensagens.

- Sonhar não faz mal a ninguém.
- É por isso que vivo sonhando e narrando meus sonhos nas páginas solitárias de meus cadernos.
- Qual será o próximo livro? Já tem título?
- "O padre incrédulo e o poeta fervoroso".
- Bonito título.

Dizendo isto, deu uma gostosa gargalhada e eu o acompanhei. E foi assim rindo, que fomos nos aproximando do "Casarão".

Eu já o via a uns cem metros de distância. Ali estava ele à minha frente, maltratado e abandonado, guardando no seu interior histórias que ficaram por contar. Quem sabe até alguns desencarnados daquela época ainda o habitassem? Fomos nos aproximando e minha mente ficou confusa, eu parecia ouvir vozes, alguém na janela oculto nas sombras, não sei dizer o quê, mas uma força me puxava para "ele", e meu bom senso me mandava ir embora.

Contemplei aquela janela, onde provavelmente Carlota espreitava Eliseu fazendo sinais. Imaginei a pujança dos bons tempos, como seria lindo e admirado. Assim como na vida, era como se "ele" estivesse morto, esperando a próxima reencarnação.

O padre Emílio olhou para mim e pareceu ler meu pensamento, tanto assim, que disse:

- Sei o que você está pensando e talvez até tenha razão, quem sabe um dia eu também venha a falar desse assunto? Quem sabe numa próxima vida, se não for aqui, que seja lá onde mora Jesus.
- Gostei padre, o senhor me surpreende!
- Mas eu falei brincando, só para mexer com você Eliseu.
- Pode ser, agora o senhor está camuflando, mas tenho certeza que leu meu pensamento enquanto eu contemplava o "Casarão".
- Quem sabe? Quem poderá afirmar?
- O tempo saberá dizer, pois é o senhor da razão.
- O amigo está satisfeito, ou quer entrar? A porta dos fundos está só no trinco.

- Agradeço a sugestão, mas preciso ir embora. Algo me pede que saia daqui agora.

No mesmo instante em que disse estas palavras, um barulho causado por algo pesado caindo se fez ouvir.

- É, você tem razão, acho melhor irmos embora.

Voltamos à igreja e, como sempre, saiu aquele cafezinho gostoso e quentinho enquanto íamos conversando.

- Padre, eu fico pensando como o tempo age, e as pessoas se iludem.

- A que se refere o amigo?

- A tudo na vida. O "Casarão", por exemplo, teve a sua pujança, seu tempo de glória e opulência, talvez quem o habitou se achava poderoso, acima do bem e do mal, nem imaginou que um dia chegaria a este estado de abandono e de miséria. Isso me entristece muito, veja bem, algo lindo, maravilhoso e de repente... Perde todo o garbo, toda a beleza. Perde a suntuosidade, a majestade que lhe é inerente, e jaz como um espectro, um fantasma, símbolo de quem afundou no seu próprio orgulho, talvez até por ganância e ambição.

Vem ainda em meu pensamento uma pergunta: Quem lhe terá fechado a porta pela última vez? Com que desgosto?

- Você realmente vai buscar coisas que ninguém pensa nem imagina, mas tem razão no que diz. Impossível acreditar que um dia

a árvore mais frondosa da mata, seja a primeira a tombar diante de uma lufada mais forte, de um vento inesperado. É, Eliseu, você tem razão, o tempo vai, e com ele os sonhos e os castelos, a juventude, o poder e o orgulho. Assim, os destinos se cumprem e tudo não passa apenas de uma simples lembrança.

- É verdade, o senhor definiu bem.

- Pelo que vejo, você hoje já conseguiu bastante para escrever pelo menos, umas vinte páginas do livro.

- Se não escrever vinte, talvez umas dezenove creio que sim.

- Por falar nisso, a esposa do Dr. Carvalho, Dona Noêmia, deve chegar amanhã!

- E o que acha o padre, vou conseguir alugar o "Sobrado"?

- A promessa está feita, vamos acreditar que sim.

Despedi-me do padre Emílio e resolvi dar uma passada para ver o "Sobrado". Já estava escuro, e eu queria senti-lo à noite. Parei em frente e fiquei observando. Estava todo apagado, parecia querer se esconder nas sombras da noite. A rua quase deserta ocultava mistérios, a luz tênue dos lampiões se espalhava pelas calçadas. Em apenas algumas janelas as luzes estavam acesas, outras dormiam em silêncio, acolhiam os sonhos de alguém até o despertar da manhã.

Ali permaneci algum tempo. De repente, uma angústia, uma grande aflição me deixou inseguro, meu corpo arrepiava e saí às pressas. Tive vontade de correr, no entanto dominei os medos e voltei a caminhar tranquilo sem olhar para trás.

Passei na porta da Dona Marieta e pensei em sua filha. Acreditei que àquela hora estaria dormindo, dei mais uns passos e escutei um psiu! Olhei ao redor, e lá estava ela em pé junto à porta. Voltei-me, parei, e ela assim me falou: - Porque passou sem falar comigo?

- Não a vi, tenho quase certeza de que não estava aí.

- Talvez os seus medos cegassem os seus olhos, eu o estava esperando.

- Como esperando?

- Vi você em frente ao "Sobrado", sabia que iria passar por aqui, percebi que estava pensativo, parecia aflito.

- Eu sou assim, meu pensamento caminha no tempo, vai ao passado e vejo cenas que me assustam.
- Não fique preocupado, o que o assusta já passou, tudo foi consumado, hoje restam apenas lembranças.
- Você fala como se soubesse dos meus segredos, das coisas que me assombram.
- Não é questão de saber ou não saber, apenas respondi às suas preocupações numa lógica certa. Se você está falando do passado, está pensando no que já passou, portanto, são fatos consumados, como vê.

- É. A sua resposta é coerente. Mas voltando ao assunto, você disse estar me esperando?
- Queria vê-lo, ouvir você, me faz bem, me traz boas lembranças.
- Boas lembranças de quem?
- De você, coisas da minha vida.
- Nos conhecemos há tão pouco tempo...
- Que pena, você não lembra?
- Não sei a que você se refere?
- Será que já não gosta de mim?
- Não estou entendendo o porquê dessa pergunta?
- É tão simples a minha pergunta. Será que ainda gosta ou já me esqueceu?
- Realmente gostaria de entender e responder.
- Porque não responde? É tão fácil fazê-lo.
- Se você fala de agora, das poucas vezes que nos vimos, responderei que sim, gosto de vê-la, penso em você, que muitas vezes passo por aqui com a intenção de encontrá-la.
- Então, ainda gosta de mim?
- Continuo sem entender esse ainda, mas digamos que sim.
- Bem, outro dia falaremos mais, agora preciso ir.
- Não me dá nem um beijinho?
- Não posso, não tenho permissão.

Tentei me aproximar dela que recuou assustada. Caminhei alguns passos e não mais a vi. Fui pensando nas coisas que me disse, tão estranhas quanto a sua atitude quando tentei beijá-la. Realmente tinha por ela um sentimento de carinho muito grande,

desde que a vi pela primeira vez, senti como se já nos conhecêssemos há muito tempo. Quem sabe um dia consiga entender.

Levei para o quarto da pousada todos estes pensamentos e dormi com eles.

Pela manhã levantei, fui até à rodoviária tomar o costumeiro café, e quem sabe ela apareceria para pegar o ônibus? Esperei bastante, mas não a vi. Caminhei até à praça, e lá estava o "velhinho" misterioso.

- Bom dia!
- Bom dia, meu bom amigo, hoje ela não apareceu.
- Como sabe?
- Ela está de castigo.
- Castigo por quê?
- Passou dos limites. Por falar nisso, a Dona Noêmia está de volta.
- Como sabe? (perguntei de novo)
- Chegaram ontem à tarde.
- Por que me fala dela?
- Porque ela vai lhe alugar o "Sobrado", tal como você deseja.
- Pelo menos, o senhor me dá uma boa notícia!
- Quando for entrar no "Sobrado", leve com você uma rosa branca e a deixe lá em qualquer lugar, e antes de se mudar, peça ao padre para benzer os quatro cantos com a suas rezas.
- O senhor me surpreende cada vez mais.
- Faça o que estou lhe dizendo.
- Mas porque toda essa pajelança?
- Ela é muito necessária, pode acreditar. O padre o está esperando para lhe dar a notícia e levá-lo a falar com a proprietária. Por falar nisso, aquela que você já sabe manda lembranças.

Fiquei parado sem saber o que dizer, enquanto ele foi se distanciando misteriosamente. Cheguei à casa paroquial e, para que o padre acreditasse nas minhas visões, arrisquei: - Já sei que o amigo tem novidades para mim. Dona Noêmia chegou ontem e está nos esperando e pelo que sei vai me alugar o "Sobrado", estou certo?

O padre olhou para mim assustado e falou:

- Como você soube de tudo isso, Francisco?
- O "velhinho" misterioso.
- É inacreditável, mas é realmente isso que tenho para lhe falar.
- Como vê o amigo, quando eu digo das minhas visões e das coisas que escuto, estou falando a verdade.
- As visões eu já pude comprovar, mas...

- Quando foi que o senhor comprovou alguma coisa?
- Nada não, bobagens minhas.
- Pelo que vejo, o senhor está escondendo alguma coisa de mim?
- Realmente algo me intriga, mas não posso falar ainda.
- Assim, o senhor está me deixando curioso!
- Na hora certa eu falarei, pode esperar.
- Vamos lá, então?
- Vamos sim, que a Dona Noêmia está nos esperando.

O Sobrado:

O Sobrado

Ao chegar, o padre Emílio me apresentou. Falou um pouco a meu respeito e qual a minha finalidade na cidade. Dona Noêmia, muito simpática, uma velhinha bastante agradável, pelo que me pareceu simpatizou comigo e aceitou a minha proposta, inclusive prometeu deixar todo o mobiliário, coisa que o fez.

Combinou de ir lá, na parte da tarde, para retirar os documentos e os pertences de seu marido, que se encontrava convalescente de uma cirurgia.

Despedimo-nos, e eu fiz questão de pagar o almoço para o padre Emílio.

- Agora você já conseguiu o que queria, e eu fico muito feliz com isso, porque assim poderei usufruir da sua presença e gozar de sua amizade.

- A recíproca é verdadeira, o amigo pode ter certeza.

À tarde, encontramos com Dona Noêmia na porta do "SOBRADO" e, pela primeira vez, entrei lá. Na minha mão, a rosa branca sugerida pelo meu amigo "velhinho". Uma sensação muito

forte de que eu já estivera ali me trouxe visões que por pouco não desmaiei. O padre me amparou e fui até ao banheiro.

Lavei o rosto e consegui melhorar. Já refeito, me sentia feliz e entusiasmado. Levamos Dona Noêmia em casa, passei na pousada,

peguei os meus pertences, fui à loja de móveis comprar uma cama e mais algumas coisas que achei necessárias, e depois de tudo arrumado, pedi ao padre Emílio que benzesse os quatro cantos.

Ajudei-o nas preces, passamos na padaria para comprar alguns complementos para o lanche e voltei com ele até a igreja. Assim, tomamos um café reforçado.

Eu me sentia entusiasmado, voltei ao "sobrado", abri as janelas, sentei no banco da escrivaninha, escrevi um pouco sobre as pesquisas do dia, como a ida ao "Casarão" e os documentos na delegacia. O sono logo começou a me rondar, peguei um livro para ler e rapidamente adormeci. Não lembro bem da hora, mas ia alta a madrugada quando acordei sobressaltado. Algo de estranho no ar.

Fiz uma prece, acendi a luz, vim até à sacada e ali fiquei algum tempo observando a rua. As sombras da noite pareciam bailar, o vento soprava frio, parecia querer dizer coisas, rolavam mistérios nas pedras da rua. Entrei, peguei novamente o livro, me enrolei no cobertor e voltei a dormir.

O dia amanheceu bonito, o sol deitava gostoso sobre a paisagem fria, pessoas passavam ligeiras em direção à rodoviária, outros caminhavam seu passo lento, próprio dos mineiros. O vendedor de verduras com sua carroça, outro com um cesto de bananas e assim o dia mostrava o afã da cidade.

Desci, fui até à lanchonete, tomei um café reforçado e me dirigi à delegacia para continuar as minhas pesquisas. No caminho avistei a filha da Dona Marieta em pé, junto ao portão de sua casa. Acenou para mim, eu respondi com a mão no coração para dizer que tinha saudades. Ela sorriu para mim, e eu me atrevi a atravessar a rua para ir até ela. Olhei para um lado e para o outro, e quando olhei para a frente não mais a vi.

Estranhei sua atitude, e assim meio sem graça e decepcionado, voltei e fui em frente.

Na delegacia, o cabo me serviu um café e disse que o Doutor delegado precisou viajar e só estaria de volta à tarde, mas tinha

deixado um bilhete para mim. Abri e vi que se tratava de um convite irrecusável para jantar em sua casa. Esperava-me por volta das 20 horas.

Ali permaneci por mais ou menos uns quarenta e cinco minutos. Como nada tivesse encontrado que viesse acrescentar ao que eu já sabia, voltei para o "sobrado". Tomei um banho, mudei de roupa e fui até à igreja. O padre Emílio ficou feliz ao me ver, serviu um café e nos sentamos a conversar. De repente, um estalo clareou um pensamento: - Padre Emílio, me veio agora uma ideia, na qual eu acho que terei resultados.

- O que pensa o amigo?

- O livro de batismo, deve haver registros, e é bem provável que encontre o que procuro.

- Eliseu, eu já olhei alguns, pois também tive esse mesmo pensamento, me baseei nos nomes que você me forneceu e não encontrei nada.

- Ainda assim, acho que existe uma grande possibilidade.

- Então vamos lá que eu lhe ajudo.

- Podemos pesquisar em torno da data da queixa sobre a tal serenata, a que achei na delegacia.

- É um bom ponto de partida.

Ali ficamos durante um bom pedaço de tempo, procurando entre os documentos da igreja algum subsídio para as minhas escritas, e só demos conta da hora quando a fome apertou.

- Você não está sentindo um negócio apertar no estômago?

- É, padre, pra falar a verdade essa dor é de fome mesmo.

- Você fica aí procurando os seus fantasmas, que eu vou preparar um macarrão pra nós.

- Até que vai cair bem, um macarrãozinho nesta hora é a pedida certa.

Almoçamos e voltamos para as pesquisas. Em seguida, me despedi do padre e fui para o "sobrado" escrever.

Lá pelas tantas, não sei precisar a hora, me levantei para ir ao banheiro e quando voltei cheguei a me assustar, o "velhinho" meu

amigo, estava ali, à minha frente sentado na cadeira ao lado da escrivaninha.

- Não se assuste, que sou eu mesmo!

Admirado com a presença dele assim de repente, sem que ao menos eu o visse entrar, fiquei observando enquanto me refazia do susto.

- Como vai o amigo? Pelo que me parece bem, não é mesmo?

- Agora bem melhor!

- Já tem escritório, ateliê, amigos e até alguém que lhe quer bem.

- Esse alguém é que me intriga!

- Tem coisas na vida que a gente não entende, alguém gosta de alguém que não pode ter e quem pode ter, fica querendo sem ter.

- O senhor sempre com suas parábolas que me deixam no ar.

- Vocês só entendem as coisas quando são bem explicadinhas, não é? Pense bem, meu rapaz!

- Pensar, bem que eu estou pensando, mas ainda não consegui decifrar.

- Você não sabe é pensar. Pensa que pensa e fica pensando que já pensou.

- Continuam as incógnitas e as parábolas.

- Tá aí! O que é uma incógnita afinal, senão aquilo que está disfarçado como gato escondido com o rabo de fora?

- O senhor é fantástico mesmo!

- Fantástico é o delegado.

- O que tem o delegado?

- Já o convidou outra vez, sua filha sente saudade do moço do Rio de Janeiro.

- Como o senhor ficou sabendo disso?

- Eu sei tudo que eu sei e mais o que você pensa que eu não sei.

- O que mais o senhor sabe, pode me dizer?

- O nome da moça? Claro que eu sei, qual você prefere a Cilene ou a Cassiana?

- Eu não acredito!

- Pois acredite meu amigo, e eu vou dizer mais ainda, você já a conheceu há muito tempo.
- Quem, a Cassiana?
- Quando eu digo que tudo que eu sei é você mesmo que me diz, não estou mentindo.
- Como assim?
- Eu não falei qual das duas, você é quem me disse que é a Cassiana.
- Isso é verdade, o senhor tem razão.
- Ainda tem a que não pode ter...
- Quem eu não posso ter?
- Até parece que você não sabe, ela precisa se libertar, mas ainda está presa a você.
- O senhor me diz certas coisas, que eu fico me perguntando se ouvi direito?
- É lógico que você sabe que ouviu direito. Vou embora, só vim aqui, porque estava com saudade. Eu gosto muito de você. Ah! Não se esqueça do jantar, está em cima da hora. Trate de se apressar, seu sogro o espera.

O Jantar:


O Jantar

Arrumei-me rapidamente e descii. Vinha pelo caminho pensando nas palavras do "velhinho", admirado como ele sabe das coisas. Nada lhe escapa. Assim, distraído, nem reparei que a filha da Dona Marieta estava em pé junto ao portão, e quando eu passei ouvi-a dizer: - Tanta pressa que nem me viu?

- Desculpe, estou atrasado!

Ela foi acenando a cabeça, como que a dizer que sim, e ao olhar outra vez já não mais a vi.

Cheguei à casa do delegado, bati palmas e aguardei. Cassiana veio me receber, estava sorridente, parecia muito feliz. Caminhou à minha frente e ficou na sala me fazendo companhia,



enquanto seus pais não apareciam. Percebi o seu acanhamento nas poucas palavras que me dirigia, olhava-me discretamente e sorria a cada olhar meu.

Seus pais chegaram, e o delegado muito falante, foi logo exaltando o prazer de ter-me em sua casa.

- Meu amigo Francisco! Que prazer imenso tê-lo novamente conosco!
- O prazer é todo meu, sinto-me honrado com o convite.
- Fique à vontade, que o jantar já vai ser servido.
- Não se preocupe, sua casa é muito aconchegante, e sua família é muito agradável.
- Viram minhas filhas? Que palavras tão elegantes e carinhosas as do Francisco? Moço da cidade, culto e educado.
- As moças daqui também o são, tenho percebido que sim.
- É. Você tem razão. Cassiana, minha filha, sirva um licor daquele que o Francisco gosta.
- De jabuticaba, não é mesmo?
- Você guardou meu elogio, é esse mesmo que me serviu da vez passada.
- Viu Francisco, como você é querido aqui?
- Quanto a isso, não tenho a menor dúvida!
- Minhas filhas são o que você está vendo, nem preciso elogiar, são prendadas, bonitas e tenho certeza de que darão excelentes esposas.
- Tenho certeza que sim, foram bem educadas e depois, é como dizia o meu avô, árvores boas dão bons frutos.
- Viram minhas filhas? É o que eu sempre digo, os bons exemplos de sua mãe e a dedicação que devota a vocês não foram e nunca serão em vão.
- Graças a Deus, meu marido! Minhas filhas são as minhas prendas.
- A senhora merece meus aplausos, toda a mulher que zela pelo bem-estar da família para mantê-la unida, merece as bênçãos de Deus.
- Ouçam, minhas filhas, como os elogios que falo do Francisco tem sua razão.

- A família é coisa muito importante para todos nós. Dá-nos segurança, nos irmana e nos dá a certeza de dias melhores, não é mesmo?

- Você tinha que ser escritor mesmo, com toda essa verve, não poderia ter seguido outro caminho.

- Cada um com seu destino, e felizes daqueles que conseguem realizar os seus sonhos.

Cassiana me olhava insistentemente, sorria discretamente, talvez fosse maneira das moças do lugar para conquistar seus namorados. Eu percebia que sim.

O jantar foi servido. Aliás, um senhor jantar. Tudo muito bem feito e saboroso.

- As mulheres desta família têm mãos de fadas, todas cozinham muito bem, mulher tem que ser bem preparada e saber fazer de tudo, isso é uma das coisas que prende o marido e garante o casamento.

- Meu Nicolau sempre elogiou minha comida. É um marido e um pai muito bom. Minhas filhas que o digam.

- Dá para ver Dona Celestina, sente-se que é um homem feliz com a família que tem.

- Pode ter certeza que desejo a todos os homens a felicidade que sinto. Tenho certeza que minhas filhas seguirão o caminho da mãe, esposa exemplar.

- Apesar do pouco que as conheço, acredito que sim.

- Você precisa vir aqui mais vezes, conversar um pouco sem a formalidade de convites. Eu gosto muito de conversar com gente igual a você, inteligente e culto. Por falar nisso, como vão as suas pesquisas?

- Quase no mesmo lugar, pouco resultado até agora.

- Quando pretende voltar para o Rio?

- Agora vou passar mais tempo por aqui, aluguei o "sobrado" do Dr. Carvalho.

- Folgo em saber, agora que já faz parte da cidade. Isso me leva a lhe dar os parabéns!

- Com muito orgulho, gostei muito daqui.

- Olha, que você nos deu uma boa notícia.

- Muito obrigado, Doutor. Agora se me permite vou me retirar que acho já é hora.

- Não vá ainda não! Minha filha, sirva mais um licor para nós, que com a garganta doce a gente proseia melhor.

Cassiana serviu o licor, me olhou dentro dos olhos dizendo com eles o que não dizia com a boca.

Eu me fiz de desentendido. Ela até que me agradava, mas meu pensamento andava atrás da filha da Dona Marieta. Despedi-me, e o delegado mandou Cassiana me acompanhar até o portão. Apertei sua mão e a ouvi dizer: - Volte amanhã, vem conversar comigo.

- Seu pai não vai gostar de me ver aqui todos os dias.

- Acho que ele vai ficar feliz, sinto que quer esse namoro.

- Às vezes me pareceu entender isso, mas não quero perder a amizade dele.

- E porque perderia?

- Ele pode pensar que eu me aproveitei de sua hospitalidade.

- Tenho certeza que não. Passa aqui às oito horas, eu espero no portão, e você não precisa entrar.

- Vou pensar.

- E eu vou esperar.

Despedimo-nos, e vim pelo caminho pensando no assunto. Avistei a filha da Dona Marieta no portão de sua casa. Parecia que esperava por mim, mas quando me aproximei, entrou sem olhar para trás.

Percebi seu ciúme e segui meu caminho, pois estava com sono. Chegando ao ateliê, peguei um livro para ler e logo adormeci. Não sei precisar a hora, mas ao me virar na cama, notei um vulto. A luz do lampião na rua me permitiu uma certa luminosidade. Sentada no sofá olhando para mim com um semblante triste, a filha da Dona Marieta me observava. Assustei-me com tal presença e sem saber o que dizer perguntei: - O que você está fazendo aqui? Ainda mais a esta hora, e se alguém a viu entrar, o que vai pensar?

- Ninguém me viu, pode ficar tranquilo que a sua namorada não ficará sabendo.

- Não tenho namorada.
- Não tinha até hoje, agora tem.
- Por falar nisso, como conseguiu entrar aqui?
- Pela porta, é claro!
- A porta estava trancada.
- Não, você esqueceu de trancá-la.
Fui conferir, e realmente a porta estava só no trinco, tentei me aproximar dela, coisa que ela não permitiu.
- Não toque em mim!
- Não houve intenção de atrevimento, ia apenas pegar em sua mão para conversar mais próximo de você.
- Eu não gosto que toquem em mim.
- E qual a sua intenção de vir aqui a esta hora? Afinal sou um homem sozinho.
- Ver você antes que se comprometa com a Cassiana.
- E por quê, posso saber?
- É uma longa história, você nem imagina.
- Não pode ser uma longa história, afinal sou novo aqui.
- Você é que pensa!
- Eu penso não, essa é a realidade.
- Pergunte ao seu amigo o "velhinho" como você o chama, se ele estiver disposto a lhe contar...
- O "velhinho"?
- É. Aliás você não tem nem a curiosidade de saber o nome das pessoas que lhe querem bem, eu sou a filha da Dona Marieta, ele é o "velhinho".
- Nisso você tem razão, é verdade.
- Veja que grande consideração. Você fica pensando em mim e em me ver para quê?
- Se quer saber, você ficou no meu pensamento desde o primeiro dia em que a vi pela primeira vez.
Gostaria que tivesse ficado em seu coração.
De que adiantaria se você confessou não gostar de ser tocada?

- Será essa a coisa mais importante para você?
- Não digo a mais importante, mas muito necessária.
- Você me entristece mais uma vez.
- Como mais uma vez? Nós mal nos conhecemos.
- Você não sabe de nada, veio a esta cidade fazer o quê? Procurar o quê, se as coisas estão diante de seus olhos e você nada vê?
- Interessante as suas palavras, eu só não sei onde estão as coisas e os fatos diante dos meus olhos.
- Um dia você vai saber. Eu continuo aqui esperando sua volta. Leia a poesia que lhe foi ditada. Aliás, duas, quem sabe. Você entenderá o que estou lhe dizendo?

Assim falando, sumiu de repente. Fiquei angustiado me debatendo na cama, dei um pulo e acordei assustado. O sonho me pareceu tão real que fui conferir a porta e constatei que estava realmente aberta, ou seja, só no trinco.

Acendi a luz, fui até a sacada olhar a rua, sentei no sofá analisando tudo o que acontecera. Algo de muito verdadeiro existia nesse "sonho". Ela inclusive falou sobre as duas poesias que eu escrevi sobre Ouro Preto. Que estranho mistério haveria em tudo isso? E porque razão ela disse estar esperando minha volta? Falou como se já tivesse havido uma primeira vez, e falar que tudo estava diante dos meus olhos? Amanhã pela manhã, vou até o padre Emílio e lhe contarei sobre o meu sonho.

Pela Manhã:

Pela Manhã

Acordei, fiz minhas preces, lembrei dos acontecimentos da noite e fui como de hábito até à lanchonete da rodoviária tomar um café quentinho, coisa que bem apetecia pelo frio que estava fazendo (Uns treze graus). De repente, lá estava a filha da Dona Marieta passando por mim e entrou no ônibus sem nem me olhar. Fiquei ainda observando-a um pouco, mas depois desisti. Voltei para o ateliê e quando me aproximava de sua casa, vi que estava em pé no portão. Estranhei bastante tal fato. Como poderia? Eu a vi entrar no ônibus e agora a vejo aqui? Só posso crer que desceu do ônibus

sem que eu a visse. Desistiu de viajar e voltou para casa, no entanto, não haveria tempo hábil para isso. Portanto mais um mistério envolvendo essa moça.

Ao me aproximar, notei que me olhou, virou as costas e entrou em casa. Embora ainda fosse cedo, resolvi ir direto falar com o padre Emílio. Bati à porta e ele apareceu.

- Meu amigo Francisco, que prazer em vê-lo, já estava sentindo a sua ausência, você ontem não apareceu por aqui, eu estava dando um tempo para ir ao seu atelier.

- Eu acordei com saudade, por isso resolvi vir a esta hora.

- Chegue mais que o café está quentinho.

Entrei, tomei aquele café gostoso e fiquei pensando em como começar a falar sobre os mistérios que envolviam a filha da Dona Marieta, e também o ocorrido no jantar na casa do delegado. O padre, como sempre bastante perspicaz, percebeu que eu queria começar a falar e não sabia como. Assim ele deu a partida.

- Acho que o amigo tem muitas novidades para contar, não é mesmo, ou estou enganado?

- De fato o padre tem razão, vim matar a saudades, mas também contar alguns fatos acontecidos ontem e que me estão intrigando.

- Para lhe ser franco, eu já havia percebido isso, no entanto não quis ser indiscreto e esperei que o amigo se decidisse a falar.

- Sobre o jantar na casa do delegado, o senhor já sabe qual a intenção dele, realmente essa é a verdade, ele levou o tempo todo elogiando as filhas, se insinuando e sugerindo que eu vá lá mais vezes independentemente de convite.

- Pelo que eu estou percebendo, se não conseguiu fisgar o peixe, deixou a isca preparada.

- Sem sombra de dúvida!

- E as filhas? Qual delas está na ponta do anzol?

- A mais velha, a Cassiana. Sinto algo muito forte por ela.

- E aí? Mordeu a isca ou fingiu não perceber a intenção?

- Para ser sincero, não tive como escapar.

- Esse delegado é astuto como ele só!

- Realmente, quando me despedi, ele mandou que ela me acompanhasse até o portão. Então ela abriu o jogo, pelo que notei

já estava tudo muito bem ensaiado.

- Então quer dizer que realmente o peixe está fígado?
 - Estou entre a cruz e a espada. Ela prometeu me esperar hoje às oito horas, e eu disse que ia pensar.
 - E aí? Já pensou ou vai mesmo sem pensar?
 - Estou com muita vontade de ir. Ela é uma moça muito bonita que enche meus olhos. No entanto, por outro lado, tenho o meu pensamento voltado para a filha da Dona Marieta.
 - Não faça isso, acredite em mim, vá ao encontro de Cassiana.
 - Porque o padre Emílio diz isso? Por acaso estou iludido, e ela não me merece?
 - Não se trata disso, apenas eu não posso lhe explicar as razões.
 - Será coisa tão grave assim?
 - Não, não é nada grave, mas você não deve insistir. Aliás, me responda com sinceridade, você a tem visto?
 - Todos os dias. Às vezes, no portão da casa dela, outras vezes indo pegar o ônibus na rodoviária...
 - Interessante. Como se explica tal coisa?
 - Explicar o quê? Estou cada vez mais curioso.
 - Ainda não posso lhe falar a esse respeito. Vou estudar esse caso e depois conversaremos.
 - Estudar o quê? Cada vez entendo menos ainda.
 - Um dia você entenderá Francisco.
 - Ia lhe contar também sobre o sonho, mas acho que nem vale a pena.
 - Que sonho?
 - Um sonho com a filha da Dona Marieta.
 - Gostaria muito de saber.
 - Eu também, mas o senhor guarda segredos, e eu guardarei este.
-
- Acho justo que o faça, no entanto fique sabendo que ela não pode ser sua. Quanto ao sonho, talvez analisando juntos encontraremos respostas para esse mistério.
 - Gostaria de saber por que ela não pode ser minha? Pelo que eu sei ela é solteira, ou estou enganado?
 - Quase isso, mas não é só o casamento que pode impedi-la.
 - Alguma doença grave?

- Não chega a ser doença.
- Realmente, já vi que o senhor me mostra a ponta da linha, mas não me deixa desenrolar o novelo.
- Boa comparação, no entanto quero que saiba que a linha é fraca e pode rebentar.
- Já não chega o "velhinho" com suas incógnitas? Agora o senhor também, padre Emílio?
- Às vezes uma incógnita se faz necessária, pois deixa entender que existe algo que está oculto e precisa ser desvendado, só que nem sempre a resposta nos agrada.
- Acredito que sim padre, mas na realidade lhe digo, em virtude das revelações que o senhor me negou, também pensei em não lhe contar mais nada, mas preciso que o senhor me ajude a desvendar esse mistério (Contei-lhe o acontecido no sonho). Pois é padre, o que mais me admirou, foi ela mencionar as duas poesias que escrevi sobre Ouro preto. Como ela soube disso se ninguém daqui sabia? Gostaria que o senhor a indagasse, quem sabe o que lhe revelaria?
- Prefiro agir aqui com você, vamos analisar as poesias juntos. Quem sabe as entrelinhas escondam segredos?
- O senhor acha melhor?
- Muito melhor, vá buscá-las.
- Venha o senhor comigo, façamos isso no ateliê.
- Bem pensado Lá temos todo o material à mão, e aproveito para ver como você está no "sobrado".

Assim foi. Saímos dali e rumamos para o "sobrado". Lá chegando, peguei a primeira poesia, entreguei-a ao padre que começou a ler com atenção.

Ouro Preto de Tantos Amores:

Ouro Preto de Tantos Amores

Ouro Preto que de longe eu vejo
 Matas-te a mim e ao meu desejo De poder continuar
 Em tuas ruas tão estreitas

Serenatas tantas feitas
Para a musa encantar.
Ouço ainda o sino da igreja
Embora agora já não veja Essa luz do teu luar

Lembro triste e com saudade

As janelas da cidade
Onde eu ia namorar.
Quanta saudade!
Nem imaginas Ao lembrar tuas esquinas

Ao luar das madrugadas
Casarões, velhas sacadas

Cartas de amor perfumadas
Segredos das namoradas.

Quanto amor desesperado

Que eu amante apaixonado

Fiz viver em tuas camas

Com as mais lindas raparigas
Entre beijos, ciúmes, intrigas E as mais refinadas damas.
Que história tu me contas
Farras doidas, vidas tantas
Nos funerais que tu me louvas

Dos meus lindos madrigais
Quando eu ainda rapaz Me perdia nas alcovas.
Nos salões e nos alpendres
Dos barões que tu descendes

Uma filha eu quis roubar
E eis que o destino então embota

Ao ver eu minha Carlota
Em desespero se matar.
Ao vê-la assim, pálida e fria

Chorei o pranto da agonia

E ao desespero me entreguei
Vi que a vida foi covarde

E por cruel fatalidade
Vi morrer quem tanto amei.
A inveja, o despeito e o ciúme Apagaram o doce lume

Que me dava tanto alento
Me cercaram à covardia
E ali, mataram a alegria
Que recordar agora eu tento.
Lembro a porta e o sobrado Um amor desesperado

Quando tudo aconteceu
O tiro certo no meu peito
Pôs por fim o meu direito
Quando tudo escureceu.

Ouro Preto que eu amei

Em quantos versos te cantei

E tu me deixaste morrer
E foi num dia de tristeza

Que choraste com certeza
Por quem ali, viste nascer.
Num dia triste em que a chuva
Viu chorar muita viúva

Num cortejo entristecido

Mas o tempo apaga tudo
E o arauto fez-se mudo
E assim fui esquecido.

- Você escreveu esses versos?

- Sim padre, veio a inspiração de madrugada.

- Como assim? Explique melhor.

- Eu estava dormindo, entre quatro e cinco horas da manhã, quando comecei a ouvir no meu ouvido esquerdo alguns nomes de pessoas que não conheço. Ainda sonolento, perguntei em pensamento o que tinha a ver comigo esses nomes? A resposta foi que se tratava de uma outra vida minha em Ouro Preto. Anotei os nomes para depois pesquisar.

- Um momento! Você disse outra vida em Ouro Preto?

- Disse sim senhor.

- Acho bem intrigante a maneira como você fala desse assunto, como se isso fosse fato comprovado, uma coisa natural.

- Para mim é, padre, não tenho dúvida nenhuma.

- Vamos continuar, depois então discutiremos sobre isso.

- Se o senhor preferir, paramos por aqui. Não sei se isso lhe agrada?

- Não, não, vamos prosseguir, esse assunto me interessa embora eu não acredite apesar de ter testemunhado algo que me faz pensar.

- Pelo que me parece, o senhor está quase acreditando, não é verdade?

- Eu não diria acreditando, mas...

- Agora que o senhor tem diante de seus olhos a poesia, eu lhe pergunto: Reparou no enredo e na trama de tal assunto.

- É verdade, realmente são versos que contam uma história, cabível e com toda a possibilidade de ser verdadeira.

- Agora, outro mistério: Como a filha da Dona Marieta ficou sabendo da existência dessas poesias?

- É, tem razão, o mistério aumenta!

- Como aumenta? Porque o senhor fala dessa maneira?

- Coisas da minha cabeça, se já havia assunto misterioso, agora...

- Agora sou eu que digo, o padre Emílio e seus mistérios!

- Não se preocupe que vamos desvendá-los, o dia está próximo.
- Espero que sim, depois de tanta pesquisa sem quase nada descobrir, pois as últimas descobertas são sempre enigmáticas e incógnitas.
- É verdade, e por falar nisso, precisamos remexer nos arquivos, visto que paramos de fazê-lo.
- Acho que o melhor que temos a fazer agora é tomar um café bem quentinho!
- Essa é uma boa pedida, sem enigmas nem incógnitas.

Sorri diante da resposta do padre, pegamos as poesias e rumamos para a casa paroquial. Tomamos o delicioso café e voltamos para o assunto.

- Você trouxe a outra poesia, Francisco?
- Tenho-a aqui em mãos.
- Ótimo, vamos lê-la, que assim poderemos analisar as duas e tentar descobrir porque a filha da Dona Marieta lhe falou delas.
- Segundo ela, talvez eu as lendo, venha a entender porque vim parar aqui?

Assim dizendo, tirei do bolso o papel onde as escrevi e coloquei sobre a mesa. O padre então se pôs a ler.

Nas Portas do Passado:

Não chores por mim Ouro Preto
Eu te juro e te prometo

Nunca mais te visitar

Abre as portas do passado
E verás ali guardado
Um drama triste e singular.
E às noites escuta os passos
Dos algozes, dos devassos
Que aos inocentes vão matar
Escutarás um lamento, um gemido De quem chora e anda perdido
Entre as sombras a vagar.
E busca nas telas que pintei

Os sonhos que ali deixei

Para que possas recordar
E verás do poeta a verve triste
A te mostrar o que não viste
Cantando rimas a chorar.
Ouro Preto, tu guardaste

Na tumba fria onde deitaste
O corpo inerte e já sem vida
Da mais linda flor que aí viveu
Que meu coração juntou ao seu
Quando fizemos a partida.
E hoje, na janela do além
Eu te contemplo e vejo bem
Porque não quero aí voltar
São tão tristes as lembranças
Que mataram as esperanças
Que não quero recordar.

O padre Emílio olhou para mim um tanto admirado e perguntou:

- Essa também foi falada ao teu ouvido?
- Do mesmo jeito que a primeira, e me foi ditada uns três dias depois da primeira.
- É realmente impressionante, são fatos que nos fazem pensar. As revelações aí citadas em versos nos levam a crer, que realmente houve um drama triste e violento, com personagens que fizeram parte de toda essa história.
- Não acha o senhor, que ao pé da letra, eu e a filha da Dona Marieta estamos retratados nessa história?
- Mas como pode ser?
- Através da reencarnação. Podemos ter vivido nessa vida aí descrita, e nesta que vivemos agora.
- Isso é impossível!
- Essa palavra não existe para Deus, padre Emílio, aliás, não acha o padre que este mundo é um palco, com seus dramas, suas aventuras, seus carmas a cumprir? Quem sabe, somos meros atores, vivendo papéis e destinos, determinados por uma razão, que se faz além do nosso entendimento, da nossa compreensão?
- Admiro a sua inteligência, seu grau de percepção. Às vezes, profundo em determinados assuntos, mas não consigo concatenar meu pensamento, de maneira que me faça acreditar nessa possibilidade.
- E de que outra maneira poderíamos concluir tais verdades? Por mais que busquemos respostas, elas nos conduzem sempre ao

mesmo lugar?

- Deixe comigo essas poesias, quero estudá-las com mais calma.

- Pois não padre, muito me agrada que o senhor o faça.

Deixei as poesias com ele e voltei para o ateliê, o sobrado. Lá me pus a escrever e a pensar. Mais tarde descí, fui até à lanchonete da esquina fazer um lanche, conversei um pouco com Marinho, o garçom, que trazia um recado do pai, me convidando à sua casa. Estava assim conversando, quando vi passar a filha da Dona Marieta, que me olhou e virou o rosto.

Paguei a despesa, voltei para o sobrado e lá estava ela em pé, junto ao portão de sua casa. Cumprimentei-a ao passar e percebi que estava triste. Pensei em parar, diminuí o passo e ouvi dela: - Não precisa parar, não tenho nada para lhe dizer a não ser lembrá-lo do encontro às oito horas.

- Quem lhe disse isso?

- Não importa.

Virou-me as costas e entrou em casa.

Segui cismado com as suas palavras. Como ela sabia do meu encontro com Cassiana? Mais um mistério.

A hora passava e eu não esperava por ninguém. Troquei de roupa, me penteei e saí em direção à casa do Delegado. Cassiana estava lá conforme o combinado. No entanto, quando passei na porta da Dona Marieta, não vi sua filha. Entendi sua ausência no portão, como uma recusa a me ver. Provavelmente a esta hora estaria triste por saber do meu encontro. Cassiana por sua vez, sorriu quando me viu chegar.

Um remorso muito grande apertava o meu peito. Em minha cabeça o drama: Ficar ali com Cassiana ou me desculpar e ir embora? Se ficasse porém, oficializaria o meu namoro, e como ficaria a filha de Dona Marieta que não me saía do pensamento? Assim, entre a cruz e a espada, a dúvida se fazia clara. Quando cheguei mais perto dela, sem querer ser indelicado a cumprimentei, ao que ela sorrindo me respondeu. Notei que ela estava feliz por me ver ali, à sua frente. Sua beleza me tentava, havia uma certa afinidade entre nós, eu sentia isso, no entanto algo de estranho parecia querer me afastar dali, dizer que não e ir embora.

- Perdão Cassiana, mas vim aqui para que você não ficasse me esperando em vão, mas não posso ficar.

- E por quê? Você pode me dizer?

- Não gostaria de aborrecer o seu pai.

- Meu pai sabe que vim encontrar você.

- E o que disse ele?

- Ficou feliz, além de lhe tecer mil elogios.

- Ainda assim não me sinto bem, é uma questão de foro íntimo, de respeito.

- Essa sua recusa me leva a crer, que você não gosta de mim.

- Você está pensando erradamente. Gosto de você e muito. Se quer saber, desde a primeira vez em que a vi.

- Então o que está esperando para me beijar?

Dizendo isso, Cassiana puxou-me para ela e ofereceu os lábios. Me contive a duras penas, pois também tive vontade de beijá-la. Sentindo-se rejeitada me empurrou e entrou chorando.

Saí dali, pensando na encrenca que eu acabava de arranjar para mim. O delegado por certo ia ficar bravo ao ver a filha entrar chorando. Agora estava feito não dava para consertar.

Vinha assim pensando quando percebi na porta do ateliê, a filha de Dona Marieta.

- O que faz você faz aqui?

- Esperando você, eu estava angustiada.

- Porque, posso saber?

- Tive medo de te perder outra vez.

- Como outra vez?

- Eu já te perdi uma vez, embora você diga não saber disso?

- Quando e onde?

- Em outra vida há alguns anos.

- Como você sabe disso?

- Você vai ficar sabendo também, é uma questão de tempo. Vim agora para lhe agradecer.

- Agradecer o quê?

- Por você não aceitar o namoro com Cassiana, sei que você fez isso por mim.

- Quem lhe disse que não aceitei e que fiz isso por você?

- Eu estava lá, você não me viu?
- Você está mentindo, tenho certeza que éramos só eu e ela.
- Então me responda, como eu sei disso?

- Você está tentando adivinhar.
- Não meu amor, eu estava lá.

Dizendo isso se afastou chorando e por mais que eu a chamasse, não me deu ouvidos.

Subi para o atelier, me deitei pensando no que ela me dissera. Essa história de outra vida e dizer que estava lá, que me ouviu recusar o namoro com Cassiana. Ou eu estou sonhando ou ficando maluco. O que dirá o padre Emílio quando souber disso?

Ao Outro Dia:

Acordei cedo e ainda meio confuso, me vesti e fui até a rodoviária, tomar meu habitual café. A neblina era densa a essa hora e fazia muito frio. Marinho o rapaz da lanchonete me lembrou do convite de seu pai. Prometi que lá iria assim que pudesse.

Saí dali, voltei para o ateliê, pois era muito cedo pra incomodar o padre. Peguei a caneta e o caderno, comecei a anotar os acontecimentos da noite passada e nesse momento escutei a porta abrir, e o meu amigo "velhinho" me apareceu.

- Ora viva a quem cedo madruga!
- Vivamos todos assim, espero!
- Que confusão essa em que você se meteu hein?
- Do que o senhor está falando?
- Até parece que você não sabe, não é mesmo?
- Eu já estou começando a acreditar que realmente não sei nada de nada.
- Não resta dúvida que a sua cabeça está bem tumultuada.
- Se o senhor sabe tudo o que houve, pode imaginar como estou me sentindo?
- O delegado está soltando fumaça pelas ventas. Trate de pensar numa boa desculpa, pois se ele não é muito bom como amigo, imagine como inimigo?

- Também não é caso para assim considerar.

- Você é que pensa. Fazer uma filha dele entrar em casa chorando? Ele chegou a vir cá fora para ver se ainda o via, eu é que entrei atrás de você para que não o visse.
- Eu não fiz nada de errado, pelo contrário, fui bastante gentil com ela.
- Isso é o que você diz. Ela foi se trancar no quarto chorando. Imagina o que ele pensou? Passou uma noite de cão, só não veio no ateliê lhe procurar porque a mulher dele conseguiu falar com a filha, e ela lhe isentou de culpas.
- Ainda bem que ela foi decente.
- Ela realmente o é, mas ainda assim, a sua recusa se mostrou aos seus brios uma ofensa.
- E o que eu faço agora?
- Vá até ao delegado e enfrente a fera.
- Como, devo ir lá hoje?
- Não deixe de o fazer, proceda como quem não sabe de nada, faça parecer que está tudo bem.
- Eu gosto dela, mas ainda estou um pouco confuso.
- Se quer um conselho, não fique.
- O que faço eu então?
- Assuma o namoro!
- E a filha da Dona Marieta?
- Esqueça, ela não pode ser sua, pelo menos, não nesta vida.
- Isso é outra coisa que eu não estou entendendo.
- O que você precisa entender é que a vida tem mistérios, que nem sempre podem ser revelados na hora que a gente quer.
- Essa história de outra vida, está me deixando mais perturbado ainda.
- Pois não fique, esqueça isso e vá logo mais à casa do delegado. Não deixe de ir.
- E se eu for agora à delegacia?
- Não o faça, vai ser pior, lá não é lugar para se falar desse assunto. Ele vai pensar que você está indo lá por causa da tal pesquisa e não para

explicar o motivo de sua recusa. Logo mais à noite, faça de conta que não houve nada e vá até lá. Ele vai estar bravo, mas logo se acalmará quando você disser que quer permissão para namorar a Cassiana.

- E a filha da Dona Marieta, como ficará?
- Logo ficará bem, só assim se desprenderá.
- Porque o senhor disse que só assim se desprenderá?
- Quando chegar a hora eu lhe digo, o que posso falar agora é que ela o deixará em paz.
- Muito interessante isso, o padre e o senhor devem saber as mesmas coisas sobre essa moça, pois sempre me respondem com as mesmas palavras: "quando chegar a hora você entenderá".
- Disso você pode ter certeza. O tempo precisa de tempo, para que possamos entender que tudo vem a seu tempo.
- Lá vem o senhor com as parábolas e as incógnitas novamente.
- Fazem parte da vida. Aliás, não esqueça, siga o meu conselho, vá à casa do delegado e assuma o namoro, ela está destinada a você.

Agradei a presença e as palavras do meu amigo "velhinho", descii e fui atrás do padre Emílio, outro amigo e conselheiro.

- Bom dia padre Emílio!
 - Bons olhos o vejam, meu amigo Francisco, suas histórias e seus mistérios.
 - Cada vez mais mistérios padre.
 - Não me diga que traz novidades?
 - O senhor nem imagina quantas!
 - Pois vamos lá, comece pelo princípio, não é assim que se diz?
- Sorri para suas palavras e contei tudo que se havia passado naquela noite, inclusive a visita do "velhinho".
- Você ainda não sabia que ele iria lá?
 - Nem me passava pela cabeça, inclusive negou revelar o nome dela.
 - Talvez em virtude de ser um dos nomes que você disse ouvir no seu ouvido esquerdo.
 - O senhor não lembra, que sempre me referi a ela como a filha da Dona Marieta?

- É verdade, mas pensei que falasse assim por ter se acostumado a chamá-la desse jeito.
 - O mistério cresceu mais ainda, quando me falou de outra vida em Ouro Preto.
 - Você tem certeza de que ela disse isso?
 - Com todas as letras. Não é possível que não tenha sido assim, os nomes que ouvi de madrugada, o seu nome, talvez os meus medos, as coisas que tem dito.
 - Realmente, existe em tudo isso um grande mistério, fora as coisas que você não sabe?
 - O que o padre esconde de mim?
 - Não se precipite, a verdade está sendo revelada aos poucos, pois assim tem que ser.
 - E o que o senhor já descobriu nas poesias?
 - É verdade, nas entrelinhas percebemos alguns fatos, que nos levam a acreditar, que houve um drama fatal envolvendo uma paixão proibida.
 - Não sente o senhor, que os personagens desse drama, revelam uma identidade muito próxima a mim e a ela?
 - É, a mim também me pareceu, mas como explicar isso?
 - A resposta está clara, embora o senhor não aceite.
 - É, já sei o que quer dizer com a sua resposta.
 - Aliás, a única não é mesmo? Somente a reencarnação responde a esses fatos.
 - Se eu lhe contar o tanto que eu sei então, aí mesmo é que você vai tentar me convencer.
 - E porque não o diz?
 - Quero esperar um pouco mais.
 - Que diferença faz o mais hoje, ou o mais amanhã?
 - O amadurecimento da verdade.
 - Acho que já está pra lá de madura.
 - Deixemos isso de lado e vamos tratar de um assunto mais urgente.
 - Já sei, a minha ida à casa do delegado!
-
- Exatamente! Siga o que lhe recomendou o "velhinho" e acredito que ficará tudo bem.

- Hoje às oito horas reze para mim, padre Emílio, pois lá estarei enfrentando a fera.
- Pode ter a certeza de que estarei orando em seu favor.
- Amanhã lhe contarei o acontecido, isto é, se conseguir sobreviver.
- É claro que sim, mas vai ter que engolir a isca.
- Estou decidido, também gosto dela, e depois, de que adianta sonhar com o que não posso ter?
- É melhor assim, acredite em mim.

Despedi-me do padre e fui fazer a visita prometida aos pais do Marinho, que ficaram felizes com minha presença, principalmente, quando lhes dei o endereço do "Sobrado". Dona Avelina me presenteou com um pote de geleia e um licor de Jabuticaba, coisas que me regalam.

Vinha andando tranquilamente pela rua descendo para o ateliê, quando avistei o cabo.

Pensei logo: "está atrás de mim".

- Boa tarde, seu Francisco.
- Boa tarde cabo. Quer falar comigo?
- Quem quer falar com o senhor é o Doutor Delegado e, pelo que parece, está in té zangado!
- Muito ou pouco?
- Acho que tá muito. Senhor se previna que o home é bravo.
- Disso sei eu!
- E o que eu digo a ele?
- Diga que vou à casa dele às oito horas.
- Sei não, se fosse o senhor eu ia agora.
- Por favor, dê o recado que mandei, fique tranquilo.

Continuei os meus passos e fui para o ateliê. Recostei no sofá e fiquei pensando na vida e em tudo que estava acontecendo. Que mistérios envolveriam essa moça por quem uma estranha afinidade eu tinha? Por que nem o padre nem o "velhinho" me revelam certos fatos? Sinto que algo muito forte me liga a ela, percebo que ela sente a mesma coisa por mim. No entanto, enquanto eu quero beijá-la, tê-la em meus braços, ela pelo contrário diz não gostar de ser tocada. Que motivos terá para dizer tal coisa?

Vejo que sente ciúmes, fica triste quando me vê ir para a casa do delegado, se põe ao portão para me ver passar, confessou que me

ama e que espera por mim. Tenho muito a descobrir ainda.

Olhei o relógio e vi que a hora se aproximava. Fiz minha barba, escovei os sapatos, me vesti e saí. Desci a rua e não vi a filha da Dona Marieta, provavelmente, não sabia da minha intenção de atar o namoro que havia recusado.

Parei no portão, bati palmas, e quem veio me atender foi Cilene, irmã de Cassiana. Mandou que eu entrasse que seu pai já me esperava. Entrei e aguardei em pé a presença do delegado. Ele assim que chegou, percebi que não estava nada amistoso.

- Boa noite senhor Francisco, espero que seja breve a sua visita e que pense bem no que vai me dizer.

- Dr. Nicolau, venho a esta respeitável casa, pois me sinto no dever de esclarecer as palavras mal entendidas que o aborreceram e fizeram com que o senhor não ficasse bem comigo.

- Você já pensou na ofensa que me fez com a sua atitude descabida? Fazer a minha filha entrar chorando, fato que muito me desgostou? Pense bem, espero que seja claro o suficiente para evitar que o ponha da porta para fora.

- Espero que depois de me ouvir, o senhor me dê razão, inclusive verá o quão louvável foi a minha atitude.

- Para ser sincero, estou vendo que você fala muito bem, mas até agora não me disse nada.

- Dr. Nicolau, qualquer rapaz se sentiria honrado em namorar uma de suas filhas, eu inclusive. Cassiana ficou no meu pensamento desde que a vi pela primeira vez. Sinto que uma grande simpatia existe entre nós, o que faz com que eu esteja aqui agora, para tirar as dúvidas do mal entendido.

- Tudo isso que você está me dizendo é muito bonito, mas ainda assim não explica o porquê de minha filha entrar chorando depois de falar com você no portão.

- Cassiana é uma moça sensível e não entendeu bem a minha atitude.

- Acho que você está dando explicações demais, mas continua sem revelar os motivos que o levaram a rejeitá-la.

- Não rejeitei o namoro, houve um pequeno equívoco por parte dela. Eu apenas lhe disse que não assumiria esse compromisso sem antes pedir permissão ao senhor. Não gostaria que pensassem que

abusei da hospitalidade recebida em sua casa. Diante disso, Cassiana virou-me as costas e entrou chorando. Achei por bem então ir embora, com a intenção de voltar hoje aqui para conversar com o senhor e pedir permissão para namorá-la.

- Sendo assim, retiro as ásperas palavras que lhe disse e até lhe agradeço a hombridade e o caráter demonstrado. De antemão, concedo-lhe permissão para namorar minha filha. Tenho certeza que saberá honrá-la e respeitá-la.

- Eu muito lhe agradeço a confiança e lhe prometo em breve tempo, realizar o matrimônio para tê-la como minha esposa.

Dizendo isto, estendi minha mão selando o compromisso e recebi dele um forte abraço.

Em seguida estourou uma champanhe para comemorar a data, com Cassiana postada a meu lado, e Cilene com Dona Celestina, que me abraçou dizendo fazer muito gosto no nosso namoro.

Ao sair, Cassiana veio comigo até o portão e demos o primeiro e tão esperado beijo. Despedi-me, caminhei ladeira acima e ao passar em frente à casa de Dona Marieta, vi o rosto de sua filha na vidraça da janela. Em seu olhar, a tristeza se via clara. Parei, olhei para ela que sumiu em seguida.

Meditando em Meu Quarto:



Meditando em Meu Quarto

Cheguei ao "Sobrado" pensativo. Aquele olhar triste me incomodou. O que eu sentia por ela era muito forte, diferente do que sentia por Cassiana, de quem no momento eu apenas gostava.

Custou-me pegar no sono. Então, sentei à escrivaninha e envolto naquela emoção com a imagem que trazia em meus olhos, de quem me apareceu na vidraça, peguei papel, caneta e escrevi a poesia que ela nunca iria ler.

És Apenas um Sonho:

És Apenas um Sonho

Vi em teu olhar a tristeza
Compadeci-me ao ver-te assim
Senti também com certeza
A mesma tristeza em mim.

Assim como tu sempre fazes

De repente apareces do nada
Esperanças então tu me trazes
Desapareces na poeira da estrada.
Quem és tu, quem serás afinal?
Porque este amor diz tanto de ti?
És um sonho, aparição divinal
És a coisa mais linda que eu vi.

Ainda com a poesia na mão, recostei no sofá e algumas vezes a li. Senti em minhas palavras a presença dela, era como se a visse, meus olhos mostravam a emoção da minha alma e do conflito que latejava em mim.

Por um lado o compromisso assumido; por outro, o mistério da filha da Dona Marieta, aquela por quem meu coração batia forte.

A noite passou nostálgica, o vento frio soprava na janela, um cachorro uivava, o galo cantava ao longe, e eu ali, com a poesia na mão buscando consolo no que escrevi, pensando ainda na tristeza da filha da Dona Marieta, o quanto eu a magoara ao assumir o namoro com Cassiana. Como eu gostaria de tê-la ali comigo, poder enxugar as suas lágrimas e cobri-la de beijos. Ao mesmo tempo, pensei no que me dissera o "velhinho" e o padre, e assim dormi com meus dilemas.

Ao Outro Dia:

Acordei e fui tomar café com o padre Emílio. Antes, porém, passei na padaria e comprei umas broinhas bem quentinhas e um pacote de manteiga.

- Bons olhos o vejam, Francisco.
- Melhores ainda os que o veem!
- Pelo que vejo, sobreviveu ao delegado!
- Vim cedo até aqui, pois sabia que o amigo estaria preocupado querendo saber como fui recebido.
- Não tenha dúvida quanto a isso, ainda mais sabendo que o homem é bravo.

- Não foi nada fácil quando cheguei, mas aos poucos fui dizendo o que ele queria ouvir e consegui amansar a fera. Teve até champanhe!

- Você é um verdadeiro artista!

- Agora voltou a ser meu amigo, Cassiana ficou feliz e eu também. Acho que foi melhor assim. Apesar de um certo remorso que ainda sinto em relação à filha da Dona Marieta.

- Pois não fique, lamento em dizer, mas esqueça as vezes em que a viu.

- Não, isso não, as vezes que a vi foram do meu agrado, e se quer saber mais, eu sinto por ela um amor muito grande que não consigo explicar.

- Mais do que pela Cassiana?

- Pode acreditar que sim, mas bem diferente.

- Impressionante os mistérios da vida, você nem sequer imagina!

- Como assim? Afinal falamos tanto desses mistérios e não os desvendamos, não é mesmo padre Emílio?

- É difícil falar sobre coisas que não podemos explicar, mas o mais importante é que você está bem com o delegado, namorando uma das moças mais bonitas da cidade, além de recatada e muito prendada. Parabéns!

- O que eu admiro no senhor, padre, é a facilidade que tem de fugir do assunto, quando não quer falar sobre ele.

- E o que eu mais admiro no amigo Francisco é a inteligência e a perspicácia de perceber essa minha virtude.

- Quer dizer, que o senhor não quer mesmo falar sobre a moça, a filha da Dona Marieta?

- Realmente não, esse assunto me incomoda, quero que você acredite, não gostaria de voltar a ele.

- Isso é que me intriga mais ainda, mas vou respeitar a sua vontade.

- Por falar nisso, quando será o casamento?

- Pelo pai, a gente marcava ontem mesmo, mas não vejo necessidade de tanta pressa, tudo a seu tempo, assim será.

- Tem razão, Francisco. Vocês precisam se conhecer melhor, ver o grau de afinidade e aí depois sim, fazer desse casamento uma união duradoura.

- Sábias palavras as suas, padre Emílio, o senhor tem toda a razão.

Despedi-me do amigo e caminhei para a delegacia. Precisava pesquisar mais, afinal esse era o meu objetivo quando aqui cheguei e continuará sendo até que eu termine de escrever o livro.

O delegado foi todo festa quando me viu, mandou o cabo servir um café, bateu um papinho comigo e depois saiu, precisava ir até a cidade de Diamantina.

Entrei no paraíso das baratas e comecei a minha pesquisa.

Estava já exausto, louco para sair dali onde eu mal conseguia respirar, até que em dado momento, peguei em um dos livros e algo me interessou. Limpei-o bem, sacudi a poeira e agora já com mais liberdade de agir, afinal quem mandava ali era meu futuro sogro. Assim sendo, me senti com autoridade para me dirigir ao cabo e dizer que ia levar aquele livro e que o traria no dia seguinte. O cabo apesar de relutar um pouco, acabou por aceitar com algumas restrições.

- O senhor diz que não tem problema em levar o livro? Pode levar, mas se der encrenca, assumo com o delegado.

- Pode ficar tranquilo, fica na minha responsabilidade.

Saí dali apressado, precisava tomar um banho tirar do corpo aquela poeira e o ranço daquele covil da delegacia. Assim o fiz. Depois, já refeito, sentei e comecei a procurar no livro de ocorrências, o que me despertava o interesse. Fui passando folha por folha, pouca coisa de cada época, um lugar tranquilo, lá uma vez ou outra uma briga por bebedeira. Caminhei mais um pouco pelas folhas amareladas do antigo livro de registros de ocorrências, e uma delas chamou minha atenção pela quantidade de linhas e pelo conteúdo.

Começava assim: "Cabe registrar neste livro, o desfecho doloroso com o assassinato de um jovem desta comarca. Segundo o apurado pela autoridade, o então delegado Dr. Arquimedes, um tiro se fez ouvir no silêncio da madrugada, e segundo o senhor Beto da Prata, que reside e trabalha no térreo do mesmo prédio, logo em seguida ao estampido, alguém desceu correndo as escadas. A julgar pelo barulho, via-se que era mais de uma pessoa. Disse ainda o depoente, que correu até à janela, mas já nada mais viu.

Preocupado com o que poderia ter havido, correu à delegacia e lá encontrou o cabo Climério, a quem narrou os fatos. Diante de tal narrativa, o cabo seguiu para o local do crime, onde já algumas pessoas procuravam saber do acontecido. Ao chegar ao "Sobrado", constatou a cena em que um corpo sem vida jazia no chão."

Assim seguia a narrativa do registro com mais detalhes. Entre outras coisas, o nome da vítima e os prováveis motivos do tão doloroso desenlace. Ao término da ocorrência, dizia: "Segue a diligência". Nas páginas seguintes, depoimentos de outras pessoas que diziam das suspeitas do motivo de tal fato. Tudo levando a crer tratar-se de um romance proibido do jovem com a filha de uma família nobre da cidade, suspeita essa que se confirmou com o suicídio da jovem moça".

Não tive mais condições de seguir a leitura, uma forte pressão no peito e uma angústia sufocante me impediram de continuar. Esperei um pouco para me refazer, levei o livro até o padre Emílio, e pedi que me rezasse, pois ainda não me sentia bem. A narrativa do registro me levava a ver cenas que me causavam pânico e desespero. Aquele dia eu não fiquei bem e foi o padre Emílio que muito me ajudou, aumentando assim a gratidão que lhe devia.

Ao entardecer, tentei ir embora, coisa que não me permitiu fazer, exigindo que eu dormisse lá na casa paroquial.

Ao amanhecer, tomei café com ele e saí. Deixei o livro em seu poder para que pesquisasse mais um pouco. Vinha assim caminhando, ainda um tanto aturdido com as descobertas do dia anterior, quando avistei o "velhinho" sentado no banco da praça. Fui até ele e sentei a seu lado.

- Bom dia, como vai o senhor?

- Um pouco preocupado com o amigo. Eu sabia que quando a realidade se fizesse diante de seus olhos, o abalariam bastante. Mas quem procura acha, e o amigo achou. Não era de seu desejo saber a verdade? A real história de Eliseu e Carlota?

- O senhor tem razão, realmente era esse o meu desejo, só não pensei que essa revelação me abalaria tanto.

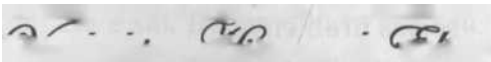
- A verdade é sempre cruel e fria e nem sempre é o que queríamos ouvir.

- Para lhe ser franco, essa história vive no meu pensamento há muito tempo, eu sabia que algo de muito doloroso se escondia nas

entrelinhas da história contada, bonita e com um desfecho feliz. Só não imaginava que eu sentisse tanta angústia.

- E porque o seu interesse em buscar a verdade?

- Nem eu mesmo sei dizer.
- Mas eu sei!
- Pois então me diga, por favor.
- Não sei se devo, nem sei se posso.
- Não vejo motivo para tanto mistério, porque ocultar de mim?
- Pensa você que as coisas são assim tão simples? Não são não, e fique sabendo, que a verdade envolve uma grande responsabilidade.
- Embora eu saiba que as coisas não são tão simples, como o senhor diz, não vejo o porquê de me ser negado o conhecimento desses fatos.
- Francisco, devido à sua sensibilidade e ao seu grau de mediunidade, você se aproximou muito de uma época passada, um tempo anterior a este tempo, e tudo isso se tornando claro diante de seus olhos gerará conflitos de existências, que podem lhe trazer sérios problemas.
- Sinto realmente existir uma forte ligação minha com esses personagens, só não sei até que ponto?
- A vida nos apresenta razões, que a própria razão desconhece.
- Eu acredito que sim, mas eu preciso saber.
- Ponha em sua cabeça, que passado é passado, deixe quieto o que dorme nos sonhos que o tempo guardou. Continue escrevendo suas poesias, elas aos poucos vão revelando verdades, deixando certezas que flutuam no ar. São os sonhos dos poetas, falam de coisas que aparentemente nunca viveram, surgem nomes, enredos, fantasias tão reais, que nos confundem.
- Gostei muito de sua explanação, suas palavras descortinaram cenários diante de minhas intuições.
- Você é sensível, romântico, sonhador e isso é muito bom, pois alimenta sua alma e o faz viver.
- Foi bom tê-lo encontrado, já me sinto melhor.



- Leve o livro para o mesmo lugar onde estava, e deixe que o passado durma em paz. Garanto-lhe que será melhor assim.
- Talvez o senhor tenha razão, é o que vou fazer.

- Você ainda tem alguma dúvida?

Saí dali e fui direto à igreja. Peguei o livro com o padre Emílio e o levei para o seu devido lugar. Agora eu sabia que, apesar de nem tudo me ser revelado, algo importante ficou em mim: a certeza de ter vivido nesta cidade, naquele tempo, e que fiz parte dessa história.

Final, concretizei o que desejava: "O meu encontro com Eliseu e Carlota". A luz se fez e só assim entendi os meus medos em relação a Ouro Preto. O meu grande desejo de conhecer essa cidade, e ao mesmo tempo o pânico que me afligia, sempre que pensava em fazê-lo.

2ª PARTE:

Agora com as descobertas conseguidas e algumas verdades em mãos, me dediquei a escrever a verdadeira história de Eliseu e Carlota, No entanto, sentia que muito me faltava ainda, inclusive, os mistérios envolvendo a filha da Dona Marieta, que aliás, desde que formalizei o namoro com Cassiana, nunca mais vira.

Sua imagem permaneceu em mim como coisa que, eu sabia, jamais conseguiria apagar, pois parecia fazer parte da minha vida.

O tempo passava, e por mais que tentasse, não conseguia tirar do padre e nem do "velhinho" a revelação do mistério que eu queria desvendar. Eu tinha em mim a certeza de que um dia, tudo me seria mostrado com todos os seus detalhes, era só uma questão de tempo e eu sabia esperar.

O delegado queria apressar o casamento, mas, Cassiana era paciente, e eu tocava o barco. Às vezes escrevendo, me parece sentir presenças, algo espiritual que me intui e me dita palavras, que revelam verdades e ensinamentos.

À noite, ou quando acordo de madrugada, e o sono me foge, debruço-me na sacada e fico admirando a rua. Tenho certeza, que muitas vezes já cometi esse mesmo gesto em outro tempo, e que muitos mistérios caminham em silêncio, guardam histórias que o tempo assistiu e se escondem nas sombras que bailam ao vento.

Nesses momentos, a inspiração surge e as rimas fluem falando de saudades.

Eu me perco no tempo, os momentos me passam sem que eu perceba, enquanto a minha alma sonha acordada. O silêncio fala ao meu ouvido e me conta histórias, me diz do passado, e eu escrevo feliz, conversando e vivendo com os personagens, caminhando nessa estrada de sonhos, que me permitem viver.

O dia clareia, aos poucos o silêncio se vai, e o burburinho da cidade vai acordando as pedras da rua.

Arrumei-me, desci e vi que o bar da praça já estava aberto. Entrei, tomei um café reforçado, conversei um pouco com o rapaz que me falou de seus pais.

- O pai tem perguntado pelo senhor, seu Francisco. O senhor não os visitou mais, eles sentem sua falta.

- É verdade, o tempo deixa a gente sem tempo, sabe?

- Eles estão em casa, dê um pulinho até lá. O pai e a mãe vão ficar felizes em vê-lo.

- É uma boa idéia a sua, vou sim.

Botei o pé na estrada e fui visitar seu Tião e Dona Mariquinha. Bati à porta, e fui atendido pela empregada que logo me anunciou aos patrões.

- Seja bem-vindo, meu amigo, que surpresa agradável!

- A saudade apertou e eu resolvi vir matá-la.

- Pois fez muito bem, sente um pouquinho e me fale das novidades.

- As novidades não são muitas não.

- As histórias que o amigo queria sabê, já conseguiu descobrir?

- Quase nada, não dá nem pra começar a acreditar que houve realmente essa tal história.

- Já passou muito ano, não é mesmo?

- É, mas isso de tempo não é o problema, histórias muito mais antigas são lembradas com facilidade. No entanto, aqui parece que o povo não se liga com a memória do passado.

- Eu num entendo bem, onde o amigo qué chegá, maso povo daqui é assim mesmo, num se liga nessa história da carochinha não.

- Isso é um erro, posso lhe garantir, a memória de uma cidade é muito importante!

- Mineiro num é muito dessa coisa não.

Estávamos assim conversando, quando bateram na porta, e a empregada foi atender. Um rapazinho talvez com uns doze ou treze anos, muito branco, olhos arregalados, vinha trazer um recado do pai para o senhor Tião.

- Olha aí, Francisco, o pai desse aí sabe de coisa dessa cidade. Estendi a mão para cumprimentá-lo e ele então se apresentou:

- Sou Francisquinho, filho de seu Zé, meu pai.

- Muito prazer, até porque sou seu xará.

- Num sei o que é isso que o sinhô disse não.

- Temos o mesmo nome.

- Temos não sinhô.

- Você é Francisco assim como eu!

- Sô não, o sinhô é que tá dizeno.

- Você não é Francisco?

- Sô não. Sô Francisquinho, filho de seu Zé, meu pai.

- É, você tem razão, mas pelo que disse seu Tião, seu pai sabe bastante sobre as pessoas desta cidade.

- Meu pai, seu Zé, sabe muito.

- Você me permitiria ir com você até lá?

- O sinhô é que sabe.

- Então, se o senhor Tião não se incomodar, sigo com você.

- Incomodo não Francisco, esteja vontade.

Foi servido um café com aquele queijo famoso, e depois pé na estrada. O rapazinho era estranho, lembrava um pouco aqueles

bonecos ventríloquos. Seguimos calados, até que chegamos a uma casa modesta, bem interiorana, onde fui apresentado a seus pais, pessoas simples e educadas.

Conversa vai, conversa vem, consegui chegar aonde eu queria.

- Pelo que ouvi contar, faz já algum tempo, houve um crime nestas redondezas. Não sei precisar quando, nem mesmo se é verdade.

- O senhor poderia me dizer alguma coisa a esse respeito?

- Pelo que tô sabeno, posso lhe afirmá que sim, isso nos ido de antigamente, dizem que foi munto triste.

- O senhor lembra dos nomes das pessoas envolvidas?

- O rapaz, chamava Liseu e quem mandô matá, foi o pai da Zarmoça.
- O senhor sabe dizer porque chegaram a essa conclusão?
- Dizem que o entrevero, foi por causa da filha do Coroné.
- Mas por que, o rapaz ofendeu ou desonrou a moça?
- Pelo que o meu avô me contava, dizorrô sim, fez o que num devia, moça de família sabe como é.
- A moça chegou a engravidar?
- Isso parece que não, mas diz que o rapaz era munto namorado, e os pai dela num queria. A moça se apaixonô de tar forma, que indoidava atrás dele. Dizem inté, que brigava com outras moça, inclusive uma casada.
- O senhor chegou a saber o nome dessas moças, inclusive a casada?
- Num sobe não sinhô.
- E quem matou o tal rapaz? O pai da moça ou o marido traído?
- Como já lhe disse, o que cuntavam é que foi o tar do pai dela, mas pelo que meu avô dizia, o rapaz já tava jurado de morte dos dois lado, se num fosse por um, era por ôtro.
- E a moça como ficou depois do crime?
- Dize que em desespero, inclusive no dia em que levaro ele prá enterrá, ela cunseguiu fugi de casa e chegô discalça, toda dispentiada, gritano que nem loca. Se jogô dentro da sepultura e se agarrô no caixão.
- E conseguiram tirá-la de lá?

- Cum munto sacrifício, ela se debatia e gritava que o pai era um assassino, que matô o amô dela.
- E depois como ficou essa história?
- Cunseguiro levá ela pra casa, a mãe, o tar de um irmão e mais a empregada.
- E a história ficou por isso mesmo?
- Ficô não sinhô, diz que eles estava se preparano pra fugí pra Portugal, quano chegô de manhã ela tava morta na cama, cum ospurso cortado.
- O pai dela foi preso?

- Foi sim sinhô, mas também num durô munto não, dizem que morreu de disgosto.
- Agora o senhor vê, por causa de um namoro quanta tragédia, não é mesmo?
- Pois intão num é?
- E o resto da família, o que aconteceu?
- Foram pra terra deles. O "casarão" ficô abandonado praí.
- O senhor tem uma boa memória, eu estou admirado!
Ele me pediu licença, levantou e foi para os fundos da casa, quando voltou, trazia na mão um caderno.
- É só memória não seu Francisco, o que eu disse pro sinhô tá tudo escrito nesse caderno pelo meu avô.
- Ele gostava de escrever?
- Munto, e sempre falou desses acuntecido, dizia que inda ia escrevê um livro.
- Excelente, muito bem! Se todos fossem como ele, essa história não ficaria esquecida.
- Tá tudo aqui, si o sinhô quizé, dá uma olhada?
- Se o senhor me permitir, eu quero sim.
- Intéo nome da moça tá aí também, acho que é Marlota.
- Não será Carlota?
- Isso mermo O nome é esse sim sinhô.
- O senhor me venderia esse livro?

- Num posso não, é uma lembrança do meu avô.
- Eu gostaria muito de comprá-lo.
- Vou fazê cum o sinhô um cumbinado. Vô lhe emprestá, enquanto isso, eu resorvo se lhe vendo ou não. Tá acertado assim?
- Se o senhor confia em mim, eu aceito e lhe fico muito agradecido.
- O sinhô aqui tem quem o abona, que é o cumpadre Tião e Dona Mariquinha, que sempre falam munto bem do sinhô.
- Fico muito lisonjeado com as suas palavras.
- Pois aqui tem o livro, pode levá.
Saí dali tão feliz, que voltei na casa de seu Tião para lhe agradecer.
- Mariquinha, venha ver quem vortô!

- Duas visita num dia é munto bom, num é mermo Bastião, meu marido?

- Bom por demais! A que devemos essa honra?

- O honrado aqui sou eu, que muito lhes devo.

Contei então o que havia acontecido e agradei de coração. Fui direto para o ateliê, ansiava por ler aquele caderno que dizia tudo que eu queria saber. Sentei no sofá, me acomodei e dei tratos à bola.

Ali estava, realmente com mais detalhes ainda, o que o seu Zé me havia dito. Quanto ao crime, estava escrito assim:

" Dizem que a moça fugia nas altas hora da noite e se encontrava cum o tar do Liseu, nos fundos da casa atrás do portão, e que nesse dia, o pai viu quano ela tava vortano, agarrô ela pelo braço e botô em confissão. Pelo que cuntô a empregada despois do acontecido, o pai deu uma surra na fia e trancô ela no quarto. Despois passô a mão na arma e saiu atrás do rapaz. Muita gente viu ele subi no tar sobrado, diz que nesse dia ele só meaçô e por poco num mandô o rapaz pro ôtro mundo. Era um home arrogante, estúpido, num se dava cum ninguém. Despois desse dia, ficô difici deles se vê. A empregada cuntô que ela gritava que ia fugi, que ia si matá e que nada ia separá ela do tar do Liseu. Nessas hora, diz que o pai entrava no quarto e lascava nela ôtra surra. A mãe chorava, se agarrava cum ele, mas ele fazia grosseria cum ela também.

Os dia ia se passano e foram se acalmando. Pelo que se dizia o pai tinha cunseguido separá os dois. Até que um belo dia, foi aquele ribuliço, ninguém sabe como, mas ela cunseguiu fugi e foi direto procurá pelo Liseu, e passaro a noite junto. Pela manhã, já na hora do armoço, é que deroconta da farta dela. A mãe num sabia o qui fazê pra escondê do pai, intão mandô a empregada atrás dela, antes que o pai chegasse. A empregada correu no "sobrado", fez de tudo pra levá ela de volta, mas tudo em vão. Eles alegava que iam casá e que o pai dela num podia pruibí. Lurdinha, a empregada vortô disisperada e cuntô pra mãe que resorveu i lá falá cum os dois. Nada diantô, ela num arredava pé. Dizem que o Liseu, atendendo as supricas da mãe dela, cunseguiu que ela vortasse pra casa que ele ia lá de noite dizê pro pai dela que os dois ia se casá. Esse dia foi um "Deus nos acuda ", a famia do rapaz se agarrô cum

ele, pedi no pra ele disisti dessa ideia, até mermo porque uma ôtra moça que gostava dele, veio improrá a ele, dizem que o amava e queria casá, só assim cunseguiro tirá das ideia dele de í lá de noite. Pelo que ficô pareceno, o pai dela num chegô a sabê do ocorrido e assim o tempo passô. Tudo parecia carmo, quano de repente o acuntecido. Lurdinha contô que o home ficou enloquecido quano abriu a porta do quarto e num a incontrô. já passava da meia noite. Diz que ele passô a mão no revorve e se incaminhô pros fundo da casa, quando ela já tava vindo de vorta. Ele curreu até o portão, a fia se agarro cum ele, mas o Liseu já tinha sumido. Diz que ele sacô do cinto e acerto ela ali mermo, a mãe que veio se atracá cum ele levô tumbém, assim ele enloquecido foi atrás do rapaz lá no "sobrado" e o filho dele foi junto e aí o que se sabe, foi o estalo do tiro e o ponto finir dessa história"

O resto o seu Zé já havia me contado. Fechei o livro me sentindo aturdido, e resolví ir até o padre Emílio. Hoje era dia de

namoro, mas ainda dava tempo. Já na sacristia, mostrei o livro para o padre. Sentamos tomando um café quente (pois eu estava precisando), enquanto ele começava a ler a história ali contada.

Fiquei em silêncio observando sua reação. A terminar, pousou o livro, olhou para mim calado, e fui eu que quebrei o silêncio.

- E então, o que o senhor tem a me dizer, padre Emílio?

- Que posso eu falar diante disso?

- A verdade dos fatos.

- Pelo que diz aqui, não tenho dúvida nenhuma, realmente essa história é verdadeira.

- E o nome da moça?

- Pode ser coincidência!

- Padre Emílio, depois do que está narrado aí, vamos ser sinceros um com outro e aceitar a realidade sem tentar esconder coisas que vêm ao encontro das nossas crenças. O nome da moça, lógico que não é acaso nem coincidência. O senhor sabe o nome da filha da Dona Marieta? Lembra que quando aqui cheguei, comentei com o senhor que ouvia alguns nomes no meu ouvido esquerdo e que dois nomes diziam muito de mim: "ELISEU E CARLOTA". Esses nomes

estão aí, claros como água, portanto acredito não caber mais nenhuma contestação.

- E o que você quer que eu diga? Que você e a filha da Dona Marieta são esses dois ou foram?

- Que outra resposta o senhor teria para me dar, se é assim que sinto?

- Não sei, realmente você está me deixando embaraçado.

- Embaraçado por não ter outra resposta e porque em virtude de ser padre, não pode dizer que eu e essa moça somos a reencarnação desses dois personagens? Lembre-se que a sua batina também não lhe permite mentir, nem tampouco omitir a verdade. Tenho consciência, que a esta hora o senhor sabe muito bem que essa é a verdade nua e crua.

- Não Francisco, nem tencionei mentir ou omitir nenhuma verdade, apenas ainda, em virtude da responsabilidade e a gravidade dos

fatos, não posso à primeira vista, porque você acha que é assim, que eu tenha que concordar e dizer: - Francisco, você tem razão. Ponha-se no meu lugar e meça a minha responsabilidade.

Neste exato momento, bateram à porta, e o padre foi atender.

- Boa noite, padre Emílio, como vai o senhor?

- Bem, e o senhor também?

- Graças a Deus!

- E a que devo a sua honrosa visita?

- Gostaria de entrar, se o senhor me permitir. Sei que meu amigo Francisco está aí e gostaria de lhe falar.

- Não seja por isso, seja bem-vindo!

O "velhinho" entrou e eu fiquei espantado! Como ele sabia que eu estava ali? Qual o motivo que o trouxera a vir falar comigo na presença do padre?

- Fiquem à vontade. Eu vou para os meus aposentos.

- Absolutamente, padre Emílio, faço questão da sua presença, afinal nós dois somos os conselheiros espirituais deste nosso amigo. Tenho certeza que tanto o senhor como eu só queremos o bem dele. Assim sendo, vamos talvez usar as mesmas palavras para esclarecer-lhe o conflito em que se encontra, depois das revelações encontradas nesse caderno. Precisamos ajudá-lo.

- Como o senhor soube do caderno, se somente ao padre eu o mostrei?
- Em verdade te digo, que sei de cor e salteado tudo o que está escrito nele.
- Como pode ser isso? Outro mistério?
- Mistérios existem muitos e sempre existirão, pois sem eles a vida perde a graça. Como você pode ver, aqui mesmo existem muitos mistérios, envolvidos em tantos mistérios que chegam a fazer de todos nós um grande mistério.
- O senhor e seus enigmas, não é mesmo?
- Disse-o bem o amigo, temos enigmas para decifrar, e isso não depende só de mim.

- De quem mais dependerá?
- Não posso citar o padre Emílio, por uma questão de respeito, mas isso cabe a ele citar a si mesmo, porque você já está citado há muito tempo, desde que esse caderno foi escrito.
- O senhor é fantástico mesmo!
- Fantásticos são os fatos que se mostram tão fantásticos quanto tudo que fantasticamente se apresenta aos nossos olhos.

O padre estava estarecido, os olhos arregalados, fixos no "velhinho" que nem piscavam.

- Francisco, quando você aqui chegou não conhecia ninguém. O primeiro amigo que lhe surgiu foi o padre Emílio. Por acaso, pergunto eu? Não, logicamente que não, ele fazia parte dessa história. Quem lhe aparece em seguida? Eu, cujo nome você não sabe. O "velhinho" como você menciona. Logo depois, a misteriosa filha da Dona Marieta. Por vias travessas, conhece o delegado e daí o que surge? A bela e prendada Cassiana, filha do dito cujo. Veja você que o enredo logo se formou misteriosamente compondo o cenário, para que a verdade se apresentasse clara a seus olhos. Parece uma peça teatral, mas embora não seja, talvez quem sabe? A verdade é que estamos todos envolvidos nessa trama. Eu o avisei bem a tempo ainda, que quando a verdade surgisse, abalaria muito você. Dei-lhe ainda a oportunidade de recuar, você não quis. Muito louvável a sua coragem em querer evoluir, saber a verdade, ver até aonde vão os mistérios da vida e a que conclusão poderia chegar.

Chegou? Não sei se você poderá dizê-lo, mas volto a lhe avisar, cada mistério desvendado, revelará outro mistério e assim sucessivamente. A cada degrau que subimos, a verdade sempre nos assusta cada vez mais, mas aqueles que querem evoluir, buscar a luz maior, encontrarão na fé a chave que abre todas as portas, e no amor, a verdade, a força e a coragem de seguir em frente.

Eu o admiro e por isso estou aqui, admiro também o nosso amigo padre Emílio, porque tem sido uma luz que o leva a buscar uma outra luz maior, aliás, para os dois, duas almas boas.

O "velhinho" se calou, olhou para nós dois e esperava que lhe disséssemos alguma coisa. O padre Emílio então falou:

- Estou realmente surpreso e maravilhado. Francisco já havia me falado a seu respeito, que o encantava com suas palavras, mas jamais supus esse tanto.

- Sendo assim, acho que o meu querido padre me ajudará a abrir esta porta, cuja chave já está na mão do Francisco.

- Ainda gostaria que o senhor fosse mais claro.

- Já que o senhor falou em claro, vamos fazer com que tudo fique ainda mais claro para que a verdade clareie os pensamentos desse meu amigo. Ele, como o senhor já sabe e testemunhou, é um vidente, embora não o tenha percebido, teve visões tão claras que julgava serem reais.

- Isso é verdade, embora eu o contestasse, pois não queria acreditar que fosse assim.

- Não acha o senhor padre Emílio, que chegou a hora de revelar o que existe além dos fatos reais?

- Ainda assim tenho duvidas, se será bom ou ruim?

- A verdade está aí diante de seus olhos, mas lhe ensinaram de uma maneira diferente, talvez mais conveniente e agradável, no entanto lhe digo, que quem lhe ensinou sabe a verdade e acredita nela, só não dizia pelos mesmos motivos convenientes à doutrina.

Eu olhava e ouvia tudo aquilo extasiado. O "velhinho" era fantástico, suas palavras me encantavam, e eu via que ele queria esclarecer mais, mas para isso, o padre teria que assumir a sua parte, este, porém, ainda relutava.

- Padre Emílio, queira o senhor ou não, chegou a hora. Ele já está pronto para saber tudo.

Percebi que o padre franziu o cenho, como quem não gostou do que ouviu.

- Acho que o senhor deve ser o enviado por Deus para esclarecer o Francisco, isso por duas razões: a primeira por ser amigo dele e ter convivido com ele muito mais do que eu, a segunda, por ser um sacerdote, um homem de Deus, aquele que tem a palavra, a verdade, a luz que orienta as ovelhas e as apascenta.

- Concordo com o senhor, padre Emílio é realmente um homem de Deus enviado a mim para me ajudar, tanto assim que ao me estender a mão me salvou a vida.

- Não havia chegado a sua hora. Você tinha a sua missão a cumprir.

- Padre, o senhor disse exatamente o que eu queria ouvir, cada um de nós tem a sua hora, a sua missão a cumprir.

No caso do Eliseu, a missão foi interrompida, a hora foi abreviada, e ela também tinha as mesmas faculdades. A ele, estava destinado uma outra moça, com quem teria filhos, um carma a cumprir que foi interrompido. Ela iria esperar, sofrer algumas decepções, se recolher a um convento e depois então a realização do sonho dos dois. Lamentavelmente, um espírito pouco iluminado, trazendo traumas de vidas passadas, pôs termo a esses destinos, prejudicando muito mais a ele adquirindo uma dívida muito maior. Os outros dois personagens, voltaram para realizar o sonho que lhes está destinado.

- Como sabe o senhor tudo isso? Que autoridade tem, para afirmar serem verdade tais fatos?

- Não me é permitido ir mais além do que já fui, no entanto lhe digo, o senhor está me contestando com a boca, mas no seu mais profundo consciente, concorda plenamente comigo.

- O senhor não tem esse poder de saber o que se passa dentro de mim.

- Humildemente me curvo diante de suas palavras.

- Gostaria imensamente de ficarmos todos bem, eu amo vocês e estou muito feliz por estarmos os três juntos.

- Não se abale Francisco, o padre Emílio tem razão, eu fui além dos meus limites e me penitencio perante ele.

- Não há necessidade de tanto, inclusive gostei muito de ouvir suas palavras, mas tenho as minhas convicções e gosto que as respeitem.
- Não resta a menor dúvida, e por isso lhe peço perdão.

Fiquei procurando apaziguar o padre, me sentia surpreendido com a sua reação. O "velhinho" estava certo, pelo menos eu entendia assim, e achei bonita a sua atitude humilde perante as palavras do padre, que se levantou e se propôs a preparar um café.

- Também lhe peço desculpas se fui áspero, vou fazer um café.
- Eu agradeço, não tomo café, mas de toda a maneira participarei da mesa.

Tomei o café junto com o padre. O "velhinho", porém, nada aceitou, mas permaneceu à mesa conosco o tempo todo, se mostrando bastante amistoso. Terminado o café, dirigi-me aos dois:

- Quero lembrar aos amigos, que ficaram de me esclarecer um outro mistério, inclusive lembro que o senhor disse ao padre Emílio que eu já tinha a chave na mão.
- Realmente, falei e confirmo, a chave está em suas mãos, a porta está à sua frente, no entanto, lembro também que pedi ajuda ao padre, pois ele sabe tanto quanto eu.
- Eu me isento de tal assunto, mas nada o impede de dizer a verdade assim como o amigo acha que é.
- Embora curioso e muito ávido da verdade, já havia prometido ao padre não tocar mais nesse assunto.
- Então deixemos o dito pelo não dito, preciso ir, pois meu tempo está se esgotando.

Achei estranhas as palavras do "velhinho", mas nada mais me cabia perguntar. Despedimo-nos, e ele se foi. Um sentimento muito forte de amor fraternal por ele o acompanhou até a porta e voltou a se agasalhar em meu peito. Eu amava aquele "velhinho". Percebi que o padre estava meio sem jeito com o que tinha acontecido e quis se justificar.

- Desculpe, amigo Francisco, mas realmente eu prometo não voltar a esse assunto que muito me incomoda, daí as minhas palavras ríspidas.

- Não se preocupe em se justificar, padre. São águas passadas, e o amigo "velhinho" é muito iluminado, não guardou mágoas nem ressentimentos, posso lhe garantir.

- Você tem razão. Eu talvez me escuse a contar a verdade porque ela contraria o que prego, e às vezes, eu duvido dessa verdade e penso: "Talvez seja uma ilusão e não uma verdade". Sei que me confundo e não seria capaz de dar a mesma ênfase ao fato que ele daria. Peça a ele, quando o encontrar novamente, que lhe esclareça esse mistério da filha da Dona Marieta.

- Obrigado, padre Emílio, eu compreendo. Fique com Deus e até outro dia.

Vinha descendo a ladeira, quando avistei o Dr. Nicolau, meu futuro e pretendo sogro.

- Como vai, Francisco, tudo bem?

- Agora melhor ainda, é sempre um prazer estar com o senhor.

- Não se esqueça de logo mais, vem uns amigos em casa e faço questão que o conheçam. Não deixe a minha menina com saudades.

- Com saudades estou eu, doutor. Espero ansioso o momento de ir vê-la.

Caminhei tranquilo, subi as escadas do atelêr e ao entrar me pareceu sentir a presença de alguém. Olhei em volta e nada, sentei, peguei o caderno que o pai do Francisquinho me emprestara e me pus a ler. O padre Emílio já o tinha lido e comecei a comparar o que ele me dissera com o que eu estava lendo. De repente, ouvi uma voz:- "Essa é a Nossa História".

Meus braços se arrepiaram, olhei tudo e nada vi. Continuei lendo até a hora do almoço.

Ao sair do restaurante, senti uma vontade enorme de ir até o "Casarão" e assim o fiz.

Parei em frente, contemplei-o como quem o conhecia, e uma forte e estranha sensação de que já estivera dentro dele. Empurrei o portão e passei. Relutei um pouco, mas decidi me aproximar junto à janela e olhar pelo vidro quebrado. Lá estava o painel pintado na parede sujo e empoeirado. Um medo quase de pânico se apossou de mim, tive vontade de correr, sumir dali e então percebi um vulto

de homem mal encarado. Virei as costas e saí o mais rápido quanto pude. Sentia-me desfalecer, com uma forte sensação de desmaio.

Caminhei a passos largos para o ateliê, peguei o caderno e anotei os fatos que vira. Aquela pintura me era familiar, eu me via ali, inclusive senti o cheiro da tinta como se o estivesse pintando. Pensei em Carlota e escrevi:

Pintando Recordações:

Pintando Recordações

Ali, diante do velho "Casarão"
O painel pintado, a recordação
O passado me convida a entrar

A expulsar as almas penadas

Rezar por elas coitadas
E quem sabe, até te encontrar?
O cheiro da tinta, não me esqueceu
Trouxe à lembrança um momento tão meu
Que o tempo levou ao passar
Quando ali estive ao teu lado
Um beijo e o amor revelado
Na graça do teu olhar.
Choro hoje, lembrando calado
Nós dois naquele sobrado
Quanto sonho e esperança nos deu
Lembro-te ainda, tão clara, tão pura
Quando em insensata loucura O teu coração entregaste ao meu.
Tua pele, tão macia, divina

Minha doce e linda menina

Tua imagem ainda me vem
Eras minha, assim o pensei
E hoje aqui, onde a ti me entreguei
Vejo-me só, sem amor, sem ninguém.

Francisco

Permaneci escrevendo a tarde toda. Descansei um pouco e comecei a me preparar para ir ao encontro de Cassiana. Hoje, especialmente, pensava em ir bem vestido, não que não o fosse nos outros dias, mas precisava fazer boa presença aos amigos do delegado.

Assim, pontualmente às vinte horas, lá estava o filho da Dona Margarida tocando a campainha. A porta se abriu, e minha querida Cassiana linda como sempre, sorrindo me beijou.

Ali ficamos uns instantes trocando beijos e juras de amor, até que escutamos o pigarrear do Dr. Nicolau. Entramos, cumprimentei-o, e logo Dona Celestina e Cilene se fizeram presentes.

- Bem, vamos sentar um pouco que meus amigos não devem tardar, quero apresentá-lo a eles. Pretendo inclusive, convidá-los para padrinhos de casamento de vocês. Gosto muito deles, fazendeiros abastados. Além daqui, têm também terras em Goiânia, onde fica o frigorífico, pois são exportadores. Enquanto o delegado ia dizendo dos abastados amigos, fiquei olhando para ele e logo entendi, o porquê dele gostar tanto dessa gente "pobrezinha". De antemão, já comecei a rezar para que a noite fosse breve. Imaginava o assunto que encheria os meus ouvidos "dinheiro e mais dinheiro", muito dinheiro, muita terra, muito gado e eu ali, pobre poeta sonhador, tendo que sorrir e demonstrar interesse na conversa.

Estava assim no devaneio, quando escutei baterem a porta do carro. O Dr. Nicolau levantou e caminhou para atender os convidados.

- Sejam bem-vindos, ilustres amigos, a esta modesta casa!

- Eta! Coisa boa é rever amigos.

- De muitos anos, não é mesmo?

- Bota anos nisso, Nicolau. Nossos cabelos grisalhos nos dizem bem de quanto tempo!

- Vamos chegar mais. Celestina e as meninas estão aqui. Quero ainda lhes apresentar o meu futuro genro, Francisco.

Nessa hora percebi que o rapaz que os acompanhava (logo vim a saber), filho do casal, franziu o cenho. Pensei eu, que talvez ele viesse

na intenção de Cassiana ou Cilene e já não teria escolha, ou era Cilene ou nada feito. Mas o delegado velha raposa, cheio de manhas e astuto como um lobo da estepe, logo engrenou uma segunda e acelerou.

- Cilene minha filha, faça companhia ao José Eduardo, enquanto o jantar não sai. Quero fazer um brinde à presença do amigo, pois tenho aqui um "porto" reserva de 1940, que estava especialmente guardado para esta data. Como vê o compadre, minha filha Cassiana, quis aproveitar a presença dos amigos para anunciar o seu noivado com o Francisco. (Cassiana olhou para mim, olhei para os dois surpresos, e percebi até mesmo que Celestina e Cilene se assustaram).

- As alianças não ficaram prontas, sabe com é, esses profissionais de hoje são uns irresponsáveis, mas não é isso que vai impedir do meu futuro genro formalizar o pedido e aproveitar para convidar os amigos para padrinhos.

Dona Rosely, esposa do Sr. Valadão, era uma senhora alegre, simpática e logo se pronunciou:

- Para nós é uma honra muito grande, não é mesmo Valadão?

- Mas é claro que sim, a estima por Nicolau além de grande é antiga, desde o tempo do ginásio.

Nesse momento, o meu futuro "sogrinho" que não perde tempo, nem deixa passar nada, deu a dele:

- E o meu jovem José Eduardo? Já está numa idade boa de se casar também, por falta de noiva tenho certeza que não é?

- O José Eduardo é meio acanhado compadre, mas na viagem ele vinha fazendo muitas perguntas sobre suas filhas.

- Faço muito gosto, porque conheço bem a família e os dois lados ficam bem servidos.

Cilene corou a face rosada, deu um sorriso acanhado e esticou os olhos para José Eduardo, que correspondeu. Fiquei olhando o Dr. Nicolau admirado com a sua astúcia. Levantei para ajudar e parabenizar a Cilene e o rapaz. Os dois, ainda sem graça pela surpresa do momento, aceitaram o meu cumprimento.

O vinho foi aberto, e em vez de um brinde, (graças ao oportunismo do Doutor) brindamos aos dois casais. Nesse instante, ele olhou para mim como quem diz "desembucha cara, formaliza o pedido".

Assim procedi de improviso, mas até que saiu bom. O homem estava no paraíso, era todo felicidade. Dona Celestina também. O jantar foi servido, e depois de um licor de jabuticaba, voltamos à sala de estar. Deixamos os velhos conversando e fomos para a varanda. O José Eduardo já estava mais à vontade, Cilene também. Eu e Cassiana estávamos felizes e ali passamos a noite. Declamei uma poesia, me despedi de todos, beijei Cassiana e fui para o atelier. O senhor Valadão e família ficaram hospedados na casa do Dr. Nicolau.

Depois de anotar os acontecimentos da noite, me deitei para dormir. Agora, já acomodado na cama, me pus a pensar nas matreirices do Dr. Nicolau. Ele é terrível e invencível, eu não tinha dúvida.

Lembrei também na vinda para o "sobrado", o momento em que passei na porta da Dona Marieta, quando diminuí o passo e senti saudade. Carlota já não mais esperava por mim, e assim dormi pensando nela e em Cassiana, boa moça.

Pela manhã, assim que acordei, lembrei-me do padre Emílio. Já fazia alguns dias que não ia vê-lo, coisa que ele deveria estar estranhando. Fui até à lanchonete da esquina, tomei café e rumei para a casa paroquial. O padre quando me viu, logo falou: - Pensei que o amigo estava zangado comigo?

- Jamais ficaria, pois a estima que lhe tenho é muito grande.
- Mas a que tem pelo "velhinho" é maior ainda, não é?
- O que eu não sabia, era que padre também tinha ciúmes.
- Às vezes, meu amigo, às vezes.
- É, está dando para perceber.
- E as novidades? Deve ter muitas, em virtude do tempo que não vem aqui?
- São muitas mesmo, o senhor nem imagina?

Contei ao padre Emílio a ida ao "casarão" e os outros acontecimentos na casa do delegado.

- É, Francisco, de sogro você está bem servido, não tenha dúvida!

- É, padre, mais uma vez o senhor tem razão, mas a família compensa. Dona Celestina e as meninas são maravilhosas.
- Quanto a isso você está certo. E o "velhinho" já encontrou com ele depois daquele dia?
- Ainda não, ele anda sumido. Bem que eu tenho ido até a praça para ver se o vejo, mas até agora nada.
- Eu me arrependo da maneira como me comportei, acho que fui um pouco grosso, e ele é uma pessoa muito delicada.

Realmente, ele é muito gentil, muito simples. Também tenho comigo que está tudo bem, apenas ele deve andar muito ocupado.

Estávamos assim conversando, quando ouvimos alguém bater à porta. O padre Emílio foi atender, e a grata surpresa: "o velhinho".

- Permite-me o padre Emílio partilhar da companhia dos amigos?
- Mas é lógico que sim, é sempre uma grande satisfação recebê-lo. Eu me levantei pra cumprimentá-lo e falei:
- Estávamos exatamente lamentando a sua ausência, tem tempo que não o vejo? Padre Emílio também sentiu saudades.
- É verdade, pode crer.
- Para ser sincero, já era para eu ter vindo, mas nem sempre nos é permitido decidir. Temos responsabilidades e cumprimos ordens superiores, nem tudo é como lhes parece, podem ter certeza. As águas cristalinas turvam-se com facilidade, mas o importante é que cada um cumpra o seu papel. A janela aberta permite entrar uma luz maior, e é necessário que assim seja, para que possamos enxergar melhor, ter uma visão mais ampla.
- Sentíamos falta disso, dessa luz que vem do senhor, através de suas palavras.
- As palavras são sábias quando são entendidas e ouvidas assim, do contrário, perdem-se no ar e às vezes são até perigosas, quando saídas de bocas contaminadas pelo ódio e pela insensatez. É preciso ter cautela ao falar, as palavras depois que saem da boca, voltam-se até mesmo contra quem as proferiu. Como diz o ditado: "O tolo fala, o homem cala e o sábio pensa."
- O senhor precisa vir mais vezes aqui, suas palavras são fontes de ensinamentos, sua presença é sempre agradável.
- Obrigado, padre, tenho certeza que estou entre amigos.

- Francisco, estive pensando durante estes dias nos assuntos que abordamos da última vez em que estivemos juntos. Realmente, acho que precisamos revelar a você umas verdades. Até mesmo para o seu próprio bem se faz necessário desvendar certos mistérios.

- Bendita seja esta hora, pela qual tanto esperei!

- As vezes, achamos que o acaso é o senhor que faz acontecer certos e determinados fatos. Conhecemos algumas pessoas e dizemos: O acaso nos uniu. Hoje, diante de casos surgidos, depois que nos conhecemos...

- Naquela noite terrível em que o senhor salvou a minha vida?

- Na ocasião, me pareceu que o acaso me fez abrir a janela e reparar que alguém precisava de ajuda.

- E o quanto que precisava, se o senhor não me desse a mão naquela hora, hoje eu não estaria aqui.

- Creio que não.

- Na maioria das vezes, nós dizemos ter fé, fechamos os olhos à verdade e dizemos que são coisas do acaso. Como dizia Shakespeare: "Existem mais coisas entre o céu e a terra, do que sonha nossa vã filosofia".

- Muito bem comparado pelo senhor, não foi por acaso que nos encontramos naquela manhã em que fui até à praça. Tenho certeza que o senhor esperava por mim e sabia que eu iria ali.

- Precisava lhe falar sobre a filha da Dona Marieta.

- Coisa que me intriga até hoje, principalmente, depois que li o caderno do pai do Francisquinho, além dos fatos encontrados no livro de registros da delegacia.

- Você hoje tem razões muito fortes para isso, e é justamente sobre tal assunto que estou autorizado a falar. Só vim até aqui, porque sabia que o padre Emílio tinha refletido, e que concluiu que a hora era chegada.

- Como sabe o senhor dos meus pensamentos?

- Isso não importa, absolutamente, o que importa é que hoje o senhor concorda comigo e sente vontade de revelar a verdade. Afinal, somos todos adultos e o Francisco é merecedor da nossa confiança, tanto assim, que vejo nele uma pessoa digna e

responsável, um homem de caráter, se não o fosse, nem eu, nem o senhor estaríamos aqui com ele agora.

- É a pura verdade, endosso as suas palavras.

- Eu agradeço emocionado tal deferência.

Falei com lágrimas nos olhos, por sentir o grau de estima que os dois tinham por mim.

- Lembra o amigo que sempre que falava na filha da Dona Marieta, tanto eu quanto o padre Emílio tentávamos mudar de assunto? E quando o amigo insistia, dizíamos que a esquecesse, que ela não servia para você? Entretanto, agora me sinto na obrigação de ser mais claro, a palavra certa não era essa, dizer que ela não servia para você, e sim, que ela não podia ser sua.

- Volto a perguntar, por que ela não podia ser minha, se eu sentia uma enorme afinidade por ela?

- Tenho certeza de que o amigo acredita em reencarnação, outras vidas, não é mesmo?

- O que tem a ver esse assunto comigo e aquela moça? Apesar de que, em certa ocasião ela falou de uma vida sua em Ouro Preto, disse inclusive, que me esperava, pois sabia que eu voltaria.

- Realmente você voltou, você está aqui, veio encontrar com ela.

- E por onde ela anda, que não a vejo mais?

- Ela seguiu a cumprir o seu carma.

- Como assim, não estou entendendo? Como seguiu?

- Eu sei, é realmente difícil de entender, mas...

- Meu senhor, meu amigo, pense bem no que vai falar ao Francisco, existe nisso uma grande responsabilidade, ele pode não estar preparado.

- Eu acredito que sim, padre. Ele é um homem espiritualizado.

- Amigos, eu não estou entendendo tantos preâmbulos para me dizer uma coisa que eu já suspeito e acredito piamente.

- Pois acredite, é isso mesmo que você está pensando. Essa moça viveu aqui, talvez esperasse por você, havia essa possibilidade, no entanto, quando você aqui chegou, ela já havia desencarnado há mais de um ano.

- Como, se eu a via? Como explica tal fato?

- Esse o grande mistério, por isso não permitia que você a tocasse, ela não tinha mais um corpo físico, se tornava visível a seus olhos com a energia que você liberava para ela, seu ectoplasma.
- Mas era tão real! Eu a ouvia.
- A afinidade entre vocês permaneceu e permanece, por isso a facilidade de absorver seu ectoplasma, a energia vital.
- De que faleceu ela e por quê? Segundo dizem ela veio me esperar, sendo assim, porque partiu antes?
- Na vida passada aqui em Ouro Preto com você houve uma fatalidade que eu prefiro não falar, nem sei se posso. Depois do ocorrido, ela pôs termo à vida. Procedendo assim, ficou com o tonos vital do resto daquela vida que tinha a cumprir, com isso reencarnou. Tinha somente, porém, aqueles poucos anos a cumprir e esperava você. Quando você aqui chegou, esse tonos vital já estava cumprido e ela teve que partir.
- Sendo assim, jamais nos encontraremos de novo?
- Acredito que sim. Agora ela já cumpriu o carma que foi interrompido. Dentro do seu livre arbítrio, ela decidiu que permanecerá no espaço intermediário esperando a sua volta. Aí então vocês reencarnarão juntos e sublimarão esse grande amor que foi tragicamente interrompido pela estupidez e a ignorância de um pai descontrolado e inconsequente.

- E Cassiana, qual o seu papel na minha vida?
- Cassiana é um espírito afim com você, poderá até voltar em outra vida como sua irmã, ou até mesmo como sua mãe. Já não é a primeira vez que vocês reencarnam juntos.
- Como Carlota desencarnou desta vez, e eu fui poupado? Tanto assim, que estou aqui?
- Carlota como lhe disse, atentou contra a vida quando lhe perdeu, ficou então cumprindo seu tonos vital em um outro corpo, que lhe foi permitido. No entanto, era um tempo a complementar e assim aos dezenove anos, uma pneumonia a levou de volta. Logo em seguida, você apareceu aqui cumprindo seu carma, pois não atentou contra a sua vida. Você a perdeu sim, vítima de seu algoz. Cumpriu seu tonos vital maior do que o dela e devia um tempo complementar com Angélica, hoje Cassiana. Como vê o amigo, vou

responder por isso junto aos meus Mestres, fui além do que podia, mas como se diz na vida, se não foi bom, foi pelo menos um bem necessário. Agora espero que o amigo entenda e aceite o seu destino. A vida continua.

Dizendo isto, o "velhinho" se despediu e saiu.

Eu e o padre Emílio, nos olhávamos querendo entender. Nos olhos dele eu via perguntas e espanto. O silêncio habitava entre nós, e fui eu que o quebrei.

- Padre, o que me faz admirar, é que o senhor também via a filha da Dona Marieta, embora soubesse que ela estava morta. Ainda assim, duvida do fenômeno da reencarnação?

- Existe a possibilidade de uma ilusão visual, eu a tenho em minha memória.

- O senhor é um homem inteligente e sabe não haver essa possibilidade.

- Pois eu acredito que sim, não existe outra maneira de explicar tal coisa.

- E o que diz o senhor, de eu vê-la se não a conheci em vida?

- Prefiro não dizer nada!

- Padre Emílio, aceite os fatos como verdade, inclusive ela falava comigo, me contestava, isso não pode ser uma ilusão, o senhor não estará pecando em aceitar a verdade.

- Francisco, eu sigo uma religião que não aceita esta teoria e devo obediência a ela.

- O senhor não estará desobedecendo às orientações recebidas, apenas estará reconhecendo uma verdade incontestável.

- Você pensa assim, mas preciso que entenda a minha posição, ou acredito em minha doutrina, ou me sinto pecando.

- Sei que o senhor acreditou em todas as palavras que nos disse o "velhinho", ou estarei enganado?

- Absolutamente, ele é uma pessoa livre de dúvida!

- Aliás, eu nem sei se ele é realmente uma pessoa, ou quem sabe algo além do que imaginamos?

- Você quer dizer que ele é algo divino?

- Nem quero chegar a tanto, mas sou capaz de jurar que ele não é deste mundo.

- E de que mundo será então? Você e suas crenças imaginárias.
 - A filha da Dona Marieta, também era imaginária? Não sei se o padre percebeu que "ele" nunca tomou um café, nem comeu um biscoitinho?
 - E o que tem isso a ver com ele ser sobrenatural?
 - O espírito, padre, não precisa de alimento sólido ou líquido.
 - Acho que a sua imaginação está indo longe demais!
 - Tenho pena de sua cabeça.
 - Porque diz isso?
 - Porque eu vejo claramente o conflito em que ela se encontra, tanto assim, que nem vou falar mais nada, prefiro deixar que o senhor converse consigo mesmo. Faça isso, converse consigo, padre Emílio. Como dizia Thomas Edson: "As idéias brilhantes surgem, quando eu converso com o Senhor Edson".
 - Você está ficando igual ao "velhinho", já até lê meus pensamentos?
 - Sou muito pequeno para tentar me igualar a "ele", mas o seu pensamento qualquer leigo lê, os conflitos estão claros no seu cenho franzino.
-
- Não creio que seja tão visível assim.
 - Bem, meu querido amigo, fique com Deus, porque eu também vou com Ele.

À Noite no Ateliê:

De volta ao ateliê, recostei no sofá e fiquei pensando nas coisas que o "velhinho" dissera na casa paroquial. A vidência manifestada em mim e no padre Emílio, e até mesmo nele. A transferência de ectoplasma, absorvido pelo espírito de Carlota para que se fizesse vista. Lembrei que realmente ela não permitia a minha aproximação, sempre se afastava. Na vez em que quis beijá-la, recuou repentinamente, e senti nela o pavor pela minha atitude. Respondeu-me que não gostava de ser beijada. Talvez estivesse louca para fazê-lo, mas provavelmente se o fizesse, eu iria descobrir que ela era apenas uma visão e tinha consciência disso. Imagino o

seu conflito: querer lutar pelo nosso amor e não poder, pois habitávamos em planos diferentes, além de ver que neste plano eu me entregava aos braços de outra.

Fiquei refletindo as tramas do destino. Que razões teria para separar dois seres apaixonados? Pensar ainda, que o amor além de ser divino é algo indestrutível. Peguei o caderno, anotei a minha conversa com o padre e divaguei escrevendo o que vinha à minha mente.

Estava assim envolvido nas minhas escritas, quando ouvi que alguém subia as escadas. Levantei, fui abrir a porta e para minha surpresa, Cassiana, Cilene e José Eduardo vinham visitar o ateliê e me buscar para jantar.

Cassiana me deu um beijo e falou:

- Senti saudade e aproveitei para trazer o Eduardo que queria conhecer o seu trabalho.
- É muita honra para mim, vocês aqui!
- Agora deixe o trabalho em cima da mesa e venha jantar conosco.
- Com muito prazer!

Fechei o ateliê e descemos juntos, alegres. O delegado, Dona Celestina e os pais do Eduardo, já nos esperavam.

- Meu querido genro, seja bem-vindo, a vida é muito curta; a estrada é longa. Portanto, precisamos aproveitar bem estes momentos onde contamos com a presença dos amigos.
- É meu sogro, o senhor tem razão, a vida é bela quando olhamos com os olhos do coração.
- Nada como ouvir um poeta. Não é mesmo Valadão?
- Os poetas nos dizem o que já sabemos, mas de uma maneira diferente, com um colorido que nós não vemos.
- Como dizia Camões: "Cessa tudo que a musa canta, pois uma voz mais alta se alevanta".
- Viva os poetas e a beleza que a musa inspira, que venham as rimas e o macarrão também, que agora quem fala mais alto é a fome.
- O compadre Nicolau falou bem, o macarrão primeiro e depois então...

- O carré assado com molho madeira.

Todos riram das palavras ditas pela fome. O ambiente descontraído e agradável me deixava à vontade. Eu me sentia feliz. Cassiana ao meu lado completava essa felicidade. Dona Celestina e Dona Rosaly eram duas almas boas, sempre sorrindo muito com as brincadeiras.

Terminado o jantar, voltamos para a sala de visitas, e um licor de jabuticaba foi servido num brinde fraternal e alegre.

Eu e Cassiana, Cilene e Eduardo, que já assumira o namoro para a alegria do velho e matreiro Dr. Nicolau, fomos para a varanda, ali ficando até depois da meia-noite. Levantei, pois percebi o pigarro do meu sogro, avisando que estava na hora de ir para a caminha.

Despedi-me, subi a rua, passei pela porta de Dona Marieta , sempre com a sensação de que Carlota estava ali a me olhar. Fui para o sobrado, onde o sono esperava por mim. Ali dormi profundamente esquecido da vida.

Caminhei em muitos sonhos, abri portas e as passei.

Vi a luz brilhando intensa, muito mais do que já vi
Muita gente caminhando e eu procurando por ti
Talvez fosses a mais branca, tua pele não esqueci.
Por me ver assim perdido, no meio da multidão
Veio um "anjo" bem faceiro, que estendeu a mim a mão
E falou que procurasse, dentro do meu coração
Ali busquei com tal fervor, que ouvi teu grito de amor

Quando te transformaste em flor
Acariciei tuas pétalas com fervor
Tinham da tua pele a mesma cor.
Ouvi que um pássaro cantava, quando o sol na vidraça penetrava
E vinha me dizer bom dia, ainda comigo estava o teu sorriso
E a visão do paraíso tua voz ainda ouvia
Feliz então me levantei, ao Senhor da Vida orei

Me aprontei para sair
Queria andar respirar vida, ver cada um em sua lida

Ver os campos a florir
Plantar sementes de amor felicidade, colorir toda a cidade
Até a porta da Matriz
O povo todo se abraçando, pelas ruas vir cantando
As canções de amor que eu fiz.

Meu Encontro Com Carlota:

Meu Encontro Com Carlota

Desci a rua, como tantas vezes havia feito, passei em frente à casa de Dona Marieta e uma ideia me ocorreu, fui tomar café no bar da rodoviária. Olhei para o ônibus parado e lembrei as vezes em que vi Carlota pela manhã bem cedinho. Senti saudades. Caminhando de volta, me lembrei de olhar na praça procurando o "velhinho". Havia tempo que não o via. Lamentei sua ausência e caminhei até o cemitério. Parei na porta, respirei fundo e resolvi entrar.

Caminhei entre as sepulturas lendo suas lápides, e minha ansiedade aumentava a cada passo que eu dava. Vi que um homem estava limpando e deduzi que ele trabalhava ali. Então perguntei: - O senhor trabalha aqui?
- Há mais de dez anos!
- Saberá-me dizer onde fica o túmulo de uma moça de nome Carlota?
- Ali naquela quadra, a mãe dela vem sempre aqui.
- Muito obrigado, vou até lá.

Passei entre alguns mausoléus e pela terrível sensação de ver na lápide o nome que eu procurava. Ali estava eu contemplando aquela terra que acobertou seu corpo. Uma tristeza profunda me fez chorar, e um enorme vazio à minha volta me dizia que a vida é isso. É esse tão pouco de nada que a terra consome.
Ajoelhei-me, admirei as rosas brancas que se erguiam viçosas, como a vida que supera a morte. Elevei meu pensamento ao

criador, pedi perdão por não entender as razões da vida e ali deixei minha prece, minhas lágrimas, minha saudade.

Caminhei triste. A verdade machuca e ela ali estava diante de mim, incontestável e dolorosa.

Enxuguei meus olhos, vim até a praça, sentei um pouco, voltei a pensar no "velhinho", que em momentos assim costumava aparecer, mas nada. Fiquei um tempo mais, e ele realmente não veio. Então, resolvi ir almoçar com o padre Emílio.

- Vejo que não morre tão cedo, estava mesmo pensando em você. Entre, o almoço já está pronto.

- Vim pelo cheiro do tempero, padre Emílio!

Enquanto almoçávamos, contei ao padre o que tinha feito. Ele me olhou e confessou:

- Quando você andou tendo aquelas visões, tive vontade de lhe dizer a verdade, inclusive sugeri que fosse ao cemitério verificar com seus próprios olhos a dura realidade, no entanto, pensei no quanto seria cruel se assim procedesse.

- Obrigado padre Emílio, por ter me poupado dessa desilusão.

- Você sabe Francisco, há momentos em que eu sozinho nesta minha vida solitária, recolho-me ao meu silêncio, e na solidão desta minha clausura, fico refletindo sobre a vida, seus mistérios e as razões que me confundem. Rezo muito, peço perdão pelas dúvidas que me afligem, meus medos. Espero respostas, mas elas não vêm. Eu gosto do silêncio, pois é nele que encontro comigo, é nele que procuro ouvir Deus, mas também é nele, que choro minhas saudades, meus pais, meus irmãos. Vacilo na fé e nesses momentos sinto que Deus me ouve e me consola, me dá forças. Eu abro a janela, olho a rua e percebo alguém precisando de mim, da minha ajuda física e espiritual.

- Foi num desses momentos que o padre salvou a minha vida. Deus mandou que abrisse a janela.

- É possível que sim!

- É possível não. Com toda a certeza a sua mão se estendeu a mim como uma bênção de Deus. Ele quis nos unir, quis que nos conhecêssemos. Se eu não o tivesse encontrado, a minha vinda aqui seria em vão.

- Eu digo o mesmo de mim, sinto a sua falta quando demora a vir me ver.

Ali ficamos conversando por quase toda a tarde. Despedi-me, feliz pela conversa que tivemos. Aquele desabafo do padre nos fez bem, nos aproximou ainda mais. Hoje somos muito mais amigos do que éramos ontem.

No ateliê, tomei um banho, troquei de roupa e fui ver Cassiana, que foi me buscar na porta, onde trocamos alguns beijos e juras de amor. Ela aproveitou, enquanto seu pai não aparecia, para pedir desculpas pela maneira com que ele agiu. Respondi em tom de brincadeira, para que ela visse que aceitei bem a ideia do noivado: - Pelo que eu estou sentindo, a minha querida noiva está querendo desmanchar o noivado?

- Pois fique sabendo que o que eu quero mesmo é casar.

- E eu posso saber com quem?

- Com um rapaz beijoqueiro que vem sempre aqui.

- É um tal de Francisco, por acaso?

- É esse mesmo e enquanto meu pai não aparece, ele me cobre de beijos, me abraça e diz que me ama.

- Espertinho, não é mesmo?

- Muito espertinho e eu gosto dele por isso, por ele ser assim.

Nesse momento, o delegado chegou à sala e perguntou:

- Quem é o espertinho aí?

- Sou eu doutor.

- Posso saber por quê?

- Porque eu disse que ia lhe roubar um beijo, antes do senhor aparecer.

- Você está vendo, Celestina, o atrevimento do Francisco?

- Faz-me lembrar de você, que fazia o mesmo comigo, ou já esqueceu?

- Isso você está inventando, eu nunca lhe roubei um beijo que não sou homem de me contentar com pouco, eu roubava logo uma porção deles, e você bem que gostava.

- Você está vendo Cassiana? Ainda tem coragem de me chamar de espertinho?

- Peço desculpas. Você tem razão Francisco.

Foi assim descontraídos que sentamos à mesa para jantar. Foi só aí que dei conta da ausência dos meus futuros padrinhos de casamento.

- O senhor Valadão já foi embora?
- Teve que ir, ele é muito ocupado, são muitos negócios para resolver, mas no mês que vem eles estarão de volta.
- E o Eduardo, só vem se for com eles?
- Se o fizer, a Cilene morre de saudades.
- Eu também penso assim, mas posso até jurar, que se for, morrem os dois.
- Será que já chegaram a esse ponto?
- O senhor tinha que ver, como seus olhos brilhavam quando estavam perto um do outro! Não dou uma semana para que ele venha ver o brilho dos olhos dela.

- Eta, Francisco! Você está mesmo torcendo por esses dois.
- Só por eles dois não, por todos nós, afinal, é mais um bom rapaz que vem fazer parte de sua família. Uma prova concreta que os bons juntam-se aos bons, porque se atraem numa afinidade natural e espontânea da vida.

Cassiana aplaudiu minhas palavras, e o delegado falou:

- Você é bom de falação que é danado, Eta, Francisco, que você tinha mesmo que vir se juntar a nós. Admiro esse seu jeito de empregar as palavras, já pode até se candidatar a prefeito!
- Obrigado por me aceitar assim como sou, mas política, não!
- Já pensou como eu vou ficar bem servido? Um tem dinheiro, mas não fala, o outro tem a riqueza do seu talento e por isso, encanta com suas palavras.
- O Francisco é o meu tesouro papai.
- E você Cilene, não diz nada?
- Ainda é cedo meu pai, ainda é cedo!
- Prudência e caldo de galinha nunca fizeram mal a ninguém.
- Você tem razão, Celestina. Aliás, ela puxou a você. Já a Cassiana é mais pro meu lado.

Cassiana ficou toda prosa com as palavras do pai, pois o admira muito.

No dia seguinte, acordei cedo, desci a rua e novamente fui tomar café na rodoviária. Sempre que assim procedia, lembrava de Carlota, das vezes que a via, e senti saudades.

Ao sair, notei uma loja de flores em frente à rodoviária, entrei, comprei umas palmas brancas e segui rumo ao cemitério. A névoa fria da manhã começava a se dissipar. Segui em silêncio entre os túmulos que guardavam o passado. Assim cheguei onde Carlota dormia o sono eterno. Parei, contemplei durante alguns minutos a lápide com o seu nome e algumas lágrimas fluíram dos meus olhos. Foi assim consternado que coloquei as palmas no vaso com água junto a seu nome. Ajoelhei-me, fechei os olhos e erigi a minha prece em favor de sua alma. Falei da minha saudade e do amor que sentia por ela. Lentamente abri os olhos, levantei, e só aí vi que a Dona Marieta

estava de frente para mim, me olhando e admirando. Fiquei um tanto sem graça, e a cumprimentei:

- Bom dia, Dona Marieta, como vai a senhora?
- Estou bem, obrigada.

Vi que continuou me olhando, indagadora. Sua expressão era de surpresa e só então falou:

- O senhor já esteve na minha porta, é amigo do padre Emílio, não é isso mesmo?
- Isso mesmo.
- Chama-se Francisco e mora no Rio?
- Morava. Agora moro aqui, aluguei o sobrado do Doutor Carvalho.
- Seja bem-vindo!
- Muito obrigado.
- O senhor me permite lhe fazer uma pergunta?
- Quantas a senhora quiser.
- O senhor conheceu a minha filha?
- Sim, não, não, infelizmente, mas gostaria de tê-la conhecido.
- Então, qual a razão do senhor lhe trazer flores e oferecer sua prece?
- Talvez pelo nome, uma coisa minha, um sentimento maior.
- Como assim? O que tem a ver o nome dela e os seus sentimentos?

- É difícil de entender, talvez seja de outra vida, eu mesmo não sei, são os mistérios de Deus.
- O senhor disse de outra vida, é isso?
- Talvez, quem sabe? Faz tempo, são coisas do passado.
- Me explique melhor, estou confusa com as suas palavras.
- Existiu há tempos idos, uma moça chamada Carlota.
- E o que tem a ver essa moça com a minha filha?
- Ela foi importante na minha vida, um grande amor nos uniu, e quando o padre Emílio me contou de sua filha, talvez em virtude do mesmo nome, senti uma vontade muito grande de visitar seu túmulo, por isso as flores e a minha prece.
- Suas palavras me comovem, eu muito lhe agradeço e lamento que não a tenha conhecido. Minha filha era um doce, meiga, carinhosa.

Deus a levou muito cedo, o senhor não imagina o meu desespero. Foi muito difícil me acostumar sem ela, foi o padre Emílio que me ajudou. Venho aqui todos os dias, pois é uma maneira de me consolar. Conversar com ela me faz bem.

- Lamento profundamente, mas ainda assim, resta-nos acreditar que Deus sabe o que faz, embora a dor seja terrível.
- Se me fosse dado a escolher, eu iria no lugar dela, ou pelo menos junto com ela, mas não somos nós que escolhemos, não é mesmo?
- É, cada um com a sua missão, seus carmas, afinal, ninguém foge do seu destino, um dia seremos nós também.
- O senhor tem razão, a deduzir pelas suas palavras, vejo que é espírita.
- Sou sim senhora, sou Kardecista, ou pelo menos tento seguir as palavras de Jesus.
- O padre Emílio sabe disso?
- É claro que sim. Somos amigos e nos respeitamos. Acreditamos no mesmo Deus e lemos a mesma bíblia. Ele com as crenças dele, e eu com as minhas.
- Eu também sou assim, católica pela tradição de família, mas gosto muito da doutrina Kardecista, leio sempre o livro dos Espíritos. Ele responde às minhas perguntas de uma maneira que eu entendo, assim aceito melhor as coisas, me ajuda ainda a aceitar a perda

dolorosa, e me faz acreditar que minha filha está bem, que veio apenas cumprir uma curta missão.

- Kardec prega o amor fraternal, a humildade, nos faz entender que somos todos irmãos, que a caridade é o caminho que nos conduz a Deus.

- Conversar com o senhor me fez muito bem, gostaria de lhe convidar a tomar um café na minha casa.

- Eu também gostei de tê-la encontrado aqui, e o prazer será todo meu em aceitar o seu café.

- Só não repare a casa, é muito humilde e modesta.

- O importante num lar são as pessoas que a habitam.

- Concordo. O que conta mesmo é o que a gente tem no coração.

- É isso mesmo, Dona Marieta.

Chegamos à sua casa, entrei, e ela mandou que eu me sentasse. Enquanto esperava servir o café, olhei discretamente em toda a volta. Os móveis antigos, bem conservados, alguns quadros na parede, inclusive retratos de Carlota, muitos de quando ainda era menina. No quarto em frente à sala, a porta aberta me permitiu ver uma pintura a óleo, retratando uma jovem muito branca e bonita. Firmei meus olhos nela, e uma estranha sensação tomou meu pensamento.

Pareceu-me conhecê-la. Então, perguntei à Dona Marieta, que me respondeu:

- Pelo que me consta, é alguém da família, coisa de muitos anos e que vem passando de geração em geração, minha filha dizia que era ela.

- É bem possível que sim, quem sabe?

- Porque o senhor diz isso?

- Alguma coisa dentro de mim diz que sim, que é ela mesma.

- O senhor quer dizer, que seja um caso de reencarnação?

- E porque não? Como a sua filha se referia a esse retrato?

- Às vezes eu entrava aqui no quarto e a surpreendia olhando para o quadro, como se procurasse nele alguma coisa que ela sentia existir. Eu então lhe perguntava por que o admirava tanto, e sua resposta era sempre a mesma: "Tenho a certeza que sou eu mesma".

- Sou capaz de jurar que já vi esse quadro, não aqui, mas em outro lugar, em outro tempo.

Ao ouvir tais palavras, algumas lágrimas desceram em seu rosto. Fiquei emocionado, pois existia uma verdade que me dizia e que eu sentia, algo inexplicável. Dona Marieta observou a minha reação e me perguntou:

- Interessante, o senhor também se emocionar com o que ela dizia.
- Sou assim, emotivo, sentimental. Não sei explicar.

- Não creio ser só isso. Observei o senhor enquanto olhava o quadro e percebi uma certa cumplicidade com o que ela falava. O que houve afinal entre o senhor e ela? Alguma vez esteve nesta cidade enquanto ela era viva? Por acaso a conheceu?

- Posso lhe garantir que não, lamentavelmente não.

- Chamou-me a atenção o senhor estar rezando no túmulo dela. Ninguém reza para estranhos. Percebi ainda que estava compenetrado e triste, como se rezasse por alguém que muito amou. Diga sinceramente, o senhor mesmo não acha isso estranho?

- Até pode parecer, como a senhora observou, eu estava rezando como se a amasse profundamente, alguma coisa além de mim. Como já lhe falei, não sei explicar.

- Ela algumas vezes me disse, que o amor da vida dela viria buscá-la, e que viria de longe, não acha tudo isso muito estranho?

- Quem pode entender a vida e as linhas por onde Deus escreve?

- É, o senhor tem razão, quando em seus últimos instantes, ela olhou para mim e quase sem forças me disse: "Ele não veio".

- Perguntei, quem não veio? Respondeu-me : "O amor da minha vida".

- Eu sei que ela esperou por ele, sabia que viria, mas infelizmente chegou tarde.

- Quem chegou tarde? Não estou entendendo?

- A senhora vai entender, quando eu lhe contar uma longa história.

Nesse instante, Dona Marieta, que estava se segurando para não chorar, desabou em lágrimas toda a sua saudade.

Tentei confortá-la, e ela chorando muito me disse:

- Esse amor que vinha de longe e que chegou tarde, agora eu sei que é o senhor, tenho certeza.

Fiquei olhando para ela sem nada responder. Tomei o café, despedi-me levando comigo a certeza de que ela sabia que eu viria. Prometi voltar para lhe contar a longa história.

Depois do almoço, li um pouco, registrei o ocorrido entre mim e Dona Marieta e, em seguida, fui até a praça, na esperança de

encontrar o meu amigo "velhinho". Esperei uma meia hora e nada, resolvi então ir conversar com o padre Emílio, pois ele precisava saber dos acontecimentos. Toquei a campainha e logo ele apareceu.

- Francisco! Que bom vê-lo, já estava estranhando sua ausência.

- Tenho umas boas para lhe contar.

- Se são boas, não me faça esperar.

Narrei tudo ao padre, desde as flores até cafezinho e a tela pintada.

- É, tem horas que eu chego a acreditar que você tem mesmo alguém do "outro lado" que lhe ajuda, e lhe diz essas coisas.

- Tenho mesmo padre, pena que o senhor duvide. Isso é de lamentar.

- Duvidar, eu não duvido, só não quero acreditar.

- O senhor agora me lembrou do "velhinho".

- É verdade, ele gosta desses trocadilhos, por falar nele, por onde tem andado, que não apareceu mais? Pelo menos não aqui na casa paroquial.

- Não o vejo desde aquele dia em que estivemos juntos.

- Talvez esteja doente, quem sabe?

- Ele já não pega doenças padre Emílio, está imune às moléstias da carne.

- Você continua insistindo que ele não é humano?

- Assim me parece, ele está acima das nossas verdades.

- Você prometeu à Dona Marieta que iria lhe contar uma longa história?

- É padre, não sei se fiz bem em lhe prometer?

- Pense bem no que vai lhe dizer, ela talvez não esteja preparada para saber de certos enredos, de certas visões.

- Padre Emílio, fique sabendo que gostaria imensamente de lhe falar das visões, acredito que a faria feliz, saber que a filha vive e está bem.

- Por outro lado...

- O que teria de errado, padre Emílio?

- Já pensou no desespero dela, saber que a filha apareceu para você? Que esteve na casa dela com a mãe, sem se deixar ver?

- Também já pensei em tudo isso, no entanto, pode até ser bom para ela.

- Acho bom você ir com calma, pense bem primeiro e escolha bem as palavras.

- É, tem razão, padre. Por hora vamos deixar como está. Agora me responda com sinceridade, o que o senhor acha do que ela me falou sobre a tela com o retrato pintado?

- Uma cisma como outra qualquer. As pessoas criam imagens, sonham e alimentam essas idéias. Quando morrem cedo então... Dizem que parecem com a tal santa, com figuras divinas. Quantas mães me procuram para saber de mim, se a filha não parece uma santa? Uma até me disse que a filha dela parecia com a Santa Terezinha, de quem era devota fervorosa.

- As mães veem com outros olhos, olhos do amor e da veneração. Não vejo nisso nenhum pecado, pelo contrário, o senhor deveria alimentar nelas esses sonhos.

- Ora Francisco, faça-me o favor...

- Aliás, tenho feito um bocado deles, quando tento lhe mostrar um mundo que o senhor vê e sabe que existe, mas teima em negar.

- Lá vem você pondo certezas nas palavras que diz, sobre o que você acha que eu penso. O que eu acho ou penso, é meu, não cabe a ninguém querer mudar.

- Desculpe, padre Emílio, o senhor tem razão. Por falar em razão, eu já vou indo que quero escrever um pouco, antes de ir ver Cassiana.

- Não fique aborrecido, estamos apenas defendendo pontos de vista.

- Não tenho nenhuma dúvida nisso padre, nem estou aborrecido, pode ficar descansado.

Despedi-me, sentindo que não gostou do que eu disse, mas um dia quem sabe ele acorda.

Fui para o atelier, pois sentia vontade de escrever a saudade, talvez de Carlota. Aquela conversa com a mãe falava dentro de mim e acendeu sua imagem em meu pensamento.

Sentei à escrivaninha, peguei papel e comecei a escrever.

Se Poeta eu Fosse:

Se poeta me fazer pudesse
E as rimas como uma prece

Brotassem de mim em flores

Teriam dos anjos a leveza
E ainda, com toda a certeza
Teriam o lirismo das cores.

Se poeta me dizer pudesse
E a musa a beijar me desse

O doce sabor do pecado
Eu falaria de amor tanto, tanto
Num sentimento tão puro, tão santo
Que morreria a ti abraçado.

Se poeta me sentir pudesse
E aos meus braços a musa viesse
No silêncio do quarto acordado
Ainda que a noite se fizesse escura
Eu teria em ti, a luz tão pura
De um eterno coração apaixonado.
Se do poeta em mim houvesse
Um pouco apenas do que Deus me desse
Dessa verve rica, que do peito brota
Eu faria a rima, como minha prece
O calor que em meu peito aquece
A dizer da Santa, que eu chamei Carlota.

Meditando:

Percebi que o dia já se despedia, e a luz se mostrava escassa. Tomei um banho, fiz a barba, me vesti para ir ver Cassiana, embora Carlota ainda estivesse em meu pensamento.

Sempre que me ponho a meditar sobre a vida, os rumos que decidimos tomar, as surpresas do destino, as ilusões que nos tentam, as razões que nos guiam, sinto que realmente existe algo superior, além de tudo e de todos. Algo que não consigo explicar, mas que está lá, naquela esquina esperando por nós. Gosto muito de ficar sozinho e buscar no silêncio as respostas que necessito. Não é curiosidade, é antes de tudo, uma grande vontade de saber, de poder entender as razões do meu existir. Por que estou aqui? Qual a finalidade da vida? O porquê das atrações e das rejeições entre as pessoas? Os enredos em que nos envolvemos? As coisas que fazemos por amor, por paixões desenfreadas, que nos levam a cometer loucuras? A dor, o sofrimento, o porquê de vidas regaladas de fartura, enquanto outros sucumbem na penúria? Afinal, por que é assim? Resgates ou injustiças? Onde estarão essas respostas? Quem tem na mão a caneta que escreve esse roteiro, que determina nossos passos?

São horas esquecidas em que converso comigo mesmo, momentos profundos de meditação, quando mergulho no silêncio da minha alma, e lá procuro por Deus, o Senhor da vida. Quantas vezes escuto em sussurro o que o Mestre me diz? "No silêncio me encontrarás, pois nele estarás comigo".

Nestes momentos, me sinto envolvido, não sei explicar, mas é aí que me vem a vontade de escrever, escrever, e eu escrevo, escrevo páginas e mais páginas numa impulsividade incontida e incomum. Os assuntos, não os discuto, escrevo o que vem, numa certeza e sem dúvidas.

É assim que surgem os nomes, as datas e as histórias que vos conto. Sinto que elas existiram em outro tempo, em algum lugar. Isso me alimenta, seduz a minha alma e eu vivo cada personagem, cada fato, com a intensidade de uma verdade que existe e que me leva à emoção das lágrimas, à beleza das rimas, à ilusão dos sonhos.

Ali, no enredo da trama, eu caminho entre as linhas do caderno, na ponta da caneta que escreve e determina os passos que eu dou.

De repente, me dou conta do quanto divaguei entre as palavras, que me conduziram ao sonho, em busca da verdade. Só então, acordo para a realidade, para o minuto que existe e não espera por mim. Largo a caneta, companheira e amiga em cima do paciente caderno, que sempre espera pela inspiração que me leva a escrever.

Caminho apressado, estou atrasado, e Cassiana espera por mim. Deixo o mundo de uma dimensão maior. Meu pensamento agora procura a realidade de um tempo, onde a matéria predomina sobre o espírito, e é aí que vivo estes momentos, onde o destino me inscreveu para viver novas histórias.

Ao longe, já avisto Cassiana no portão. Acelero o passo e alcanço o seu sorriso, e quando mais perto os seus beijos, cheios da mesma saudade que eu sinto.

Já de mãos dadas entrando em casa, ela reclama:
- Posso saber o que o senhor meu noivo, estava fazendo de tão importante, que deixou a ansiedade me atormentar, durante esses longos quinze minutos?

- Estava brigando com essa mesma ansiedade enquanto escrevia.
- E o que escrevia de tão importante?
- Algumas palavras que me vinham à mente, coisas sem importância.

Entramos em casa, e logo os demais familiares vieram ocupar a mesa. O delegado se mostrava amistoso e feliz.

- Como vai a sua pesquisa Francisco? Desistiu do que procurava?
- Continuo insistindo. Já consegui alguns dados muito importantes.
- Afinal, essa sua procura é mesmo só para escrever um romance, ou nas entrelinhas tem oculta alguma herança?
- O senhor, pelo que vejo, ainda alimenta dúvidas?
- É natural que eu pense assim, acho muito sacrifício seu, apenas para contar uma história.
- Naquela ocasião em que nos encontramos pela primeira vez, era até aceitável que o senhor pensasse assim, mas agora, já não vejo

razões para que continue com dúvidas sobre o meu trabalho e a minha pessoa. Afinal, pensava eu já ter conquistado a sua confiança, no entanto pelo que vejo...

- Não se trata disso Francisco, apenas aventei essa possibilidade. Se eu não tivesse confiança, você não estaria aqui agora, na condição de noivo da minha filha.
- Também pensei que não.

Neste momento, Dona Celestina interferiu:

- Essa conversa não está nada agradável, portanto, vamos falar de outras coisas.

Cassiana também interrompeu:

- Quando será que o Zé Eduardo volta?
- Não sei não minha irmã, pelo que ele me prometeu, já era para ter aparecido por aqui. Vai ver arranjou quem lhe agradasse mais do que eu.
- Não é nada disso, ele trabalha com o pai e têm muitos negócios para cuidar.

Eu ainda muito chateado com a conversa do Dr. Nicolau, me mantive calado, afinal a insinuação dele foi bastante desagradável. Cassiana ficou preocupada e procurava me compensar com seus carinhos. Dona Celestina levantou e serviu um licor de jabuticaba.

- Olhe aí, Francisco, o licor que você gosta com aquele queijinho do Seu Tião e os biscoitinhos feitos por Cassiana.

- Muito lhe agradeço a gentileza.

Eu estava rezando para que a hora passasse, não me sentia bem. Cassiana então me puxou para a varanda, e o pai percebeu a atitude da filha, em procurar melhorar o ambiente.

- Francisco, eu não quero ver você assim. Sei que meu pai foi deselegante, mas também não é motivo para você se fechar desse jeito.

- Talvez você tenha razão, bobagem minha, mas eu sou assim, o que posso fazer?

- Não chamei você para cá, a fim de discutir razões, mas apenas para desfazer esse clima desagradável e também porque estou com

saudades daqueles beijos. Tem bem uma hora que você me deu o último.

Dizendo isso, me abraçou e trocamos alguns beijos e carícias antes de voltarmos à sala.

A hora passou, despedi-me de todos e voltei para o meu ateliê. Escrevi mais um pouco, vim até a sacada e contemplei as estrelas pensando: "Será que o mundo dos espíritos é para lá? Que mundo será que eles habitam? Onde estará Carlota, nesta hora em que a procuro na vastidão imensa?"

Os mistérios são muitos, as respostas são poucas, e o universo é assustador. Neste momento, me sinto tão pequeno que chego a ter medo. Que verdades escondem a escuridão da noite? A solidão me chama para a cama, eu obedeço e tento dormir agarrado a ela.

Pela manhã, já acordado, li um pouco, e vim novamente até a sacada olhar a rua. As pessoas passando apressadas, as portas do comércio se abrindo, os pássaros cantando, enfim, a costumeira sinfonia do amanhecer.

Desci, fui até a rodoviária tomar um café, quando de volta encontrei Cassiana e Cilene.

- Vejo que o dia tem razões para estar mais bonito, não é sempre que se veem anjos passeando pelas ruas.

- São anjos à procura de um anjo que os acompanhe.

- Não me farei de rogado, mas gostaria de saber aonde me levam esses anjos?
- Primeiro quero saber, como você passou a noite?
- Pensando em você e sonhando acordado.
- Eu também, tinha a sensação que você estava a meu lado.
- Aonde vão vocês, afinal de contas?
- À rodoviária.
- Vão viajar?
- Vamos esperar uma prima, por parte do pai, ela mora no Rio.
- E o que vem fazer? Passear?
- Quer passar uns dias aqui, vem pesquisar a história de Ouro Preto.

- Mais uma pesquisadora, ou será que vem em busca de herança?
- Você ainda não esqueceu, não é mesmo?
- Esqueci sim, isto foi apenas uma brincadeira.
- Então me dê o braço e venha conosco.
- Com muito prazer. Não quer mais nada, só o braço?
- Beijo nem pensar, aqui na rua é escândalo na certa. Você não conhece este povo?
- Vai ficar me devendo esses tantos.
- Logo mais eu pago com juros.

Cilene apenas sorria. Era muito calada e meiga. Sentamos nos bancos da rodoviária e ali ficamos esperando o ônibus, que ainda levou bem uns vinte minutos para chegar.

A prima era uma moça bonita, olhar malicioso e expressão delicada. A princípio, não foi de meu agrado que viesse conviver com minha noiva. Moça do Rio de Janeiro, acostumada a certas liberdades.

Cassiana percebeu a minha reação e perguntou:

- O que houve com você? Não gostou dela?
- Para ser sincero não, gostaria que você não lhe desse trela.
- Como posso? É minha prima e vai ficar lá em casa, não tenho como evitar. Talvez você esteja sendo precipitado em seu julgamento.
- Vamos ver, o tempo dirá se eu tenho razão. Espero que a presença dessa moça, não venha a acabar com o nosso noivado.
- Nossa Francisco! Que pensamento negativo esse seu.

- Vamos pagar para ver.

Acompanhei-as até sua casa, me despedi e caminhei até a praça.

Meu coração estava angustiado, parecia prever alguma coisa. Sentei no banco e ali permaneci por algum tempo. Para minha surpresa, quando já estava para ir embora, o "velhinho" surgiu de repente, sorriu e falou: - Por que essa pressa? Temos muito que conversar. O dia mal começou, e a surpresa agradável acabou deixando sequelas.

- O senhor demorou a vir, mas pelo que vejo já chegou bem informado.

- Bem informado não, estamos nos primeiros pingos da tempestade, e já está nos assustando.

- Então pelo que vejo, o senhor concorda comigo?

- Talvez sim, talvez não, existem flores bonitas com espinhos venenosos, mas seu perfume é quase sempre sedutor e envolvente.

- Concordo com o que o senhor está dizendo e me preocupo.

- Cassiana é moça ajuizada, Cilene também. São flores sem espinhos, fragrâncias suaves.

- Mas não têm maldade e podem se deixar levar pela malícia e as falsas ilusões de uma moça diferente.

- Por enquanto o céu está limpo, e você precisa acreditar em você.

- É, mais uma vez o senhor tem razão, vamos esquecer isto, porque amanhã é outro dia.

- E como vai o amigo padre Emílio? Ainda teimando sem querer ver?

- Acho difícil conseguir que mude de opinião.

- Ele está em conflito. Depois da vidência que lhe permitiu ver Carlota, ele já se contesta, embora não queira admitir.

- Gosto muito dele, queria que visse as verdades que aparecem claras aos nossos olhos.

- Ele chega lá, lhe garanto que já está mais perto do que você imagina.

- Mas por onde o senhor tem andado?

- Não tenho andado, por isso não apareci durante esse tempo, falei demais.

- Estava de castigo?

- Quase isso, talvez nem tanto, mas que assim se diga.
- O senhor e suas respostas enigmáticas Aliás, como sempre.
- Fáceis de entender, se as vírgulas estiverem nos lugares certos.
Dei um sorriso, pelas respostas espirituosas e apropriadas dele.
- Ainda ontem o padre comentou comigo a seu respeito. Queria notícias suas, perguntou se não estaria doente?
- Você respondeu como devia, mas ele pensa diferente, é um bom homem, um espírito iluminado.
- Podemos ir lá agora, ele gostará de vê-lo.

- Acredito que sim, o que incomoda é o que eu digo e não a minha presença. Contudo será muito bom revê-lo.

Levantamos e, antes de seguirmos para a casa paroquial, o "velhinho" mais uma vez me surpreendeu.

- Antes que eu esqueça, trago-lhe um recado.
- Se é de quem eu penso, estou ávido por saber.
- De quem mais poderia ser?
- Diga logo que estou saudoso de notícias dela.
- É sobre o retrato.
- Qual retrato?
- A tela pintada. Ela gostou que você a visse.
- Eu sei que é ela ali retratada, não tenho dúvida alguma.
- São os mistérios da vida. O tempo passa, mas existem momentos que ele não apaga.
- Dona Marieta gostaria de saber desses fatos, isso muito lhe agradaria.
- Vá com calma, você terá que prepará-la para que isso lhe faça bem. Eu o ajudarei.

Assim fomos conversando até a porta da casa paroquial. Quando o padre Emílio nos viu, demonstrou sua alegria.

- Sejam bem-vindos a esta humilde morada!
- Uma humilde morada, onde a graça de Deus se faz maior.
- Com toda a certeza, Francisco, principalmente para aqueles que a trazem no coração, não é mesmo padre?
- Que são uns poucos privilegiados, acredito eu, outros apenas necessitam.
- E como vai o nosso amigo pároco?

- Graças a Deus, com saúde, em paz comigo e com a comunidade.
- É muito bom ouvir isso, roguemos ao Senhor para que se estenda essa paz ao mundo inteiro.
- É, mas o senhor sabe bem o quanto é difícil.
- Para Deus tudo é possível. Os homens se afastam da verdade, criam ilusões, contaminam-se pela ganância, pelo poder e permitem

que a mentira crie raízes. Pensam em ganhar e, no entanto perdem cada vez mais. Cegam-se à verdadeira razão da vida e não conseguem ver o que de mais lindo existe: A luz, o amor e a graça de senti-lo.

- Muito bonitas as palavras que nos disse o senhor.
- Mais bonito do que dizê-las, é vivê-las intensamente, com sabedoria e humildade.
- Por favor, sentem-se e aguardem um pouquinho, que vou coar um café para nós.
- Não se preocupe, padre Emílio, viemos apenas lhe ver e pedir a benção de Deus.
- Vocês já foram abençoados no berço.
- Mas de vez em quando, é bom renovar essa graça.

Eu tomei o café, mas o "velhinho" tornou a recusar, inclusive os biscoitos e o queijo. Olhei para o padre que entendeu o meu olhar.

- Gostaria de pedir desculpas pelas minhas teimosias, talvez em algumas coisas vocês tenham razão.
- Deixemos as razões de lado, afinal não é isso que importa.
- Somos amigos, e isso sim é o que conta.
- É, realmente, Francisco, a amizade é sinônimo de amor.

Ali ficamos por umas poucas horas, e eu senti que o padre Emílio estava mais amistoso e já aceitava voltar ao assunto da filha da Dona Marieta. Despedimo-nos e seguimos em frente. Sentamos um pouco ainda no banco da praça e depois fomos até o meu ateliê.

- Estou feliz que esteja aqui comigo. Até que consigo vê-lo num dia sem muita pressa.
- A pressa é sempre relativa, mas nem sempre resolve. Há momentos em que a calma ajuda mais.
- Nisso, eu estou de acordo.

- Francisco, eu vim até aqui para preveni-lo. Vejo que o amigo passará por problemas com a prima de sua noiva. Meça sempre suas palavras para com ela e resista às tentações, pois ela é bastante dissimulada.

- Eu lhe agradeço o conselho e procurarei ter muito cuidado.
- Existem pessoas que se sentem bem em estragar a felicidade dos outros. Os abutres e os pelicanos voam rasteiro. Pense nisso e procure voar alto. Agora fique com Deus. O tempo caminha, e eu preciso ir caminhar também.

- Muito obrigado por suas palavras e pela sua presença entre nós.

Fiquei sozinho pensando no que ele me falou e nos seus conselhos. Pelo visto, ele reforçou o mesmo que estava em minha mente, sobre a prima de Cassiana. Escrevi os acontecidos do dia em meu caderno de anotações e me preparei para ir namorar.

Descendo a rua, reparei que ela não estava me esperando no portão como era de costume. Estranhei o fato, e quando ela veio me atender à porta, comentei:

- Pelo que vejo, a minha adorada noiva esqueceu de mim?

- Apenas quis fazer suspense, para ver se você notava.

- Se é assim, é claro que passei no teste.

- Com toda a certeza.

- Lamento pelos beijos que não ganhei, como de costume antes de entrar em casa.

- Assim, valorizamos mais as oportunidades.

- Pelo que está me parecendo, você está lendo outra cartilha diferente da que estava lendo?

- Não existe outra cartilha, acredite. Os meus sentimentos são os mesmos em relação a nós dois.

Estávamos assim conversando, quando a sua prima Iolanda apareceu. Muito gentil, fala mansa e olhar dissimulado.

- Como vai Francisco, tudo bem?

- Graças a Deus, tudo em paz.

- Soube pela minha prima, que você também pesquisa alguma coisa, aqui em Ouro Preto?

- É, realmente, vim parar aqui com essa finalidade.

- Não sei se encontrou tudo que procurava, mas uma coisa é certa, encontrou o amor, não é verdade?

- Além das outras coisas.

- E sobre o quê você pesquisa?

- Sou escritor e minha pesquisa é voltada para o romance, histórias, paixões, dramas vividos nesses casarões em tempos idos. E você?

- Eu sou voltada para o lado histórico e político, fundação da cidade, os nomes que se destacaram, a economia produtiva, enfim, tudo que diz respeito ao sócio, histórico, cultural e econômico.

- É por simples curiosidade, ou faz parte de algum trabalho da faculdade?

- As duas coisas. Gosto muito desse assunto.

- Muito bem! E onde anda meu sogro que ainda não apareceu?

- Papai está viajando, foi ao Rio de Janeiro resolver assuntos relativos ao trabalho.

- Dona Celestina e Cilene?

- Cilene está triste e chateada, o namoradinho não veio e nem deu notícias. A mãe está lá dentro consolando-a.

Olhei para Cassiana e fiz sinal com os olhos para irmos para a varanda. Ela entendeu, levantou, me puxou pela mão e caminhamos para lá, mas para meu desgosto, a prima nos acompanhou. Tenho certeza que fez com a intenção de incomodar. Cassiana percebeu minha contrariedade, e eu reagi aborrecido.

- Hoje vou embora mais cedo, tenho um serviço para fazer.

- Não vai embora nada, vou lá dentro ver minha mãe e preparar um lanche para nós.

Dizendo isto, levantou e foi proceder ao prometido, me deixando ali com a prima, que logo que se viu sozinha comigo, mostrou o quanto é artilosa me falando com lânguida voz: - Posso perguntar uma coisa?

- O que você quiser.

- Você gosta mesmo da minha prima, ou aproveitou o bom partido?

- Como assim?

- Moça boba do interior, filha de família rica e além de tudo isso, bonita.

- Lamento profundamente a sordidez da sua pergunta, não sou homem caça-dotes e realmente, gosto de Cassiana.

- Será?

- Com toda a certeza do meu coração.

Nesse instante, Cassiana entrou e ainda escutou minha resposta.

- O que é com a certeza do seu coração?

- Foi porque eu perguntei se ele gostava realmente de você.

Cassiana olhou para ela com certa contrariedade e falou:

- Por que você fez tal pergunta? Acha por acaso que eu não tenho atributos capazes de fazê-lo me amar?

Iolanda ficou sem graça, mas logo se recuperou e com o olhar de falsa inocência, voz e trejeitos de santinha, explicou:

- Nada disso, minha prima, eu apenas quis ver o que ele dizia, afinal sou sua prima, quero vê-la feliz, e depois você sabe como são os homens.

- Eu não incluo o Francisco, entre os homens de que você fala. Se eu o amo e o aceito na minha vida, é exatamente por achá-lo uma pessoa especial e digna do meu amor.

Dona Celestina pelo que pareceu, escutou que o clima estava muito desagradável e apareceu na sala.

- Vamos acabar com essa falação e tratem de sentar à mesa enquanto o chocolate está quentinho.

- Chegou em boa hora, eu já estava sentindo falta dele, da senhora e de Cilene também.

Foi uma boa esfriada no assunto, gostei da reação e da resposta de Cassiana. Sentamos à mesa e Cilene apareceu. Estava triste e eu procurei consolá-la.

- Não fique triste, minha cunhada querida. O seu pai já disse diversas vezes, que eles são muito ocupados.

- E por que não telefona?

- Muito simples, deve estar em alguma área que não tem sinal. Garanto para você que a esta hora, ele está pensando em você e doido para vê-la.

Depois destas minhas palavras, ela deu um sorriso e falou:

- É, talvez você tenha razão, Francisco.

- Quer apostar comigo? Tenho certeza do que estou lhe dizendo.
- É isso mesmo minha filha, o Francisco tem toda a razão.
- O José Eduardo está apaixonado por você minha irmã. O brilho dos olhos dele quando a vê, não engana ninguém.

Cilene demonstrando alegria, alimentada pelas palavras consoladoras da irmã e das minhas também, veio para a mesa conosco. O chocolate quentinho com os biscoitos de araruta descia que era uma beleza, alimentando a nossa gula.

A noite seguiu tranquila. Cassiana me puxou para a varanda e satisfiz a fome de beijos que nos matava. O relógio já se aproximava da meia-noite quando me despedi de todos e fui para os meus aposentos. Depois de escrever umas poucas páginas, adormeci. Os sonhos me levaram em suas asas até onde estava Carlota, que dormia em paz enquanto esperava por mim. Uma nova vida, a redenção de um amor que muito lutou para ser feliz.

Pela manhã acordei cedo, vim até o bar do Marinho tomar um café e perguntei por sua família;

- Como vai o Sr. Tião e Dona Mariquinha?
- O pai sempre manda lhe dizê, que a casa continua com a porta aberta.
- Preciso voltar lá. Também sinto saudades, agradeça a eles por mim.

Saindo dali, voltei para o ateliê, pois precisava escrever, pintar, ficar comigo, alimentar minha alma, respirar meu ambiente, ouvir o silêncio.

Custou-me dar conta da hora. Quando percebi, a fome já apertava meu estômago. Desci para almoçar e voltei para o ateliê outra vez. Coloquei uma tela no cavalete e comecei a pintar. Precisava sentir o cheiro da tinta, fazer surgir na tela o que trazia no pensamento. Ali fiquei esquecido da vida. Eu consigo, viajando entre letras e tintas.

Foi apenas por volta das dezenove horas, que ainda ali envolvido com as coisas que me dizia o silêncio, que percebi alguém subindo as

escadas. Pelo barulho, era mais de uma pessoa. Levantei para ver quem era.

- Realmente o céu é divino, e o paraíso existe, eu estava lá e procurava pelos anjos e vejo que eles vieram até mim.

- E é por isso que eu te amo muito!

Dizendo isso, Cassiana me abraçou apertado e me beijou com ardor. A prima demonstrando inveja, falou:

- Nossa! Até parece que faz mais de um ano que não se veem.

- Quando o amor é grande e verdadeiro, um minuto pode parecer a eternidade, assim como uma hora, pode parecer nada mais que um minuto.

- Quanta filosofia! Pelo que vejo, o poeta hoje está inspirado.

- Engano seu, Iolanda, esse meu amor está sempre assim, não pense que isso é só hoje.

- Quem ama está sempre iluminado, pois tem a rima certa para falar o que sente (respondi).

- Iolanda quis conhecer o seu ateliê e ver seus quadros. Deixamos para vir a esta hora, pois assim já o levamos para jantar com a gente.

- Desse jeito, as minhas preces de hoje serão dobradas. Tenho muito a agradecer ao Senhor.

Sáimos do ateliê caminhando alegres. Cassiana de braço comigo estava imensamente feliz, e Iolanda deixava perceber a sua inveja.

Meu sogro já de volta da viagem, me cumprimentou efusivamente: -

Meu querido genro, é um prazer ter a sua companhia para o jantar.

- O prazer é todo meu, Dr. Nicolau.

- É melhor dizer que é de todos nós. Essa é a verdade (completou Dona Celestina).

Dr. Nicolau estava radiante e logo percebi o porquê.

- Pois é, Francisco, hoje recebi uma boa notícia.

- Só o senhor não, mais alguém aqui também.

Ao dizer isto, Cassiana fez sinal para mim em direção a Cilene. Logo percebi do que se tratava.

- Acho que sou capaz de adivinhar que boa notícia foi essa, pois está estampada nos olhos de Cilene.

- Você é danado mesmo, Francisco!

Dona Celestina completou:

- O compadre Valadão e a comadre Rosely estão vindo aí. Devem chegar na sexta-feira.

- E o José Eduardo? Também vem?

- Acho que não.

- Não diga isso, que Cilene tem um ataque (respondeu Cassiana).

- Estou curiosa para conhecer esse príncipe encantado.

- Mas fique sabendo de antemão que ele já tem dona (retrucou Cilene).

- Ô Francisco, gostaria de saber de você, já mandou fazer as alianças?

- Está faltando a Cassiana ir lá tirar a medida.

- Pois então tratem de aprontar para esta semana, senão vamos passar por mentirosos.

- Amanhã pela manhã, o Francisco me leva lá.

- Às oito horas, está bem?

- Combinado!

Nesse momento, Lolanda passou por mim e falou baixinho:

- Você não acha que é cedo?

Disfarcei com medo que Cassiana ouvisse e falei:

- É cedo que se começa o dia. Agora preciso ir que está na hora. Os donos da casa querem dormir.

Cassiana levantou, me acompanhou até o portão e me fez a seguinte pergunta:

- Por que você disse que é cedo que se começa o dia?

- Em razão de termos combinado a hora de ir tirar a medida das alianças.

- Foi só por isso mesmo?

- Claro que sim. O que mais poderia ser?

- Sou capaz de jurar, que percebi Lolanda dizer alguma coisa para você.

- Eu não percebi, nem escutei nada.

- Estou começando a não gostar da presença dessa prima aqui em casa.

- Eu avisei você, não avisei?

- Realmente sim e acho que você tinha razão.

- Mas não se preocupe, eu amo você, e isso é maior que qualquer inveja ou qualquer outro veneno.
- Espero que sim, por favor, não me decepcione.
- Jamais o faria.

Trocamos alguns beijos, ela entrou, e fui para casa. Os acontecimentos de hoje, mais os comentários de outro dia feitos por Iolanda, começavam a me preocupar. Ela se mostrava perigosa.

A Ida ao

A Ida ao Ourives:

Ourives

Acordei cedo, fiz a barba e saí para tomar café. Em seguida passei na casa de minha noiva para buscá-la. Cassiana me convidou a entrar para fazer um lanche, ao que respondi que já havia feito. Assim mesmo, ainda insistiu: - Pensei que você viria tomar café comigo.

- Você não disse nada ontem.
- Nem precisava, você sabe disso.

Diante de tal insistência, entrei para lhe fazer companhia. Iolanda logo apareceu, sentou-se à mesa e fez uma boquinha. Fiz sinal para Cassiana, pois precisávamos agir. Levantamos e quando já íamos saindo a prima pediu para nos acompanhar, e sem que disséssemos nada, ela veio assim mesmo. Cassiana ficou visivelmente contrariada.

No ourives, tiramos as medidas das alianças e pedimos certa urgência. Deixei as duas em casa, e fui visitar o padre Emílio, que ao abrir a porta me deu um abraço apertado: - Como vai o meu amigo Francisco, que agora quase não vem aqui?

- Venho sempre que posso, e saiba que também sinto muita saudade.
- Entre para tomar um café e depois se não se importar, gostaria que me acompanhasse até a casa do Sr. Tião e Dona Mariquinha.

- Estou mesmo precisando voltar lá, padre Emílio.
- Pois então, não se faça de rogado.

Pelo caminho, padre Emílio me falou a razão de sua ida até lá. O Sr. Manoelzinho estava mal. Lá chegando, Sr. Tião me abraçou, resmungou a minha ausência e me convidou a sentar na sala, enquanto o padre fazia seus procedimentos religiosos. Dona Mariquinha estava lá com ele.

- Você sumiu Francisco, tem tempo que não vem comer um queijinho com a gente. Aliás, quem também perguntou por você foi Seu Zé.
- Estou em falta com ele, preciso devolver o livro que me emprestou.
- Não carece de pressa não, ele nem tocou nesse assunto, só queria mesmo era saber de você. Francisquinho gostou muito de lhe conhecer e me pergunta quando é que você vem aqui, pois quer lhe ver.
- Vou fazer-lhes uma visita, mas antes vou comprar um presente para Francisquinho. Também gosto muito dele.

Nessa hora, padre Emílio saiu do quarto e comunicou que tudo se cumpriu. Dona Mariquinha chorava muito, e Sr. Tião abraçou-a para consolar. Transmitem meus pêsames e voltei com padre Emílio.

- Árdua missão de um padre, não é mesmo?
- Alguém tem que fazer o serviço, Francisco.
- Isso é verdade, mas imagino o quanto difícil deve ser.
- Muito, você nem imagina. Sr. Manoelzinho já estava bem idoso, e a aceitação é maior. As pessoas já estão preparadas, mas ainda assim é um momento de dor a certeza da perda.
- Bem, deixemos esse assunto triste e vamos falar de coisas mais agradáveis.
- Por falar nisso, como vai a noiva? E o sogro, está mais manso?
- Graças a Deus! Já mandei fazer as alianças que ficarão prontas esta semana.
- Então tudo me leva a crer que dentro em breve os sonhos se realizarão.
- E a vida continua.
- Eu disse "sonhos" no plural, porque é o seu, do seu sogro e da sua noiva.

- É verdade, veja como o ditado se confirma: "Vim buscar lã e acabei tosquiado".
- Também, você foi se meter logo com a filha do delegado!
- Estou brincando, padre Emílio. Na verdade estou feliz, gosto de Cassiana. É uma boa moça, e sei que terei uma excelente esposa.
- Tem razão, Francisco, e para falar a verdade, o delegado é uma boa pessoa, homem honrado. Aliás, toda a família é. Você é um felizardo.
- O senhor já pode mandar instalar os holofotes.

Demos umas boas risadas e, já na porta da igreja, despedi-me e fui para o ateliê. Lá chegando, me envolvi com o quadro de uma maneira, que até esqueci da vida. No entanto, por volta das dezessete e trinta, uma surpresa: percebi alguém à porta, me virei para olhar e lá estava ela, Iolanda.

- Não vai me convidar para entrar?
- Para ser sincero, vou convidá-la para sair!
- Por que tanta grosseria? Não vejo nada demais.
- Mas eu vejo. Se Cassiana souber disso, nem sei o que poderá acontecer.
- Ela só vai saber se você contar.
- Você está sendo irônica e eu gostaria imensamente que você se retirasse.
- Você me tratando assim? Eu nem acredito! Costuma ser tão gentil com minha prima...
- Sua prima é minha noiva.
- Isso não impede que sejamos amigos.
- O tipo de amizade que você quer não me interessa.
- Aposto que você iria gostar.
- Não quero apostar nada, quero apenas viver bem com todos.
- Você dizendo "com todos", me inclui também.
- Não, no sentido que você está propondo.
- Eu não estou propondo nada demais, você é quem está levando a coisa para outro lado.
- Por favor, Iolanda, eu lhe peço, retire-se!

- Está quase na hora de você ir vê-la, e já que estamos aqui, podemos ir juntos.

- Você deve estar louca!
- Não vejo nada demais, ela é minha prima.
- Lamento profundamente o papel que você está fazendo.
- Está bem! Vou embora, mas voltarei para ver se você se arrependeu de me expulsar. Tchau!

Fechei a porta do ateliê e fiquei rezando para que ninguém a tivesse visto entrando ou saindo. Bem que o "velhinho" me avisou; "essa moça é perigosa, ardilosa e falsa". Não sei com que cara vou enfrentar Cassiana. E se ela chegar lá com ares de falsa inocência e disser que esteve aqui? De uma pessoa assim, tudo se espera.

Arrumei-me e saí para ver minha noiva. Cassiana me esperava na varanda. Abraçou-me, me deu um beijo, olhou para mim e perguntou:

- Tudo bem com você?
- Tudo.
- Eu estou achando que não! O que foi? Conta pra mim...

Percebi claramente que ela não sabia de nada, ainda bem.

- A única coisa que eu tenho para contar é um assunto muito sério, muito sério mesmo.
- Então conta, que estou querendo saber.
- Você conhece uma moça muito bonita, que é filha de um delegado?
- Conheço, sei até o nome dela. É Cassiana, não é isso?
- Isso mesmo!
- E o que tem ela com esse seu assunto sério?
- Vou dizer só para você, mas não conte a ninguém.
- Não conto não, fique tranquilo, mas fale!
- Eu estou terrivelmente apaixonado por ela.
- Pelo que eu sei, ela também.

Assim falando, Cassiana me abraçou, demos uma boa gargalhada interrompida por um longo beijo. Ainda estávamos nos beijando quando ouvimos a voz abelhuda de Iolanda: - Pela gargalhada, o assunto foi muito bom!

- Melhor do que você pensa (respondeu Cassiana).

Aproveitamos para entrar e nos juntarmos aos demais. Dona Celestina logo nos convidou para a mesa, pois o delegado estava

saindo do banho.

- Ora, viva! Meu genro veio jantar com a gente.

- Como vai o senhor, doutor?

- Melhor agora com a sua presença.

Iolanda disfarçava e jogava olhares sensuais para mim. Para os outros, se mostrava uma santa cheia de trejeitos e inocência. Notei que Cassiana começava a observá-la, e percebi que já era a hora de me retirar. Cumprimentei a todos, e minha noiva me acompanhou até o portão. Demos alguns beijos de despedida e fui em frente.

Já no ateliê, peguei o caderno e anotei o que me interessava, e antes de dormir, ainda fui até a sacada, onde permaneci por algum tempo pensando na vida, no "velhinho", que há alguns dias não via. Sentei na beirada da cama, fiz minha prece e adormeci.

Acordei cedo como sempre e desci para tomar café. Fui até o Bar da Rodoviária e ao sair de lá, atravessei a rua, comprei flores e me dirigi ao túmulo de Carlota. Ali permaneci por alguns vinte minutos. Uma paz sublime tomava conta de mim, eu me sentia no céu. Cheguei, coloquei as flores no jarro perto da lápide, fiz minhas preces e quando vinha saindo, encontrei Dona Marieta.

- Bom dia. Como vai o senhor?

- Bem, obrigado. Estava pensando na senhora.

- Pelo que vejo, hoje trouxe flores lindas como a minha filha?

- Uma pequena lembrança, em forma de palmas brancas.

- Eu muito agradeço suas preces e tenho a certeza que ela as recebe com carinho.

- Acredito que sim.

- Vá lá em casa hoje à tarde. Tenho alguns retratos que gostaria de lhe mostrar.

- Irei sim e terei prazer em vê-los, pode crer.

Despedi-me de Dona Marieta e fui para o ateliê. Tinha algumas encomendas e precisava trabalhar. Estava completamente envolvido em meu trabalho, quando ouvi a voz do "velhinho": - Deus dá forças àquele que não teme a ferramenta.

- A luz se faz aos meus olhos com sua bem-vinda presença.

- Pode continuar seu trabalho. Se não lhe for incômodo, sentarei aqui ao seu lado, pois minha visita é breve e de poucas palavras.

- Gostaria que não as economizasse, pois são para mim de grande valia.
- A mariposa já fez seu primeiro voo em direção à luz?
- Segui seu conselho e me liberei da indesejada.
- Fez você muito bem, mas não pense que ela se deu por vencida, e aí é que existe o perigo maior.
- Já pensei nisso. Ela mesma já me preveniu que vai voltar.
- Como já lhe disse, existem flores cujo perfume inebria, mas seus espinhos são venenosos.
- Muito agradeço suas palavras e seus conselhos.
- Não deixe de ir à casa de Dona Marieta, mas cuidado com o que lhe disser. No entanto, fale apenas um pouco do que sabe.
- Gostaria realmente de lhe contar das visões que tive. Talvez, quem sabe, iria fazê-la feliz?
- Talvez, você disse bem.
- Aos poucos vou lhe revelando e percebendo sua reação.
- Faça isso. Ela precisa de alento. Gostaria de ficar aqui mais tempo, mas preciso ir.
- Tão rápido assim? Demora tanto a aparecer...
- Venho sempre que posso, gosto de visitá-lo. Diga ao padre Emílio que lhe mando um abraço.
- Ele vai gostar de recebê-lo.
- Que a luz brilhe intensamente em seus caminhos.
- Nos seus também.

Assim falando, se retirou e me deixou pensando: como ele sabe de tudo? É realmente incrível!

Depois do almoço, escrevi algumas linhas para o romance, e por volta das quatorze horas, desci para ir à casa da Dona Marieta, onde fui muito bem recebido.

Percebi, em cima da mesa, alguns álbuns de fotografias. Ela pediu que eu me sentasse. Disse estar feliz com a minha presença, pois eu lhe lembrava a filha. Abriu alguns álbuns e foi explicando cada retrato.

- Este aqui, ela tinha três anos, era um anjinho eu sabia que era. Como era de se esperar a emoção tomou conta dela. Procurou se

controlar e ainda com a voz embargada, continuou descrevendo cada foto.

Meu coração apertava ao ver sua emoção. Ela levantou de repente e disse:

- Por favor, fique à vontade, meu coração não está aguentando, vou coar um café para nós dois.

Eu fiquei admirando o jeitinho carinhoso de Carlota, seu sorriso inocente, a meiguice no olhar, e uma lágrima rolou em meu rosto. Senti saudades, lembrando a última vez em que a vi.

Dona Marieta me chamou para a cozinha, pois a mesa já estava arrumada e mostrava o carinho com que fazia as coisas.

- Não repara senhor Francisco, não tenho muito a oferecer.

- O que mais caberia aqui? Além desses deliciosos biscoitinhos e esse cafezinho gostoso?

- Obrigado, o senhor é muito gentil.

Depois do lanche, voltamos para a sala e iniciamos a ver os retratos. Em dado momento ela olhou para mim e falou:

- Eu sinto que existiu mais coisas entre minha filha e o senhor do que realmente me disse. Desculpe se assim falo, mas tenho quase certeza de que a conheceu.

- Não posso lhe afirmar sim, ou não. No entanto, quero ser sincero com a senhora pelo respeito que lhe tenho. Eu não a conheci em vida, pelo menos nesta não, mas a vida tem mistérios, coisas que não sabemos explicar, e num desses mistérios, nos envolveu a todos.

- Como assim? Seja mais claro, por favor, estou ficando agoniada. Sinto que o senhor tem algo a me revelar está me preparando para eu aceitar os fatos, não é mesmo?

- É um assunto melindroso, Dona Marieta, que vai além da nossa imaginação.

- Senhor Francisco, por Deus lhe peço, não aumente a minha angústia, seja claro, eu preciso saber.

- Sei que a senhora ainda se lembra, do dia em que me viu com o padre Emílio na sua porta. Nesse dia, pela primeira vez, eu conheci a senhora e sua filha.

- Como minha filha?

- Estávamos conversando, quando o padre me apresentou à senhora, e nesse momento, eu vi sua filha vindo do lado da rodoviária e entrar em sua casa.

- Por Deus e nossa Senhora! Diga que isso é verdade.

Assim falando e chorando muito, Dona Marieta ouviu minhas palavras.

- Pode a senhora crer que sim. Posso jurar perante Jesus.

- Que benção eu ter lhe conhecido. Então ela ainda vive aqui, lhe esperando como me dizia? "O grande amor de sua vida"? Como eu gostaria de ter o poder de vê-la. Como o senhor se sentiu quando a viu?

- Parecia que eu já a conhecia, tive vontade de vê-la outras vezes, conversar com ela, pois eu me sentia quase apaixonado.

- O senhor pensou que ela estava viva?

- A meus olhos sim, jamais cheguei a imaginá-la morta, tanto assim, que perguntei ao padre Emílio por ela, confessando os meus sentimentos.

- E ele o que disse? O padre também a via?

- Ele procurou mudar de assunto, mas a via assim como eu, me pedindo que a esquecesse.

- E porque ele nunca me disse nada?

- São critérios dele, talvez tenha achado melhor assim. Não quis avivar a sua memória, com medo de fazê-la sofrer mais.

- E o senhor a viu outras vezes?

- Se não me falha a memória, aqui no portão de sua casa, mas quando me viu, entrou.
- Então ela está aqui comigo? Continua no seu quarto, como antigamente?
- Acredito eu, como me disse um amigo espírita, que ela conseguiu permissão para lhe visitar, mas depois retornou ao seu mundo.
- Então o senhor chegou na hora certa, e ainda pôde conhecê-la?
- Sim, foi isso mesmo. Agora se a senhora me dá licença, preciso ir.
- Muito obrigado, muito lhe fico agradecida pelas revelações que me fez e mais ainda por Deus ter permitido que eu o conhecesse. Que Ele o acompanhe e o traga mais vezes à minha casa.
- Prometo que voltarei.

Saí dali mais leve. Achei muito bom ter lhe falado da filha, foi um grande alento para ela.

Lembrei-me das alianças e fui buscá-las, pois estava marcado para esta hora. Com toda a certeza, logo mais o meu sogro vai me perguntar por elas.

Voltei para o ateliê, peguei o livro e anotei a minha visita à casa de dona Marieta.

À noite me arrumei, coloquei as alianças no bolso e segui para a casa da minha noiva. No caminho encontrei Iolanda, desagradável surpresa. Pedi que não me acompanhasse, mas foi em vão. Sou até capaz de pensar, que ela estava me esperando, só para causar problemas com Cassiana. Tentei me desvencilhar dela, mas não consegui.

- Tenho que voltar, esqueci uma coisa muito importante.
- Deixa-me voltar com você?
- Você é louca!
- Se eu voltar com você, tenho certeza de que não se arrependerá.
- Por favor, eu lhe peço, siga o seu caminho.

- Você vai se arrepender!

Segui de volta para o ateliê, mas nem cheguei a subir a escada. Dei um tempo e fui encontrar Cassiana. Outra desagradável surpresa me esperava. Cassiana em pé à minha frente, pálida, nervosa, e olhando nos olhos falou: - Eu já sabia que você estava

vindo, pelo que soube veio bem acompanhado até a esquina, dali resolveu voltar para não dar mancada.

- Eu não voltei pela razão a qual você está falando, e sim por uma questão muito mais importante.

- Qual, posso saber?

- Isto aqui! (mostrei as alianças)

- Tem certeza que é isso que você quer?

- Absoluta, e acredito que você também.

- Onde você encontrou com Iolanda?

- Eu não encontrei, ela apareceu. Quando eu passei, ela saiu da padaria e veio me acompanhando. Pedi que não o fizesse, pois sabia que você não iria gostar. Como vi que ela insistia, lembrei das alianças que já estavam no meu bolso, e disselhe que precisava voltar para buscar algo que havia esquecido.

- Não estou gostando nada, das atitudes dessa minha prima.

- Me dê um beijo, esqueça isso e acredite no meu amor.

Cassiana me beijou, nos abraçamos fortemente e entramos, pois os meus sogros já estavam esperando.

- Meu caro Francisco, seja sempre bem-vindo!

- O prazer, como sempre, é todo meu, Dr. Nicolau.

- Quero aproveitar, para lembrá-lo das alianças, não esqueçam que o compadre vem amanhã.

- Já estão aqui comigo (mostrei as alianças).

- Que beleza! Então vamos abrir uma champanhe para comemorar, e colocar as alianças no dedo, um do outro.

Dona Celestina surgiu na sala e apoiou a ideia com entusiasmo. Iolanda e Cilene vieram em seguida. A champanhe estourou, as

alianças nos dedos foram postas, meu sogro, em breves palavras, consagrou o noivado, e a noite seguiu em paz.

Cassiana estava tão feliz que me conduziu até a varanda, quando me despedi de todos. Trocamos alguns beijos apaixonados, algumas juras de amor, e segui para o sobrado, onde o sono já esperava por mim.

No Dia Seguinte:

No Dia Seguinte

Acordei cedinho como sempre, depois de uma noite bem dormida. Desci as escadas e ao chegar à porta, uma grata surpresa: Padre Emílio estava chegando para me visitar.

- Já que Roma não vai ao Papa, o Papa vai a Roma.
- Benditos sejam os anjos que o trouxeram!
- Pensei que o amigo estivesse doente. Não tem aparecido?
- Muitos afazeres, padre Emílio, embora esteja com saudade, o tempo foi escasso.
- E o nosso amigo "velhinho", tem vindo?
- Veio aqui rapidamente e deixou um abraço para o senhor.
- Quando ele aparecer, diga-lhe que deixei outro para ele.
- Não sei se o padre já tomou café, mas eu ainda não, tanto assim, que quero convidá-lo para irmos ao bar da estação.
- E porque não, na casa paroquial?
- Hoje eu faço questão de pagar esse café, se me permite?

Descemos conversando. O padre Emílio, é uma pessoa agradável, e pelo caminho, fui lhe contando das alianças e do noivado.

Ele ficou muito feliz e demonstrou vontade de benzê-las. Achei ótima a ideia e prometi ir com Cassiana à missa no domingo.

Vínhamos assim conversando e ao passarmos em frente à casa da dona Marieta, deparamos com ela que vinha chegando ao portão.

- Meu dia hoje está abençoado pela alegria de vê-los.
- Fique a senhora sabendo que as bênçãos de Deus se estendem sobre todos os seus filhos.
- Acabei de coar um café e faço questão que me façam companhia!
- Não se preocupe Dona Marieta, deixe para outro dia.
- Nem pensar numa desfeita dessas! Como já disse, vocês são anjos que Deus mandou para alegrar o meu dia.

Olhei para o padre, que olhou para mim e respondeu:

- Vamos lá Francisco, que esse café da Dona Marieta, deixa saudades.

- Nem me fale em saudade, padre, tenho sentido tantas da minha filha, ainda mais que o aniversário dela, estaria próximo. Ela faria vinte e sete anos, no dia dezessete.

- Não fique preocupada, que ela está bem.

- O senhor Francisco me contou uns fatos. Aliás, que o senhor também testemunhou, e que me deixaram muito feliz.

- É, o Francisco às vezes fala demais.

O padre Emílio olhou para mim, balançou a cabeça como quem diz, que eu não devia ter dito que ele também tivera as tais visões.

- O senhor não queira saber o bem que ele me fez. Muito me consolou.

- Sei que foi uma bênção de Deus.

- Foi sim, senhor Francisco!

Nessa hora, percebi que o padre Emílio esticou os olhos para onde estava o retrato. Imediatamente me levantei e pedi à Dona Marieta autorização para mostrá-lo ao padre.

- O que o senhor me diz?

- Realmente, lembra-me ela. Se parece bastante, mas isso é só uma coincidência.

- Não diga isso padre Emílio, a mãe dela crê que sim, não a desiluda, até mesmo por caridade concorde com o que ela disser.

- Eu não gostaria de alimentar essa fantasia, mas que seja por uma boa causa.

- Obrigado, padre.

Dona Marieta na sala esperava por nós com dois saquinhos de sequilhos para nos presentear.

- O que o padre achou do retrato?

- Talvez o mesmo que o Francisco.

- A semelhança é muito grande, e ela sempre dizia que era ela.

- Eu concordo com o que ela falava.

A muito custo, conseguimos ir embora. Pelo caminho, combinei com o padre Emílio, para que no dia dezessete, fôssemos à casa de Dona Marieta fazermos uma oração, ao que ele concordou.

O padre seguiu seu caminho, e eu segui o meu indo para o ateliê trabalhar. Como pretendia ir mais cedo ver minha noiva, escrevi uma poesia para ofertá-la, junto com um buquê de flores.

Lembrei-me De Ti:

Ao ver este ramo de flores, lembrei-me de ti
Pelo frescor, o viço e a beleza nele presente
Gosto de flores, talvez mais do qualquer colibri
Elas me dizem saudades, do meu amor ausente.
As rosas, divinas, pungentes, um sonho
As margaridas risonhas, alegres, tão puras
Nas camélias, em segredos de amor eu me ponho
Nos teus olhos, as verdades de tuas juras.
No teu coração, todo o amor que almejo
No teu sorriso, a certeza que por mim esperas
Nos teus lábios, o doce sabor de um beijo
Em meu coração, a mais linda quimera.

Desci as escadas, pensando fazer uma surpresa à Cassiana. À noite quando lá fosse, levaria os versos. Assim pensando fui até o florista e escolhi um lindo buquê. Fiquei ainda algum tempo conversando com ele, que depois de me fazer algumas perguntas e por saber do meu interesse por certas histórias do passado, revelou conhecê-las. Revelou-me algumas passagens, que me foram de grande valia. Despedi-me prometendo voltar, pois o assunto me interessava.

Atravessei a rua, evitei passar pela porta de Cassiana, pois não queria que ela me visse com as flores, pois estragaria a surpresa.

Voltei para o atelier, coloquei a poesia no envelope, escrevendo por fora: "Para você que me faz sonhar". Feito isto, vim até à sacada olhar a rua, quando avistei Iolanda, que vinha na direção do meu sobrado. Escondi-me rapidamente, tranquei a porta, apaguei a luz e me deitei no sofá.

Em poucos minutos, escutei sua batida na porta. Fiquei quieto, para que não percebesse que eu estava ali. Esperei pacientemente que desistisse, e só depois de uns dez minutos, ouvi que descia a escada e então notei um papel enfiado por baixo da porta.

Senti um grande alívio, levantei, peguei o papel para ver o que escrevera, que não foi surpresa nenhuma.

O Bilhete:

O Bilhete

"Francisco, vim pensando em encontrar você e lamentei a sua ausência. Uma pena. Tenho quase a certeza que se arrependeu do que me disse, naquele dia em que o destino fez a gente se encontrar. Para dizer a verdade, sinto que você me quer, e luto consigo mesmo para não ceder. Não tenha medo, não vou atrapalhar o seu noivado, não me importo de ser a outra, pelo contrário, até prefiro que assim seja. Adoro uma aventura amorosa, acho mais romântico. Não pense que vou desistir, estou acostumada a conseguir tudo que eu quero. Tentarei outras vezes. Deixo-lhe um beijo e esperarei retorno".

Dobrei o papel e escondi bem escondido. Afinal, é um documento que prova a minha inocência.

Faltava ainda uma hora e alguns minutos para ir jantar na casa dos sogros, e diante disso sentei para escrever. Escutei bater à porta

outra vez, fiquei calado, pois sabia que a porta estava trancada. Por incrível que pareça, fiquei assustado, pois notei que se abria. De repente vi o "velhinho" sorrindo para mim dizendo: - Já lhe avisei para trancar a porta!

- Tenho certeza de que o senhor sabia, que ela estava trancada.

- Bem, deixemos de lado esse assunto de menos importância, e vamos falar de coisas mais necessárias.

- Então me dê o prazer de sentar um pouquinho!

- Acontece que meu tempo é curto, não posso demorar, no entanto cabe dizer ao amigo, que voltarei outro dia com mais calma, pois precisamos esclarecer alguns assuntos do interesse de todos. Sei que você tem muitas perguntas sem respostas, mas prometo-lhe tirar suas dúvidas sobre muita coisa.

- Então, quer dizer que já vai?

- Gostaria de ficar, mas não posso. Vim porque queria lhe dar os parabéns pela sua atitude. Cuidado com esse bilhete, e mais

cuidado ainda com o perfume da flor. Fique com Deus!

Assim falando, saiu rapidamente.

A hora avançava, eu me vesti, peguei o ramo de flores e desci. Cassiana me esperava no portão. Coloquei as flores para traz, escondendo a surpresa, e ao chegar perto dela: - Posso saber o que o meu amor está escondendo, desta pobre moça apaixonada?

- Só se me der um beijo!

- Não se faz necessária a chantagem, para que eu beije este galante rapaz.

Cassiana se jogou a mim, me beijando imensamente. Entreguei-lhe o buquê, e ela emocionada me abraçou feliz. Meu sogro pigarreou, pois estava na hora de entrarmos. Já na sala, notei que as visitas já haviam chegado.

Cassiana ao mostrar as flores é que percebeu o envelope enfiado no buquê, puxou-o com cuidado, olhou para mim, e seus olhos me diziam o que seu coração sentia.

Cilene foi buscar um jarro com água, onde colocou as flores pousando-as no centro da mesa, falando palavras de elogio. Dona Celestina também demonstrou sua alegria com o olhar.

Cassiana abriu o envelope, leu em silêncio, e as lágrimas rolaram em seu rosto. Olhou para todos e falou:

- Estou muito emocionada, não sei se conseguirei ler a poesia que meu noivo escreveu para mim. Vou respirar, tomar fôlego, espero que entendam.

Iolanda me olhava com cara de deboche, em seguida disfarçando perante os demais, falou para Cassiana:

- Quer que eu leia, prima?

A resposta veio imediatamente:

- Muito lhe agradeço, mas cabe a mim, somente a mim essa atitude. Levantou a mão, abriu o envelope e iniciou a declamação. Ao término, todos aplaudiram, e Cassiana, abraçada a mim, chorava e ria ao mesmo tempo. Dona Rosely levantou, estendeu-me a mão e falou: - Quero parabenizá-lo pela bonita poesia e mais ainda por falar do seu amor pela Cassiana. Muito bonito e romântico. Dona Celestina também me elogiou, e eu agradei respeitosamente às duas.

O delegado parecia engasgado, só me olhava e nada dizia, até que o senhor Valadão falou:

- Ô compadre, esse Francisco é bom mesmo!

- É, estou vendo. Não é pra qualquer um ter um poeta na família, Cassiana é moça de sorte.

Percebendo que José Eduardo estava ali com Cilene, meu sogro que não sai perdendo nunca, emendou rapidamente:

- Aliás, dou graças a Deus pelas filhas que tenho, não vê Cilene? Está muito feliz, pois o José Eduardo, ainda que não seja poeta, é um rapaz prendado e querido por todos. Como veem, minhas duas filhas são moças de muita sorte.

Iolanda levantou e foi para os seus aposentos. Dona Celestina chamou-nos para a mesa, pois o jantar estava sendo servido.

Todos se acomodaram, mas a cadeira de Iolanda permaneceu vazia. Dona Celestina então perguntou:

- Onde está a minha sobrinha?

Cassiana respondeu:

- Eu vou chamá-la.

Levantou e foi atrás dela. Demoraram uns dez minutos. Meu sogro já estava ficando impaciente, quando as duas chegaram. Iolanda com a cara lavada sentou-se à mesa apenas para fazer número. Notei que Cassiana não estava gostando da atitude da prima.

O silêncio pairava no ar, todos percebiam o clima que a moça criou querendo estragar a festa. O senhor Valadão sentindo que o ambiente estava desagradável, falou: - Bem, agora que a mesa está completa, gostaria que o compadre, me permitisse fazer um brinde a todos, em especial, ao poeta e à minha afilhada.

- O compadre está em casa, sua palavra é sempre bem-vinda, e o clima é de festa.

Nesse instante, meu sogro estourou a champanhe, e o brinde se fez ouvir no tim-tim, das taças se tocando.

Somente Iolanda destoava da alegria de todos. Dona Celestina, disfarçadamente, procurava fazer com que ela se integrasse ao clima. O senhor Valadão continuou dando seu tom de alegria: - A

data já foi marcada, ou vai ser hoje, para podermos festejar esse casamento?

- Vocês escutaram o que compadre falou?

- Eu e Cassiana estamos escolhendo a data, só ainda não determinamos qual será, porque envolve uma série de questões.

- Seja mais claro Francisco (disse meu sogro).

- Precisamos saber da disponibilidade de todos, pois o senhor Valadão é um homem ocupado.

- Pois vou lhe dar um conselho, Francisco (Falou Dona Rosely): marque a data, que ele se meche e vem, do contrário vocês não casam.

O senhor Valadão deu uma risada e falou.

- Você vê, Francisco, como é essa minha mulher? Mas lhe digo: o pior é que ela tem toda a razão!

Foi uma gargalhada geral.

A noite seguiu alegre, e lá pelas tantas o sono começou a levar todos para a cama. Cassiana me levou até a porta, e quando se viu sozinha comigo desabafou:

- Você viu a atitude da Iolanda? Sinceramente, não estou gostando nada disso.

- O que ela lhe disse, para justificar sua ausência à mesa?

- Que estava sem fome. Eu então lhe falei: com fome ou sem fome, você vai ter que ir se sentar à mesa como todos fizeram. A sua atitude está sendo deselegante e desagradável.

- E o que ela respondeu?

- A festa é sua e não minha!

- Eu então lhe disse: a festa é nossa, é da família e você faz parte dela.

- E aí?

- Ainda assim, ela se negava a vir, e foi quando eu lhe disse: Acho melhor você vir comigo agora, pois se bem conheço o meu pai, ele fará a minha mãe vir te buscar, e aí a coisa vai se complicar. Foi então que ela, sem muita vontade, resolveu vir.

- Que fato mais desagradável!

- Acho que a intenção dela foi estragar a festa. Percebi que sentia inveja quando eu li a poesia que você me fez. Para ser sincera, ela

já está enchendo. Estou doida para que ela vá embora.

Despedi-me e fui para o ateliê. Sentia-me feliz por mim e Cassiana, mas preocupado com a atitude de Iolanda. Essa moça desde o começo que percebi se tornaria perigosa. Parecia querer estragar nosso casamento. Adormeci, mas às três da madrugada acordei sobressaltado, parecendo ouvir vozes. Levantei, observei à minha volta, mas nada vi, apesar do arrepio que sentia do meu lado esquerdo. Abri a janela e olhei a rua que dormia em silêncio. A brisa fresca agradou ao meu rosto. Em virtude disso, deixei a janela aberta e voltei para o interior do quarto. Era capaz de jurar que alguém estava ali, embora nada visse.

Sentei à escrivaninha, peguei o caderno, e escrevi até as cinco da manhã. Algo me incitava a escrever, eu precisava, é uma espécie de fome. Se não escrevo, sinto em mim um certo vazio.

Entre tantas coisas, escrevi sobre aquele momento, o que seria que estava ali? Porque veio me ver e não permitiu ser visto? Isso me deixou um tanto angustiada. Eu queria vê-la, partilhar aquele momento, entender um pouco mais da vida que se mostrava ali em dois planos. Tudo isso, me levava a questionar: O que é a vida afinal? Qual a verdadeira, a que realmente existe? No plano em que estou, sei que é passageira, tem principio, meio e fim. É um curto espaço de tempo. A outra, a espiritual, será eterna? Como vivem? Onde vivem? Encarnarão só aqui na terra, ou quem sabe em outros planetas também?

Assim, atormentado e cheio de perguntas que me faço acordado, seguro a caneta e deixo que ela corra sobre o papel que lhe agrada. O sono volta e pesa sobre meus olhos. Deito-me, relaxo e não demoro a dormir.

A porta da loja, embaixo do meu ateliê, faz tanto barulho ao abrir, que eu nem preciso de despertador. Tenho a certeza, de que são oito horas.

Levanto, faço a barba, desço a escada e caminho pela rua. Ia em direção ao bar da esquina, quando escutei que alguém chamava por mim. Virei-me para ver quem era.

- Sou eu, Francisquinho, filho de seu Zé, meu pai.
- Oi. Como vai meu amigo? Quanto tempo que não o vejo?
- Muito tempo mesmo, o senhor não foi mais à minha casa?

- É verdade, mas isso não quer dizer que eu não tenha saudades.
Fomos juntos até o bar, fiz meu lanche habitual, e ele tomou um refrigerante.

Irineu, o rapaz do bar, bisneto do Juca, falou:

- Aí, seu Francisco! O pai desse aí sabe de tudo que o senhor quer saber.

- Seu Zé, meu pai sabe sim, e muito mais até.

- Eu já estive lá com ele, lembra? Emprestou-me um livro que foi muito importante para a minha pesquisa.

Estávamos assim conversando quando o delegado entrou:

- Bom dia! Muito bom dia! Como vai Francisco? Eu ia passando, vi você aqui e vou aproveitar para tomar um conhaque, depois quero que vá comigo até a delegacia.

- Vai me prender doutor?

- Por enquanto não.

Sáimos dali, despedi-me dos amigos, o delegado colocou amistosamente sua mão em cima do meu ombro, e ao chegarmos à delegacia, ele pediu que eu me sentasse.

- Escute Francisco, eu quis trazer você aqui para podermos conversar mais à vontade. Lá em casa tem muita gente. Cassiana fica grudada em você, e o assunto é sério.

- Pode falar doutor, o que depender de mim...

- É sobre aquela moça, prima de minhas filhas.

- Fique sabendo que desde o dia em que chegou, não gostei do modo dela, inclusive falei para a Cassiana.

- Pois é, acho que não é boa companhia para minhas meninas. É muito maliciosa, teve outro tipo de educação.

- Exatamente como falei para suas filhas.

- Para ser sincero, já reparei o jeito dela olhar para você, percebo a intenção de lhe tentar, assim como vejo que você evita olhar para ela.

- Se tem a intenção de me seduzir não sei, mas realmente evito o seu olhar, mesmo porque, sinto que Cassiana tem ciúmes.

- Já percebi isso também. Vou falar com Celestina para dar a passagem de ida para ela.

- Eu lhe agradeço por tomar essa atitude.

- Fique tranquilo, Francisco.

Ao sair dali, estava convencido de que meu sogro havia percebido a intenção maldosa de Iolanda. Segui para o ateliê, pois precisava trabalhar.

À tarde, depois do almoço, tive vontade de visitar o padre Emílio, tomar um café com ele e trocar algumas idéias. Já estava há muito tempo pintando e queria espairecer um pouco. Lavei as mãos e me preparei para sair. Assim que abri a porta, dei de cara com Iolanda, que estava atrás da porta só esperando que eu a abrisse. Enquanto eu me refazia da surpresa, ela me empurrou e entrou no ateliê.

Imediatamente, peguei-a pelo braço e ordenei que saísse.

- Calma, Francisco. Feche essa porta, e vamos conversar.

- Eu nada tenho a conversar com você.

- Juro-lhe que não vai se arrepender, pelo contrário, já lhe falei nisso.

- Saia, por favor. Não me faça perder a calma!

- Vai me bater? Não acredito, adoro homem bruto e romântico!

- Por favor, Iolanda, não seja vulgar.

- Não seja ingrato, só quero lhe fazer feliz, lhe dar prazer.

- Sou feliz com a minha noiva, isso me basta!

- Você está dizendo isso, porque ainda não viu nada.

Assim falando, tirou a blusa e quando ia tirar a saia, corri para ela, segurei os seus braços e ordenei que não o fizesse. Aproveitou que a estava segurando, agarrou-se a mim e tentou me beijar diversas vezes. Evitei tudo o que pude, afastando-a.

- Eu não acredito que você vai rejeitar isto tudo de mulher que estou lhe oferecendo.

- Por favor, não faça isso, você é uma moça bonita, não seja vulgar a esse ponto.

- Não adianta dizer tais palavras, porque não me sentirei ofendida.

Apenas satisfaça a minha vontade, ainda que seja só uma vez.

- Se você não sair, vou deixá-la aqui sozinha e vou para o meio da rua.

- Sabe quem pode vir me tirar daqui, a minha linda priminha. Vá lá e peça a ela para vir me ajudar.

- Você é mais baixa do que eu imaginava.

- Sou, sou sim. Não tenho a mesma altura da sua noiva, mas vou lhe dar um conselho: venha me fazer feliz, não perca muito tempo.

- Por favor, vista-se. Retire-se e faça de conta que isto nunca aconteceu.

- Vou esperar mais um pouco, pois acho que você está a ponto de ceder, e eu estou louquinha para que isso aconteça.

- Não perca seu tempo, isso jamais acontecerá.

- Vou lhe dar um aviso! Eu não gosto de perder, sou vingativa e você vai se arrepender.

Dizendo isso, vestiu a blusa, levantou-se e foi olhar a tela que eu estava pintando. Mexeu nas minhas tintas e saiu dizendo:

- Você não perde por esperar, depois não diga que eu não o avisei. Você não me conhece!

Dei graças a Deus por eu ter resistido à tentação. Realmente, foi difícil. Afinal, ela é uma moça muito bonita. Agora livre, fechei a porta do ateliê, e fui até a casa do padre Emílio. Cheguei à Matriz, e ele logo apareceu.

- Bons ventos o tragam!

- Com a graça de Deus! Estava com saudades do senhor.

- Pois entre nesta casa, que é sempre bem-vindo!

O padre serviu o costumeiro café. Astuto e observador, como ele é, logo percebeu que alguma coisa me incomodava.

- Sinto que o amigo não está bem. O que está acontecendo?

- Nada lhe escapa, não é mesmo, padre Emílio?

- Sou bastante observador, portanto, trate de colocar para fora o que está lhe afligindo.

Contei para o padre o que havia ocorrido, o aperto que passei diante daquelas cenas excitantes e a tentação a qual fui submetido.

- Diante do que está me dizendo, me sinto no dever de cumprimentá-lo e dou graças a Deus que lhe deu forças para resistir.

- O senhor não imagina o sufoco que passei!

- Faço ideia, meu amigo, faço ideia.

- O pior, padre, é que se ela continuar agindo dessa maneira, eu não sei até quando vou aguentar. Afinal de contas, sou homem, e ela é realmente tentadora.

- Nem pense uma coisa dessas! Essa moça é perigosa, afaste-se dela o quanto puder.

- Espero que Deus continue me dando forças, pois eu preciso resistir.

- Há de ter, eu tenho certeza meu filho.

A hora avançava e eu me despedi do padre Emílio. Fui até o ateliê me aprontar para ir ver Cassiana.

Desci feliz, pois ansiava por vê-la. Ao me aproximar de sua casa, estranhei de não a ver me esperando na varanda. Bati à porta e demorei a ser atendido. Estranhei mais ainda quando, em lugar da minha noiva, apareceu sua mãe Dona Celestina.

- O que houve com Cassiana?

- Ela não quer vê-lo, está trancada no quarto.

- Não quer me ver? Será que pelo menos eu poderia saber a razão?

- É um assunto um tanto desagradável, e dou graças a Deus que meu marido não esteja aqui.

- Mas o que aconteceu afinal? Será que não sou merecedor de pelo menos vir a saber o porquê?

- Acredito que você já esteja sabendo, ainda que eu não lhe tenha dito nada.

- Por tudo que é mais sagrado! Não sei do que se trata.

- Desculpe lhe dizer, mas não acho que você seja tão ingênuo assim.

- Peço-lhe encarecidamente, Dona Celestina, me diga o que está havendo?

- Porque não pergunta a Iolanda? Acredito que ela ainda esteja na rodoviária, ou no seu ateliê lhe esperando.

- Que coisa mais absurda, Dona Celestina, eu nada tenho a perguntar ou a saber com essa moça.

- Não foi isso que ela disse à minha filha.

- Eu gostaria imensamente de falar com Cassiana. Eu a amo e estou inocente neste caso.

- Inocente não está não, isso posso lhe garantir, pois as manchas de tinta em sua roupa são provas suficientes de que ela esteve em seu ateliê.

- Meu Deus! Que cretina!
- Viu como você respondeu à acusação?
- Eu respondi como devia, ela é uma cretina e vulgar.
- Vulgar por se deixar ser usada? Por se deixar seduzir pelas palavras galantes de um sedutor?
- Ela disse isso mesmo? A senhora tem certeza?
- E muito mais, se você quer saber.
- Isso tudo é um absurdo! Eu não fiz nem falei nada disso.
- Pois então como se explica as manchas de tinta em suas mãos e em suas roupas, como já lhe disse?
- É Dona Celestina, eu bem que disse à Cassiana que a intenção dessa moça era estragar o nosso casamento.
- Quem estragou foi você, que se deixou seduzir.
- Por todo o respeito que lhe tenho e por Deus, eu lhe juro que sou inocente.
- Dificilmente você conseguirá provar tal coisa.
- Lamento, mas fique sabendo que a senhora se arrependerá do que está me dizendo, e Cassiana muito mais ainda, por dar mais crédito a uma pessoa vulgar e sem classe do que ouvir a mim que tanto a amo. Fui crucificado sem nem ao menos ter o direito a defesa.
- Eu também lamento muito Francisco, passe bem!
- Passe bem a senhora também, e meus pêsames.

Saí dali arrasado, incrédulo do que ouvira. A minha vontade era ir até à rodoviária e, se encontrasse Iolanda, arrastá-la pelos cabelos até a casa de Dona Celestina e obrigá-la a contar a verdade. Fui para o ateliê, foi o que decidi, pois tanto ela como Cassiana, não mereciam o que eu estava passando. Uma por ser ardilosa e cretina, a outra, por acreditar mais nela do que em mim, que tanto amor lhe dedicara.

Cheguei ao ateliê e quando subia a escada, vi a mala de Iolanda e percebi que ela estava me esperando. Voltei para trás e fui para a casa paroquial. Bati à porta, e padre Emílio me atendeu.

- Boa noite, padre!

- Boa noite, Francisco. Entre, por favor.
- Com licença, e desculpe a hora.

- Entre, sente aqui. Eu estava lendo um pouco, esperando o sono chegar. Mas a que devo a sua vinda aqui a essa hora?
- Lembra-se o que lhe contei esta tarde, a respeito daquela moça?
- Iolanda, se não me engano?
- Exatamente.
- Como eu havia lhe falado, ela jurou se vingar por eu tê-la rejeitado. E foi isso que ela fez.
- Inventou coisas para a sua noiva Cassiana?
- Foi isso mesmo, foi assim que ela procedeu.

Contei ao padre com todos os detalhes, as palavras de Dona Celestina e a recusa de Cassiana de vir falar comigo. Agora, ainda imagino o que vou aturar do delegado!

- Realmente, é um problema sério! Que ele vai ficar bravo vai, mas no fundo, no fundo, ele é um bom homem e também deve ter aprontado das suas. O pior mesmo vai ser você convencer Cassiana. No entanto lhe digo que o tempo é o senhor da razão, e depois como diz o ditado "o que é ruim por si só se destrói".
- Que suas palavras sejam de um anjo e me ajude a provar toda a verdade.
- Como você vai fazer para entrar no ateliê?
- Esse é outro problema que eu gostaria que o senhor me ajudasse a resolver.
- Como assim? Quer que eu vá lá ao ateliê?
- Ou me deixe passar a noite aqui.
- Quanto a isso, não tem problema. Tenho aqui aquela cama que já o acolheu e continua ao seu dispor.
- Obrigado, padre Emílio, o senhor é mesmo um amigo.

O Delegado e Eu:

O Delegado e Eu

No dia seguinte, acordei cedo, mas o padre já havia levantado, feito o café e posto a mesa. Em virtude disso, ainda brinquei com ele:

- Assim, eu penso até que estou no céu. Dormindo num templo sagrado, com direito a café e outras coisas mais. Só falta mesmo

anjos virem voando me desejarem bom dia!

- Ainda que não venham anjos voando, tem este amigo com quem você pode sempre contar.

- Isso eu tenho certeza que sim. Obrigado, padre.

Tomamos o café e em seguida fui para o ateliê. Por via das dúvidas, pedi ao padre Emílio que me acompanhasse. Subimos a escada em silêncio e lá estava Iolanda, dormindo deitada no chão. Afastei-me e pedi que o padre a acordasse.

- Iolanda, acorde moça, você está mal acomodada dormindo assim.

Ela acordou assustada e ao ver o padre, perguntou por mim.

- Onde está o Francisco?

- Ele não virá hoje aqui.

- Eu preciso falar com ele, pedir que me desculpe.

- Acredito que não se faça necessário, pelo que eu o conheço, ele já a perdoou.

- Mas eu preciso vê-lo, não posso ir embora assim com esse arrependimento me atormentando. Não sei onde eu estava com a cabeça para agir de tal forma.

- Todos nós estamos sujeitos a erros, isso é próprio do ser humano.

- Mas eu fui leviana demais. Meu Deus, o que é que eu fiz?

Dizendo isso, Iolanda colocou a mão no rosto e começou a chorar.

- Ajude-me, padre, eu preciso do perdão do Francisco.

- Pegue a sua mala, vá para a rodoviária e volte para casa. Deixe que eu me encarregue do perdão do Francisco.

- Mas eu preciso ouvir isso dele. Por favor, padre, traga-o até aqui.

- Vou ver se o encontro!

O padre veio até o bar da esquina, onde eu disse que ficaria esperando, e a muito custo, me convenceu a ir até lá falar com ela.

- O que você quer Iolanda? Já não chega o mal que você fez?

- Eu preciso que você me diga que me perdoa. Eu fui má com você, fui vingativa e vulgar como você o disse.

- Uma pessoa como você não merece o perdão de ninguém. Isso não se faz. Eu imagino o que Cassiana está pensando de mim.

Você destruiu o nosso amor, nosso casamento. Iolanda, diante de minhas palavras, se ajoelhou a meus pés e implorou o meu perdão.

Padre Emílio interferiu: - Francisco, como seu amigo e sabendo o quanto de bom tem em seu coração, eu lhe peço: diga que a perdoa. Você só terá a ganhar.

Fiquei olhando para ela ajoelhada, com os olhos cheios de lágrimas, e percebi o pouco de bom que ainda havia dentro dela. Comecei a entender as suas fraquezas, suas carências e já não via mais aquela pessoa vulgar e cretina, mas sim alguém aflita por ser amada, coisa que talvez nunca tenha sido. Apiedei-me ao vê-la assim, despida de orgulho e de maldade e então a perdoei.

- Por favor, Iolanda, levante-se do chão. Eu a perdoo, mas quero que vá embora.

- Obrigada, Francisco! Nunca mais o esquecerei. Você soube me respeitar no momento crítico de minhas carências afetivas. Gostaria de ir falar com Cassiana, contar-lhe toda a verdade, mas sei que ela não me perdoará.

- É melhor que não vá.

- Venha comigo, eu a ajudarei a carregar sua mala.

- Obrigada, padre Emílio, não sei como lhe agradecer.

Assim que o padre pegou a sua mala, Iolanda olhou para mim e beijou a minha face. Era outra pessoa.

Fiquei ali sozinho, entregue aos meus pensamentos e passei a analisar o procedimento de Iolanda. Uma moça tão bonita, bem educada, culta. No entanto, com um sério problema de personalidade. Hoje, um procedimento digno de uma pessoa de bem, e dias atrás, o comportamento leviano e vulgar de uma moça sem classe, fútil e imprevisível. Acabei por sentir pena dela, apesar do mal que me causara.

Desci e fui até à delegacia. Precisava falar com o Dr. Nicolau, que assim que me viu, foi logo dizendo:

- Estava esperando-o. Pensei que viesse logo cedo, mas você demorou.

- Realmente, essa era a minha intenção, no entanto alguns imprevistos me impediram de vir, mas, acredito que ainda cheguei a tempo.

- Isso você diz, mas... vamos supor que sim.

- Estou aqui inocente, mas pronto para responder às suas perguntas.
- Acho até ingênuo de sua parte, dizer para mim, que está inocente.
- Acredite o senhor ou não, essa é a mais pura verdade.
- Lamento lhe dizer, que não concordo. Não posso entender, que depois do que conversamos a respeito dessa moça, você tenha se deixado seduzir por ela.
- Quem disse isso ao senhor?
- Todas as evidências meu caro!
- Sendo o senhor um delegado de polícia, sabe muito bem que as evidências nada provam, apenas levantam suspeitas, e as suspeitas não são fatos, portanto...
- Portanto, os culpados sempre juram inocência, isso é fato consumado, no entanto...
- Creio eu, que o senhor com a vivência que tem, é bastante perspicaz para perceber quem é culpado e quem é inocente, num simples olhar, o senhor já percebe tudo, ou então não seria o senhor um bom profissional. Tem mais, o senhor é um homem inteligente, portanto...
- Vamos fazer de conta que eu sou apenas um amigo seu. Estamos os dois aqui, confidentes das trampolinices de rapaz. Diga claramente o que houve, como aconteceu? Eu prometo guardar segredo. Afinal, também fui moço e gostava bem de umas aventuras como essa. Seja como for, ainda continuo querendo você para meu genro.
- O senhor Doutor está me dando oportunidade de esclarecer tudo, e como já falei sou inocente neste caso. Agora, estou bastante sentido com o procedimento de Cassiana, que embora tenha suas razões, eu pergunto:
que culpa tenho eu? Qual a oportunidade que ela me deu de me defender? Nem explicações me pediu? Afinal, já nos conhecemos há bastante tempo, e sempre tive uma conduta exemplar. Ela esquece o quanto a amo?
- Ela tem um gênio forte, paixão por você e um ciúme louco.
- Doutor, vou lhe contar rapidamente o que essa moça fez. Ela já vem há algum tempo me assediando, inclusive tenho um bilhete que ela enfiou por baixo da porta do ateliê, por eu fingir que não estava.

Procurou me tentar de todas as maneiras, ficou revoltada com a minha recusa e jurou se vingar. Foi nas minhas tintas e se sujou sem que eu percebesse, e quando chegou à sua casa, deixou que Cassiana visse as manchas da tinta, fazendo crer que estivera no meu ateliê e se envolveu comigo.

- Belíssima vingança. Foi bastante artilosa e agora deixou vocês dois desse jeito. Depois disso, volta para casa fresquinha.

- Pois é. A verdade é essa como lhe contei, agora faça o juízo que quiser. Lamento ter passado por sua cabeça, sem que confirmasse os fatos, que eu poderia agir dessa forma cretina, amando sua filha do jeito que amo. Estou pagando um preço que sinceramente, não mereço.

- Desculpe, Francisco, se agi apressadamente. Como pai lhe peço: vá lá em casa, tente convencê-la.

- Vai ser perda de tempo. Ela, além de não me receber, não vai aceitar nada do que eu lhe diga, e quer saber com sinceridade, se ela continuar assim, eu desisto.

- Vou tentar ajudá-lo. Hoje quando eu chegar a casa, vou dizer que você esteve aqui e vou lhe contar toda a verdade que me disse. Vamos ver, quem sabe? Vai ser difícil, pois ela está muito magoada.

- Magoado estou eu. Se o senhor está dizendo que vai ser difícil, é porque também ainda tem dúvidas.

- Não, Francisco. Eu estou ciente da verdade, mas vocês jovens, às vezes não enxergam a realidade, com tanto ciúme.

- Amanhã eu volto, para saber a resposta, e conforme a decisão fico, ou vou embora.

Despedi-me e fui até o bar da rodoviária tomar um refrigerante. Vinha caminhando com os meus pensamentos, quando ao dobrar a

esquina, dei de cara com Cassiana. Estanquei. Olhei-a bem nos olhos e vi que estava triste, e por alguns minutos permaneceu assim parada à minha frente. Quando tentei falar, baixou a cabeça e saiu correndo.

Fiquei ainda parado por algum tempo, me senti perdido e sem rumo. Já refeito, caminhei lentamente de volta para o ateliê e ainda sobre forte emoção de vê-la, peguei lápis, papel e escrevi:

O Colibri e a Flor:

Vi em teus olhos, naquele momento
A tristeza, a saudade, o sofrimento
Da esperança e da dor
Tentei falar, mas não permitiste
Deixaste-me assim tão triste
Que empalideci, perdi a cor.
Fiquei ali, parado à espera do beijo
Como a dizer do perdão e do mesmo desejo
Que sente o colibri pela flor
Voltei o meu olhar para trás
Queria ver-te uma vez mais
Tu te foste, eu fiquei sem amor.
Meu olhar se perdeu na distância da rua
Lembrando de ti, nessa graça tão tua
Nas noites em que na varanda juntinhos

Fizemos entre beijos as juras
Quando trocamos promessas tão puras
E nos abraçamos, com doces carinhos.
Foi-se o tempo, as injúrias mataram
Os sonhos que as mentiras levaram
As flores que eu trazia murcharam
A tristeza nos teus olhos mostraram
Que os sorrisos que me deste calaram
E meus olhos de tristeza choraram.

Coloquei num envelope e guardei-a no bolso, com a intenção de fazer chegar até ela. Saí para jantar e quando voltei, vinha caminhando lentamente, contando as pedras da rua. Ao passar em frente à sua casa, percebi que Cassiana estava na varanda, como se estivesse me esperando. Quando me viu, porém, entrou rapidamente. Sentime vazio, um pouco de nada, do pouco que eu sou.

Continuei contando as pedras e depois fui me sentar no banco da praça.

As pessoas passavam, os lampiões iluminavam tenuamente a noite escura. Ali sentado, viajei no pensamento, me imaginei ali, em outro tempo, buscando Carlota. Foi assim, numa espécie de sono e de transe, que a vi caminhando lentamente para mim. Linda, tão branca, que cheguei a levantar e sair andando ao encontro dela. Ao me aproximar, porém, vi que se desvanecia no ar. Fiquei parado no meio da praça, sem entender o que estava fazendo ali. As pessoas que passavam me olhavam, talvez a se perguntar "O que eu estaria vendo?"

Sentei outra vez, pensei em Cassiana, quem sabe estaria chorando? Se estivesse tudo bem entre nós, a essa hora eu lá estaria.

O amor é assim: tem momentos e momentos, gostoso quando é correspondido, mas machuca na ausência sentida, quando a saudade nos fala.

Eu estava assim, saudoso e triste, vivendo o doce sabor de lembrar de alguém.

De repente, um casal jovem pediu licença para sentar a meu lado. Pensei pelo aspecto serem namorados.

Ele então, se dirigindo a mim, perguntou:

- Você é o inquilino daquele sobrado?
- Sou sim.
- É um ateliê de pintura, não é mesmo?
- É o meu ateliê e escritório.
- Nós somos os netos do Sr. Carvalho e de Dona Noêmia.
- Um prazer muito grande em conhecê-los. Dona Noêmia, como está?
- Bem, graças a Deus. Fala sempre em você. Tece-lhe muitos elogios.

- Ela é uma pessoa muito educada e gentil.
- Você se incomodaria de nos permitir uma visita?
- Com muito prazer, tenham a bondade de me acompanhar.

Caminhei com o casal para mostrar o ateliê. Acendi a luz, e eles entraram. Gostaram muito da minha pintura, se mostravam maravilhados. Convidei-os a sentar, e ali ficamos trocando idéias.

- Você se chama Francisco, não é mesmo? Veio do Rio de Janeiro?
- Exatamente. E vocês, são daqui?
- Nascidos e criados.
- E como se chamam?
- Eu, André; ela, Virgínia.
- Bonitos nomes. Vocês são noivos?

Eles riram e disseram:

- Não. Somos apenas bons irmãos.
- Eu julgava que vocês fossem noivos. Foi muito bom conhecê-los, gosto de ter amigos com quem possa conversar. Aceitam um licor?
- Vem bem a calhar, se for de jabuticaba então...
- Também é o meu preferido.

Ficamos ainda um bom pedaço de tempo conversando, até que eles se despediram.

- Voltem sempre, gostei muito de vocês. Deem lembranças minhas à Dona Noêmia.
- Temos certeza de que ela vai gostar de saber que aqui estivemos. Faça-nos também uma visita. Moramos ao lado dela, e nossos pais

vão querer conhecê-lo.

- Em breve, quanto tiver uma oportunidade, irei.

Eles foram embora, e eu achei ótimo tê-los conhecido, ajudaram-me a passar o meu tempo.

A hora já dizia que a cama chamava por mim, e eu não me fiz de rogado.

O dia amanheceu chuvoso, sombrio, nostálgico. Cheguei à janela e como sempre, observei a rua. A chuva pingando dos velhos telhados parecia um piano tocado por mãos invisíveis.

Como dizia o poeta, o dia estava taciturno e sorumbático. Assim, comecei a versejar:

O Poeta na Chuva

Escorre a chuva pelo chão molhado
Pingos sonoros, caindo do telhado.
Cantam saudosos, num dia tristonho
E vem o poeta a declamar saudades
A jurar mentiras, a dizer verdades
A pensar naquela que lhe vem em sonho.
Molha o poeta o casaco às costas
A indagar do vento que não dá respostas
Caminha entre os pingos que lhe são molhados
Encharca o pé na água de uma poça cheia
Chega a dizer, uma palavra feia
E se encolhe todo, a beirar telhados.
Segue assim triste, num dia chuvoso
Perdido em pensamentos, a ficar nervoso
Sem esperanças que melhore o clima
Encolhe-se à janela, embaixo da sacada
Tremendo o frio da capa molhada
Sem mais dizer, porque lhe falta a rima.

Ainda Na Chuva:

Ainda na Chuva

Desci depressa, pela rua afora
Clareia o dia, já se faz a hora
De espalhar a preguiça e a monotonia
Meus passos longos vencem o caminho
O vento passa a falar baixinho
A me dizer coisas que eu não sabia.

Cheguei assim, até ao bar da esquina
Pensei na vida e no que nos destina
Nos passos incertos, que então se dá
Um café quente desce na goela
Tão doce e gostoso como os beijos dela

E traz a saudade, que me vem de lá.

Volto ao sobrado quero escrever
Visto outra roupa, para me aquecer
Quero falar de mim, desse cruel vazio
Solto a caneta que a escrever se vai
A dizer coisas que da mente sai
E é com a saudade, que eu me amasio.

Assim nostálgico e pensativo, lembrei do meu amigo o "velhinho", pois fazia tempo que não o via. Precisava dele agora, sua presença me faria bem. Tanta coisa para falar, escutar suas palavras amigas. No entanto, estou aqui só, pensando em Cassiana e na peça que nos pregou Iolanda. Lembro ainda de Carlota, em que mundo habitaria agora? Quem sabe espera por mim? O destino, esse grande escritor que trama todos esses enredos, por quais linhas escreveria agora? Que caminhos traçaria? Como eu gostaria de entendê-lo, conseguir nas entrelinhas o que ele escreveu. A vida! Ah! A vida, quem a entenderá? Quantos sonhos, quanta esperança, quantos planos traçamos? Quantas ilusões que o tempo leva com ele, deixando apenas recordações para nosso consolo.

Novas portas se abrem, novas esperanças surgem, partimos atrás delas e outros sonhos alimentam nossa alma. Assim é a vida, feita de sonhos, ilusões, desenganos e algumas alegrias. Um pequeno espaço de tempo onde cumprimos o que nos foi destinado. Um dia talvez, só Deus sabe, conseguiremos entender o nosso papel no palco da vida, o grande teatro de todos nós, simples personagens que somos nesta peça que o destino escreveu.

Debrucei o sono sobre a escrivaninha e cheguei a roncar, num cochilo gostoso e profundo, tão profundo que nem sei se sonhei. Foram poucos minutos que me fizeram um grande bem.

Acordei feliz. Arrumei-me, fui ao bar da esquina tomar um café e de lá, ao Dr. Nicolau, para saber notícias de Cassiana.

Caminhei me esgueirando junto à parede, onde as marquises me protegiam da chuva.

- Bom dia, Dr. Nicolau!

- Bom dia, garoto! Eu o estava esperando.

- E eu aflito por vir aqui, saber notícias de sua filha.
- Lamento lhe dizer, mas elas não são boas.
- Então, quem lamenta sou eu.
- Cassiana é boa menina, mas tem um gênio terrível. Coloquei-a a par do que você me contou, ela disse acreditar ser verdade, chorou muito e, entre lágrimas dizia, ter nojo de você.
- É incrível o que o senhor está me dizendo. Só tenho a lamentar tais palavras, e diante disso, só tenho um único caminho a seguir.
- Se quer um conselho, não se precipite, isso passa, é só uma questão de tempo.
- O senhor acha que eu estou disposto a esperar diante de palavras tão cruéis? Dizer que sente nojo de mim que nada fiz? Eu ainda possuo caráter e dignidade, Doutor.
- A mágoa revolta, põe palavras em nossa boca que o coração não sente.
- É, pode ser, mas ela está sendo muito severa comigo que volto a dizer: nada fiz.
- Tenho absoluta certeza do que estou lhe dizendo: Cassiana ama você.
- Se me ama, tem o dever de conversar comigo, me ouvir, tirar dúvidas, chegar a conclusões e não proceder assim. Afinal, ela já me conhece há bastante tempo.
- Volto a dizer, tenha calma que tudo se resolverá. Eu estou do seu lado, e Celestina também, portanto...
- Portanto, ela deveria agir de outra maneira.

- Uma coisa você pode ter certeza, ela o ama e muito.
- Bem Doutor, eu vou chegando, fique em paz.
- Vá em paz também, Francisco.

Deixei o delegado e vim caminhando em direção à praça. Lembrei do dia dezessete, que seria o aniversário de Carlota. Fui até à estação, comprei flores e levei ao túmulo dela. Lá encontrei Dona Marieta, nos demos as mãos e oferecemos uma prece. Ao sair, acompanhei-a até sua casa, de onde só consegui sair depois de tomar um cafezinho.

Vinha andando, quando decidi voltar para o ateliê, precisava trabalhar. Não demorou dez minutos e percebi que alguém entrava

em silêncio. Levantei para ver quem era e me deparei com o meu amigo "velhinho".

- Quem é vivo sempre aparece!

- Embora esteja sempre presente, só apareço quando se faz necessário.

- Já estava estranhando sua ausência. Até o padre Emílio tem perguntado pelo senhor.

- Qualquer dia farei uma visita a ele, quando você estiver presente.

- Ele vai ficar muito feliz.

- Francisco, como hoje tenho mais tempo, feche essa porta e sente aqui. Vamos conversar.

- Não imagina como gosto de ouvi-lo, hoje então que tem mais tempo, lhe fico grato.

- Primeiro, quero falar do problema que essa moça causou a você e à Cassiana. Sei que você agiu corretamente, o que muito me agradou. No entanto, Cassiana o julga culpado. Está sofrendo porque o ama de verdade. Tudo vai-se aclarar, pois vocês tem um carma a cumprir. Carlota voltará em outra vida, espera por você. O desencontro entre vocês dois se deve ao fato dela ter se suicidado, e isso a levou a outro resgate, o de ter atentado para a própria vida. Com você foi diferente, sua vida foi interrompida, foi tirada por terceiros, o que de certa forma, poderia lhe prejudicar espiritualmente se você tivesse sido executado, por praticar atos ilícitos, ou por ter se exposto indignamente, ou ainda provocando tal acontecimento, o que não foi o caso. Você se expôs à ira do pai dela por amor à sua filha, que correspondia a esse amor, coisa que vocês tinham esse direito. O destino juntou os dois, pois os queria assim. Vocês são almas gêmeas, o que pesou como atenuante para aliviar o ato que ela praticou. Ainda assim, a distanciou de você nas encarnações posteriores, daí, o desencontro.

- Estou entendendo agora, o porquê de tudo isso, mas ainda gostaria de saber mais.

- Lamento lhe dizer, que só falarei do passado, ainda assim já fui além do permitido. O futuro me é vedado dizer. Um dia você entenderá e verá que tudo tem sua razão de ser. Algumas lágrimas ainda serão derramadas, No entanto, serão recompensadas com

risos de felicidade. Carmas existem e precisam ser cumpridos, tenha calma. O tempo busca razões no tempo, e só o tempo traz as respostas que surgem com o tempo. Então podemos dizer que o tempo é o senhor da razão e só ele nos permite todas as possibilidades.

- Gosto muito de ouvi-lo falar assim, com esse jogo de palavras que lhe é peculiar.

- Obrigado pela admiração. Diga ao padre Emílio que lhe deixo um abraço.

- Gostaria ainda de lhe fazer outra pergunta.

- Eu sei, tenho a resposta que você busca, mas por hoje é só. Nada mais posso lhe revelar. E voltando ao tempo o que posso lhe dizer: dê tempo, ao tempo.

- Muito lhe agradeço, pode acreditar.

O "velhinho" se foi me deixando saudades, pois eu nunca saberia quando iria vê-lo outra vez.

Fiquei pensando nas coisas que me disse, bem coerentes até, nos trocadilhos finais que sempre acho fantástico, e a maneira como brinca com as palavras. Assim pensando, me sugeriu escrever estes versos.

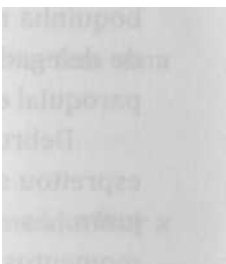
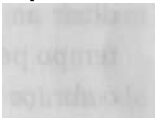
A Razão e o Tempo:

A Razão e o Tempo

Se o tempo pediu tempo ao tempo
Para responder a tantas razões
As mesmas que esconde o tempo
E que se faz de tantos senões.
Sendo assim, eu roguei tempo ao tempo
As razões me vieram depois
Vi que o tempo, se deu para o tempo
A ele se uniu a razão, seguiram juntos os dois.

As respostas ficaram guardadas

Nas cismas das noites sonhadas
Com o tempo e as razões, eu nem sei
E assim segue o tempo apressado
Sem dizer no presente, o passado
Apenas me diz do tempo que eu esperei.



Estava assim escrevendo, quando bateram à porta. Fui abrir e vi que era o padre.

- Como vai o meu nobre amigo Francisco?
- Sempre bem e com Deus.
- Que assim seja eternamente.
- Que bons ventos o trazem?
- Vim lembrá-lo de uma data, que me parece o amigo esqueceu.
- Já sei até a que se refere o padre. Havíamos combinado uma prece no dia dezessete. Não é isso?
- Exatamente, você não esqueceu Veja: ainda dá tempo.
- Não procedi com o combinado, mas levei flores ao túmulo dela, lá encontrei Dona Marieta e fizemos juntos uma prece.
- Bem, se foi assim...

- Mas podemos fazer outra, vamos até à casa dela. Sei que ela ficará bastante feliz.

Assim fizemos, e foi diante do retrato que, de mãos dadas, elevamos o pensamento a Carlota, nas humildes palavras de nossa prece. Dona Marieta nos serviu café e biscoitos de polvilho, feitos por ela.

Despedimo-nos e voltamos aos nossos afazeres. Tive vontade de dizer ao padre Emílio o que me falara o "velhinho", mas ao mesmo tempo pensei: "Ele não acredita, de que adianta"? Apenas lhe transmiti o abraço deixado.

A hora avançava e então convidei o padre para irmos fazer uma boquinha na lanchonete da rodoviária. Na volta, passamos pela porta do delegado, mas não vimos ninguém. Fui com ele até a porta da casa paroquial e voltei para os meus aposentos.

Debruçado na velha sacada, a mesma que guardava segredos, que espreitou em noites escuras o caminhar esguio de quem se esgueirava junto às paredes até as portas apenas encostadas para viver momentos de amor, inesquecíveis e saudosos.

Senti falta de alguém, de Cassiana, não sei, para preencher o vazio que tanto me incomodava. A solidão é terrível. O frio já me mandava entrar, e assim o fiz.

Sentei à escrivaninha e busquei na escrita a companheira que me consolava. Assim, caminhando entre as linhas do caderno, eu criava personagens para conversar comigo, me contar seus dramas, partilhar momentos que marcaram suas vidas. Com isso, enchi páginas e mais páginas, que me conduziram, que ali ficaram comigo, fiéis e incansáveis, até que o sono me obrigou a lhes dar boa noite e acomodar o meu corpo na cama.

Sonhei com Carlota me agradecendo as flores e as preces, e entre outras tantas coisas que me dizia, lembro ter ouvido "Continuo esperando por ti meu amor, não demores".

Acordei me sentindo bem. Aliás, todos os dias ao me levantar sinto-me feliz por ver que estou vivo, que posso caminhar, ver a luz,

escutar a minha voz ao pronunciar minha prece, agradecendo a Deus este milagre divino que é a vida.

Fiz meu lanche no bar da esquina, atravessei a rua e fui ver o delegado.

- Bom dia Dr. Nicolau.

- Bom dia garoto, pensei que tinha me esquecido!

- Pelo contrário, os meus pensamentos por Cassiana, não me deixam esquecer nenhum de vocês.

- Fique sabendo, que nós também o lembramos em cada minuto de nossas vidas.
- E como vão as coisas?
- Não vão como eu gostaria, pode acreditar. Aquela menina tem uma cabeça muito dura.
- Talvez ela venha a se arrepender.
- Esse é o meu medo!
- Se eu tivesse a culpa que ela me atribui, seria capaz de me ajoelhar a seus pés, mas estou inocente, e isso muito me dói.
- Veja bem, até Cilene e Celestina brigaram com ela, aconselham-na a esquecer tudo e voltar para você. No entanto, ela diz que morre, mas não perdoa.
- Lamento bastante, e em virtude do que está me dizendo, acho que vou desistir, vou embora.
- Não. Não faça isso, é questão de mais alguns dias e ela cai em si. Pelo menos, assim espero.
- Bem doutor, estou indo, fique com Deus.

Saí dali contrariado, não merecia o que Cassiana estava fazendo. Acho que se ela me amasse como dizia, já teria procurado fazer as pazes, por pior que tivesse sido o meu erro, quem ama perdoa.

Ao chegar ao ateliê, deparei com um envelope que estava colocado por baixo da porta, e ao abri-lo, vi que se tratava de Virgínia e André, netos de Dona Noêmia, me convidando para uma festinha em casa deles, às vinte horas deste mesmo dia.

Fiquei animado, pois isso ajudaria a preencher o dia, principalmente à noite, hora em que a saudade mais incomoda. Passei a tarde pintando, e quando começou a escurecer fui escrever um pouco. Tinha umas coisas na cabeça, que precisava passar para o papel.

A noite chegou, fiz minha barba, me arrumei e parti para a casa a qual fui convidado.

Ao chegar à porta, Virgínia me viu e veio me receber. Agradeceu a minha ida e me adentrou na casa. André logo veio me dar as boas-vindas, e os dois me apresentaram a seus pais.

Foi-me servida uma taça de espumante, enquanto era apresentado a seus amigos. Os rapazes e as moças passaram para

outro salão, onde a música convidava todos a dançar. Virgínia me deu o privilégio da primeira e, enquanto dançávamos, ia fazendo algumas perguntas.

- Pelo que estou vendo, você gosta de dançar?
- Já gostei mais.
- Inclusive, dança muito bem.
- Gentileza sua.
- É modéstia da sua parte.

Nesse instante, alguém chamou por ela, e eu fiquei ali saboreando um pouco mais do frizante. Uma das moças presentes se dirigiu a mim e perguntou:

- Você desmanchou o noivado?

Surpreendi-me com a pergunta.

- Está falando comigo?
- Com quem mais poderia ser?
- Não sei do que você está falando.
- Sabe sim, me refiro à filha do delegado.
- Por quê? Você a conhece?
- Me dou muito com elas, estudamos juntas.
- Folgo em saber.
- Você não respondeu à minha pergunta?
- Nada tenho a responder.

- Que pena, um rapaz tão elegante e tão grosso.

Virgínia vinha voltando em minha direção, e a intrusa se afastou.

- O que aquela sirigaita queria com você?
- Perguntou se eu só dançava com a dona da festa.
- Ela é muito oferecida, mas meu irmão gosta dela, motivo pelo qual foi convidada. Só por isso, vamos dançar outra vez?

Sáímos dançando, e comecei a não me sentir bem. Cassiana não me perdoaria se soubesse que eu estava ali, e eu, apesar dos pesares, ainda curti esperanças.

- O que houve com você? Parece que ficou diferente?
- Não houve nada, está tudo bem.
- Alguma coisa mudou você.
- É apenas impressão sua.
- O que foi que entristeceu você?

- Nada não, está tudo bem.
- Fui eu a causadora, ou foi a sirigaita?

André se aproximou de nós, perguntou se eu estava gostando e disse que eu ficasse à vontade. Percebi que Virgínia estava querendo fazer par constante comigo, inclusive um rapaz veio convidá-la para dançar, e ela respondeu que já prometera aquela dança a mim. Com isso, dançamos outra vez.

Ao terminar a dança, ela foi chamada pela avó, que estava com umas senhoras e queria apresentá-la. Vi uma mesa desocupada e sentei para descansar. Ali fiquei apreciando as moças e os rapazes, todos sorridentes e felizes. André, ao me ver sozinho, veio me fazer companhia, mas Virgínia não demorou. Esperei um pouco, e tentei me retirar, alegando que estava cansado. Eles tentaram me animar e Virgínia sorrindo para mim falou: - Vamos espalhar essa preguiça, venha, vamos dançar.

Assim dizendo, pegou a minha mão e tive que levantar para dançar mais uma. Enquanto dançávamos, ela puxou assunto comigo:

- Gostei muito da sua companhia, espero que também tenha gostado da minha.

- Gostei sim, foi um prazer estar aqui com vocês.
- Me referi a mim.
- Você é cativante e linda, não tenha dúvida quanto a isso.
- Gostaria que você viesse aqui mais vezes, teremos muito para conversar.
- Acredito que sim, não faltará oportunidade.
- Então vamos dançar mais esta música que eu adoro.
- Dançamos, e depois você vai me permitir que eu me retire, está bem?
- Queria que você ficasse até o final.
- Peço-lhe desculpas, mas realmente tenho que me retirar.
- Vou chamar meu irmão para se despedir.

Enquanto eles não chegavam, fui levantando e lentamente me dirigindo até a porta. André insistiu para que eu ficasse mais um pouco, mas quando viu que eu não ia ceder, me dispensou. Virgínia se ofereceu para me trazer até a porta, me despedi de Dona

Noêmia e quando chegamos ao portão, apertou a minha mão e me puxou para ela. Recuei, pedi desculpa e me retirei.

O remorso roia o meu pensamento. Já pensou se Cassiana viesse a saber disso? Aí mesmo é que eu não teria mais chance. Custou-me dormir, não pensei que indo a essa festa, estaria criando mais um problema.

Não sei dizer que horas eram, mas percebi, no entanto, que era bem tarde quando acordei de um sonho, ou quem sabe de uma visão? Cheguei a pular da cama, quando vi meu ateliê invadido por um homem armado. Uma voz me dizia: - "Pela manhã, uma resposta".

Ainda assustado, rolei um pouco na cama e voltei a dormir.

Quando o sol já ia alto, acordei. Levantei preguiçoso e ainda tinha na cabeça, imagens da festa da noite passada. Desci as escadas e quando cheguei à rua, encontrei Francisquinho, filho de seu Zé me esperando. Trazia um recado do pai, pedindo que eu fosse à sua casa, pois tinha um presente para mim.

Levei-o a tomar café comigo, e seguimos para lá. Seu Zé já me esperava e se mostrava bastante feliz por me ver. Convidou-me a

entrar, sentamos na sala, e sua esposa serviu um café com biscoitos, geleia e um queijo curado sem igual, bem ao paladar.

Enquanto o café descia gostoso, Seu Zé foi falando o motivo de ter mandado o filho me chamar.

- Francisco, achei uma coisa que vai lhe agradá bastante.
- Estou ansioso por saber do que se trata?
- Francisquinho, pegue lá no meu quarto meu filho, em cima da mesinha. É ôtro livro escrito por meu avô, esse conta tudinho do acuntecido.

O menino foi de imediato e trouxe um caderno velho e surrado.

- O presente que vô lhe dá, quase foi pará no fogo. Por sorte cunsegui vê a tempo do que si tratava e salvei ele pra lhe dá.
- Ainda bem, já pensou perder uma relíquia destas?
- Pois é cum muito prazê, que passo a suas mão. Sei qui vai aproveitá bem, esse foi escrito arguns ano depois daquele.
- Muito obrigado, nem sei como lhe agradecer.
- Num tem o porquê não, é um prazê que eu tenho.

Passei ali algumas horas, despedi-me, agradei mais uma vez, e segui para a casa paroquial, precisava mostrar ao padre Emílio, que também ficou curioso para ler. Abrimos o livro, e juntos fomos lendo as suas páginas amareladas, que começava assim: "Aqui tem a verdadeira história do ocorrido, do jeito que aconteceu, contada pelo próprio irmão, que assumiu a família em virtude da prisão do pai. Naquele dia, assistí o enterro e as cenas que contei no ôtro livro, mas só escreví os boato, o que as pessoa falava por adivinhação. Agora, escrevo aqui o que aconteceu de verdade. Fui chamado pra trabalhá no "casarão", querium fazê um muropraprotejê e escundê um poco a casa. Os dono gostaro do meu trabaio, por isso trabaiei lá por arguns ano. O filho da portuguesa ficô meu amigo, dizium que ele era iguar ao pai, bruto e valentão. Ele parecia sê assim, mais cumigo não. Gostava de cunversá, me chamava prátumá café cum ele e era bem delicado cum a irmã e a mãe. Um dia, chegô a nutiça que o pai tava morto no prisidio. Ele chorou muito, a mãe e a irmã não.

Daquele dia em diante, ele vivia triste, ais vez até chorava. Eu já tava até quereno vi simhora, mas quano falei cum ele, não pirmitiu, disse inté que eu era o único amigo dele, que ninguém gustava dele, nem de passá na porta do "casarão".A portuguesa tumbem me pediu prá fíca, era munto boa pra mim e tinha a irmã duentinha que vivia incolhida pelos canto.

Um dia, Manoelzinho cumo era chamado, sentô do meu lado, passo a mão na cabeça, inchugô os olho, olhô pra mim e falô:

- Eu guardo cumigo uns remorso que munto me incumoda. Gustaria de lhe cuntá, talvez fazeno anssim, eu alivie desse peso, cunfio muito em ocê e o tenho cumo amigo. Eu respundi até cum pena dele, dos olho molhado: - Pois pode cuntá cumigo que se pudé lhe ajudá, eu ajudo.

- Eu tenho certeza que sim. Quero lhi falá do crime daquele rapaiz.

- O tar que namurô sua irmã?

- Esse mermo, hoje eu sei que era um bom rapaiz, gustava dela que tumbem tinha lôcura por ele. Meu pai era munto avarento, só pensava eim dinhero, quiria que ela se casasse cum o primo rico de

Portugá. Batia munto na minha irmã, mais ela num disistia. Aquilo era amô mermo que eles tinha um por o ôtro.

Naquele dia, meu pai chegô em casa cum as passage pra portugá. O casamento ia sê lá, já tava marcado. Minha irmã ficô inloquecida e cumeçô a gritá. Dizia qui num ia. Ele passô a mão na curreia e lascô nela, minha mãe foi defendê e apanhô tumbem. Foi nessa hora, que minha irmã disisperada, veno minha mãe apanhá, gritô anssim prele: - Se me levá pra Portugá, vai passá vergonha, pruçê eu já me dei prele, e num serei di mais ninguém.

Nessa hora meu amigo, eu pensei que ele ia matá ela. Corri, me garrei cum ele e sarvei minha irmã. Mais o pió, inda ia acuntecê, ele foi no quarto, e quano vortô, pircibi que ele vinha armado. Abriu a porta e saiu. Eu fui atraiz dele, minha mãe se agarrô cum minha irmã que quiria se agarrá cum ele, mas ele tava cego pelo ódio, parecia que num via ninguém. Eu ali do lado dele, tentava de um tudo pra ele vortá, e ele só dizia anssim: - Esse canaia disonrrô nossa familia, e a honra si lava cum sangue.

- Pai, eles si ama, já que chegô nesse ponto, deixa eles

casá. Ele meteu a mão nos meu peito, me deu um safanão que eu cheguei a caí, e ainda no chão, vi ele entrá pela porta do "sobrado". Levantei meio atrapaiado e curri prá sigurá, mais ele já estava entrano no ateliê do rapaiz. Subi as escada correno e quano me agarrei cum ele, ainda vi o rapaiz levantano prá falá cum ele. Escutei o tiro, e o rapaiz caiu istrebuchano na minha frente. Ainda tentei socorrêo rapaiz, mas ele me puxô e vi intão que já tava morto. Curremo pra casa, ele arrumo rápido as mala, mais eu me neguei a ir cum ele. Saiu pegô o carro e sumiu na estrada. Logo a puliciachegô e me levô preso. Na delegacia fui obrigado a cuntá o acuntecido. Eles saírum cum o carro e despois de argumas hora, eu sobe que tinham prendido ele no Rio de Janero. Em siguida me sortaro e eu vortei pra casa chorano munto, procurano escundê da minha irmã.

No dia seguinte, a impregada chamada Lurdinha, chegô atrasada e contô pra elas, que tava no cemitéro, porquê o rapaiz ia sê interrado. Minha irmã deu um grito e caiu disacordada. Curremo para socorrê e custamo a fazê ela vortá. Quano acordô, saiu

discalça, de camisola, cum os cabelo disgrenhado, curreno pela rua. Tentei arcançá-la, mas num cunsegui e assisti à cena patética quanochegô no cemitéro.

Gritava e dizia qui quiria sê interrada tumbém. Si jugô no túmulo sobre o caixão que acabava di descê, socava o caixão e gritava: - Me ajudem, ele precisa acordá, está só durmino. Ela gritava o nome dele inloquecida. Minha mãe chegô, estava disisperada veno a filha anssim totarmente tumada pela lôcura.

Foi cum munto custo, que cunsequimo tirá ela dali, que aos berro dizia:

- Amanhã eu estarei aqui tumbem, junto cum meu adurado amô. Amanhã será o meu interro. Foi anssim, que ao chegá em casa, cunversamo munto cum ela, tentano tirá dela a ideia de tentá contra a vida. Seus olho arregalado num piscava, seu sembrante era de total letargia, parada sem falá, o olhá perdido como si tivesse morta, e eu acho que sim, na verdade ela já se intregara. Pela manhã, veio a cunfirmção. Seus pulso cortado e o corpo inerte na sua cama. Minha mãe, quase inloqueceu, nossa vida si acabô, acho inté que si nu fosse

por minha irmã, a doentinha, minha mãe teria partido tumbem. - Lamento munto, é uma históra triste, eu falei anssim - Ás vez fico pensano, quanto agi errado, julgano que meu pai tinha razão.

Hoje veno a família distruída, percebo os erro que meu pai cumeteu, sua ganança por dinhero, sua avaresa e os titulo de nobreza, reduzirum nossos sonho a cinzas que o vento varreu. Puderíamos está todos felizes. Hoje esta casa tava cheia de netos, no entanto... Como vê meu amigo, a ganança, talvez seja a maió desgraça da humanidade."

Ao acabar de ler este trecho do caderno, olhei para o padre Emílio, ele olhou para mim e disse:

- O que você tanto procurou, veio parar em suas mãos sem você esperar.
- E está bem narrada, conta toda a tragédia com detalhes.
- Agora, você já pode escrever o livro.
- É verdade padre, já posso até voltar para o Rio.
- Não acredito que esteja dizendo a verdade.

- Nada mais tenho a fazer aqui, já perdi a noiva, encontrei o que procurava. Só me restaram os amigos.
- Pensei que não fosse mencionar os amigos.
- Não os esquecerei, pode ter certeza. O senhor e o "velhinho" estarão no meu coração para sempre. O ateliê vai ficar fechado por algum tempo, depois vou pensar o que fazer.
- Lamento profundamente essa sua atitude, mas compreendo.
- A vida é isso, vamos fazer o quê?
- O delegado já sabe dessa sua decisão?
- Vai saber amanhã, vou falar com ele.
- O "velhinho", também não vai gostar.
- Vou esperar e ver o que ele diz. Tem sempre sábias palavras, gosto muito de ouvi-lo.

Despedi-me do padre Emílio e vinha caminhando, quando avistei Virgínia que vinha na minha direção.

- Como vai Francisco, melhorou?
- Estou quase bom. E o André, onde anda?

- Estudando, e eu passeando.
- Gostei dele, é um bom camarada.
- E de mim, gostou também?
- Claro que sim, você é uma pessoa maravilhosa, atenciosa e educada.
- Só isso?
- E tudo mais que porventura eu tenha esquecido.
- Eu gostei de você e queria convidá-lo para um papinho na varanda lá de casa, hoje às 20 horas.
- Perdão Virgínia, embora eu tenha gostado de você, sou noivo, comprometido.
- Pelo que eu soube, já foi, não é mais. Inclusive pelo que disseram, ela não quer mais vê-lo.
- Talvez, quem sabe? Independente de qualquer coisa, estou indo para o Rio.
- Não tem problema, eu espero.

Dei um sorriso, pedi licença, mandei um abraço para o André e segui em frente. Percebi que ela ficou triste.

No Ateliê:

Cheguei ao ateliê, tomei um banho, recostei para descansar e acabei cochilando. Acredito que umas poucas horas haviam passado, quando bateram à porta. Fui atender.

- Como vai, Francisco, melhorou?
- Melhorei sim, André, mas a que devo a honra de sua visita?
- Vim conversar um pouco, isto é, se não for lhe atrapalhar.
- Claro que não, amigos são sempre bem-vindos Entre, por favor.

Sentamos no sofá, e ele começou por falar da festa. O quanto eu fui admirado, principalmente por sua irmã que muito gostou de mim. Inclusive a Lídia, da qual ele era admirador.

Perguntei quem era, e ele respondeu:

- Aquela que a minha irmã chama de sirigaita.

- Ah. Sim, sei quem é.
- Eu gosto dela, mas realmente ela é assim um pouco avoada, e isso faz com que minha irmã não goste.
- Mas se você gosta, isso é o que importa, não é mesmo?
- Pois é, eu também acho. Por falar nisso, minha irmã pediu para convencê-lo a ir lá em casa esta noite.
- Amigo André, gostei muito de vocês, no entanto, sou muito franco nas minhas atitudes. Gosto de agir corretamente e por essa razão, não posso assumir nenhum compromisso com sua irmã, porque ainda tenho um noivado mal resolvido.
- Um noivado mal resolvido? É com a filha do delegado, não é mesmo?
- Exatamente, e como estamos brigados...
- E você pretende voltar?
- Acredito que não passa de um pequeno desentendimento.
- É uma pena, faria muito gosto tê-lo como meu cunhado.
- Pena que a minha irmã seja casada.
- Você se saiu muito bem, mas é verdade o que digo.

Conversamos ainda algum tempo, e ele desistiu de insistir. Despediu-se e foi embora.

Fiquei no ateliê, pois precisava pintar. No entanto, quando se aproximava as 20 horas, senti uma vontade enorme de ir até à casa de Cassiana, colocar as coisas em pratos limpos. Era ou sim ou sopas.

Arrumei-me, desci a rua e parti para lá. O que Virgínia me dissera, estava me incomodando. Cassiana falara que não queria nem me ver? Não, isso não iria ficar assim. Quero ver ela falar na minha cara, olhando nos meus olhos.

De longe percebi que ela estava na varanda, exatamente como se estivesse me esperando, e quando viu que eu me aproximava, levantou para entrar. Corri em sua direção e gritei: - Espera aí, por favor.

Ela me respondeu seca e agressiva:

- O que você quer?

- Decidir o nosso destino, preciso agir a minha vida.

- Você já está agindo há muito tempo.

- Não estou não e vim aqui para resolver.

- O que você veio tentar resolver, já está resolvido. Você não passa de um grande mentiroso, falso, enganador.

- Nem você, nem ninguém. Ouça bem: ninguém, tem o direito de me dizer uma coisa dessas. Passe muito bem. Só lamento ter perdido o meu tempo.

Nesse instante, ela levantou e percebi que ia chorar, mas antes que o fizesse resolveu entrar.

Voltei para casa e lá chegando, fui tirando as minhas roupas dos cabides e comecei a arrumar as malas. Deixei tudo pronto para o dia seguinte.

Ao Outro Dia:

Ao Outro Dia

Levantei, fiz a barba, tomei banho e fui até a rodoviária comprar a passagem para o Rio e aproveitei para tomar o meu café da manhã. Antes de viajar, dei uma chegada à delegacia para falar com o Dr. Nicolau. Fui me despedir, coisa que ele não aceitou de bom grado.

- Por que assim de repente, você resolveu ir embora?
- Preciso ir, já tenho todos os detalhes do que vim buscar. Tenho o suficiente para realizar o meu trabalho, e como pode ver o doutor, não recebi nenhuma herança. De resto, nada mais me interessa.
- E Cassiana, como fica?
- Do jeito que ela quer ficar.
- Discordo plenamente de você.
- Ainda ontem, eu tentei falar com ela, e simplesmente me virou as costas.
- Ela gosta muito de você rapaz.
- Se isso fosse verdade, ela procuraria esclarecer os fatos e não agir dessa maneira.
- Está muito magoada, com isso, está sofrendo muito.

- Acredito que é do seu conhecimento, que ontem eu fui até à sua casa, tentar falar com ela. Lamentavelmente foi em vão, ela me ofendeu, virou-me as costas, me deixou falando sozinho e entrou.
- Calma rapaz, ela está machucada e, na ideia dela, você a traiu com a prima Iolanda.
- O senhor sabe que isso foi mentira, que eu estou inocente nessa história.
- Mas ela não. Esse é o problema. Ainda ontem quando você foi embora, ela se trancou no quarto chorando. Celestina é quem conseguiu consolá-la.
- Talvez tenha chorado apenas pelo orgulho ferido.
- Tenho certeza que não. Tente outra vez Francisco, vá lá em casa hoje à noite, quem sabe uma segunda tentativa resolve tudo?
- Já comprei a passagem para as dezessete e quinze, estou decidido Dr. Nicolau.
- Vai se arrepender, olhe o que eu estou lhe dizendo!
- Não creio, desculpe, mas não creio.
- É uma pena, um amor tão bonito como esse de vocês ir por água abaixo, por causa de besteira.
- Por coisa que não houve. O senhor sabe muito bem disso.
- Acho que vou prender você.
- É a única maneira de evitar que eu vá.

- Você não sabe a tristeza que está me causando. Tenho por você um amor de pai, só tive duas filhas, sempre quis ter um filho, e esse filho me apareceu assim, por intermédio de Cassiana. Celestina tem por você o mesmo sentimento, no entanto...
- Logo ela arranja outro e o senhor terá um filho.
- Não diga isso, minha filha não é vulgar.
- Desculpe se me interpretou mal, mas é a lei da vida, uns vão, outros vêm.
- Não me dê esse desgosto, Francisco, você tem até às dezessete e quinze para desistir.
- Não depende mais de mim, lamento lhe dizer, mas está decidido. Fique com Deus, que eu também vou com Ele.

Vi que ele ficou realmente sentido. Nunca imaginei vê-lo com os olhos lacrimejantes. Tive vontade de abraçá-lo, mas virei as costas e saí.

Caminhei para a casa paroquial, pois precisava me despedir do padre Emílio, meu grande e inesquecível amigo. De antemão, eu já sabia que ele faria tudo para me dissuadir da idéia, mas não poderia partir sem me despedir dele. Exatamente como eu pensei, foi aquela choradeira.

Pedi sua bênção e prometi visitá-lo em breve. Voltei para o ateliê, pois precisava encontrar o "velhinho", outro grande amigo.

As horas passavam, eu estava nervoso, tenso, triste. As despedidas são sempre dolorosas, eu chamava pelo "velhinho", pedia que aparecesse, e nada. Queria e precisava ouvir suas sábias palavras, não entendia por que ele me faltava nessa hora em que na realidade, eu preferia mais ficar do que partir.

Eu me sentia preso a Ouro Preto, agora que perdera os "medos".

Na Hora da Partida:

O relógio me avisou que estava na hora. Peguei a mala, olhei ao meu redor e desci as escadas indeciso e vacilante. Ao chegar à rua, parei, contemplei a torre da Matriz, olhei aquele céu azul que me encantava. Comecei a andar, parei novamente, olhei com saudade a

praça, o banco onde conversei muitas vezes com o "velhinho". Em seguida, meus olhos correram pelas pedras da rua. Olhei com carinho a casa da Dona Marieta, lembrei de Carlota e segui triste. Em cada pedra que pisava, em cada passo que eu dava, cada lembrança agasalhava meu coração.

Eu sou assim, emotivo, romântico, sonhador, e Ouro Preto me fez sonhar, reviver vidas que ali deixei, recordadas agora quando aqui cheguei. Contemplei a rodoviária, as ladeiras, os sobrados, as igrejas, aquele povo amigo subindo e descendo no afã de cada dia. Meus olhos úmidos deixaram que as lágrimas rolassem por meu rosto, sereno e triste.

Quanta saudade, Ouro preto! Saudade de um tempo em que tudo acabou, que a memória do tempo guardou para mim, na escrita, num livro que carrego na mala, a fazer reviver a história que ninguém contou. Quanto medo eu tinha de ti Ouro Preto! Eu temia te visitar e agora que vou embora, choro as saudades que vou levar. Vim aqui, para encontrar comigo mesmo, eu precisava, me faltava esse elo, Eliseu e Carlota esperavam por mim. Vimo-nos frente a frente e eu me perguntei: "Os dois são um só"?

O ônibus encostou, o relógio bateu cinco horas, a angústia apertava meu peito, a dúvida me fazia vacilar. As pessoas começaram a embarcar e eu me deixei ser o último, pois uma leve esperança acalentava meu pensamento "Quem sabe, Cassiana vem ao meu encontro"? Sonho desfeito. O motorista me convidou a entrar e quando tentei fazê-lo, um guarda mandou que eu esperasse. Se aproximou, pediu meus documentos e me deu voz de prisão. Perguntei por quê? Atitude suspeita, respondeu ele e ainda disse mais: - Essa identidade é duvidosa.

- Que duvidosa o quê? O senhor está louco?

- Me respondendo assim, vai ter mais um agravante.

- O Doutor delegado me conhece.

- Não adianta argumentar, vai ter que me acompanhar até a delegacia.

- E o ônibus? Eu preciso embarcar.

- O ônibus pode seguir; o senhor fica.

Assim foi. O ônibus seguiu viagem, e eu, muito bravo e aborrecido, tive de ir até à delegacia. Quando lá cheguei, perguntei pelo delegado, e o Cabo me disse que ele ainda não havia chegado, e que eu teria que esperar. Ainda argumentei que o Cabo também me conhecia, mas foi tudo em vão. Sentei na sala do delegado, com o policial ao meu lado e o Cabo à minha frente. As horas passavam e nada. Eu já estava soltando fumaça pelas ventas.

O relógio marcava dez para as dezenove horas, quando o Dr. Nicolau chegou. Olhou para mim e disse:

- Você ainda está aqui rapaz, não viajou?

Quando eu ia responder, o policial sorrindo me entregou a identidade e saiu. Olhei para o delegado e falei:

- Não me diga que isso tudo foi obra do senhor?

- De quem mais poderia ser?

- E por quê? O senhor pode me explicar?

- Cassiana quando soube que você ia embora, ficou como louca, foi preciso segurá-la. Como estava em cima da hora do ônibus sair, e ela queria ir atrás de você, logicamente eu precisava evitar isso. Cidade pequena, você sabe como é. Assim sendo, consegui convencê-la que levaria você comigo para o jantar. Você inclusive deve se lembrar que cheguei a falar que estava quase prendendo você.

- É, realmente o senhor disse isso, mas entendi como uma brincadeira.

- Foi o que eu fiz, uma brincadeira. Agora vamos lá, antes que Cassiana enlouqueça.

Rumamos para a casa do delegado, que ao chegar, pediu que eu esperasse na varanda. Ele entrou e escutei a voz de Cassiana:

- Onde está o Francisco? Não me diga que o senhor me enganou?

- Quando cheguei à rodoviária, o ônibus já havia partido.

- Porque o senhor fez isso comigo? Eu queria correr até lá e o senhor não deixou. O que é que eu vou fazer da minha vida agora? Diga que não é verdade, meu pai, diga por favor.

- Agora só resta você ir até à varanda, e relembrar seus momentos com ele.

- Ir à varanda, vai me fazer chorar mais ainda. Por que isso foi acontecer?

- Experimente, quem sabe ele veio jantar com a gente?

Nessa hora, Cassiana gritou:

- Meu Deus!

Correu para a varanda, onde eu a esperava com os braços abertos. Ali ficamos abraçados, nos beijando entre lágrimas e pedidos

de perdão, felizes juntos à sua família, até quase a meia-noite. Quando me despedi, Cassiana me acompanhou até o portão me cobrindo de beijos e jurando nunca mais duvidar, nem brigar comigo. Quando ia saindo, escutei o Dr. Nicolau falar: - Viu porque eu prendi você?

No Ateliê:

No Ateliê

Abri a janela, cheguei à sacada, respirei o ar fresco da madrugada, contemplei a rua e sorri feliz. Eu me sentia feliz. Olhei o céu, fiz minha prece e deitei para dormir. Tive sonhos que me agradaram a alma. Em um deles, escutei que alguém falava: "O delegado gosta de você. Cassiana não está conseguindo dormir, está feliz demais, pensa muito em você, pois o ama."

Acordei cedo, levantei e quando ia sair para falar com o padre Emílio, ao abrir a porta, dei de cara com o "velhinho", que sorrindo me disse:

- Agora tive permissão para vir.

- E por que não, antes?

- A responsabilidade era muito grande, você é quem tinha de decidir.

- O senhor poderia me dizer o que seria certo, não poderia?

- E o seu livre arbítrio como ficaria? Eu não posso interferir.

- Mas poderia me aconselhar. Sabe muito bem o quanto o respeito.

- Cada um é dono do seu nariz, e nariz por nariz, o seu é maior que o meu.

Dei um sorriso e respondi:

- Mas eu permito que o senhor meta o nariz onde é chamado.
- Embora você permita, tem quem não, por isso esperei, deixei essa escolha por sua conta. Agora porém, já posso dizer que você decidiu pelo melhor caminho. Agradeça ao seu futuro sogro, que o ama como a um filho.
- O senhor tem razão, deu para perceber.

- Você tem o dom de cativar as pessoas. O padre Emílio está triste, pois ainda não sabe do acontecido. Não deixe de ir lá lhe dar essa alegria. Vá agora cedo. Quanto à Virgínia, você procedeu corretamente, parabéns! Precisamos conversar com ela também. Temos outros assuntos a esclarecer.

- Por que não o fazemos agora?
- Agora é hora de ir falar com o padre.

Fui me aprontar e quando dei por conta ele já havia sumido. Desci as escadas e fui para a casa paroquial. Bati à porta, e quando o padre Emílio me viu:

- Francisco! Que surpresa agradável meu filho!
- Vim tomar esse cafezinho gostoso, do qual já estava com saudade.
- Ah é? E de mim você não tinha?
- Mas é claro que sim, padre, sem o senhor, não teria esse café.
- Para me fazer mais feliz, diga que desistiu de ir embora.
- Desisti sim, padre, e vou lhe dizer o porquê.

Sentamos à mesa, o café foi servido e, entre um gole e outro, fui lhe narrando todos os acontecimentos que me levaram a ficar.

- Esse delegado se saiu melhor do que a encomenda, além de prestar um grande serviço à comunidade de Ouro Preto.

Dei um largo sorriso por suas palavras e falei:

- Quer dizer que o senhor gostou do que ele fez?
- Gostei muito e, para ser sincero, acho que você decidiu certo. Cassiana é realmente uma boa moça e lhe merece.
- Agora realmente, concordo com o senhor.
- Fico feliz por ver que a razão falou mais alto. Deus atendeu às minhas preces.
- É, padre Emílio, tenho certeza que sim.

- Aproveite esse estado de alma e se dedique a escrever o seu romance. Agora você já tem todos os dados e está no lugar certo.
- Só farei isso, depois que o amigo confessar que já acredita em reencarnação.

- É lógico que sim, ou talvez não, quem sabe? Se digo que sim, eu não minto, se digo que não, também.

- Estão parecendo palavras do nosso amigo "velhinho".

- Preciso fazer concorrência a ele, para ter os mesmos sentimentos de saudade que ele recebe de você.

- Já lhe disse que ciúme é pecado padre Emílio, o senhor não sabe disso?

Ali ficamos conversando por algum tempo, até que me despedi e fui para o ateliê trabalhar. O padre Emílio estava feliz por mim.

Sentei à escrivaninha e comecei a escrever. As palavras fluíam com facilidade, às vezes me parecia que alguém que eu não via estava a meu lado ditando o que eu ia escrevendo. Foi assim, que um nome surgiu em minha mente: "Antonio". Mas quem era Antonio? Perguntei a mim mesmo. Meu avô? Quem sabe? Foi o que ouvi. Estaria meu avô ali me assistindo e me instruindo? Parecia que sim, eu o amava, era idolatrado por mim. Aquele ar sereno e triste em seus olhos, muitas vezes me fez chorar. Eu sabia que ele sofria, vivia numa cruel solidão, não era feliz.

Eu era criança ainda, mas percebia isso, não sabia o motivo, pois era muito novo para entender o problema dos adultos. Alegrou-me perceber que gostava da minha presença, me dava conselhos, me ensinava muitas coisas, dizia que eu deveria ler tudo que pudesse, pois só através da leitura é que nos tornamos cultos. Eu tinha doze anos quando ele se foi, muito chorei e ele me deixou muitas saudades.

Alguns anos depois, tomei conhecimento de sua desdita, o divórcio que o marcou para sempre, a vergonha e a falta daquela que o encantava. A solidão e o vazio que ela deixara o tornou um homem triste.

Não sei o porquê de me vir essa ideia agora, quando o sinto aqui, pego papel e caneta para escrever outra história bastante diferente.

Paro, penso, olho em minha volta e sinto a sensação de que ele realmente se encontra aqui. Talvez a afinidade que nos unia e nos tornava amigos. Ele também gostava de escrever, leitor ferrenho de muitos livros e admirador de Guerra Junqueira, grande nome da literatura Portuguesa, excomungado pelo Papa, por sua obra "A velhice do padre Eterno". Esse livro também o li, por curiosidade de saber, de aprender sempre mais.

Fiz uma prece em sua memória, e algumas lágrimas banharam meu rosto aliviando a minha saudade. Se meu avô está aqui ou não, só Deus sabe. Talvez venha me visitar de vez em quando, me inspirar nas minhas histórias.

Volto minha atenção para Eliseu e Carlota, penso no "velhinho", sei que muito tem para me dizer e o fará na hora certa.

Penso no amor, essa força divina que nos une e nos enlouquece. Penso na vida, esse curto espaço de tempo, esse emaranhado de fatos que a compõe. Será realmente o destino? Existirão realmente carmas a resgatar? O que será a verdade? Aquilo que pensamos, ou é algo além que foge à nossa compreensão? Acredito que exista a verdade incontestável, fria, terrível, guardada num cofre, cuja chave está nas mãos Daquela que nos criou. Talvez seja ela que abra as portas de uma nova dimensão, onde a luz se faz maior. Ali então, seremos o que não somos, pois estaremos muito além dessas razões discutidas, dessa incompreensão, dessa ganância estúpida, coisas pelas quais brigamos e que nada significam. São banais e não contam, apenas nos conduzem ao erro, ao crime, ao vício e à prática de tantas injustiças.

A luz é a maior importância para nos guiar ao mundo em que iremos habitar, onde seremos parte dela, pois somos apenas luz. A luz colore a vida que somente existe nela. Porém, como tudo no mundo é dual, as trevas são necessárias para mostrar o lado antagônico. A luz é a energia, o combustível que alimenta o espírito, a estrada que nos conduz ao plano mais alto. As trevas são o endereço do medo, da angústia, do desespero, da loucura. Precisamos acender a luz e mantê-la acesa. Fomos criados por ela, só ela é a verdade, talvez a única coisa pela qual vale a pena lutar.

São quatro horas da manhã. Estou aqui escrevendo, a luz me atrai, me mostra as linhas do caderno por onde viajo confiante. Sei que não estou sozinho, a luz é casa de muitas moradas. Quero dormir e não consigo, alguém chama por mim e me diz: "Levanta, vem escrever".

Assim, no silêncio da madrugada, meu espírito acordado me leva a buscar no infinito das distâncias que me surpreendem, as verdades que tanto anseio. O silêncio me fala tão alto, que não consigo dormir. Meu corpo pede repouso, minha alma se expande na luz. O dia já amanhece, preciso descansar, o sono me levará a outros sonhos onde minha alma liberta, deixará que meu corpo se refaça das viagens onde nos leva à busca da verdade. O travesseiro me espera, quer conversar comigo, me contar histórias.

Um Novo Dia:

Um Novo

Os pássaros cantam, a luz brilha no infinito. O barulho de portas se abrindo, carros passando, tudo isso me diz que um novo dia desperta. Espreguiço-me na cama e de um pulo me levanto. Abro a janela e contemplo toda essa beleza, que me cerca e me faz parte dela. Eu existo, sou um pouco de tudo isso, a luz me diz que sim. Agradeço em minhas preces.

Sinto fome, vou até a lanchonete, estou feliz, as pedras da rua parecem sorrir, a brisa fresca me acaricia, meus olhos brilhando mostram alegria da minha alma. Vou descendo a ladeira, e uma surpresa agradável me faz mais feliz ainda: Cassiana e Cilene vindo em minha direção.

- Hoje, eu afirmo com certeza que Deus me permitiu o céu e já encontro os primeiros anjos.
- Gostaríamos então que partilhe esse céu conosco.
- Um prazer imenso eu terei, de estar junto a vocês.
- Acordei com muita saudade e pedi a Cilene que viesse comigo dar umas voltas, tentar encontrar você e convidá-lo para lanchar conosco.
- Que mais posso pedir a Deus, para me sentir feliz?

Caminhamos por algum tempo, demos uma volta na praça e seguimos para sua casa, onde Dona Celestina me recebeu de braços abertos.

- Seja bem vindo Francisco, que Deus seja louvado!

O delegado já havia saído e ficamos ali saboreando o clima feliz, a graça de estarmos juntos. Cassiana transbordava de felicidade e não queria me deixar sair, por mais que eu insistisse.

- Hoje você não precisa trabalhar, faz de conta que é feriado, quero que me compense os dias que ficou longe de mim.

- O tempo em que estive ausente foi determinado por você, mas ainda assim, meu pensamento esteve sempre ao seu lado, você nunca saiu do meu coração nem da minha retina.

- Você é um anjo, um presente que Deus me deu.

A muito custo conseguir me despedir e ir para o ateliê, precisava trabalhar um pouco mais.

No Ateliê um lembrete:

No Ateliê Um Lembrete

Entrei e percebi um papel em cima da escrivaninha, junto ao caderno onde contava minhas histórias. Peguei-o nas mãos e li o que dizia: "Não se esqueça das flores".

Achei curiosa a mensagem, e pensei comigo, que flores? Somente depois de algum tempo lembrei: "As flores de Carlota".

Escrevi até a hora do almoço, depois fui até a florista e comprei um lindo buquê. Caminhei até o cemitério e depusitei-o com carinho no vaso junto da lápide. Fiz a minha oração e voltei para o atelier.

Enquanto ia escrevendo, meditei um pouco sobre a vida e pensei "Viver é assumir compromissos, resgatar carmas, alimentar esperanças, sonhar, vencer as dificuldades. Viver é cumprir tarefas, aprender sempre, é a grande missão, é a ilusão de estar vivo". Assim seguimos os nossos passos, buscando algo que às vezes nem sabemos o que? Apenas acreditamos que tudo é perfeito e tem uma razão de

ser. No entanto, nem todos pensam assim, apenas vivem, se acham donos de seus destinos e assim procedendo se perdem de si mesmos. As decepções são cruéis, os tombos são grandes e muitas vezes irreversíveis. Através dos séculos somamos ensinamentos à custa do nosso próprio sacrifício, reencarnando numa oportunidade divina, de corrigirmos nossas falhas, nossos erros. Abrir novas portas em busca de uma luz maior.

A hora passa com muita rapidez, principalmente quando estou meditando. Olhei o relógio e me espantei. Arrumei-me e fui ver Cassiana. Percebi que Dr. Nicolau, meu futuro sogro me olhava desconfiado. Cumprimentei a todos e fui me regalar com os quitutes que Cassiana tinha preparado para mim, fazendo jus ao que nos ensina o velho ditado "O peixe se pega pela boca". Embora eu não seja peixe, ela sabia como me fisgar. Ouve um momento em que fiquei sozinho com meu futuro sogro, as mulheres da casa estavam cada um ocupada com suas tarefas e Cassiana tinha ido ao toalete. Aproveitando a oportunidade ele me falou: - Espero que você saiba o que esta fazendo, e justifique o buquê de flores que foi visto em sua mão.

- Se isso o preocupa, fique tranquilo, já dizia Castro Alves: "As flores enfeitam a vida e a morte". Posso lhe garantir que as que hoje levei gozavam da mesma sorte.

- Como assim, não entendi?

- As flores que levava comigo, foram colocadas num singelo mausoléu acompanhadas de uma prece.

- Posso saber quem mereceu esse privilégio?

- A filha de Dona Marieta.

- Você a conheceu?

- Pode acreditar que sim.

- Então essa não é a primeira vez que você vem a esta cidade?

- Nunca estive aqui antes, aliás nunca é uma palavra que não exprime a verdade, talvez não tenha estado, fica melhor assim.

- Afinal esteve ou não?

- Se estive, foi há muitos anos atrás, o senhor nem era nascido.

- Como assim ? Você esta brincando ou falando sério?

- O senhor já ouviu falar de outras vidas?

- Você também acredita nisso?
- Não só acredito como tenho certeza
- Como tem certeza? Baseado em quê?
- Em coisas que vi e testemunhei, inclusive fatos acontecidos comigo.
- Para mim, isso não passa de invenção de gente que vive no mundo da lua.

Nesse momento, Cassiana e Dona Celestina entraram na sala e perguntaram:

- Quem vive no mundo da lua?
- Um assunto meu e do Francisco.
- E nós não podemos saber do que se trata?
- Acho que nem vale a pena.
- Vou dizer o que é, para que não fiquem curiosas.
- Pois então não demore a fazê-lo.
- Estávamos conversando a respeito de outras vidas, coisas do além.
- Com meu pai? Não perca seu tempo, ele só acredita no que vê, não é mesmo pai?
- E em que mais posso crer? Se eu não vejo, é lógico que não existe.
- Pois fique o senhor sabendo, que Jesus falou aos Apóstolos "Felizes os que não viram e creram".
- Nicolau precisa ver que as coisas não são como ele pensa
- A mãe tem razão. Meu pai depois que meu irmão morreu, ficou assim revoltado.

Cassiana tocou em algo que eu não sabia e fez com que o Dr.

Nicolau permitisse algumas lágrimas em seus olhos, e assim me respondeu:

- Se isso é verdade, que existe outra vida, onde esta meu filho você pode me dizer?

- Creio que sim.

- Onde, me diga?

- Cumprindo novos destinos.

- Se ele morreu, existe outra vida que ele está cumprindo, porque tirá-lo de mim? Por que não ficou aqui junto de mim? Se isso é verdade, não passa de uma grande incoerência, não é mesmo?

- As razões de Deus não se discute, estão acima de nossas razões.

- O Nicolau é teimoso. Dona Marieta perdeu a filha já moça feita, no entanto é conformada, sempre fala que ela está bem na outra vida, e ela era filha única.

- Eu não aceito, não posso aceitar tais fatos, me fogem à razão.

- Pois pergunte ao padre Emílio, ele sabe de coisas inclusive da filha de Dona Marieta.

- Se vocês querem saber? Vamos mudar de assunto que é melhor.

Cassiana pegou minha mão e me levou até à varanda.

- Se a gente ficar lá, ele vai ficar insistindo à toa, ele não aceita nada disso, é revoltado com a perda do meu irmão.

- Talvez com justa razão, pelo o que sua mãe me disse.

- Eu quero é namorar estou com muitas saudades de você.

Perguntei a Cassiana se havia conhecido Carlota?

- Eu era pequena quando ela morreu, minha mãe a conheceu bem, eu só me lembro vagamente.

Porque você quer saber?

- Apenas curiosidade.

Ficamos ali como dois pombinhos. Aquele afastamento provocado pela prima de Cassiana fez aumentar a nossa vontade de estar junto um do outro, o amor se tornou maior.

Eu acabara de voltar da casa de Cassiana, sentei à escrivaninha e fui lendo e corrigindo, as últimas frases por mim escritas. Estava entretido, quando senti que alguém subia as escadas. Fiquei com atenção na porta, até que apareceu o meu amigo "velhinho".

- Que bons ventos o trazem?

- As bênçãos de Deus estejam sempre nesta casa.
- Eu já estava com saudade.

- Eu também, mas trago uma boa notícia, tenho mais tempo para ficar. Vamos conversar bastante, inclusive quero responder à sua pergunta.

- As minhas perguntas, não é isso que o senhor quer dizer?

- Eu sei que são muitas, mas uma você tentou me fazer quando eu já ia saindo, como prometi responder, quero cumprir minha promessa.

- Mas nem cheguei a perguntar?

- Não precisava, é uma coisa que o está intrigando. Uma história não pode ter duas versões, não é mesmo?

- O senhor é realmente fantástico!

- Fantástico é o amor do Pai por todos nós, fantástico são os mistérios do universo. O que você quer saber é simples demais.

- Simples para o senhor, eu ainda não conseguir entender.

- Pois então vamos lá: O primeiro livro nos conta a história como poderia ter sido, um final feliz, tão lindo, com o agrado e a satisfação de todos. Simples você não acha? O segundo livro, este que você está escrevendo agora, nos conta a história real de Eliseu e Carlota, exatamente como aconteceu, sem floreios, somente com a intenção de contar a verdade.

Agora você me pergunta, por quê? Como pode a mesma história ter as duas versões? O que posso responder eu para que você entenda?

Primeiro, quero lembrá-lo que o povo, ao longo do tempo, vai deturpando e aumentando, chegam a inventar e a contar as coisas à sua maneira, acrescentando sempre um algo a mais. Segundo, que toda história tem dois destinos, duas possibilidades. As circunstâncias determinaram o final, romântico e feliz ou trágico e fatal. O mundo é dual, acredito eu que você tenha sido intuído, levado pelas coisas que lhe contaram, a escrever uma história com um final bonito como mereciam Eliseu e Carlota. O amor puro e tão lindo que os envolvia, merecia ter um desfecho bonito, algo admirável e abençoado por Deus. Você contou como verdade absoluta, assim como lhe contaram. Queria respostas concretas

para confirmar coisas do seu passado, dívidas sobre reencarnação, encontrar Eliseu numa possibilidade quase impossível, em virtude da atual reencarnação. Foi assim, que você resolveu vir a Ouro Preto, enfrentar seus medos, o pânico que não o deixava vir. Na realidade, você veio procurar seu passado, encontrar Carlota, coisa que chegou a confirmar com a vidência espiritual e a grande afinidade com ela.

Depois de algum tempo pesquisando, por obra do acaso como dizem os cétricos, foi levado à casa de uma pessoa que possuía um livro manuscrito, um caderno de anotações, escrito por uma pessoa que ouviu de um dos personagens da tal drama, que lhe narrou toda verdade dos fatos, assim como havia acontecido (o irmão de Carlota que viveu passo a passo, o desfecho dessa triste história).

Achei até bom que você tenha sido intuído a escrever as duas versões, coisa que nos permite ver, que a vida tem duas possibilidades de destino. Muitas vezes nos deparamos com uma encruzilhada. Ali, cabe a nós decidir que caminho seguir, nosso livre arbítrio é quem decide. É bom lembrar, que a moeda tem duas faces.

Não podemos deixar que as tentações negativas mereçam mais créditos do que as vibrações positivas, aquela voz que fala baixinho lá dentro de nós. Quanto bem resultaria desse amor, de Eliseu e Carlota? No entanto, a ganância e a ambição foram maiores do que o amor e o resultado foi esse que se viu. Espero ter respondido a sua pergunta à altura de fazê-lo entender.

- Não tenho palavras diante da explanação tão clara. Realmente, podemos ser felizes ou infelizes, as cartas estão em nossas mãos, o bom senso e a decisão em nosso pensamento, e o amor em nosso coração.

- Nessas horas, é sempre bom parar, pensar, até mesmo fazer uma prece, pedindo às forças superiores do divino que nos ilumine, e nos intuía a decidir o melhor. Nunca tape os ouvidos ao ouvir a voz da razão. - Obrigado, muito obrigado mesmo, agora eu entendo porque escrevi duas versões da mesma história.

- Siga seu caminho, cumpra o seu destino, você ainda tem muito para escrever, pois o mundo espiritual assim deseja. Dentro de

breves dias estarei de volta e teremos mais tempo de conversar, abrir novas portas e acender muitas luzes.

- Fico feliz por saber e mais uma vez obrigado.

Assim, o "velhinho", se despediu e eu fiquei ali pensando em suas palavras. Realmente algo de maravilhoso existe, nós é que às vezes fechamos os olhos e cometemos atos que reprimem as possibilidades de algo maior. Deus nos criou para a felicidade, criou as flores para fazer um mundo mais bonito, criou os pássaros para nos encantar com seus cantos puros e inocentes, desprovidos de ganância. Enfim, tudo que Deus criou é magnífico, perfeito, nós é que deturpamos as verdades, por interesses desonestos e conveniências.

É preciso que cada um de nós, entenda de uma vez por todas que somos todos irmãos, filhos do mesmo pai e que precisamos aprender a dividir o pão. Cada migalha que damos aos menos favorecidos, ajudamos a acender pequenas luzes que vão se somando, para formar uma luz maior que nos ilumine a todos.

Saí para almoçar, que o estômago já reclamava bastante. Sei que nem só de pão vive um homem, mas sem pão também não vive. Vim assim descendo a ladeira, quando avistei o Doutor Nicolau que ao me ver esperou por mim.

- Bom dia meu garoto, está pretendendo ir aonde?

- Vou almoçar que está na hora.

- Vou lhe dar duas oportunidades de escolha, ou almoça comigo, ou mando prendê-lo, como fiz na rodoviária.

- A primeira opção é melhor, pelo menos assim me parece.

- Pois então, vamos lá.

Chegamos a sua casa e assim que entramos, ele anunciou:

- Cassiana, venha ver quem eu convidei para almoçar.

Cassiana quando viu que era eu, correu para o quarto para se arrumar. Dr. Nicolau deu uma risada e falou:

- As mulheres são todas iguais. Celestina também era assim, corria quando me via chegar de surpresa, mas isso é um bom sinal.

- É a vaidade feminina, é capricho, eu acho isso bonito.

Cassiana apareceu toda arrumada, linda e feliz por me ver falou:

- Hoje realmente é um dia abençoado. O café da manhã, nós juntos, e agora o almoço?
- Quer dizer que o Francisco veio filar o café aqui logo pela manhã?
- Eu e a Cilene fomos buscá-lo, meu pai.
- Você esta vendo Francisco? O cartaz que você tem aqui? Eu antes de sair tomo apenas um magro cafezinho, no entanto você...
- O ciúme faz até as pessoas mentirem, eu bem que ofereço uma mesa farta, mas ele está sempre apressado para sair, e para não dizer que não comeu nada, bebe apenas um simples cafezinho.
- Vai aprendendo Francisco, elas tem sempre um jeito de desmentir a gente.

Cassiana acabou de botar a mesa e nos convidou a sentar. Ela estava realmente radiante. Almoçamos felizes num clima de total alegria. Cassiana a meu lado, até a comida na boca quis me dar. Percebi que Cilene estava triste e perguntei: - Gostaria de ver o lindo sorriso que ainda não vi hoje, em uma pessoa que eu gosto muito. Dona Celestina então respondeu:

- Ela é uma boba, Francisco, quando José Eduardo demora a escrever, ela fica assim. Vive escorando o carteiro.
- Isso tem um nome, e esse nome é paixão.
- Eu também acho. Foi se apaixonar logo por quem mora longe.
- Não fique assim não, minha cunhada. Vai ver que ele lá esta sofrendo do mesmo mal, esperando sua carta.
- Nós nos falamos por telefone tem três dias, será que ele não sente saudade, só eu?
- Quem telefonou?
- Ele telefonou para mim.
- Então está explicado, ele também quer ver se você sente saudade. Escreva para ele, telefone.
- O Francisco está com a razão, dessa forma você está sendo egoísta.

Depois desses comentários, Cilene ficou mais alegre. Terminado o almoço, Cassiana me acompanhou até à porta, e entre beijos falou:

- Espero você logo mais, não se atrase.

Segui tranquilo, fui até à praça e tive vontade de ir ver o padre Emílio, mas pensei que talvez estivesse fazendo uma sesta. Decidi então ir até o "Casarão". Queria contemplá-lo, estudá-lo mais de perto, entender melhor a sua história. Parei em frente a ele, o portão meio aberto me permitiu entrar. O mato tomava conta de tudo, sentei na mureta da frente e ali permaneci durante algum tempo. Seu estado de abandono me trazia alguns ensinamentos, eu pensava e o comparava à vida e às flores. Ontem um suntuoso "Casarão" onde a riqueza se mostrava em cada detalhe, a opulência morava ali. Hoje, como uma flor que teve seu apogeu, se mostrava despetalado, sem o viço do passado, entregue ao silêncio do abandono. Contemplei suas janelas e imaginei quantos beijos dali foram jogados para Eliseu, quantos momentos ansiosos de Eliseu esperando para ver Carlota?

Assim é a vida, assim são as flores, assim é tudo no mundo. Como dizia Lavoisier, "Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma". Kardec dizia: "Não existe destruição e sim renovação". Pensando nestas palavras sábias, eu também juntei as minhas: "Tudo finda, e nada finda. Os campos secam, queimam, se devastam, a ponto de parecer que jamais voltaram a florescer, no entanto, a primeira chuva o torna imponente e fértil. Tudo morre e volta a nascer, essa é a lei". Deus o quer assim e assim será sempre.

O "Casarão" estava ali, segundo se dizia ele estava marcado pela tragédia. Teve seu tempo de suntuosidade quando um crime aconteceu. A traição de um primo com a mulher do primo, honra lavada a sangue e ele, o "Casarão", ficou abandonado e com o tempo foi se destruindo. Passado o tempo, o senhor Manoel, pai de Carlota herdou-o de seus antepassados e sendo homem de posses fez as obras necessárias para ele voltar a florescer e ter o ar majestoso restabelecido. Outra vez a tragédia se abateu sobre ele. Ali, Carlota pôs fim à vida ao saber que seu amado fora morto por seu pai.

Como podemos ver, há lugares que parecem predestinados, uns, à felicidade, outros à tragédia, a altos e baixos.

O "Casarão" parecia aos meus olhos um desses exemplos. Que pena, uma construção tão bonita sob o signo da maldição.

Fiz uma prece pedindo Ao Senhor, que iluminasse as almas que por ventura ainda vagassem por ali, e nesse momento, escutei um barulho como se alguma coisa caísse lá dentro, como a dizer para mim que sim, que algo além dos meus olhos ali vivia ainda. Reforcei minha prece, pedindo que aquele lugar fosse abençoado e voltasse a florescer, trazendo felicidade para quem o herdasse.

Desta vez, não senti medo nem passei mal, pelo contrário, sentia em mim uma sensação de bem estar. De alguma forma percebi que minhas orações foram bem aceitas.

Caminhei em direção à igreja para ver o padre Emílio, estava com saudade daquele cafezinho e também daquelas nossas conversas.

- Boa tarde meu amigo, padre Emílio.

- Bons olhos o vejam, Francisco. Estava pensando em você.

- E em que pensava o amigo? Posso saber?

- Acredito que quando lhe disser, você vai gostar, e muito.

- Pois não perca tempo, fale logo.

- Esta noite, eu tive um sonho tão real, que me senti como se não tivesse corpo. Eu flutuava como um pássaro e você nem imagina onde eu fui parar?

- Junto à Carlota?

- Num lugar, que tem tudo a ver com ela.

- Na casa de Dona Marieta, ou no "Casarão"?

-No "Casarão", por incrível que pareça.

- E o que viu o senhor?

- Me vi lá dentro, inclusive vi os painéis na parede, que segundo você diz, foram retocados por Eliseu.

- É verdade, padre.

- Ali, encontrei pessoas sofrendo, gemendo, chorando, caídas pelos cantos. Me compadeci do que estava vendo e tentei consolá-las.

Algumas erguiam a cabeça e suplicavam:" Queremos preces, muitas preces, precisamos ser perdoados, muito nos arrependemos, Deus

tenha piedade de nós". Outros caídos no chão, só choravam e se arrastavam. Fiz a prece suplicada e escutei que alguns diziam: "Já clareou bastante, mas ainda precisamos de muitas mais. Peça ao

Eliseu para vir com o senhor, a prece dele é importante para nós". Eu então respondia: "O Eliseu já morreu e eles respondiam: "Ele está vivo, é seu amigo". Eu então prometia voltar, nisso, eu vi um clarão e despertei em minha cama.

- E o nome do seu amigo, eles disseram?

- Isso não é importante!

- É sim, eu até sei por quê o padre não quer dizer.

- É lógico que se eu disser, aí mesmo é que vou ter que escutar a sua ladainha.

- Fale padre Emílio, eu quero escutar o senhor dizer o nome do amigo, depois então eu falo com esse amigo para ir lá rezar com o senhor.

- O nome dele é Francisco. É isso que você quer ouvir?

- Não foi assim que lhe falaram, diga a verdade, afinal um padre não pode mentir.

- Você é a pessoa mais teimosa que eu já encontrei,

- Diga, padre Emílio, não tenha receio, mesmo porque um teimoso não pode teimar sozinho.

- Está certo, você tem razão. Eles pediram que eu fosse lá com o Eliseu.

- Que no caso, sou eu?

- Eu não disse isso.

- Não disse padre, mas tem certeza que essa é a verdade.

- Quando iremos lá?

- É só o senhor dizer quando quer ir, que eu falo com o Eliseu.

- Você é impossível!

- Não se preocupe, eu tenho certeza de que o Eliseu irá de boa vontade.

- Hoje eu tenho coisas a fazer, mas podemos ir lá amanhã de manhã.

- Está combinado, padre Emílio, nos encontramos aqui.

Despedi-me do padre e voltei para o atelier. Lá recebi a visita do André e da Virgínia, que já sabia que eu e Cassiana havíamos reatado o

noivado. Conversamos bastante, e eles me convidaram para uma festinha.

- Aproveitamos a vinda aqui, para convidar você para uma festa no sábado, pode levar Cassiana e Cilene, que serão bem recebidas.
- Agradeço o seu convite, falarei com elas.

Voltei a ficar sozinho, e me dediquei ao livro escrevendo os fatos do dia. Tirei um pequeno cochilo e acordei já quase na hora de ir namorar.

Cassiana me esperava na varanda, e ali ficamos por um longo tempo, até que meu sogro começou a pigarrear. Entramos, nos acomodamos no sofá, na companhia de todos. Uma meia hora, ou um pouco mais havia passado, quando o Dr. Nicolau falou: - Celestina, sirva um licor para nós, de preferência de jabuticaba.

- Boa pedida, meu sogro!
- Por falar em meu sogro, para quando marcamos esse casamento?
- O senhor tem razão, precisamos marcar essa data.
- E porque não hoje?
- Estou de acordo. Parece que Cassiana tem preferência por determinado dia, então gostaria de ouvi-la.
- Fale minha filha, estamos esperando.
- Se o Francisco concordar, eu gostaria de casar na igreja de Nossa Senhora do Rosário, no mês de outubro.
- Por que outubro e não dezembro?
- No dia treze de Outubro, aconteceu o grande milagre de NSra. de Fátima, comparando a veracidade de suas aparições, foi na Cova da Iria em Portugal. Dizem que nesse dia, o local estava lotado de peregrinos quando o céu se fechou, e um enorme temporal desabou. Ninguém arredou pé, logo em seguida as nuvens se dissiparam e o sol voltou a aparecer, e desceu em direção à multidão como se estivesse caindo. Todos gritaram pelo pavor que sentiram, e nesse momento, o sol voltou à sua posição normal. Então os meninos foram levados até à azinheira, a pequena árvore sobre a qual a Virgem aparecia e nova aparição se deu, quando a Mãe Santíssima, entregou às crianças os famosos segredos de Fátima. Dizem que nessa hora, milhares de curas se realizaram, e as pessoas maravilhadas, saíam dali dizendo louvores e dando graças.

Segundo os meninos, a Virgem se identificou como N. Sra. Do Rosário de Fátima.

Quando Cassiana terminou de falar, nós todos estávamos admirados com as suas palavras. Aplaudimos sua fala, mas ela ficou envergonhada.

- Bem minha gente, diante da brilhante explanação de minha noiva, dirijo a ela a minha admiração e o meu amor cada vez maior. Assim, minhas palavras agora são para o Dr. Nicolau e Dona Celestina sua digníssima esposa, para pedir que me concedam em casamento a sua querida e adorável filha Cassiana, cujo matrimônio se realizará a treze de Outubro, na Igreja do Rosário, aqui na comarca de Ouro Preto.

- É com grande e sincero prazer que assim a concedemos, não só pelo grande apreço que lhe temos, mas também por saber que é do inteiro agrado de nossa filha que também muito o ama. Temos certeza que você saberá respeitá-la e fazê-la feliz. Que deus vos abençoe!

Todos levantaram para nos abraçar e desejar boa sorte. O Dr. Nicolau abriu uma champanhe para celebrar a data. Assim, num momento de improviso, ficou marcado o nosso casamento. Cassiana estava tão feliz, que chorou abraçada Amim. Cilene por sua vez, também estava alegre, pois havia chegado carta de José Eduardo.

Dr. Nicolau sentou ao meu lado, colocou a mão sobre meu ombro e falou para que todos ouvissem:

- Hoje, sinto que meu filho está de volta, pois vejo você como tal. Acredito, que já posso me redimir e voltar a falar no nome de Deus. Vou pedir a Ele que, assim que vocês casarem, já que vocês dizem existir reencarnação, que traga meu filho de volta, me dando um bonito neto, ao qual peço que o batizem com o nome dele. Nessa hora, Dona Celestina se abraçou a nós chorando emocionada.

- Podem deixar, fiquem tranquilos que se depender de nós, vocês terão muitos netos. Não é mesmo meu amor?

- Muitos, mas muitos mesmo podem acreditar.

Quando saí dali, já passava da meia-noite. Estava cansado e um pouquinho achampanhado. Me deitei e dormi como uma pedra. Sei que tive muitos sonhos, mas não consegui lembrar de nenhum.

Pela manhã, aquele gosto de cabo de guarda chuva em minha boca, me dizia o quanto de champanhe eu havia bebido. Escovei meus dentes, me vesti e desci em direção à casa de minha noiva. Bati palmas e foi Dona Celestina quem abriu a porta.

- Bom dia Francisco, entre que vou chamar Cassiana.
- Se ela estiver dormindo, deixe ficar.
- Nada, ela já acordou e está se arrumando.

Dona Celestina ainda não havia terminado de falar, e Cassiana já surgia na sala.

- Que bom que você veio! Acordei pensando em você.
- Não, hoje fui eu que acordei com saudade, e disse para mim mesmo: Vou me convidar para tomar café com a moça mais bonita de Ouro Preto. E aqui estou!

Cassiana se agarrou carinhosamente a mim, me beijou e me levou para a mesa, onde já havia queijo e outros quitutes, além do gostoso café.

- Valeu a pena, você está vendo? Venha sempre que me deixará muito feliz.
- Você não imagina o quanto eu também me sinto.

Conversamos um pouco e fui direto para a casa paroquial, tanto pelo compromisso assumido com ele, como também para lhe contar os acontecimentos da noite anterior.

Ao chegar lá, ele já esperava por mim para tomar café, não rejeitei uma xícara para não lhe fazer desfeita, pois já vinha farto da casa de minha noiva. Saímos em direção ao "Casarão", ele levava consigo um rosário, um livro da missa e um aspersório. Chegamos, entramos pelo portão que estava quebrado, paramos em frente à porta principal que estava fechada e fomos pelos fundos, onde encontramos a porta meio aberta. O mato nos dificultava andar, arrancamos um pouco com as mãos, mas só assim conseguimos com alguma dificuldade, entrar.

Uma sensação estranha me incomodava, eu sentia a presença de alguém, percebi que o padre Emílio também estava apreensivo, tenho certeza que ele sentia o mesmo que eu.

Começamos pela parte de cima. A escada rangia com os nossos passos, parecia o gemido de uma alma penada. De repente, ao abrir

a porta do banheiro, o esvoaçar de um casal de pombos, nos deu um tremendo susto, o ninho no lavatório tinha três borrachos. Nos posicionamos no centro da sala de cima, e logo percebi que o padre estava tenso, mas nada dizia. Pegou o rosário, o livro e começou a rezar, eu o acompanhava repetindo suas palavras. Assim o fez durante uns vinte minutos, depois pegou o aspersório e pulverizou a água benta em tudo, inclusive nos quatro cantos em cruz. Em seguida, descemos a escada e procedemos da mesma maneira. Eu estava louco para sair dali. O cheiro de mofo, a aparência lúgubre e triste me fazia mal. Eu me arrepiava, sentia náuseas. Dei graças a Deus quando passamos para o lado de fora.

Antes de sairmos, ele ainda jogou água benta sobre a porta principal. Ele nada dizia. O cenho franzido mostrava o quanto estava tenso e apreensivo.

Veio calado todo o caminho, e quando chegamos à casa paroquial, entramos, e ele pediu que o esperasse, pois iria tomar um banho. Assim o fez, voltando com uma roupa limpa, olhou para mim e disse: - Francisco, tome um banho também, vista a minha roupa, porque esta que nós estávamos vestidos tem que ser lavada aqui. Entrei e procedi como ele me pediu.

Já refeitos pelo banho, parecíamos mais leves. Sentamos para tomar café e só aí então ele falou:

- Você viu alguma coisa?
- Não, padre, apenas senti a presença de alguém, mais de um até, mas ver realmente não vi.

- Tinha tantos quanto vi em sonho. Agarravam-se a nós, por isso pedi que você deixasse ali a roupa, no banheiro. Ela está cheia de fluidos negativos, os miasmas e ranços deles estão agarrados nelas.

- O que o senhor achou de tudo isso?
- Não sei, prefiro nem mais tocar no assunto, é uma situação deprimente e terrivelmente triste.
- Imagino o que o senhor passou vendo essas cenas.
- Terrível meu amigo, jamais imaginei ver tal coisa.
- O senhor viu algum resultado depois das preces?

- Creio que sim, a prece é luz, é o que eles precisam e aqueles que se arrependem e pedem perdão, conseguem ver essa luz e se levantam.

- O senhor acha que precisamos voltar lá?

- Acredito que algumas vezes ainda, pois é nosso dever de cristão.

- É padre Emílio, vamos esperar um tempo para criar coragem.

- É isso mesmo Francisco, pode crer que sim.

Despedi-me e voltei para o ateliê. Lá fiquei por longo tempo a pensar no "Casarão". Quem o teria herdado? Será que teria algum interesse nele? Se o vendesse por quanto seria? Fiquei assim pensando e imaginando coisas e alguns planos vieram à minha mente.

Lembrei-me do meu sogro e pensei falar com ele à noite. Com a sua ajuda seria mais fácil conseguir respostas para as minhas perguntas.

À Noite Com Doutor Nicolau:

Cheguei à casa de Cassiana, que já esperava por mim, e depois de jantar sentamos no sofá da sala. Doutor Nicolau veio me cumprimentar, pedi que sentasse perto de mim e puxei assunto sobre o "Casarão".

- O que me diz o senhor sobre o "Casarão dos Barões"? -Não entendi a sua pergunta.

- Gostaria que me falasse o que sabe a respeito daquele velho "Casarão".

-Que interesse tem você nisso?

-Talvez curiosidade, ou mais do que isso. Aquele "Casarão", pelo que escuto falar, é algo malfadado. Dizem os antigos que sempre teve períodos de opulência, logo a seguir vem a derrocada. Parece rodeado de tragédias. Se o seu interesse é só curiosidade, acho que está respondida a sua questão.

- O que o senhor me disse eu já ouvi por aí, mas gostaria de ir mais além.

- Porquê perder tempo com algo inútil e amaldiçoado?

- Algumas idéias minhas, até mesmo pensando em comprá-lo.
- Se o fizer, peço que esqueça minha filha.
- Tão drástico assim, Doutor Nicolau?
- Jamais permitiria que uma filha minha fosse morar numa casa como aquela, que segundo dizem, é assombrada e amaldiçoada.
- Falei com padre Emílio e segundo ele, com preces e muita fé, é possível limpá-lo espiritualmente.
- Aquela casa é habitada pelo mal, é predestinada à tragédia, será que você ainda tem alguma dúvida?

Cassiana me olhava surpresa e espantada, assim como toda a família.

- Acorda, Francisco. Parece até que você está vivendo um pesadelo.
- E bem bravo. (Respondeu Cassiana).
- Acho uma pena, um "Casarão" tão bonito, abandonado e sendo destruído pelo tempo.
- E o que pretendia você fazer com ele?
- Talvez uma pousada.
- Esqueça isso, rapaz, pense em coisa melhor e não com ele.
- Pensei que fossem gostar da ideia, mas tudo bem vamos deixar isso para lá. Façam de conta que eu não disse nada.
- Desculpe, Francisco, mas você me assustou. Deus nos livre daquela casa que só tem histórias tristes.

- Tudo bem, assunto encerrado, não se fala mais nisso e peço desculpas. Vocês tem toda razão.
- Fique sabendo, ainda que fosse herança, eu não a queria.
- Foi apenas uma ilusão passageira, são saudades que trago comigo.
- Saudades? De quê ou de quem?
- Talvez de mim mesmo. Às vezes sonho acordado e preciso que alguém me chame à realidade, isso é doença que ataca os românticos, podemos até dizer que é romantite aguda.

Cassiana riu, me beijou no rosto e falou:

- Você é um lindo sonhador, mas guarde seus sonhos só para mim.
- Todos eles são teus, não se preocupe.

Doutor Nicolau sempre astuto e desconfiado, não deixou passar em branco.

- Francisco, às vezes não sei se é cisma minha, mas me parece que, nas entrelinhas, você esconde o que não diz.
- Nada disso doutor, sou bem claro nas minhas palavras.
- Às vezes sim, não que eu ache você mentiroso, mas é talvez uma característica dos poetas que dizem mais coisas nas entrelinhas.
- Nas linhas, as lágrimas de felicidade, nas entrelinhas, as lágrimas da dor.
- Exemplificou muito bem, é exatamente assim que eu vejo.
- Por falar nisso, nas entrelinhas eu quero ficar, mas nas linhas, preciso ir embora.
- Esqueça as linhas e fique comigo nas entrelinhas, que ainda é cedo.
- Você vê Francisco, o que faz a convivência? Minha filha já está querendo ser poeta também.
- Essa doença pega, pode acreditar.
- Pois então, nós vamos curar essa doença com um chá de cidreira.

Cassiana ia levantar, mas dona Celestina se prontificou e foi fazer o chá. Tomamos o chá quentinho com biscoitos de polvilho, em seguida despedi-me e voltei para os meus aposentos.

Já deitado, pensando nos acontecimentos do dia como era meu hábito fazer, voltei para o "Casarão" em pensamento, arrependime,

pois não fiquei me sentindo bem. Algo de estranho parecia estar ali à minha volta. Lembrei-me do padre Emílio e de suas palavras "que a prece clareava, pois é luz". Assim sendo, me ajoelhei e rezei contrito, pedi pelas almas do casarão, deitei-me em seguida e peguei no sono. De madrugada, devia o relógio andar por volta das quatro horas, quando em sonho pude ver o senhor Manoel, pai de Carlota, que aflito e desesperado se ajoelhava aos meus pés pedindo perdão. Era uma figura horrível, trazia estampado no rosto a dor e o sofrimento, a angústia de quem perdeu tudo. Eu pegava em sua mão, me ajoelhava ao seu lado e rezávamos juntos. Pedia a Deus a sua misericórdia e perdão, para aquela alma infeliz que estava ali ao meu lado. Depois da prece escutei seu agradecimento, dizendo ter clareado bastante. Acordei em meia aquela angústia, me sentia fraco e com sede. Levantei, fui beber água, sentei na beirada da cama e rezei outra vez.

Pela manhã ainda na cama, me sentia muito cansado. Tomei um banho que refez as minhas forças, vesti-me e fui tomar café com padre Emílio. Precisava falar com ele, ouvir suas sábias palavras. Bati na porta e logo ele apareceu.

- Bendito o dia em que Deus nos envia amigos, logo às primeiras horas da manhã.

- Benditos são todos os dias, em que encontro filhos de Deus.

- Entre Francisco, seja bem-vindo que o café esta na mesa.

- Já sinto o cheirinho delicioso.

- Sirva-se à vontade.

Enquanto me deliciava com aquele café que descia macio, fui relatando ao padre o meu sonho da noite anterior, e também a minha vontade de comprar o "Casarão" para fazer uma pousada.

- Você realmente tem um espírito aventureiro, mas espero que não chegue a tanto, porque se o fizer estará à beira da loucura.

- O senhor me fala, como me falou o Doutor Nicolau.

- Qualquer pessoa sensata lhe dirá a mesma coisa, aquela casa tem o estigma da opulência e da tragédia, afaste-se dela.

- Acaso acha o senhor que não devemos voltar lá?

- Estive pensando bastante na loucura que cometemos, eu nem tanto, sou um sacerdote é meu dever procurar salvar almas, conduzi-las ao caminho da luz, mas permitir que você fosse comigo, realmente foi um erro.

- Não penso assim, o senhor me perdoe, mas acho que, de alguma forma, a minha presença ajudou bastante.

- Não resta a menor dúvida, mas você ficou exposto às vibrações negativas e perigosas.

- Em verdade lhe digo padre Emílio, gostaria de voltar lá consigo, para exorcizar aqueles espíritos, assim quem sabe acabaríamos com a maldição que a domina?

- Quero lhe dizer algumas palavras, que se fazem necessárias ao seu conhecimento.

- Eu lhe agradeço, padre, admiro o seu conhecimento, as suas palavras e o respeito muito.

- Fique sabendo Francisco, que o que fomos lá fazer, foi levar a nossa prece, ou seja, levar luz para aquelas trevas e não exorcismo

como você acabou de mencionar.

- E isso não é a mesma coisa?

- Eu jamais procederia a um ato de exorcismo, não me sentiria bem comigo mesmo, pois não concordo com esse procedimento.

- Porque o senhor diz assim?

- Exorcismo é expulsar o mal, é mandá-lo de volta, e em meu pensamento não aceito isso, pois acho que atacar o mal é fazer com que ele cresça. O mal não se ataca, cito como exemplo uma abelha, se você a atacar o que acontece?

- Ela fica irritada e procura lhe dar ferroadas.

- Exatamente, ao passo que se eu a respeitar e tratá-la com boas maneiras, vou provavelmente conseguir que me dê mel.

- Isso é uma grande verdade padre Emílio.

- Pois é, em relação ao que fizemos no "Casarão", como procedemos? Oferecemos nossas preces, pedimos a Jesus que perdoasse e permitisse a sua divina luz para aquelas almas, se erguerem e seguirem o caminho do bem.

- Agora, estou começando a entender.

- Pois então, entenda que o mal não se ataca, é preciso transformá-lo em bem, mostrar que existe um caminho melhor, onde a luz brilha intensamente.

Ninguém quer viver nas trevas.

- Veja o quanto eu tenho que agradecer a Deus por tê-lo conhecido. Quanto vale esta aula que tive agora? Nunca me passaria pela cabeça tal atitude. O senhor tem razão, concordo plenamente. O espírito busca a luz desesperadamente, porque é ela que ilumina o caminho e alimenta a alma, é nela que existe tudo que se pode desejar.

- Fico feliz, Francisco, por ver que você entendeu bem. Deixe o "Casarão" em paz e continue escrevendo seus livros, pintando seus quadros, pois Cassiana assim deseja.

- Às vezes me deixo tentar por idéias mirabolantes, mas tenho sempre a sorte de encontrar anjos de Deus, que falam ao meu ouvido esquerdo, e às vezes ainda, encontro sacerdotes que me falam de frente e abrem meus olhos para uma realidade que tantas vezes não vejo.

- Só por esse motivo vamos tomar mais um café.
- É uma boa pedida, padre Emílio, não tenha dúvida.

Despedi-me dele e saí dali fortalecido como sempre. Ele era uma pessoa sensata, culta, muito tem me ajudado. Aliás, me sinto um privilegiado no plano físico. Padre Emílio sempre me dá a mão, no plano espiritual o "velhinho" nunca me abandona, tem as palavras certas que eu preciso ouvir e aprender.

Vim assim caminhando pela rua, quando dona Marieta me avistou e veio em minha direção.

- Como vai senhor Francisco? Não o tenho visto.
- Ocupado com a minha vida Dona Marieta, muito ocupado.
- Tenho visto as flores que o senhor leva para minha filha.
- É sempre com muito prazer que o faço.
- Em sonho, ela me diz que lhe espera.

- Acredito que sim, tenho quase certeza.
- Apareça Francisco, venha tomar café comigo, precisamos conversar mais.
- Terei muito prazer, qualquer dia apareço.

Ela continuou seu passo e eu fui para o atelier. Chegando lá a grande surpresa: O "velhinho" na porta esperava por mim.

- Vim matar as saudades, conversar um pouquinho.
- É, o tempo passa, nos une, nos separa e nos traz momentos felizes, em outros nem tanto.
- A saudade fala do tempo, assim como o tempo nos diz da saudade. Às vezes o tempo demora, outras vezes o tempo dispara. A vida é a razão de tudo, é nela que se constrói o tempo. O tempo faz parte da vida, pois sem ela não dá mais tempo.
- Fico maravilhado em ouvi-lo, principalmente com seus trocadilhos.
- Trocadilhos ou não, as palavras brincam também e são bem mais bonitas, quando ditas assim.
- É sempre verdade o que o senhor me diz, tem toda razão.
- E o que é a razão afinal? Quem poderá dizer que a tem? Se a minha nem sempre é a tua, e a tua difere também de outras tantas que dizem ter, pessoas que a dizem bem.
- O senhor é um sábio e isso me encanta. É por esse motivo que guardo em mim a saudade quando o senhor não vem.

- Por isso aqui estou eu outra vez, dizendo coisas que o amigo bem gosta de ouvir, porque se de outra maneira as disser, serão tolas como outras quaisquer.
- Mas o que me traz o amigo, além desse banho de palavras alegres e ditas de uma maneira diferente, que tanto me agrada?
- Vim conversar, dizer que gostei do seu diálogo com o padre Emílio, ele além de ter vasta cultura é um homem de bons sentimentos e tem muita luz. Revelou-lhe importantes verdades.
- É, tem razão, é por isso que tenho por ele uma grande estima.
- Vim aqui Francisco, para reforçar o que o padre Emílio e o seu futuro sogro lhe disseram.

- Já sei, já sei, a respeito do casarão, não é mesmo?
- O que mais poderia ser? Espero que já tenha se convencido, das verdades que lhe foram ditas.
- Já passou, pode acreditar. Como eu já disse antes foram mirabolices da minha cabeça.
- Aquela casa não serve nem para você, nem para ninguém. Ali, no centro daquele terreno, existe um ponto negativo cheio de maus fluidos. Um crime hediondo e perverso foi cometido há muitos e muitos anos, antes do "Casarão" ser construído. Ali ficaram os corpos que nunca foram encontrados. Afasto-se dali, esqueça tudo que se refere a ele. O que ainda atenua um tanto da vibração negativa, é o painel na parede, mas ainda assim lhe digo, se observar bem, verá nele presente uma figura de olhar negativo e mau, inserido nas sombras que ao primeiro olhar parecem neutras. Ali, naquele lugar, a maldição da vingança. Peço-lhe encarecidamente, que não volte mais lá. Revele ao padre Emílio o que lhe contei, e reze junto com ele, muito, muito mesmo, pois somente a prece poderá iluminar o que vive no escuro. Rezar por eles é um ato de caridade.
- Agradeço-lhe encarecidamente a verdade que me revelou e assim o farei, pode acreditar.
- Bom, pelo o que sei dentro em breve estarei diante de um homem casado, um chefe de família.
- Parece que sim, está escrito, não é mesmo?
- Seu sogro gosta muito de você e o tem como um filho.

- Ele é uma boa pessoa, o resto é inerente da sua profissão, é preciso que seja astuto e esperto, não é mesmo?
- É verdade, Francisco, você tem razão, Cassiana ama você.
- Eu também a amo, algo muito forte nos une.
- Existe uma missão a cumprir.
- E Carlota, como fica nessa história?
- Os desígnios de Deus nem sempre são entendidos por nós, aqui na terra, o amor se apresenta individual a maior parte das vezes, até

egoísta. Muito diferente do plano espiritual, onde o amor é imensamente envolvente e fraternal. Não existem individualismos, somos todos iguais. Almas afins e almas gêmeas, afins por vibrarmos na mesma sintonia e gêmeas aquelas que somadas formam um todo, são como duas metades que se completam.

- Muitas vezes, as almas afins vibram tão semelhante que chegam a reencarnar juntas e cumprir destinos para melhor se aperfeiçoar. A Terra é uma escola, um lar de aprendizados, onde a união de espíritos afins geram filhos, dando razão ao cumprimento de carmas que precisam ser resgatados. Ranços de outras vidas em que vieram como amigos ou irmãos, até mesmo como algozes, em virtude dessas mágoas deixadas, traições, crueldades, e outras tantas razões, até mesmo afeições, atrações amorosas e amizades. Voltam ao plano terrestre onde são envolvidos pelo amor e geram filhos, formam famílias, numa missão sublime para o aperfeiçoamento e evolução do ser. Esse é o plano de Deus, a luz é cada vez maior, e o amor acima de tudo.

- Será que um dia o homem atingirá a perfeição do plano de Deus?

- É claro que sim, a dor e o sofrimento não existem por acaso, são degraus em busca da perfeição. Não é Deus que quer que sofram, pelo contrário, Ele nos criou para a felicidade, para que façamos um mundo mais bonito, por isso nos deu flores, pássaros, borboletas. Os sofrimentos, a dor, são causados por aqueles que ainda não abriram os olhos para a beleza, para a luz e fecham seus corações ao amor. Assim sendo, vemos que a chave para abrir esses olhos e esses corações é a dor e o sofrimento. Felizes os que já passaram por isso, porque hoje sentem que a felicidade está na luz, no verdadeiro amor, sublime e fraternal. Se quiseres conversar

com Deus, escreve-Lhe uma carta, Seu endereço é o amor puro sem egoísmo, apenas fraternal igual para todos.

Não te deixes confundir pelo amor doentio, gerado pelas paixões, possessivo e absurdo que gera crimes e infidelidade. Amar é compreender, é ser benevolente, é aceitar, é perdoar, é saber perder e

saber dizer adeus, sem mágoas, sem rancor. É plantar flores no jardim da alma, é buscar sua plenitude, num sorriso espontâneo, no carinho e no afeto daqueles que o sentem como nós.

Um dia, a humanidade saberá o que é o amor, e nesse dia tudo será mais bonito. O mundo viverá em paz e Deus então se revelará aos homens claramente, sem precisar se ocultar nas flores, nos sorrisos inocentes, no pão que nos sustenta, no fruto que brota do chão, no mais profundo dos corações.

- Cada vez mais me faço grato ao senhor, as suas revelações me extasiam, me abastecem de luz, me mostram que a verdade maior é o amor sublime e puro.

- Por hoje já chega, Francisco. Dê um abraço ao padre Emílio. Nossa missão está se cumprindo.

- O senhor não quer dizer com isso, que cumprida a missão não mais aparecerá por aqui? É isso?

- Outras missões esperam por mim, você já está pronto, já foi bem orientado, e depois... Tem o padre Emílio que continuará por aqui a tempo ainda de batizar seus dois filhos.

- Como assim? Serei pai de dois filhos?

- Um casal, pode acreditar, Cilene terá três.

- Todo isso muito me alegra, mas me entristece ouvi-lo dizer que irá cuidar de outras missões.

- A vida é assim, o que posso eu fazer? Também sentirei saudades suas, mas não se preocupe, haverá sempre o tempo de nos encontrarmos. Somos amigos de muitos e muitos anos.

- Somos amigos em todo esse tempo e nem o seu nome eu sei?

- Gosto quando me chama de "velhinho" é bem carinhoso. Bem, meu amigo Francisco, fique com Deus, pois eu estou de partida.

- Espero vê-lo outras vezes e quero sua presença em meu casamento.

- Fique sabendo, que ainda que não me veja, eu estarei lá e deixarei a minha bênção aos noivos. Agora está na hora, fique com Deus.
- Vá com Ele também, e que Ele lhe traga de volta.

Fiquei parado olhando para a janela e certa tristeza invadiu a minha alma. As palavras do "velhinho" tinha um quê de despedida e isso muito me angustiou.

Quatro Meses Depois:

Quatro Meses Depois

O movimento na casa de Dona Celestina era intenso. Além da antiga empregada, foi contratada mais uma. As costureiras da cidade se abarrotavam de serviço, o padre Emílio preparava a igreja, a cidade estava assim, uma grande expectativa.

Dois casamentos iriam ao altar no dia treze de Outubro. Como ficara combinado, Francisco e Cassiana, Cilene e José Eduardo.

Padre Emílio estava feliz pelos acontecimentos, o "velhinho" não mais apareceu, a saudade dele me entristecia. Levei um convite para Dona Marieta, pois gostava muito dela, era uma senhora sofrida e decente. Quando cheguei com o convite, ela já sabia, a notícia já se espalhou.

- Se agarrou a mim chorando e dizia com a voz embargada:
- Minha filha deve estar triste, este momento seria dela.
 - É possível que sim Dona Marieta, mas não podemos ir contra os desígnios de Deus, e foi assim que ele quis.
 - Eu sei meu filho, fique tranquilo, eu sei.
 - Um dia talvez, quem sabe? O mundo é redondo, e Deus escreve sempre certo. Continuarei levando flores para ela.
 - Deus te faça muito feliz meu filho, você merece.

Uma Carta Inconveniente:

Uma Carta Inconveniente

Meu querido e inesquecível Francisco. Recebemos o convite do seu casamento, aliás, minha mãe recebeu. Quando eu o li, senti certa tristeza, afinal tentei interrompê-lo, não é verdade? Você é que não quis, acho que teve medo de mim, acredito que sim, porque se tivesse cedido aos prazeres que eu quis lhe proporcionar, tenho certeza que esse casamento não se realizaria. Você ia ficar caidinho por mim.

Em tempo: Quero lembrá-lo de que isto ainda será possível, mas como bem o conheço, um rapaz sério de seus compromissos, tenho certeza que não irá me aceitar. No entanto, quero deixar sempre em aberto o caminho entre nós dois. Todo o marido bonito tem sempre uma boa amante e estou pronta para assumir esse papel, que de antemão lhe digo que serão momentos maravilhosos e inesquecíveis.

Quero lembrá-lo, ainda, que será o grande segredo de nós dois. Estarei no seu casamento, apesar de contrariar a lambisgóia da minha prima, quero que veja o mulherão que você está dispensando. Tenho deixado muito homem babando, no entanto, tenho me guardado para você. Eu sou assim, ou é com quem eu quero, ou não é com ninguém.

Não quero estragar seu casamento, longe de mim tal pensamento, apenas quero ser a outra, pois é uma posição que eu gosto mais. Sabe como é, a amante é diferente da esposa, só aparece na hora do bem bom e isso torna o relacionamento mais gostoso. É sempre uma aventura, coisa que encanta e ainda digo mais, se você leu até aqui, pode ter certeza que está interessado em mim, do contrário teria rasgado ou queimado a carta sem mesmo ler. Não é verdade? Eu sou danadinha, não é mesmo? Pois é, depois que você provar o que eu tenho para te dar, vai ser uma loucura.

Tenho certeza de que leu até aqui. A sua libido deve estar à flor da pele. Divirta-se, eu saberei esperar.

Sem mais por enquanto, um beijo gostoso desta que não consegue te esquecer.

Assinar não é preciso, você sabe quem é.

Dei um sorriso irônico, fui até ao fogão e queimei a carta com um prazer vingativo.

Trabalhei até ao anoitecer e fui para casa de minha noiva. Jantamos, conversamos bastante e ela me mostrou algumas coisas que havia comprado para nossa casa. Dona Celestina preparou um gostoso chocolate e nos convidou à mesa. Em seguida despedi-me e voltei para o ateliê.

Já na cama, fiquei pensando na ousadia da moça. Se Cassiana soubesse disso, nem sei do que seria capaz.

Acordei pela manhã e ainda deitado lembrei-me do "velhinho" e uma saudade muito grande me entristeceu. Já se passaram alguns meses sem que ele aparecesse para me dizer algumas palavras. O dia do casamento se aproximava, Cassiana estava nervosa e preocupada com tudo. Doutor Nicolau era a felicidade em pessoa, senhor Valadão, nosso padrinho. Cilene e José Eduardo teriam como padrinhos o Dr. Xavier, Juiz da Comarca e sua esposa. Que mais ele poderia querer? Fui até ao padre Emílio, pois já havia alguns dias que não o via.

- Pensei que o amigo só fosse aparecer aqui, no dia do casamento?
- Olhe que falta pouco padre Emílio.
- Pelo que vejo, já nem gosta mais do meu café.
- É isso aí, vim aqui agora porque estava justamente com saudade do seu café.
- Até acredito, é bem capaz mesmo.

Dizendo isso, padre Emílio deu uma risada e me abraçou. Retribuí o abraço, pois o tinha como um grande amigo.

- Mas me diga, Francisco, está muito animado para o casamento?
- Tenso, bastante tenso, padre.
- Isso é natural, é um ato de muita responsabilidade, mas você está levando uma boa moça.
- Disso, eu tenho certeza!
- Por falar nisso, onde anda o seu amigo "velhinho"?
- Também gostaria de saber, tenho sentido sua falta.
- Ele não tem aparecido?
- Acho que já faz uns cinco ou seis meses que estive com ele.
- Estará doente por acaso?

- Acredito que não, a última vez que falei com ele, me disse algumas palavras que soaram como uma despedida, inclusive falou que sua missão estava cumprida e que outras missões esperavam por ele.

- Às vezes, chego a crer no que você diz sobre ele. É bastante estranho realmente.

- Não creio que seja ele um homem comum, me parece pertencer ao plano superior.

- Como assim ao plano superior?

- Um espírito iluminado, o que a igreja chama de anjo da guarda.

- Assim também já acho que é exagero, embora tenha algo de sobrenatural nele.

- Já discutimos bastante sobre isso, padre Emílio, vou respeitar a sua opinião.

- Ele se despediu de você, ou você apenas entendeu que assim seria?

- Falou-me coisas que jamais esquecerei, inclusive disse que Cassiana e eu vamos ter um casal de filhos, que Cilene terá três filhos e que o senhor é quem vai batizá-los.

- Acho difícil que isso aconteça, pois talvez só permaneça nessa paróquia por mais seis meses. Minha transferência já está sendo estudada, portanto...

- Vou esperar para ver, eu acredito muito no que ele me disse.

Despedi-me do padre Emílio e fui para o atelier trabalhar. O casamento seria daí a dois dias. Naquela noite escutei um barulho, levantei, acendi a luz e a grata surpresa, o "velhinho".

- Consegui dar uma chegada aqui, embora seja bem rápida, não poderia deixar de vir abençoá-lo e desejar-lhe boa sorte.

- Por onde tem andado o senhor? Tem tanto tempo que não aparece.

- Tenho andado muito longe, você nem imagina.

- Tenho saudades daquele tempo em que conversávamos, e eu aprendia muito com o senhor.

- Preciso ir, fique com Deus, Ele o iluminará.

Assim falando se retirou, foi tão pouco tempo que comigo ficou, que nem deu para matar as saudades.

No dia seguinte, já entramos em clima de festa. Dona Rosely, senhor Valadão e José Eduardo chegaram a tempo de almoçarmos todos juntos. Meu sogro estava no céu, dava para perceber. Naquele dia, fomos todos dormir muito tarde, véspera de casamento, a expectativa nos deixava tensos e nervosos. Passei a noite acordado, virava na cama sem dormir. A hora parecia não passar, era minha última noite de solteiro.

Assim que o dia clareou, pulei da cama, tomei um banho, fiz minha barba e vesti o terno do casamento civil. Saí apressado para casa de minha noiva, tomamos café e seguimos para o cartório. Já assinados todos os documentos, voltamos para a casa, onde um lauto almoço esperava por nós.

O delegado fez um rápido discurso, pois estava imensamente feliz. As duas filhas casadas, bem casadas. Colocou a mão sobre o meu ombro e do José Eduardo e com lágrimas nos olhos falou: - Hoje, sinto uma grande gratidão a Deus que, depois de tantos anos, me deu estes dois filhos queridos que guardo em meu coração.

A tarde chegou tranquila e serena. O sol já se retirava quando chegamos à igreja, com isso o calor amainava.

Padre Emílio todo paramentado, oficiou o ato religioso e demonstrando grande felicidade nos declarou marido e mulher. Em seguida, fomos para o salão paroquial receber os convidados. Um farto e variado cardápio, foi servido aos presentes, regado a champanhe francesa, refrigerante e vinho português.

Padre Emílio não se afastava de mim, estava muito feliz. A alegria era geral, em dado momento porém, percebi que alguém tocou em meu ombro. Virei-me para ver quem era e quase nem a reconheci, a "bendita", prima de Cassiana me dando os parabéns. Agradei e me afastei rapidamente. Padre Emílio que percebeu, agiu a meu favor, puxando assunto com ela, prendendo-a junto a ele.

Cassiana não chegou a perceber, estava conversando com a Virgínia e o André, netos do Dr. Carvalho e Dona Noêmia.

A festa rolou até tarde, Cassiana se aproximou de mim e indignada falou:

- Você viu a petulante da Iolanda?

- Não vi, nem quero ver e espero que você proceda da mesma maneira. Ela não merece perdermos tempo, ou nos aborrecermos.

- Essa deve ser a intenção dela, só espero que não se aproxime de você.

- Procure ficar sempre perto de mim, está bem?

Em virtude da hora avançada, pois a festa foi até às três horas da manhã, passamos o restante da noite na casa do meu sogro.

Quando o dia raiou, tomamos café e já pretendíamos seguir para fazenda, mas Dr. Nicolau nos impediu. Fez com que almoçássemos primeiro, para depois então seguirmos para a tão desejada lua de mel. Assim foi, e chegamos à fazenda quando já escurecia.

O Tempo Passou:

O Tempo Passou

Um ano já havia se passado. Cilene estava morando em Goiás com José Eduardo, eu e Cassiana ficamos morando na casa dos fundos do meu sogro, aliás uma senhora casa. Com isso meus sogros se sentiam compensados pela ausência de Cilene.

Cassiana sempre foi o xodó do pai, e eu percebia que também era o genro preferido.

Lembro que foi em uma quinta feira, estávamos jantando quando Cassiana levantou e deu a notícia.

- Estou muito feliz com meu marido e com os pais que tenho, mas estou mais feliz ainda, por sentir em meu ventre nosso primeiro herdeiro.

Foi uma alegria indescritível para mim e meus sogros, pensei até que fossem morrer, tal a sua emoção. Dona Celestina, abraçada à filha chorava e ria ao mesmo tempo. Meu sogro já recuperado estourou uma champanhe para comemorar e entre risos e lágrimas me abraçava e me chamava de filho.

- Obrigado meu filho, muito obrigado, que Deus te abençoe!

Foi assim que oito meses depois tivemos a imensa alegria de receber entre nós o primeiro neto do Dr. Nicolau, que assim que o

pegou no colo falou em voz alta: - João Henrique está de volta. Três meses depois estávamos batizando nosso Joãozinho, na hora que padre Emílio procedeu ao batismo, olhei para ele e sorri. Ele sorriu também, pois entendeu o porquê do meu sorriso. Terminada a cerimônia me aproximei dele e falei: - O primeiro, já confirmou o que disse o "velhinho".

- Você não esqueceu, não é mesmo?

- Nem vou esquecer quando Mariana nascer.

- Essa eu acho que será com o meu substituto, tenho quase certeza.

- Continuo apostando, acho que o senhor não deveria ter tanta certeza assim.

- Veremos meu amigo, veremos.

A festa do batizado foi lá em casa, e para alegria geral Cilene e José Eduardo também anunciaram a gravidez. Senhor Valadão e Dona Rosely estavam exultantes. José Eduardo, tranquilo como sempre, apenas abraçava e beijava Cilene. Doutor Nicolau e dona Celestina eram os que mais extravasavam alegria pelos filhos e netos.

Um Ano e Meio Depois:

Mariana já com três meses foi levada a pia batismal junto com José Jaime Valadão, seu primo. A igreja lotada assistia àquele ato cristão. Percebi que padre Emílio procurava não me encarar, e eu sabia bem o porquê, somente na hora exata do batismo, antes de concretizá-lo, olhou para mim e sorriu mais uma vez, como fizera há um ano e meio atrás.

Terminada a solenidade, me aproximei dele e falei:

- Ganhei mais uma aposta, vai pagar agora ou vai ficar devendo?

- Vou ficar devendo.

- O que me diz agora, das coisas que o "velhinho" dizia?

- É realmente fantástico, não sei como explicar, eu já era para estar longe daqui há muito tempo, entretanto...

Os Anos Passaram:

Recebi uma carta de meu irmão, onde ele dizia que minha cunhada havia falecido. Tinha muito tempo que eu não o via, era um homem acanhado, falava pouco, uma alma boa. Mostrei a carta à Cassiana que sugeriu que fôssemos visitá-lo. Achei boa a ideia e, em um fim de semana, fomos até lá. Ficou muito feliz quando nos viu chegar, tinha dois filhos, o Jonas era solteiro, o Damião vivia com uma moça que por sinal era muito simpática.

Passamos dois dias com eles, colocamos a conversa em dia, acertei algumas contas e voltamos para casa. Quando chegamos foi um dia de festa, a saudade que meus sogros demonstravam era tão grande, que parecia que havia meses que não nos víamos.

Joãozinho era o xodó do avô e logo correu para ele. Mariana era com Dona Celestina, pareciam namoradas tal o chamego de uma pela outra. A mesa pronta para o almoço esperava por nós, que veio bem a calhar, pois estávamos famintos.

Passados alguns meses, fomos visitar a fazenda do senhor Valadão, estávamos com saudades de Cilene e sua família, pois já criava três filhos, assim como preconizara meu amigo o "velhinho". Senhor Valadão convidou alguns amigos, sacrificou um garrote e mandou preparar um belo churrasco. Foi festa o dia inteiro. Os peões cantavam e dançavam ao som da sanfona do Diguinho e da viola do Capilé. A criançada se divertia com os cavalos e a charrete, Cassiana sempre agarrada a mim estava imensamente feliz.

Lá ficamos durante uma semana inesquecível e trouxemos muita saudade em nossa bagagem.

Mais Alguns Anos se Passaram:

Mais Alguns Anos se Passaram

Hoje, estamos aqui. Nossos filhos já criados procuram seu caminho no mundo. Dr. Nicolau resolveu partir, foi fazer sua última

viagem, Dona Celestina muito velhinha, ainda permanece lúcida apesar dos seus noventa e quatro anos.

Padre Emílio já há alguns anos havia sido transferido. Eu, porém, não sabia por onde ele andava. Cilene continuava em Goiás com sua família.

Lembrei-me do "velhinho", da missão que o levou para longe, contemplo o infinito como a procurar por ele. Meus olhos molhados falam da minha saudade e eu sei que em algum lugar ele espera por mim, tanto que nesta hora ele me intuiu o seu nome. "Carlos". Tenho certeza que sim.

Aqui sentado, olho para o céu. Meus olhos viajam ao infinito de Deus. A meu lado Cassiana, essa mulher linda que alegrou os meus dias. A saudade de um tempo que passou, que eu já o vejo ir tão longe, umedece meus olhos. Cassiana me olha e diz com ternura: - Estou feliz ao ver que juntos escrevemos um livro, do qual estamos fechando as últimas páginas, no entanto, tenho em minhas mãos o livro que você escreveu sozinho. Sinto e sei que tem muito de você, uma história bonita, um lindo romance. Talvez, por curiosidade, gostaria imensamente de saber: - Afinal, você conseguiu encontrar Elizeu e Carlota?

Conservatória, 14 horas do dia 09/12/2011. Com a graça de Deus, Iluminado pelos Mestres.

F. Fernandes

Contato para adquirir os Livros, calendário e CDs (21) 99420-0277
(24) 2438-1423

O Sonho

*Olhei-a com ternura, pois fazia tempo que não a via.
Percebi então que o amor não morreu. Pedi-me
que não demorasse, pois esperava por mim.*

*Estendeu a mão a me mostrar o quão belo era aquele
lugar e disse suavemente:*

*- Repara, as flores são tão linda como jamais viste,
este é o nosso jardim. Aqui, as flores não murcham
são eternas assim como nós. A vida se faz para a
vida e jamais terá fim.*

*Quando aqui chegares, seremos para sempre. Ali
está o portal à nossa frente, precisamos passa-lo juntos.
O passaporte é o amor e a chave que o abre está em
nossas corações.*

O Autor.



Capa Traseira:

O Sonho:

Olhei-a com ternura, pois fazia tempo que não a via.

Percebi então que o amor não morreu. Pediu-me que não demorasse pois esperava por mim.

Estendeu a mão a me mostrar o quão belo era aquele lugar e disse suavemente:

- Repara, as flores são tão lindas como jamais vistes, este é o nosso jardim. Aqui, as flores não murcham são eternas assim como nós. A vida se faz para a vida e jamais terá fim. Quando aqui chegares, seremos para sempre ali está o portal a nossa frente, precisamos passá-lo juntos.

O passa-porte é o amor e a chave que abre está em nossos corações.

O Autor.